981.105
INS
v.1

v. 1

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

**Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.**

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

DEC 15 1978

DEC 18 1978

L161—O-1096

Vol. 1 completo

XI

ANNO 1900—VOL 1—N. 1

# REVISTA

DO

# Instituto Historico

# Geographico e Ethnographico

## DO PARA'

Commissão de Redacção

Dr. Eladio LIMA, Francisco Ferreira de VILHENA ALVES,
Dr. Ignacio Baptista de MOURA, Dr. theodoro de BRITTO PONTES,
Dr. José Olyntho BARROSO RABELLO e Arthur VIANNA.

SUMMARIO

Fundação do Instituto . . . . . Pags. 3 a 5
Henrique Santa Rosa. Discurso . . . . . « 6 a 11
Barroso Rabello. Discurso . . . . . « 12 a 19
Bento Aranha. Scenas da cabanagem . . . . . « 20 a 25
Alvares da Costa. O Descobrimento do Brazil . . « 26 a 32
Ferreira Penna. A ilha de Marajó . . . . . « 33 a 44
Arthur Vianna. Monographias Paraenses . . . . « 45 a 58
Vilhena Alves. Uma pagina da historia patria . . « 59 a 64
Estatutos . . . . . « 65 a 75

BELEM

« IMPRENSA OFFICIAL »

1900

# Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará

FUNDADO EM COMMEMORAÇÃO DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, EM 3 DE MAIO DE 1900

Corpo Administrativo para 1900 — 1901

**Presidente**..... Barão de Guajará
**1.º Vice-presidente** Dr. Henrique Santa Rosa
**2.º " "** Monsenhor João F. de Andrade Muniz
**1.º Secretario**..... Arthur Vianna
**2.º Secretario**.. ... Francisco F. de Vilhena Alves
**Orador**..... Dr. José O. Barroso Rabello
**Thesoureiro**..... Dr. Bento Miranda

COMMISSÃO DE FINANÇAS

Manoel Ignacio da Cunha, Sabino H. da Luz e Dr. Ignacio B. de Moura.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Drs. Euphrosino Nery, Eladio Lima e Manoel de Moraes Bittencourt.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Drs. Eneas Martins, José O. Barroso Rabello e Antonio Passos de Miranda.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Emilio Goeldi, Aureliano Guedes, e Dr. Jacques Huber.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE DOCUMENTOS

Raymundo C. Alves da Cunha, Francisco F. de Vilhena Alves e Arthur Vianna.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conego Domiciano H. Perdigão Cardoso, Dr. Theodoro de Britto Pontes e Dr. José Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Eladio Lima, Francisco F. de Vilhena Alves, Dr. Ignacio B. de Moura, Dr. José O. Barroso Rabello e Artbur Vianna.

981,105
INS
v.1

# FUNDAÇÃO DO INSTITUTO

No dia 15 de Novembro de 1898, o sr. Dr. José Paes de Carvalho, governador do Estado do Pará, reuniu no salão nobre do palacio do governo, numeroso e selecto auditorio.

Installava-se a «*Sociedade Paraense de Agricultura*» e inauguravam-se os trabalhos da commissão, nomeada para promover a commemoração do 4º centenario do descobrimento do Brazil.

Nesta reunião leu o sr. governador um projecto do programma dos festejos commemorativos, que no seu artigo IV consignava a installação do *Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará*, cujas bases seriam estabelecidas pela commissão geral.

O projecto foi depois estudado por uma sub-commissão, composta pelos srs. Senador Antonio José de Lemos, Dr. Henrique Santa Rosa, 1º tenente Manoel Ignacio da Cunha, Dr. Americo Marques de Santa Rosa, João Lucio de Azevedo, Dr. Bento Miranda, Bernardino Pinto Marques e Dr. José Antonio Pereira Guimarães.

Mantiveram os commissionados a proposta da fundação do Instituto, convencidos dos proficuos resultados que tal instituição póde prestar á historia, geographia e ethnographia do Brazil em geral, e do valle do Amazonas em particular.

D'este modo o programma official dos festejos commemorativos, publicado em 31 de Dezembro de 1898, conservou a installação do Instituto.

Varias commissões foram nomeadas para darem execução ao programma; os srs. Barão de Guajará, Barão de Marajó, Dr. João Antonio Luiz Coelho, Dr. Americo Marques de Santa Rosa, Manoel Baena, João Lucio de Azevedo, Bernardino Pinto Marques, Dr. Emilio Goeldi, Dr. Arthur Lemos, conselheiro Samuel Wallace Mac-Dowell, Dr. Justo Chermont, conego João Ferreira de Andrade Muniz, Dr. Henrique Santa Rosa e Arthur Vianna, receberam a incumbencia de promoverem a fundação do Instituto.

Reuniram-se então, sob a presidencia do sr. Dr. Gentil

Bittencourt, vice-governador do Estado e presidente da commissão geral, os srs. Drs. Justo Chermont, Henrique Santa Rosa, Emilio Goeldi, João Antonio Luiz Coelho, conego João Ferreira de Andrade Muniz e Arthur Vianna, para elaborarem os respectivos estatutos.

Uma vez promptos, foram os estatutos publicados em fasciculo e profusamente distribuidos, depois do que, de ordem do sr. Dr. Gentil Bittencourt, convidou o sr. Arthnr Vianna, secretario da commissão geral, pela imprensa, a todas as pessôas que se interessassem pelo estudo da historia, geographia e ethnographia da Amazonia, para uma reunião, a effectuar-se no dia 20 de Abril.

No salão nobre da Bibliotheca Publica, compareceram, no dia mencionado, ás 9 horas da manhã, os srs. Dr. Gentil Bittencourt, Dr. Henrique Santa Rosa, Dr. José Olyntho Barroso Rabello, Dr. Enéas Martins, Dr. Justiniano Serpa, professor Celestino Ferreira, Dr. Augusto Olympio de Araujo e Souza, Monsenhor Domingos Maltez, Dr. Jacques Huber, Hygino Amanajás, professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, Dr. Flavio Braule Cardoso, major Thomaz Cavalcante, Manoel Miranda Simões, Dr. Estephanio Barroso, Dr. Ernesto A. de Vasconcellos Chaves, Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, Dr. Antonio Firmo Dias Cardoso, Dr. Euphrosino Nery. commandante Felippe Duarte, conego Domiciano Herculano Perdigão Cardoso, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Dr. Eladio de Amorim Lima, professor Raymundo Bertholdo Nunes, Misael Corrêa Seixas, João Luiz de La-Rocque, Amando Gentil, Dr. Alfredo Sergio Ferreira, Dr. Antonio Passos de Miranda, Dr. Ignacio Baptista de Moura, Estephanio Francisco da Silva, professor Octavio Pires, Antonio da Costa e Silva, Francisco José de Salles, professor Sabino Henrique da Luz, Luiz Demetrio Juvenal Tavares, Arthur Octavio Nobre Vianna e Dr. Raymundo Melchiades Alvares da Costa, tendo deixado de comparecer por motivo justificado, os srs. senador Antonio José de Lemos, Dr. Genuino Amazonas de Figueiredo, tenente coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha e Victor Manoel de Azevedo Barranca.

Assumindo a presidencia da reunião, o sr. Dr. Gentil Bittencourt, expoz o assumpto de que se tratava e pediu o juizo dos presentes, sendo todos de opinião que fossem logo constituidas a directoria e as commissões necessarias.

O corpo administrativo para o exercicio de 3 de Maio de 1900 a 3 de Maio de 1901, ficou assim composto:

*Presidente*—Barão de Guajará.

*1º Vice-presidente*—Dr. Henrique Santa Rosa.

*2º Vice-presidente*—Monsenhor João Ferreira de Andrade Muniz.

*1º Secretario*—Arthur Vianna.

*2º Secretario*—Francisco Ferreira de Vilhena Alves.

*Orador*—Dr. José Olyntho Barroso Rabello.

*Thesoureiro*—Dr. Bento Miranda.

*Commissão de finanças*—Dr. Ignacio Baptista de Moura, Sabino Henrique da Luz, Manoel Ignacio da Cunha.

*Commissão de geographia*—Drs. Eladio Lima, Euphrosino Nery e Manoel de Moraes Bittencourt.

*Commissão de ethnographia*—Drs. Emilio Goeldi, Jacques Huber e Aureliano Pinto de Lima Guedes.

*Commissão de pesquisas de documentos*—Tenente coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, Francisco Ferreira de Vilhena Alves e Arthur Vianna.

*Commissão de historia*—Drs. Enéas Martins, Antonio Passos de Miranda e José O. Barroso Rabello.

*Commissão de admissão de socios*—Conego Domiciano H. Perdigão Cardoso, Dr. Theodoro de Britto Pontes e Dr. José Barbosa Rodrigues.

*Commissão de estatutos e redacção da revista*—Dr. Ignacio Baptista de Moura, Francisco Ferreira de Vilhena Alves, Dr. José O. Barroso Rabello, Arthur Vianna, Drs. Theodoro de Britto Pontes e Eladio Lima.

Em 27 de Abril realisou-se uma outra sessão preparatoria, na qual tomaram-se as deliberações necessarias para a installação do Instituto.

A's 8 horas da noite de 3 de Maio foi o Instituto solemnemente installado, em sessão civica, na sala dos espectaculos do Theatro da Paz, com a assistencia do sr. Dr. Governador do Estado, auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, e de numeroso auditorio.

Presidiu a sessão o sr. Dr. Henrique Santa Rosa, na qualidade de 1º vice-presidente do Instituto, pronunciando o discurso adiante publicado.

Ao sr. Dr. José Olyntho Barroso Rabello coube fazer, como orador do Instituto, o discurso inaugural, publicado neste numero.

Na sessão civica, além do Instituto, foram installadas a *Academia Paraense* e a *Liga Humanitaria*.

# IV CENTENARIO

DO

## Descobrimento do Brazil

---

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. HENRIQUE AMERICO SANTA ROSA, 1º VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO, AO ABRIR A SESSÃO CIVICA REALISADA EM 3 DE MAIO DE 1900 NO THEATRO DA PAZ

Sr. Governador,
Exm.as senhoras,
Meus senhores :

Benefica a presença de vós todos quantos vindes dissipar a sombra em que, pela força das circumstancias, se concentra a presidencia destes trabalhos nesta occasião.

Benefica esta coadjuvação que significa o carinho magnanimo das vossas almas para a commemoração dos grandes vultos que têm collaborado na obra do progresso da Patria e da Humanidade.

A Patria não se torna distinctamente apreciavel, senão quando a preparação encyclopedica se acha completada pelo livre esboço da existencia pratica. (1) Uma vez transpostos estes degráos primarios da incorporação social, a ligação entre as epochas que passaram e aquellas que hão de seguir-se, a qual assignala-se pela marcha progressiva que assume o presente, é essencialmente determinada pela influencia reciproca que essas idades mantêm e que recommenda a contemplação dos factos primitivos.

Se considerarmos a vida do ser collectivo ou a sua evolução propriamente dicta, verificaremos tres periodos n'esta evolução—o passado, o futuro e o presente—devendo o intermediario ficar subordinado aos dois extremos. (2)

---

(1) Aug. Comte—Appel aux conservateurs.
(2) P. Lafitte.—Les lois universelles du monde.

A série dos homens, disse Pascal, durante o curso de tantos seculos, deve ser considerada como um mesmo homem que subsiste sempre e que aprende continuamente. (3)

Nada mais justo, portanto, do que o cumprimento do dever civico que nos leva á evocação dos grandes typos que passaram, e nesta data solemne á veneração da memoria do grande navegador a quem devemos o descobrimento da nossa patria.

Quatro seculos hão decorrido desde o dia faustoso em que em terras brazileiras era plantada a primeira semente da civilisação.

Quatro seculos ! e que vale na série dos tempos este pequeno espaço ante o desenvolvimento que póde ou não produzir a acção dynamica da civilisação impulsionada pelos conhecimentos scientificos ?

Quatro seculos ! o que pesaria na ampulheta da Historia esse pequeno punhado de arêa, se, pelas phases scintillantes que ostenta, não semelhára gemma valiosa em que se reflectem os altos feitos patrioticos ?

Que importavam á civilisação grega os annos decorridos quando a medil-a exclamavam os padres de Sais :

«Vós outros, Hellenos, ficaes sempre creanças. Em vós não tendes noção alguma da antiguidade, não possuis nenhuma velha crença, nem sciencia que o tempo haja branquejado !» (4)

Já Turgot, fazendo a apreciação dos progressos successivos do espirito humano, na clarividencia do seu criterio philosophico, dizia : «Todas as edades acham-se encadeadas por uma série de causas e effeitos que ligam o estado do mundo a todos os que o tem precedido. Forma-se assim um thesouro commum que uma geração transmitte a outra, assim como uma herança, sempre augmentada das descobertas de cada seculo. (5)

«As observações sobre o que tem sido o homem e sobre o que é hoje conduzirão ao meio de assegurar e de accelerar os novos progressos que a sua natureza lhe permitte ainda esperar, diz Condorcet (6) completando as vistas de Turgot.

Rememorar, pois, como fazemos, os nossos primeiros

---

(3) Pascal.—Pensées.
(4) L. Benlow.—Les lois de l'Histoire.
(5) Turgot.—Discours sur les progrès successifs de l'Esprit Humain.
(6) Condorcet.—Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain.

dias de civilisação é abranger ao mesmo tempo, em um só golpe de vista, a marcha gloriosa que temos trilhado na senda do progresso, e encarar a faixa luminosa que se entreabre no futuro indefinido que se alarga.

Senhores—As emprezas de navegação a que se arrojaram os povos ibericos no fim do seculo XV e que maior brilhantismo revestiram no principio do XVI, e ás quaes devemos o descobrimento que glorifica o nome de Cabral, constituem factos de tal modo elevados para o progresso da civilisação, que paginas mais luzentes não se contará, por certo, na historia dos feitos humanos.

Lançae os olhos por sobre a Europa na epocha em que D. Henrique de Vizeu resolveu-se a iniciar os descobrimentos que vieram a cobrir de glorias a pequenina nação que já empunhava os louros de Aljubarrota.

«Occupava-se toda a Europa em guerras ou externas ou internas; Italia era preza do estrangeiro; França luctava com Inglaterra; Hespanha brigava com os Arabes e Mouros, ainda donos de parte de seu solo. O imperio grego de Constantinopla estorcia-se em paroxismos diante dos assaltos e invasões dos turcos asiaticos. Nenhuma nação possuia marinha militar, dando-se as grandes batalhas e praticando-se as excursões bellicas em terra e só em terra. (7)

Apenas Portugal, bem que cercado dos elementos perturbadores que se avisinhavam e sob a ameaça permanente da sua irreconciliavel companheira peninsular, abrigava a paz em seu seio e assegurava o desenvolvimento commercial na troca dos productos nacionaes com os tecidos e manufacturas de Inglaterra e da Italia.

Os navios de que dispunha para o trafico commercial eram apenas as galeras de remos e as náos redondas, que nenhuma d'ellas se prestava á arrojada tentativa do descobrimento do caminho das Indias.

Para isso «era necessario um navio que fosse como o cavallo do arabe: vivo, rapido, intelligente, docil e sóbrio».

«Esse typo de navio era *a caravella*, que navegava á vella e em outras occasiões a remos. Mais fina, mais rapida e mais obediente á manobra que as náos, a caravella era a gaivota dos bandos alados que sahiram das costas portuguezas, pairando sobre o mar.

«Ligeira e docil insinuava o seu vôo por todos os contor-

---

(7) Pereira da Silva—Rev. da Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro em 1891.

nos da costa, roçava levemente pelas praias e partia ao longo batendo as azas, fugindo rapida como uma setta». (8)

A caravella representa o emblema mais brilhante das façanhas ultramarinas da epocha do Renascimento, e como tal constitue elemento historico perduravel da civilisação occidental.

A caravella arvorando o estandarte da ordem de Christo synthetisa o sentimento de solidariedade e patriotismo que dominava o povo portuguez, quando atravez das vagas do mar Temeroso, accumulava glorias sobre glorias que honram o seu passado, e demonstram a grandeza de sua fé.

E' um facto sociologico reconhecido que «o cidadão devêra ligar-se mais á patria quando aspirava a fazel-a prevalecer universalmente, sem collocar ácima d'ella outra auctoridade além dos deuses ligados a esse predominio.» (9)

A caravella com Perestrello, TristãoDias e Gonçalo Velho, é a descoberta de Porto Santo, da Madeira e dos Açores, abrindo a serie dos successos maritimos ; com Gil Eannes é a vencida do Cabo Bojador, submettendo as sonhadas iras do mar Tenebroso ; com Cadamosto, Nuno Tristão e tantos heróes até Diogo Cão, a caravella é o Cabo Branco, o Cabo Verde, o Senegal, a Costa da Guiné, o Cabo das Palmas, o de Santa Catharina, as ilhas de São Thomé e Fernando Pó, a Angola e o rio Zaire por onde se desfralda a bandeira dos novos argonautas.

A caravella com Bartholomeu Dias é a victoria sobre o Adamastor convertendo as Tormentas do Cabo Africano na Esperança do caminho das Indias.

Com Vasco da Gama é, finalmente Calicut desdobrando as suas magnificencias orientaes e as alcatifas de seda e ouro para receber a gloriosa visita do valoroso luzitano.

A caravella é D. Affonso V subjugando Alzira, Alcaçar e Tanger, esmagando os mouros dentro da propria Mauritania e vingando honrosamente a morte de D. Fernando, o prisioneiro de Fez.

A caravella é o Infante D. Henrique acercado dos maiores homens do seu tempo na escola de Sagres, olhos cravados sobre o oceano vasto que bramia de encontro aos penhascos do cabo de S. Vicente, com elles divulgando os conhecimentos bebidos nos livros arabes, cuja litteratura acabava de estudar,

---

(8) Oliv. Martins—Conferencia en el Ateneo de Madrid
(9) Aug. Comte—Obra citada.

e com elles se entregando á solução dos varios problemas que o espirito das descobertas lhe indicava.

Sagres é esse reducto sagrado onde a sciencia era o culto que havia de aprofundar a fé e a crença dos argonautas portuguezes.

Assim como nós hoje, solemnisando a passagem do 4º centenario de um dos grandes feitos da armada portugueza, aqui nos vemos reunidos assentando as bases de duas sociedades — o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico e a Academia Paraense, cujo objecto exactamente se refere ao estudo dos nossos feitos e do nosso passado, da nossa origem e da nossa civilisação, á systematisação historica do nosso desenvolvimento litterario e scientifico, á coedificação das leis sociologicas a que tem obedecido o nosso progresso; assim se reuniam n'aquelle recinto segregado os illustres cartographos e mareantes do seculo XV que deveriam descortinar um mundo novo.

Para nós, senhores, o valor maximo que representa a caravella, é que—com Pedro Alvares Cabral — a caravella é o descobrimento da patria que havia de ser nossa, como ha de sel-o da geração dos nossos filhos — é o Brazil ; é a joia de maior quilate que vinha a engastar-se na corôa de Portugal, o torrão querido que viria a ser o continuador da sua raça, o depositario dos seus habitos e costumes, o herdeiro de sua linguagem encantadora, o refugio da sua dynastia ameaçada, o carinho das suas crenças e da recordação das suas glorias, o amigo de todos os tempos que, embora desmembrado da metropole, seria sempre o solo em que se abriga um povo irmão.

Sim, és tu, ó Patria querida onde a natureza entôa canticos de glorias pela briza que perpassa na tua floresta embalsamada ; pela passarada que trila os hymnos de harmonia na doçura dolente do sabiá silvestre ou na alegria febril do rouxinól dos palmares ; pelas vagas que quebram sobre a costa em que te reclinas no oceano, ou pela pororóca que ruge na revolta espumante dos teus rios !

Sim, és tu, ó Patria, que em teu seio guardas riquezas tantas que não invejas o ouro e o topazio de Himalaya, nem os rubís e amethystas de Ceylão, e nem os diamantes do Ganges e do reino antigo de Golconda !

E's tu, ó Patria dilecta, que para recordar a gloria de Cabral e dos navegantes ousados a quem na data presente rendemos o nosso culto e a veneração que nos merecem, ahi

tens engastada em tua abobada de saphyra, a constellação do cruzeiro, espelhando eternamente o symbolo de fé que servio de guia aos intrepidos heróes e que esplendente se via traçado no pavilhão glorioso que primeiro foi desfraldado sobre a terra de Santa Cruz.

# DISCURSO

Pronunciado pelo dr. José Olyntho Barroso Rabello, orador official, por occasião da Installação solenne do Instituto, no dia 3 de Maio de 1900

*

*Senhores :*

O beneficio mais duradouro das Cruzadas foi innegavelmente o abalo dado á apathia da vida feudal, e em seguida a corrente de relações pacificas ou bellicosas estabelecidas com os povos do Oriente, onde as gentes da Europa encontraram, afogados no exotismo degenerado da cultura bysantina, os primores do espirito hellenico que mais tarde devia animar o renascimento do Occidente.

Desappareceram as legiões que a fé tinha armado para a lucta com os infieis, mas a corrente communicativa dos espiritos perdurara, e mais do que isso a consciencia dos interesses materiaes estava desperta e aguçada pelo espectaculo do Oriente tão diverso e pelas curiosas riquezas que encerrava.

As grandes descobertas que começam no seculo XIV, vieram incitar ainda mais essa acceleração de vida, que, como uma rajada quente, passara das margens do Adriatico á orla extrema do Atlantico.

Aqui num terraço estreito da peninsula iberica, o pequeno povo portuguez fremia na mesma exhuberancia contagiosa de vida.

E fitava naturalmente o oceano ainda povoado pelas legendas pavorosas da antiguidade.

O mais portuguez dos «altos infantes» filhos de D. João I assentara no promontorio de Sagres, e d'ahi, como uma ninhada de albatroses, partiram os navegadores para a conquista do oceano, instruidos na cosmographia e na nautica do tempo.

Bartholomeu Dias encontrou o cabo das Tormentas, e Vasco da Gama forçou-o muito além até a India remota.

Desvendada assim, heroicamente, entre «perigos e guer-

ras», a rota desejada; desvanecidas as incertezas e os temores, abria-se para os phenicios modernos a era deslumbrante do poderio e da riqueza com a conquista da India.

E era preciso mantel-a.

Partio Cabral.

Quando as náos de Gama soltaram ao largo vento as brancas velas, seguiu-as um côro de soluços, de imprecações e de gemidos.

Que perigos, que mortes lhe destinas ? bradava o velho do Restello.

E aos rugidos do mar, ao esfusiar da tormenta estalou a grita da revolta, experimentando a coragem epica do almirante.

À certeza da conquista, o orgulho das victorias, a perspectiva das riquezas foram auras fagueiras que no reinado do Venturoso acompanharam com um côro de bençãos a frota de Cabral.

Era talvez o presentimento de que mais bella e perduravel do que a conquista da India, á prôa das caravellas, surgiria, listrando o horisonte, a terra de Santa Cruz.

O monopolio dos productos da India enriqueceu o Reino e deu-lhe um brilho material intenso e fugace que o enervou, e o poderio da India foi minguando.

O Brazil, entretanto, apezar dos erros da metropole, das alternativas da colonisação, foi, tanto como a India, uma fonte de riqueza, e, mais do que ella, o continuador das gloriosas tradições, o cultor da lingua, até que no seculo XVIII e nos primordios deste, refrangiu sobre o Reino o brilho já alto dos seus poetas, dos seus jurisconsultos, dos seus sabios e dos seus estadistas.

No Brazil condensaram-se as qualidades do genio e da raça portugueza.

O caracter affectuoso e expansivo fundiu os diversos elementos ethnicos do negro e do indio, e no mestiço trouxe um novo typo á humanidade, e, talvez, uma nova plastica e uma nova esthetica.

Foi uma verdadeira e completa transfusão do sangue, da lingua, da religião, das instituições, dos costumes, da alma inteira portugueza, somente comparada na intensidade e na extensão, ao traslado do espirito anglo-saxonio na civilisação americana.

Mas entre os yankes o desenvolvimento da riqueza, a soberba e o exclusivismo da raça põem uma nota aspera que

levou um dos mais egregios pensadores allemães contemporaneos a ver no americanismo, como o conjuncto das energias e das tendencias desse povo forte, uma ameaça ao—idéal—o alto impulso desinteressado do espirito, que, através dos obstaculos do espaço e das vicissitudes do tempo, constitue a mais bella, a mais imperecivel herança da alma da Grecia.

Com effeito, se o grave taciturno puritanismo inglez fundou na America do Norte, com todos os predicados energicos, uma civilisação mais vigorosa e mais rica, a alma lusitana risonha, cavalheiresca e poetica, fundou na America do Sul o Brazil, com uma civilisação menos soberba, porém mais humana, menos deslumbrante, porém mais harmoniosa, em que os prantos do captiveiro enxugaram-se aos hosannahs de um povo inteiro em delirio. Aqui onde o mestiço foi um poeta como Gonçalves Dias, um artista como Carlos Gomes, um sabio como Tobias Barreto, desatavam se os grilhões do captiveiro junto do berço iriado de esperanças, á beira dos leitos repassados pela frialdade da morte, e até na grinalda branca das noivas, por entre os botões alvinitentes, refulgiu, muitas vezes, como uma joia peregrina, a lagrima tremula do escravo redimido.

Entretanto, nos Estados-Unidos ainda nos ultimos dias do seculo XIX, a piedade universal escuta commovida o clamor da agonia de milhares de creaturas confinadas, oppressas, escarnecidas, somente porque o destino collocou o berço de seus progenitores nos planos calcinados da Africa.

Aqui, a brandura do espirito luso, admiravelmente cassada, na mistura das raças, ao doce coração do negro e á alma resignada do gentio brazileiro, resumbra no conjuncto differenciado da nacionalidade, que o feitio das nossas montanhas accessiveis, a abundancia dos nossos largos rios, a fecundidade das nossas selvas bastas amoldaram para uma vida grande e bemfazeja, sob o sereno azul deste céo, onde o cruzeiro de estrellas extende os braços rutilos, como para o abraço eterno da fraternidade universal.

E nesta hora solemnissima da historia em que, como nos grandes dias do culto domestico, desvendam-se á contemplação affectuosa os objectos que resumem a memoria dos antepassados, aureolada de infinita saudade, o Brazil, qual o herdeiro fiel e piedoso, descerra o archivo das velhas glorias portuguezas, a arca vestuta das suas tradicções, em cujos tampos de marmore, em cujos fechos de bronze o genio da raça desatou as primorosas galas da arte manuelina.

E os codices, os monumentos, os semblantes e os gestos, os grandes colapsos de dôr e os impetos exhuberantes de vida repassam aos nossos olhos deslumbrados, como uma larga correnteza de luz, singrada pelas caravellas intrepidas até a orla risonha do Atlantico, onde, ao alvorecer do seculo XVI o flanco robusto do Monte Paschoal alçava-se a mergulhar o topo azul nas tenues brumas do céo.

O portuguez extendeu-se pela linha extensa da costa até o Amazonas.

Ahi, a ultima façanha memoravel das navegações portuguezas devia consummar-se com a famosa expedição de Pedro Teixeira, devassando o rio mar e dissipando as duvidas, os receios, os terrores e as incertezas que escondiam para as imaginações impressionaveis daquelles tempos, o seio undoso dessa vasta massa liquida que rasgava as entranhas do continente á semente viva da civilisação, conduzida na aza possante dos ventos alizios e no impulso irresistivel das correntes do mar.

Nas fauces do Amazonas travaram-se grandes lutas da epocha colonial.

De Gurupá ao forte de Camaú a onda flava do rio tingiu-se de sangue e rolou cadaveres.

O gemido dos vencidos, o grito dos vencedores, o silvo das frechas, o estampido dos mosquetes, o estrondo do canhão atordoaram a solidão augusta das ribas selvagens, substituindo as harmonias tranquillas da natureza pela protophonia gigantesca da civilisação invasora.

Era a continuidade da historia que se desdobrava ineluctavelmente no tempo e no espaço.

Os lusos argonautas da Renascença, sacudidos pelo lombo crespo do oceano, tinham fincado nestas paragens, com o marco de seu dominio, que era transitorio, o padrão de sua fé, que era perenne, e a balisa dos nossos destinos, que era eterna.

E nesta hora, em que o poder evocativo da nossa memoria redivisa em jubilo o alvorecimento da Patria, nós commemoramos aquelle vasto drama tres vezes secular.

O Instituto Historico e Geographico abalança-se a recontar, em paginas immorredouras, toda essa epopea de angustias heroicas, de lealdade sem quebra, de fé inabalavel, que os erros humanos por vezes ensombram de iniquidades e de tristezas, mas que os acertos e os beneficios envolvem numa intensa radiação de luz.

Mas o Instituto é pequeno para uma tarefa tão grande.

Sem exclusivismos ciosos, sem intransigencias de egoismo, sem ufania e sem soberbas, sereno e satisfeito na consciencia clara da sua desvalia, alentado apenas por uma vontade singela e honesta, como um peregrino esmoleiro de amor da patria, elle inicia a sua romagem, exorando os thesouros dos vossos talentos, as energias do vosso esforço, as graças dadivosas do vosso coração, para o estudo carinhoso e solicito desta natureza feraz e amiga que se desentranha sem repouso, em opimos beneficios e em galas luxuriantes; para o perpetuamento do nosso presente, para o preparo do nosso futuro, para a memoração do nosso passado distante com o valoroso cavalleiro portuguez, heroico e namorado, com o negro docil e humilde, e sobretudo, com o gentio esquivo, cuja prehistoria longinqua, enraisada na Asia, no Perú ou no Mexico, mal se vislumbra na ceramica dos comoros mortuarios escondidos discretamente á sombra humida das mattas, ou patentes ao sol na extensão da planicie vasta e periodicamente cingidos de agua pelo transbordo dos rios; como se a saudade inconsciente da natureza, de vez em quando, alagasse de pranto os tumulos anonymos dos senhores primitivos da selva.

Esta é a supplica do Instituto, que se contenta apenas de vos tel-a feito.

Por isto, unicamente, foi que eu consenti em ausentarme por instantes da remançosa obscuridade do meu lar, para trazer a esta arena luminosa uma subita e densa projecção de sombra, do seio da qual pudesse aventurar, nos accentos medrosos da minha palavra, os votos do Instituto que timbrou em recondensar na minha humildade o signal verdadeiro e profundo da sua sinceridade e da sua modestia.

Foi principalmente para rogar em prol do Instituto a excellencia peregrina dos vossos dotes que eu vim até aqui.

Estou cumprindo a minha tarefa. Ninguem o faria melhor. Porque, si é mais fervente a supplica quanto mais humildes os olhos que se erguem e mais pobres as mãos que se levantam, eu não tenho em toda a brilhante corporação do Instituto quem possa disputar-me as tristes e mesquinhas honras da penuria.

Resta-me agora que no calor do vosso generoso agasalhado por uma nova e extranha radiographia espiritual, os raios invisiveis da vossa sympathia venham na olo a inerte que o orador figura, accender a florescencia luminosa que ha

de projectar em figuras solemnes os feitos excelsos do genio da Patria.

Sereis assim a gloria do Instituto, os fautores legitimos e incostestados dos seus triumphos.

A nós caberá a honra, já insigne de vos obedecer e ajudar. Sereis a cabeça que delinea nos surtos imponderaveis do pensamento, e nós, o braço que executa no esforço mechanico da acção.

Sereis os artistas celebrados, e nós, os artesões obscuros.

Mas, assim mesmo, estaremos satisfeitos da gloria que nos caiba.

Quando os monumentos acabados atiram para o alto a ousadia de suas flechas agudas ou ostentam a curva de suas rotundas que parecem querer inserir-se no céo, na contemplação que evoca o genio creador dessas maravilhas ha tambem um movimento implicito de sympathia pela turba anonyma dos obreiros que desbastaram e assentaram os plinthos, que levantaram e alisaram o fuste das columnas, arquearam as volutas, ou encresparam o acantho dos capiteis, extenderam os frizos, desabrocharam as rosaceas, entreteceram as loçarias, gottejando longamente o seu suor afanoso, desde os blocos do alicerce nas profundezas da terra, até o primoroso lavor dos ornatos, na transparencia do ar.

A nós tambem chegará, como a essa multidão sem nome, o nosso quinhão de gloria.

Quem ha de duvidar da alta comprehensão do vosso espirito e da tenacidade fecunda do vosso trabalho, ao estimulo da crença e da esperança, por esta idéa que o Instituto suggere, de apparelhar os monumentos do futuro pelo estudo consciencioso e continuo do passado e do presente ?

E' a alma inteira da Amazonia que agita-se e palpita neste recinto ! Porque não é somente o homem que aqui accode com a rudeza aspera do seu genio e o sedimento de amargura que depositam-lhe nalma as batalhas continuas da vida !

Sois tambem vós, minhas senhoras. E' a mulher com a graça matinal do seu sorriso, com o prestigio immorredouro da sua virtude, com o encanto irresistivel da sua belleza, que é um transsumpto da harmonia divina do universo !

A mulher, que desde os primordios do mundo e desde os humbraes da Historia é a companheira incansavel do homem, o fragil amparo de sua vida, o premio almejado do seu esforço, a sua consolação suprema e derradeira.

Ella, que mesmo nas amarguras da desdita, põe alguma cousa de suave e de doce como um raio opalino de luar, quebrando-se na aresta musgosa dos tumulos.

Ella que deu á civillisação hellenica uma serenidade quasi innocente na casta promiscuidade dos sexos; que dignificou o apogeu da civillisação do Latio no typo admiravel da matrona romana; que na triologia dantesca da idade media tem o meigo e suave lume dos olhos de Beatriz, e o doloroso pranto dessa bella e desgraçada Francesca da Rimini, mostrando no branco seio a roxa ferida por onde a mão desvairada cravou a lamina mortifera, e que gotteja eternamente lagrimas rubas sobre as desventuras do coração; que no poema de Camões, ao mesmo tempo a Illyada e a Odysséa da nossa raça—exalça-se no martyrio de Ignez de Castro; que já sob o quente céo do Brasil inspira a Marilia de Dirceu, uma das mais bellas e mais perfeitas idéalisações do amor humano; e finalmente na legenda semi-selvagem da nossa patria anima a figura dessa infeliz Moema, cujos ultimos gemidos ainda resoam pelas enseadas bahianas no soluço melancholico das vagas, quando aos ultimos clarões do dia moribundo, alastrando-se sobre o oceano, as algas errantes fingem os cabellos esparsos, como o diadema da agonia, em torno á cabeça gentil da desditoza abandonada.

A doçura e a delicadezá femininas são em todo o curso da Historia um signal infallivel de paz, de concordia e de civilisação.

E a nossa éra se caracterisa e distingue pelo interesse e pela participação da mulher nas cousas do espirito.

Temos, minhas senhoras, uma prova disso na vossa presença, que para o Instituto é a mais captivante gentileza e o seu mais auspicioso augurio.

Permittireis que consideremos a vossa sympathia como o prenuncio encantador dos felizes destinos desta associação, a qual, pretendendo pelo estudo fortificar a idéa de patria, quer no mais sincero impulso de fraternidade congraçar as gentes de todos os quatro pontos do Universo.

E é por um designio de Deus que as costas maritimas da Amazonia não findam em ribas alcantiladas, onde os vagalhões tumultuosos arrebentam em furia, golphando para o céu a imprecação escumante de suas iras ; mas em beiradas suaves, ora listadas de alvas praias, ora cingidas de viridentes varzeas, que debruçam as suas grinaldas de lianas constelladas de flores sobre a onda mansa que se enternece e ameiga para

perpetuamente beijal-as em signal da paz e da hospitalidade desta terra bemdita, eternamente illuminada das alturas do ceu pelo arco acceso do Equador.

# SCENAS DA CABANAGEM

NO

## *AMAZONAS ( PROVINCIA DO GRAM-PARA' )*

A cabanagem no Amazonas assignala uma serie de crimes commettidos em nome da legalidade pelas facções rebeldes, e mesmo legaes, arrastadas por odios e vinganças mal entendidas, que espiritos irriquietos, ambiciosos vulgares, falsos apostolos da liberdade, da honra e da paz sugestionavam a essas mesmas facções contra a *pelle branca*, porque esta indicava sempre um portuguez inimigo do Brazil ou um maçon inimigo da religião.

A guerra não era em defeza de um principio politico, de liberdade, de honra, mas sim um meio barbaro e ignobil para exterminar os homens illustres, benemeritos e patriotas na mais rica e invejavel região brazileira, denominada Gram-Pará.

O conego João Baptista Gonçalves Campos, um dos mais acerrimos adeptos da cabanagem, foi o seu apostolo no Amazonas, onde Taqueirinha e Bararoá se tornaram celebres, praticando impunemente, no nome da legalidade, os mais barbaros, deshumanos e cannibaes crimes, por mera satisfação dos seus instinctos de fera.

A falta de coherencia dos adeptos da cabanagem no Amazonas provam á evidencia os dous seguintes documentos, que encontrei no cartorio do finado tabellião de notas de Manáos, Bernardo José de Bessa.

Atha da secção extraordinaria. — Ao desenove dias do mez de Maio de 1836, Nesta villa de Teffé e Casa de Camera, achando-se junto presentes o Prezidente e vereadores da mesma, bem como os Municepaes abaixo assignados declarou o Prezidente Aberta a Secção e disse,que elle chamará esta Reunião por edital Publico os homens aoThoridades desta Villa e Povo, afim de huvir ler e dar o seu parecer sobre as Zathas de Camera de Pauxis de honze e dezecete do mez de Março, e ler manifesto do Ecellenticimo do Prezidente da Provincia

Edoardo Francisco Nogueira Angelim de vinte nove Outubro de mil oito centos e trinta e cinco, de que lhe fizerá remessa o Illm°. Senhor Commandante da força armada de Manáos Francisco Bernardo de Senna em officio de cinco de Abril destano: e Passando saleitura de tudo isto si achou que a Camara e Povos de Tapajós se tinha conciliado com seus concidadãos Armados no Iquipiranga que como elles tinhão reconhecido e AClamado o Prezidente desta Provincia ao Excelenticimo Senhor Eudoardo Francisco Nogueira Angelim em quanto a Ley não diziganara outro, que a mesma Camera de Paixis se rehunido em sentimentos o que esta e Povo a baixo a Signado Fazem na mesma forma epello mesmo motivos; observose com intimação as duas deputaçãos conceliadoras e Juiz de Paz da mesma Villa de Pauchis requerera para o quipiranga e Manáos; em observancia mais do officio do Illustricimo Senhor Commandante da Força Armada de Manáos se porclamo o referido Prezidente da Provincia e retivem em borrá o Prezidento Manoel Jorge Rodrigue e finalmente conheceo a Camera mais Aothoridades e Povos e as fortes razão que motivarão a emVazão da Capital na Prezidencia do ditto Jorge como se vem no Manifesto referido AClamoçe a rennião desta Camera Municepais ás Cameras de Pauchis de Tapajós dos Concidadãos Armados no Iqupiranga, e Manáos, e visto que se o xistema não a Grava as constituição liberal que temos Jurado e por que defende os nosso direito; Aclamo o Prezidente da Provincia Edoardo Francisco Nogueira Angelim; e por não haver mais que tratar Fichó o Prezidente a Secção Estraordinaria, e a Signo com Veriadores que se achavão prezente sigundo as asignatoras das uthoridades desta Villa e Povo.

Eu Gregorio Francisco Ribeiro Secretario que o escrevy por impedimento do atual—Adrião José da Gama Prezidente —Domingos Tinoco da Rosa Lobo—Francisco Antonio—Joaquim Pereira—Alexandre Ferreira das Neves—Antonio José da Silva Casson Vigario—José Monteiro da Rosa Lobo Juiz de Paz—Victoriano Francisco da Rosa Lobo Juiz Municipal—Americo Euzebio de Matos Juiz de Orphãos—Joaquim José Ferreira Prumutor—Romão José de Oliveira Colletor Geral—Vicente de Macedo Alferes da Guarda—Lourenço + Joaquim Batalha Procurador—Ricardo Roiz Fiscal—Angelo + Rodrigues Coletor Parcial—João Cypriano Correia 2° sargento da Guarda N—Antonio da Silva Cardozo—José + da Silva—José Raimundo da Rocha—Antonio + Miguel de Sousa—Linno + Cunstanti-

no—Florentino Mantins—Manoel + de Lira—Thome + Pantoja Manuel + Felippe da Silva— José + Martins— Joaquim + Jorge—Gervazio + Martins Fogaca—Antonio Leitão de Pinho—Antonio Calazar—Ignacio + Gomes de Araujo—Cosme + Daniel—Joaquim Roiz—Quintilhano + Siabra—Filippe + da Slva Mimguem—Antonio + Siabra— João + Antonio Cordovil — Agostinho + de Mendonça — João + Benicio — Sabastiao Sevalhos—João + Antonio de Silva —Joaquim Antonio Vieira— Joze Cypriano—Nicolao João de Oliveira— Vicente Antonio Marques —Gabriel + Taveira — Candido + Jozé — Manoel + da Gama — Izidro + Antonio—Porcopio João Teixeira—Raimundo da Cruz Nonnato—Manoel Antonio de Oliveira»

Por este documento Teffé adheriu á causa da cabanagem por não aggravar a constituição jurada, e por defender os direitos patrios, e acclamou presidente legal da Provincia, o chefe dos cabanos Eduardo Francisco Nogueira Angelim, de accordo com os seus sectarios de Santarem (Tapajós), Iquipiranga, Obidos (Pauxis) e Manaus.

O presidente legal da Provincia Manoel Jorge Rodrigues ficou sendo considerado rebelde!

Passemos ao segundo documento.

« Aos sete dias do mez de Agosto de mil oito centos e trinta e seis, nesta Villa de Teffé e Casas da Camara della, achando-se reunida em Sessão extraordinaria o Presidente da mesma e Vereadores assignados no fim desta, expôz o Presidente, por requisição dos Guardas Nacionaes e mais Cidadãos, que tendo elles proclamado a legalidade em virtude da Proclamação, logo expendida se faria preciso lavrar acta de tudo, para a todo o tempo constar, mandou ler a referida proclamação cujo theor he o seguinte :

Amigos e Patricios Brazileiros. Chegou o momento propicio para libertarmo-nos da escravidão em que jazemos desde longo tempo por huma facção tão execravel como indigna. Brazileiros Patricios, já a lei impera, a sua atrevida fouce está alçada sobre o colo dos culpados! já a exterminação da cafila de assassinos está proxima! Os chefes destes bandidos malvados, hoje já penão a colera Divina, e expião os seus attentados no Inferno.— E nós Patricios meus, estaremos indiferentes espectadores nesta crise? que esperamos? a sermos confundidos com os rebeldes da Lei, com os anarquistas, fratricidas, os algozes e açoites da nossa Provincia e de nossas familias. Meus amigos, tão prompto fomos em abraçar o infernal partido, e tão lento em anhelar a Lei? Não meus Patri-

cios, se annuimos em sermos vinagres, por timidos, sejamos hoje, o que eramos d'antes, por dever, Religião e Patriotismo. Brademos sem demorar o Genio Protector do Brazil; a lei e o nosso Joven Imperador Constitucional; aborrecemos os execrandos verdugos da Nossa Patria, e do nosso socego. Assim meus Patricios, daremos provas não equivocas dos nossos sentimentos patrioticos e legaes, e não nos será de eterna vergonha, ouvirmos dizer que fomos pela Lei, quando vimos a legalidade, e que eramos complices, de vinagres, assassinos, ladrãos e malvados.—Merecerá Patricios meus a Villa de Teffé o titulo de heroica, e os seus briosos habitantes, ao exemplo dos bravos de Pauxis, se immortalisarão nos Annaes do Nosso Imperio, e faremos conhecer aos Povos, e ao mundo inteiro que é melhor morrer honrado, que viver malvado.— Portanto: Viva a Lei — S. Magestade Imperial Nosso Joven Imperador D. Pedro 2º — A Assembléa Legislativa, Viva os Amigos da boa ordem, viva o Coverno da Provincia constituido. Morrão os Vinagres e os Perturbadores do socego publico. Villa de Teffé 7 de Agosto de 1836. — José Patricio de Santa Anna.—A qual sendo lida bem claramente pedirão os Guardas Nacionaes que reunidos se achavão, que o dito seu commandante José Patricio de Santa Anna. continuasse até a resolução do Governo: Mandou o Presidente noticiar este facto aplausivel a todos os Pontos deste Municipio. O mesmo Presidente e Vereadores, Guardas Nacionaes e mais Cidadãos, reunidos a baixo assignados, derão vivas a S. Magestade Imperial, a Regencia, a Assemblea Legislativa, a Religião e a Legalidade; Abandonarão de uma vez para sempre esse infame Partido de vinagre, que tanto os tirannizou e encheu de vergonha. Annuio a Camera a requisição dos Guardas relativa a Commandancia do Cabo d'Esquadra José Patricio de Santa Anna: Deliberou a Camara o Te Deum Laudamos para o dia 10 do corrente, em acção de Graças a Deos, pelos Patrioticos religiosos sentimentos, que se dignou inspirar a tão benemeritos cidadãos abaixo assignados, o que assim tractado fixou o Presidente esta sessão extraordinaria; seguem as assignaturas da Camara, dos Guardas Nacionaes e mais cidadãos reunidos. eu Gaspar José Rodrigues que sobrescrevis.—Adrião José da Gama Presidente—Domingos Tinoco da Rosa Lobo—Alexandre Ferreira das Neves—Francisco + Antonio—Juiz de Paz José Monteiro da Rosa Lobo -- Victoriano Francisco da Rosa Lobo Juiz municial—O Juiz dos Orphãos Americo Euzebio de Mattos—Antonio José da Silva Casson Vigario — José

Patricio de Santa Anna—P.Harris—Manoel Antonio Galvão—Vicente de Macedo Alferes—Alexandrino Magno Taveira Pau Brazil—Venancio Pedro Moreira Juiz de Paz — José Chrisostomo—Vicente Antonio Marques 1° Sargento— João Cypriano Correia 2º Sargento—Nicolao José d'Oliveira—Antonio da Silva Cardoso—João Chrisostomo d'Costa — Francisco do Couto Loureiro— Manoel José do Patroçinio — Manoel José do Carmo—Manoel Antonio de Oleveira—Antonio Videira -- Porcopio José Teixeira—Raimundo da Cruz Nonato — Lauriano da Gama—Lourenço Joaquim Batalha—Lucas José de Oliveira—Cleto Antonio Marques—Ambro Antonio—Francisco Florencio Pereira Bezerra Tenente— Ignacio Martins Fogaças — Vicente Ferreira Macedo—Gregorio Francisco Ribeiro— Jacinto Antonio— Raymundo Barroes de Bastos—Domingos Antonio de Sousa--Florentino Martins—Venancio Maceno—José Joaquim Daniel — Joaquim Facico — Vicente de Macedo Alferes Commandante dos Guardas assina por cincoenta Guardas do seu commando.—»

Em menos de trez mezes a causa da cabanagem foi estigmatisada e condemnada em Teffé pelos seus proprios adherentes, que cegamente acompanharam a um cabo de esquadra da guarda nacional que consegue reunir a Camara extraordinariamente para tachar de infame o partido de Vinagre-chefe dos cabanos, proclamar legal o governo que tinha sido declarado rebelde a 19 de Maio, e impor a sua nomeação de commandante dos guardas perante um tenente, um alferes, um 1º sargento e um 2° sargento!

No dia seguinte exigio uma nova reunião da Camara, já na qualidade de commandante da força defensora da Lei, para requisitar a suspensão de um juiz de paz, pretextando para isto o bem e segurança publica de Teffé.

A restauração da ordem publica em Belem foi declarada a 13 de Maio de 1838, mas os cabanos retirando-se para o interior, continuaram as suas depredações e pilhagens, em guerrilhas, que, desde 1835, já haviam sido encetadas.

Santarem, Obidos, Faro e a comarca do Alto Amazonas foram os theatros das maiores atrocidades da cabanagem.

Iquipiranga foi o centro de operações dos cabanos, donde partiam as sua forças contra Tapajós (Santarem,) Pauxis (Obidos,) Nhamundá (Faro,) Tupinambaranas (Parintins,) Luzée (Maués,) Saracá (Silves,) Itacoatiara (Serpa,) rios Madeira a Uautás e villa de Manaus.

Foi Ambrosio Pedro Ayres, pernambucano, condemnado

a degredo para o Alto Amazonas, por crime politico como rebelde em 1824, contra a monarchia, nomeado commandante das forças legaes expedicionaria do Rio Negro.

Distinguiu-se por seus inexcediveis actos de bravura em perseguições aos cabanos em Manaus, Ayrão, Moura, Carvoeiro, Mariuá (Barcellos) Moreira, Barraroá, (Thomar) Dari (Lamalonga), Santa Izabel e Rio Branco, pelo que se tornou conhecido, sob o cognome de Bararoá, como o terror contra os rebeldes e até mesmo contra os proprios legaes.

Derrotado em Santa Izabel, escapou á morte quando viu-se sem um soldado, embrenhando-se na floresta até sahir defronte de Barcellos, onde já o suppunham morto.

Ahi mandou tyrannica e canibalmente fuzilar a um brioso, distincto e bravo official superior, seu amigo e compadre, por crime de traição, quando apenas o motivo foi o odio que inspiravam-lhe os seus actos de valor, reconhecidos pelo proprio Bararoá.

Por igual motivo mandou matar o bravo alferes Bemfica, quando em marcha forçada contra os cabanos, que achavam-se acampados em Moura.

O famoso Taqueirinha, outro legal que em crueldade assemelhava-se ao cabano, teve em Bararoá um inimigo irreconciliavel e figadal.

As forças dos cabanos foram tambem destroçadas por elle na Lage, que está na emboccadura do Rio Negro, na serra Parintins, e no Iquipiranga.

No rio Uautás, batendo-se á frente de um punhado de soldados contra uma formidavel força dos cabanos, senhores do terreno, foi ferido, torturado e morto.

Entretanto a 7 de Março de 1837, dirigindo-se elle em officio á camara da villa de Mariuá, communicou que toda a comarca do Amazonas achava-se restaurada; e a sua expedição ao Uautás, o seu desastre e morte foram em Julho de 1838

E a pacificação de Manaus foi proclamada a 31 de Agosto de 1836, e no mesmo anno, a 17 de Setembro, Teffé proclamou a legalidade em toda a provincia!

(*Paginas inedictas da minha Historia do Amazonas*)»

BENTO ARANHA.

# O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL (1)

## INTROITO

Historia é uma verdadeira photographia, onde por um processo todo moral, é indelevelmente apanhada em flagrante a movimentação da humanidade através dos seculos.

Ella constitue o archivo no Tempo, onde os seculos vão gradualmente armazenando os phenomenos que operam na sua eterna peregrinação.

Alli repouzam, como numa necropole universal, os despojos d'essas gerações extinctas, ceifadas pela acção transformadora das leis naturaes.

Uma vez produzidos os phenomenos sociaes, pelo effeito da luz da razão, reflectem-se no espelho da memoria, que lhes dá uma outra vida, a vida immaterial da Historia. O Tempo os sepulta nas catacumbas do passado; e a razão humana os faz resurgir, fazendo agir a memoria, que vasa nos livros as suas impressões.

Na Historia, pois, dormem, sob a mortalha dos seculos, as origens de toda a civilisação e do estado actual da humanidade. Ahi está a directriz do presente e do futuro, que tiram do passado os elementos indispensaveis á ordem e ao progresso do individuo e da collectividade.

Sem o conhecimento do passado o presente nos será incerto e o futuro escuro e perigoso. O passado é o vasto manancial das causas geradoras da evolução; o presente e o futuro são os campos onde vêm florir as consequencias.

Toda a vida universal é uma successão continua de causas e effeitos. Quer a lente do observador attinja o mundo physico, quer o moral, em tudo vemos o presente e o futuro sahirem do passado, ou, o que vale o mesmo, os effeitos sahirem das causas. A nação brazileira é uma consequencia de causas escondidas no sarcophago do passado, como a mole-

---

(1) Estudo feito para a commemoração do 4º centenario.

cula é a consequencia de causas anteriores, isto é, dos atomos que lhe deram origem.

As sciencias, as lettras e as artes tiram do passado as leis e ensinamentos de que precisam para se exercitarem e progredirem. Por isso a Historia é a mais util de todas as sciencias, não só porque ella guarda regiliosa e infallivelmente a evolução das demais sciencias, como tambem porque sem o seu auxilio não pode haver progresso nos demais ramos dos conhecimentos humanos.

A observação sem a Historia será improficua e banal. Apanhará as cousas e os factos, por assim dizer, no ar, sem lhes penetrar no intimo da organisação. Nos dirá apenas o que a cousa é, sem que saibamos o que a cousa foi, e o proprio conhecimento presente das cousas depende essencialmente do conhecimento do seu passado, porque o estado presente não é mais que uma modalidade na longa historia de seu *fieri*.

Por isso a observação e a Historia auxiliam-se mutuamente, tornando-se assim os dois mais poderosos e efficazes instrumentos das investigações scientificas.

A luz da Historia é o raio *x* que nos desvenda a causa em todas as suas minudencias; é o mais alto tribunal erguido nos dominios scientificos. A observação é o *bisturi* com que o criterio humano decompõe a cousa em todas as suas particularidades. Aquella fornece a evolução, a serie gradativa das *modas* porque tem passado a cousa, a lista consecutiva das suas transformações. Esta nos dá o conhecimento da causa, como fonte de phenomenos, em sua natureza e em suas propriedades. Aquella demonstra, pelo desenvolvimento que a causa apresenta, os differentes *modos* porque sobre ella se exerceu a grande lei que rege a vida e o desenvolvimento de todos os seres existentes. Esta fornece o conhecimento da causa tão completo quanto é possivel obter pelo seu exame e analyse.

E é com estas duas armas, com estes dois thermometros do passado e do presente, que o espirito humano tem-se avantajado com admiravel successo no estudo das sciencias, lettras e artes. Depois que o absoluto e todos os principios que delle emanaram foram retirados do cyclo dos estudos scientificos e abandonados pela sciencia ao pelago insondavel do incognoscivel, tudo se limita a isto: recolher pela observação o maior numero de conhecimentos sobre as cousas e sobre os factos e comparal-os com o seu passado; em outros termos,

estudar as cousas e os factos desde a sua origem até o momento presente, observando, pela analyse historica, porque serie de transformações elles chegaram á forma actual.

Eis a que se reduz effectivamante todo o processo scientifico, depois que o principio da relatividade dos conhecimentos humanos restringio a este limitado perimetro toda a esphera em que pode com proveito exercitar-se a intelligencia humana. E eis d'ahi a maxima importancia para a Historia, qne é esmagavelmente o maior criterio de verdade e de certeza.

Certo d'estes principios, estudaremos o — *Descobrimento do Brazil*—de accordo com elles, procurando no passado as causas que o determinaram, acompanhando assim a sua evolução através dos seculos.

# PRIMEIRA PARTE

## ANTECEDENTES HISTORICOS

## CAPITULO I

### O descobrimento do Brazil como phenomeno social

Os phenomenos sociaes,—que se desenrolam em um meio variabilissimo, eternamente influenciado por uma serie infinita de causas reformadoras da sua constituição—não poderam ainda, nem poderão jamais constituir um objectivo certo e constante para a sciencia experimental.

Elles nascem de uma infinidade de causas, tão numerosas quanto inconstantes, que fervilham desordenadamente nesse insondavel pelago, que se chama ambiente social. Faltam a essas causas as duas qualidades indispensaveis para que possa haver uma sciencia social, no sentido rigoroso da palavra :—a constancia e a regularidade na manifestação dos phenomenos. Sem esses dois requisitos fundamentaes em essencia, não será possivel á sciencia social constituir-se sobre bases solidas, formulando leis e principios certos, como fazem todas as sciencias cosmologicas que estudam o universo nas suas variadas manifestações, todas, porém, obedecendo a causas certas e determinadas.

Um profundo abysmo separa o mundo cosmico do mundo moral : alli os phenomenos succedem-se regular e inalteravelmente, sob a dupla e harmonica acção das causas staticas e dynamicas do mundo physico, que lhe firmam a ordem

e a evolução; aqui, pelo contrario, os phenomenos saltitam sem ordem e sem estabilidade, surprehendendo o espirito humano com apparições bruscas e inesperadas.

Tudo isto resulta de estar a vontade humana,—unico e real fundamento dos phenomenos sociaes,—eternamente envolvida numa incalculavel legião de causas bastante variaveis e muitas vezes contraditorias. E' innegavel que todos os nossos actos são determinados por motivos internos e externos que geram em nós o acto volitivo. O homem não é livre senão apparentemente. A liberdade humana ou *livre arbitrio*, na expressão da escholastica metaphysica, nunca passou de uma ficção theorica resultante da auzencia do methodo analytico e experimental.

Depois que a sciencia psychologica moderna começou a estudar minuciosamente os phenomenos volitivos, submettendo-os a uma analyse rigorosa e exacta, foi que o espirito humano apercebeu que era um escravo do meio em que vive e que lhe dirige os actos e os pensamentos. A theoria do *determinismo*, de que Renard é o maior sustentaculo e defensor, substituio a fluida doutrina do *livre arbitrio*, que por nada ter de scientifica, foi indirectamente combatida pelos seus proprios defensores, que, o sendo tambem da presciencia divina nunca puderam conciliar essas duas doutrinas, destruidoras uma da outra, adoptando, porém, ambas como verdadeiras, embora inconciliaveis. « Eis aqui duas cousas inconciliaveis, disseram *una voce* os theologos da edade media; admittamos ambas como verdadeiras ».

E era assim que se fasia sciencia nessas priscas eras, em que o pensamento humano, desnorteado pelo encapellado mar da metaphysica, sem a bussola da observação e da experimentação, errava atôa sobre as desencontradas ondas das puras abstracções, das cogitações *apriori*.

A sciencia começa onde termina a fé; não a fé da razão illuminada, que é a mesma crença nascida da verdade dos factos e das cousas, mas essa fé cega, nascida das trevas de um obscurantismo despota, que obriga a crer na infallibilidade do Papa e na liberdade humana em antithese com a presciencia divina. A fé é a sombra, a noite; a crença é a luz, é a vida. Aquella esterelisa e sopêa o progresso scientifico; esta vivifica e desenvolve a marcha gradativa das sciencias. Dentro dos tenebrosos dominios da fé o pensamento humano nada pode fazer; é como um passaro preso em uma gaiola: quer voar e não pode. E' necessario quebrar essa barreira

que o cerca, para, cahindo na arena da luz, radiante dos factos observados, poder haver sciencia, poder haver progresso.

A vontade humana não pode por forma alguma furtar-se á acção universal, eterna e infallivel da lei de causação que rege todos os phenomenos sidericos e telluricos, organicos e inorganicos. Se tudo quanto se opéra no mundo physico e moral é o resultado de factores anteriores, de causas proximas ou remotas, conforme attesta a observação com sua auctoridade infallivel e reconhecem todas as escholas antigas e modernas, como admittir, sem ser illogico, que os phenomenos volitivos se produsam por si mesmos, sem serem determinados por motivos ?

Seria isso uma infracção a essa lei universal, que é por assim dizer a chave de toda a creação. Ella é a massa firme e solida que une todas as peças d'esse infinito edificio que se chama universo. E' por ella que os acontecimentos se prendem numa successão intermina, fomentando a vida universal, dando logar a essa massa admiravelmente *universal* informe de todos os seres existentes, e dos phenomenos que produsem. Sem a lei de causação o mundo não se teria organisado e a vida não existiria. Foi devido á sua acção que do ether nasceram os astros, do atomo nasceram todos os corpos que occupam os trez grandes reinos em que se divide a Natureza. Por ella se regem todos os phenomenos naturaes, sociaes e psychicos. Nada lhe escapa, porque ella domina o universo inteiro; e os phenomenos volitivos não podem ser isolados da aggremiação infinita a que pertencem: elles, como tudo quanto existe, obedecem á lei de causação.

Demais, sendo a vontade uma das energias do espirito humano, como são tambem a sensibilidade e a intelligencia, como admittir que só ella possa ser livre, quando as suas congeneres o não são, isto é, obedecem no seu funccionamento á lei de causação. E' claro, pois, é logico, é incontestavel que as nossos actos dependem de motivos, quer estes sejam internos, quer sejam externos, isto é, produsidas pelo nosso proprio organismo ou pelo mundo exterior. A sêde, que nos determina a tomar agua, é um motivo interno; o frio que nos determina a aquecer-nos, é um motivo externo.

E se a vontade humana para poder agir obedece ás causas que a tocam, é logico que os nossos actos e os phenomenos sociaes dependem d'essas causas. E se essas causas são tão varidas e muitas vezes escondidas no insondavel abysmo das consciencias extranhas, é logico que a sciencia social não

pode ser uma sciencia exacta, que possa prever e calcular os phenomenos da sua alçada, como acontece com as sciencias physico-naturaes, as mathematicas e a mechanica celeste. Ella não pode ser senão uma sciencia descriptiva: o seu fim deve ser a classificação dos phenomenos sociaes e a investigação de suas causas.

Como, porém, essas causas são multiplas e variaveis segundo o tempo e o logar, segue-se que a sociologia não pode ter um caracter geral, formulando leis que abranjam toda a phenomenalidade social em todos os tempos e todos os logares. Os phenomenos sociaes variam de povo para povo, de edade para edade. Emquanto a Natureza apresenta uniformidade e constancia nas suas manifestações phenomenaes, a Humanidade dá-nos o lamentavel espectaculo de um polyorama, em que as scenas variam extraordinariamente. Por isso não é possivel abranger num só circulo todos esses phenomenos. Cada povo tem o seu direito, a sua moral, a sua lingua, os seus costumes.

Como, pois, pode haver uma sociologia universal? E sem esta qualidade como pode ser sciencia?

Não cremos por isso na existencia d'essa sciencia, senão nos termos em que a temos comprehendido, isto é, como uma sciencia de investigações de factos isolados, ou grupos de factos que se relacionam tão intimamente, que possam constituir uma individualidade.

Firmada nestes principios e assim comprehendida a sociologia, entraremos a estudar o descobrimento do Brazil como um phenomeno social e um facto historico de primeira ordem, de certo um dos mais fecundos e grandiosos emprehendimentos do engenho humano, pelos vastos e vantajosos resultados que d'elle nasceram para a humanidade e para a civilisação. Elle veio abrir para esta parte da America, sem duvida a mais rica e bella, uma aurora de vida e de prosperidade, entregando um vastissimo territorio inculto ao intelligente trabalho do homem civilisado, e accendendo a luz da civilisação a milhares de seres humanos perdidos nas trevas de um obscurantismo barbaro. Uma nação,—que devia mais tarde assombrar o velho mundo com o seu vertiginoso progresso e as suas fabulosas riquezas naturaes douradas com as caprichosas e inegualaveis bellezas com que a privilegiou a Natureza,—teve ahi o seu berço e o inicio de uma vida de actividade e de glorias. Foi o alvorecer de uma nova era para a historia da humanidade e da ininterrupta serie dos progres-

sos humanos. Toda essa movimentação colonial, politica, financeira, commercial, agricola e industrial, em que se têm escôado os quatro seculos da vida nacional, define os grandes resultados que nasceram do descobrimento do Brazil, cujas causas vamos investigar.

Como tudo o que se passa no seio do universo se acha encadeado a um ou mais antecedentes, o descobrimento da nossa Patria tem atrás de si uma longa serie de acontecimentos, que proxima e remotamente determinaram a sua realisação. Todos os seres que occupam um logar no espaço tem entre si relações de affinidade; e uma cohesão perpetua e indestructivel caracterisa a vida universal. E assim como é impossivel isolar do espaço um ser qualquer, por mais infimo que seja, assim tambem é impossivel isolar um facto humano ou um phenomeno natural da vida da Humanidade e da Natureza. Tudo se acha preso a uma cadeia insoluvel, que se chama a vida universal.

Na densidade historica de idades passadas, sepultadas pelos seculos e fassitisadas pela Historia, encontram-se os primeiros germens do phenomeno que temos em vista estudar—o descobrimento do Brazil. Para melhor estudarmos os antecedentes historicos que o determinaram, dividil-os-emos em duas classes : remotos e recentes.

*(Continúa).*

Dr. Raymundo Alvares da Costa.

# A ILHA DE MARAJÓ. (1)

*Illm.º Exm.º Senr.º Presidente*

Já cumpri o dever de passar ás mãos de v. exc. um mappa, em grande escala, da secção da Ilha de Marajó, comprehendida entre os rios Arapichy e Tartarugas e o lago do Arary, e com esse mappa o relatorio do snr. Gomes de Oliveira, engenheiro civil, encarregado dos estudos para o traçado de um canal de esgoto das aguas pluviaes do centro da Ilha para a Costa—Norte.

Agora tenho a honra de apresentar á v. exc., no relatorio juncto, o resultado da outra parte dos trabalhos e exames que fiz na Ilha. Com este trabalho e com o do snr. Oliveira, ficaram cumpridas, segundo me parece, as instrucções e ordens que em 2 de maio do anno findo me foram expedidas, e em cuja execução fiz o que me foi possivel e pareceu necessario, empregando todos os esforços e dedicação e fazendo não pequenas despezas á minha custa, para melhor cumprir o meu dever e corresponder á confiança com que honrou-me o Governo da Provincia. Não fiz mais, por não ser possivel.

No meu escripto que, como v. exc. ha de notar, não tem caracter algum scientifico, procurei esboçar e descrever tudo quanto interessa á geographia physica da Ilha, sua estatistica, industria e recursos, o estado das fazendas nacionaes, o projecto d'um asylo para menores livres, a questão das inundações, o vicio do furto de gado, a epizootia e mais causas da decadencia da industria criadora, e outros assumptos registrados no indice do relatorio.

Uma grave molestia que soffri, como á v. exc. constou quando concedeu-me licença para tratar-me, deu causa á demora na apresentação d'esse trabalho, demora que espero v. exc. se dignará relevar-me.

---

(1) Relatorio apresentado ao Exm.º Snr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, Presidente da Provincia, por D. S. Ferreira Penna.

Por não serem necessarios e não avolumarem muito o relatorio, ponho de parte algumas notas e addições que o poderiam tornar menos incompleto, e deixo tambem de fazel-o acompanhar de um mappa geral da Ilha de Marajó, porque além de não estar ainda redigido, a sua organisação exige maior demora.

A' s. exc. o snr. dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides, Presidente da Provincia do Pará—*Domingos Soares Ferreira Penna.*—Belem, 6 de Dezembro de 1875.

# I

# Considerações geraes

SUMMARIO.—A grande inundação de 1872 em Marajó; clamor dos fazendeiros.—O escavador ou draga inutilisada.—O rio Arary se desobstrue por si mesmo.—Uma commissão de engenheiros mandada á Ilha.—Medidas legislativas; difficuldades de sua execução; prudencia e vistas economicas do presidente; como foram mandadas executar aquellas medidas e como foram executadas.

Quando em 1872, a Ilha de Marajó, assaltada por um inverno rigoroso, tornou-se inundada de um modo até então nunca visto, alevantou-se da parte dos fazendeiros um grande e justo clamor em consequencia dos prejuisos importantes que lhes trazia essa inundação, que extinguia todo o gado ainda novo, ou crias do anno anterior e mesmo grande quantidade do gado adulto.

Aconteceu então o que de ordinario se nota em presença de acontecimentos fóra do commum: como se conhecia o effeito e não se atinava com a causa, e era mister descobrir uma, fosse onde fosse, lançou-se toda a culpa ao rio Arary, que os seus accusadores denunciaram como impedindo o esgoto das aguas pluviaes que inundaram a ilha.

«O Arary, diziam elles, está de tal sorte obstruido que até a antiga cachoeira, existente junto á villa, desappareceu debaixo de grossas camadas de lôdo!»

Como semelhante allegado não era bastante persuasivo, accrescentou-se, para corroboral-o, que era tambem uma das causas da represa do rio e, consequentemente, da inundação, o grande baixo formado n'esse mesmo Arary, entre a bocca do Igarapé Moirin e a fazenda Itacuan; mas não se reparou

que esta asserção importava implicitamente uma contradicta ao primeiro allegado.

Anteriormente havia uma lei provincial autorisando a presidencia a contractar a acquisição de uma barca de escavação ou draga. Fez-se o contracto em 1871 e o empresario partiu para cumprir o promettido. Agora, em vista da grande inundação de Marajó, todas as esperanças se voltaram para esse escavador, cuja chegada era esperada com anciedade para ser, logo-logo, mandado a desobstruir a cachoeira do Arary.

Passados cerca de 10 mezes, chegou o escavador ao porto da capital, e, como logo se inutilisou ou, para ser mais exacto, como chegou já inutilisado e incapaz de serviço, foi submettido a grandes concertos, deu-se-lhe um pessoal bem pago e, por fim, o empresario ganhou e a provincia perdeu, ou, como disseram alguns, o escavador só serviu para escavar 80 a 100:000$000 do thesouro.

Quando, porém, depois de grandes dispendios, se chegou a consideral-o em estado de poder ensaiar o seu machinismo, o rio Arary, appellando para o testemunho insuspeito dos habitantes da villa da Cachoeira, mostrou-se limpo de culpa e lodo, exhibindo aos olhos de todos a cachoeira com seu leito de pedregulho tal qual sempre foi.

Effectivamente, si esta cachoeira então esteve obstruida, o proprio Arary, coadjuvado pelo refluxo, arrastou todo o lodo alli existente para a ultima secção de seu curso inferior, onde, dilatando já muito as suas margens, deixa, entre o baixo de Moirin e a margem direita, largura mais que sufficiente não só para o livre transito das suas aguas, mas tambem para o de grandes barcos e vapores.

Entretanto a legislatura provincial, em attenção ao clamor levantado contra a inundação n'aquelle anno, autorisou a presidencia a mandar logo a ilha, durante o inverno, uma commissão de engenheiros provinciaes para estudar o estado da ilha e a questão da alagação.

Nomeou-se sem demora esta commissão, composta dos snrs. Felix Soares, Tocantins e Campos, os tres mais habeis engenheiros de que dispunha a provincia; fretou-se, por alto preço, para conduzil-a, o primeiro vapor disponivel e a commissão partiu em maio; mas tão morosa foi a marcha do vapor, que só ao terceiro dia de viagem, poude chegar um pouco acima da fazenda Arary, subindo apenas dous terços do rio, e, o que foi ainda peior, a commissão, a despeito da capacidade e da boa vontade dos seus membros, nada poude fazer

do que desejava; tempo, estado da ilha, falta de recursos, tudo conspirou-se para este resultado, resolvendo a commissão regressar no mesmo dia (3º de viagem), em vista das razões já indicadas.

Comtudo, não ficou inutil a somma despendida com esta diligencia, porque a commissão, pondo em contribuição os talentos e erudição dos seus membros, apresentou á presidencia um bellissimo relatorio, fundado sobre diversas hypotheses, e no fim indicou os estudos que convinha fazer-se para a abertura d'um canal de esgoto que sirva ao mesmo tempo para a navegação.

E' esta indicação que dois annos depois foi apresentada e adoptada em um projecto na Assembléa Provincial, sanccionada e convertida em lei sob n. 819 de 22 de abril de 1874.

Na mesma occasião foi adoptada a lei n. 821 que trata dos reparos e obras a fazer-se no canal de Igarapé-myrim e no furo do Pagé ou de Marapanin.

Além d'estas leis, estava tambem por executar-se o art. 14 (inspecção das escolas primarias) do regulamento de 13 de janeiro do mesmo anno.

O illustrado, recto e zeloso administrador da provincia, o sr. dr. P. Vicente de Azevedo, bem via que a execução d'estas disposições não podia deixar de trazer grandes despendios ao thesouro; mas s. exc., reconhecendo tambem a utilidade e mesmo a necessidade das disposições decretadas, não podia deixar de pôl-as em execução.

Reflectindo sobre o assumpto com o seu bom senso pratico, julgou que o melhor meio de conciliar o cumprimento d'este dever com o estado ruinoso das finanças, era incumbir a execução d'aquellas disposições a uma unica pessoa com um auxiliar indispensavel para os serviços especiaes, em vez de empregar um estado maior de engeheiros, conductores, remeiros, etc., o que importaria em despesas consideraveis sem a compensação de um resultado mais satisfatorio, como a pratica o tem mostrado.

Alem d'isto, o sr. Azevedo, como alguns seus antecessores, tinha julgado ser de conveniencia publica a continuação do estudo da geographia physica, estatistica, e recursos da provincia, por ser bem sabido que, sem o conhecimento d'estes elementos, é impossivel haver uma administração proveitosa ao paiz, por mais habil e experimentado que seja o administrador.

Guiado por estas idéas praticas e economicas, aquelle dis-

tincto e honrado administrador, que tambem tinha apreciado os meus trabalhos sobre a provincia do Pará, encarregou-me de continual-os nas comarcas da Ilha de Marajó, incumbindo-me ao mesmo tempo de todos os serviços designados nas disposições citadas.

Acceitando esta missão com a convicção de poder concorrer para satisfazer ao recommendado na legislação e ás vistas economicas do presidente, tratei logo de procurar um engenheiro com as habilitações precisas para os trabalhos especiaes da commissão, e propuz á presidencia o nome do sr. Oliveira Campos, bacharel em mathematicas e engenheiro geographo; e, approvada a minha indicação, seguimos, o sr. Campos e eu, para Igarapé-myrim e depois para Marapanin, fazendo elle em ambos esses districtos os estudos de sua profissão do modo o mais satisfatorio, como pelo seu relatorio deve ter constado ao governo.

Executados os seus trabalhos e os meus, e chegado o tempo de partirmos para Marajó, tive o pesar de ver doente o meu digno companheiro e de ver-me privado de suas luzes; a sua saúde enfraquecida e alterada nas viagens que fizemos, lhe não permittia emprehender trabalhos tão rudes e cheios de tantos perigos e soffrimentos, como os que nos esperaram n'aquella ilha.

Propuz então á presidencia o nome do sr. J. Gomes de Oliveira, bacharel em sciencias physicas e mathematicas e engenheiro civil; e, approvada a proposta, seguimos ambos em outubro para Marajó onde trabalhamos atè dezembro, em que regressamos á capital. O resultado dos trabalhos então executados consta do meu officio de 30 de dezembro annexo ao relatorio de s. exc. o sr. Azevedo, e que vai reproduzido no additamento ao meu escripto.

Em março do corrente anno, voltou o sr. Oliveira, só, ao campo dos seus estudos especiaes e regressou em fins de maio em que os concluiu d'um modo mui satisfatorio. Eu contava com este resultado, pois o sr. Oliveira, alem de suas habilitações profissionaes, á uma longa pratica de trabalhos de engenheria reune grande energia na execução, e foi sómente usando d'estas qualidades e de muita coragem que elle conseguiu levar ao fim a sua tarefa, no meio de mil difficuldades, perigos e soffrimentos que o rodeavam.

O sr. Oliveira concluio o seu relatorio em agosto e eu apresentei este trabalho ao governo com um officio n'aquelle mesmo mez.

# II

# Discripção Geral da Ilha

SUMMARIO—Situação e extensão da Ilha; ausencia total de vertentes e de valles: divisão em mattas e campinas, distincção entre a costa banhada pelo Amazonas e a banhada pelo Pará. Os mondongos, baixas, lagos e rios principaes. Clima e condições sanitarias. Producções industriaes. Aspecto das campinas durante o verão e durante o inverno, e seu contraste n'estas estações.

A Ilha de Marajó é a maior que existe na costa oriental do Brazil e de toda a America Meridional. Está situada entre o Oceano Atlantico e os rios Pará e Amazonas, sendo ao S. O. separada do continente por diversos canaes naturaes ou *Furos*, pelos quaes se communicam as aguas dos dous grandes rios.

A costa do Norte, denominada Contracosta, corre de E. a O. quasi parallela a linha do Equador da qual se approxima até 7 milhas, e sua extensão n'essa direcção, da Ponta do Maguary, a E, á bocca do Furo Cajuúna que a limita do lado occidental, é de 143 milhas geographicas, não excedendo de 89 de N. a S.

Tão vasta extensão de territorio, constituida exclusivamente por depositos alluviaes quasi homogeneos que as aguas tranquillas do Equador têm deixado em repouso milhares de annos, sem que até hoje a menor agitação da terra tenha vindo perturbar seu somno geologico,—não podia ser senão uma immensa planura, como o é, sem collinas, sem vertentes, sem valles e até sem agua, si a precipitação das nuvens, tão frequente n'estas regiões, a não derramasse em copiosas torrentes sobre a sua superficie, durante a quadra invernosa.

Uma linha approximada á diagonal, tirada da bocca do Cajuúna no extremo norte da costa, á foz do Atuá, fronteira á barra do Tocantins, divide a Ilha em duas secções naturaes e quasi iguaes; a de S. O. que é a menor, é toda coberta de mattas; na de N. E., tudo é campos, mais ou menos ornados de grupo de arvores a que se dá o nome de Ilhas.

Na primeira d'estas secções ha muitas terras ferteis pela humidade e calor que n'ella reinam, grande variedade de madeiras estimadas para construcções, numerosas plantas uteis

á medicina e á industria, e uma extraordinaria quantidade de seringueiras (*siphonia elastica*) com cujo succo se prepara a borracha do commercio. Esta parte tem sido considerada o *Eldorado* dos siringueiros, cabendo-lhe muito melhor o nome de *cemiterio* da industria e civilisação da provincia, pelo mal que faz á população o fabrico da borracha.

Na secção dos campos estão as fazendas de criação, em numero de 250, entre grandes e pequenas, comprehendendo todas o numero (maximo) de 300,000 cabeças de gado bovino.

As costas ou margens da Ilha differem entre si conforme as aguas que as banham. Assim, na costa ou margens de Oeste só se encontram terrenos baixos, argilosos e lamacentos; e a mesma costa Norte, lavada pelos ventos geraes, não apresenta senão uma areia avermelhada que se endurece cimentada pela argila, formando largos esparceis, sobre os quaes rolam e se espedaçam as ondas do rio. Ambas essas costas são banhadas pelo Amazonas.

A costa austral e oriental, pelo contrario, mormente da barra do Tocantins para baixo, se distingue pela frequente presença de pedras (grês grosso e ferruginoso) e de bellas praias de areia branca; mas o que sobretudo caracterisa a differença notada é que a costa oriental, n'uma facha longitudinal que não excede de 3 milhas em sua maior largura basea-se sobre os recifes, elevando-se com algumas interrupções a uma altura superior e ás vezes mesmo muito superior ao nivel geral da Ilha, não sendo todavia tão importante essa elevação que chegue a tomar o caracter de uma collina.

## Baixas

Nas duas secções de campos e mattas, o nivel da Ilha é o mesmo, excepto na costa oriental; em ambas se nota depressões mais ou menos extensas na superficie do terreno e mais ou menos pantanosos, durante o verão; estas depressões alagadiças nas mattas tomam o nome de *Igapós*, sendo povoadas de numerosas arvores, entre as quaes as seringueiras; nos campos são conhecidas com o nome de *Baixas*. E' n'ellas que durante o verão se conservam verdes e frescas por muito tempo as hervas que servem de pastagem ao gado.

## Mondongos.

Quando as baixas occupam grande extensão das campinas e são cheias de atoleiros, de ordinario occultos sob a espessura de plantas palustres, o povo as denomina *Mondongos*; dá-se, porém, especialmente este nome a um extensissimo pantanal que, distando da costa Norte 10 a 12 milhas, prolonga-se de O. a E, desde as cabeceiras do rio Cururú até mui perto da costa oriental. Contém em seu seio atoleiros formidaveis, alguns lagos pequenos, diversas ilhas e sobretudo infinitas plantas palustres, principalmente Aningas (*caladium arborescens*) por entre as quaes se arrastam milhões de reptis que tornam perigosa a approximação d'aquellas solidões.

Esta immensa baixa, segundo se póde concluir da disposição do seu solo, da direcção que segue e da situação da Ilha, parece ter sido na antiguidade um braço ou Paranamirim do Amazonas; e o Cururú, que hoje se escôa para Oeste, correria então em rumo opposto, constituindo aquelle braço oucanal, ora inteiramente obstruido.

Os Mondongos recolhem no principio do inverno uma grande parte das aguas pluviaes; mas enchendo-se rapidamente começam a extravasar-se pelo seus escoadouros naturaes; estes escoadouros são os rios Tartarugas, Ganhoão e Arapixy, que vão para o Norte; o Cururú que vae para Oeste; o Mocoões (ramo do Anajás) que toma o rumo de S. O., e em fim o Genipapucú e em parte tambem o Apehy (principaes ramos do Arary) que descem este de N. a S. e aquelle de N. E. a S. O., confundindo ambas as suas aguas no lago Arary.

## Lagos.

Não é hoje a Ilha de Marajó tão abundante de lagos como outr'ora; muitos d'elles têm desapparecido com a invasão das aningas, tabocas e outras plantas.

Hoje só se póde contar, além do lago Arary, o do Guajará na fronteira da fazenda nacional do Arary, o de Santa-Cruz n'esta mesma fazenda, o do Alçapão na fazenda dos Cajueiros, e 2 ou 4 ainda menores que estes.

## Lago Arary.

E' este o unico lago grande e importante de Marajó.

Está situado no meio das campinas e quasi no centro da Ilha, tendo na sua parte septentrional uma ilha rasa denominada—Mãe Joaquina.

A largura do lago é de 2 a 2 1[2 milhas e sua extensão de N a S conta 10 milhas; esta extensão torna-se dupla, considerando-se como um prolongamento natural do lago, a parte inferior do rio Apehy, que não é realmente senão uma serie de pequenos lagos, interceptados entre si por alguns curtos estreitos. O fundo varia de 1 a 2 1[2 metros no verão e de 5 a 7 no inverno. N'esta ultima estação os vapores da empresa de Marajó o tem navegado diversas vezes carregados de 60 a 80 bois.

No inverno as aguas do lago são mui crystalinas; no verão, pelo contrario, já muito baixas, agitadas e revolvidas de continuo pelos ventos, tomam quasi a côr do zinco e não são então mais do que uma lama liquida de sabor *sui generis.*

## Rios.

Descrevendo a grande baixa ou Mondongos, mencionei os seus desaguadoros; são estes tambem os principaes rios da Ilha, aos quaes se deve ajuntar alguns outros que vão mencionados em seus devidos lugares.

Rio Arary—E' o mais extenso e o mais importante de todos; é formado pelo Genipapucú e pelo Apehy, que entram quasi juntos no lago Arary, como já ficou referido.

Partindo da ponta sul do lago, o rio Arary toma o rumo geral de S E, descrevendo, porém, sinuosidades numerosas; recebe á direita o Anajá-mirim, pouco abaixo do Lago, e á esquerda o Goiapy já em mais de meio do seu curso; passa por diversas fazendas, entre as quaes as nacionaes do Arary e de S. Pedro, e pela villa da Cachoeira que está situada em sua margem esquerda, correndo até aqui quasi sempre no meio dos campos.

Da villa para baixo, estreita-se, torna-se sombrio, triste e feio como o lodo e as touças de annigas que o marginam; quando, porém, chega ao baixo ou ilha do Moirin, muda de subito o seu rumo para E, suas margens se afastam de mais a mais, o horizonte é mais amplo, e o rio, já todo outro, pas-

sa por entre margens prasenteiras, mais altas e bordadas de pedras; emfim, passando por algumas fazendas de cultura e fabrica de assucar e aguardente, entra com rumo de E N E na bahia do Marajó ou rio Pará, deixando á direita a importante ilha de Sant'Anna do Arary.

As marés, durante o verão, pouco sobem além da villa da Cachoeira, onde são fortissimas em aguas vivas; não se fazem sentir além da fazenda do Tojal (do coronel Silveira Frade); e, durante o inverno, o fluxo é pouco sensivel acima do baixo do Moirin. No começo d'esta ultima estação observa-se o importante facto de correrem as aguas do Arary em duas direcções oppostas e contrarias; as da metade inferior do rio continuam a correr para a foz, ao passo que as da metade superior se dirigem para o lago Arary, d'onde retrocedem quando este lago acha-se um tanto cheio.

Este facto, já observado em 1864 pelo sr. Morae-Jardim, 1° tenente, hoje tenente-coronel de engenheiros, e confirmado pelo sr. Gomes d'Oliveira e por outras pessoas de boa supposição, relevando a planura do centro da Iiha, explica ao mesmo tempo uma das causas das suas inundações annuaes.

A navegação do Arary, em duas quadras do anno, é impedida pela invasão das canaranas que extendem suas raizes sobre o rio, de margem a margem, entrançando-se de modo que, para se ter passagem franca, é mister cortal-as com a precisa antecedencia ou esperar que, impellidas pela força das aguas do inverno, ellas se desprendam das margens. N'este caso ellas descem, em feixes fluctuantes, pela corrente, arrastando em sua marcha a embarcação que as encontra. Estas camadas de capim fluctuantes tem no paiz o nome de barrancos e no rio Paraguay o de camalotes.

Anajás—E' o 2° rio em extensão e importancia ; formase de 2 ramos : do Anajás proprio que sahe de umas baixas do centro e segue para oeste, e do Mocoões que parte da ilha do Camaleão na beira dos Mondongos e segue a S O até o Anajás, defronte da povoação d'este nome. D'ahi o rio segue para N O até encontrar o Paranamirim do Aramá, que é o limite entre a ilha de Marajó e o estuario do lado occidental, onde termina o rio ; mas é costume dar-se a este limite do estuario o mesmo nome de Anajás até á bahia do Vieira.

O Anajás é livremente navegavel a vapor até a povoação do seu nome e o é ainda cerca de 30 milhas em qualquer dos seus dous ramos ; o seu curso, porém, é muito sinuoso prin–

cipalmente n'estes ramos, tornando-se por isso morosa a navegação.

Cururú—Vae da extremidade occidental dos Mondongos para O, recebendo á direita o Jarapucú e o Jurará, inclina-se d'esta confluencia para S e entra no canal do estúario, ou, como diz o povo, no Anajás. E' tambem livremente navegavel a vapor até perto dos campos, mesmo em pleno verão, tendo a vantagem de ser muito menos sinuoso que o Anajás.

Arapixi—E' menor do que o Cururú, mas o maior e mais extenso de quantos desembocam na costa do Norte. Sahe dos Mondongos com o nome de igarapé Fundo, recebe á direita o igarapé dos Cajueiros e o da Mandioca, á esquerda o igarapé Santa Maria e, já á vista da sua barra no Amazonas, reune-se-lhe do mesmo lado o rio de Santo Antonio, engrossado pelo do Egypto, que vai tambem dos Mondongos.

Segue o rumo geral para NO: é extenso, profundo e navegavel a vapor na 4ª parte do seu curso inferior, e por vapores pequenos até dous terços da sua extensão total; mas é bastante sinuoso de modo a tornar morosa a sua navegação. Seu curso e o dos seus affluentes é todo na região dos campos, mas uma estreita facha de matto orla as suas margens, excepto o igarapé Fundo que corre em campo limpo. A sua barra no Amazonas é muito larga e não dá entrada ou sahida livre sinão com um quarto ou meia maré de enchente.

Tartarugas:—Este rio confunde as suas cabeceiras com as do Genipapucú e Ganhoão; bem que muito obstruido em seu curso medio e superior por aningas e tabocaes, é um rio de summa importancia para as futuras communicações a abrir-se entre o centro da Ilha e a Costa-Norte. A sua barra, defronte da ilha Camaleão que a guarda da força dos ventos, dá entrada franca e tem a vantagem de estar no unico ponto que offerece seguro abrigo ás embarcações. Seu rumo geral é para NNE.

Ganhoão—Tem barra franca como o Tartarugas; mas o seu curso é pouco extenso e mui sinuoso, prestando-se por isso mui pouco á navegação a vapor. Segue geralmente o rumo de S a N.

Todos os rios mencionados tiram sua origem dos Mondongos, directa ou indirectamente por alguns dos seus ramos principaes.

Os que não tem esta origem são os seguintes:

Igarapé grande ou Paracauary. Vem das baixas centraes da Ilha em rumo de O a E, passa pela fazenda nacional de S.

Lourenço e por algumas outras particulares, e, quasi ao sahir na costa oriental, passa pela villa de Soure á esquarda e por Salvaterra á direita. E' um dos principaes rios da Ilha, sendo navegavel a vapor em grande extensão.

Camará.—E' um rio igual ao antecedente quanto á extensão. Passa por muitas fazendas de criação e perde-se na costa oriental.

Atuá—E' formado pelo Atuá proprio, que vem das mattas e pelo Anabijú, que vem dos campos, encontrando-se ambos cerca de 10 milhas acima da villa de Muaná, para a qual desce um braço que parte da confluencia dos dois rios. Depois do Arary, é o maior e mais importante dos rios que vem da Ilha ao rio Pará. E' navegavel por vapores em grande extensão. Desemboca no rio Pará (costa de Marajó) defronte da barra do Tocantins.

( *Continúa* )

# MONOGRAPHIAS PARAENSES

## Os exploradores da Amazonia

### I

*OS PHENICIOS*

Sahindo da prehistoria amazonica, pelo caminho da chronologia, em busca das primeiras tradições e referencias escriptas, que marquem o limiar da historia do grande valle do Amazonas, toparemos em primeiro logar com as conclusões de Onffroy de Thoron e outros escriptores que fazem remontar a trez mil annos a navegação do rio-mar.

A America, desconhecida dos povos europeus do seculo XV, perdera, com a evolução de milhares de annos, pela difficuldade da navegação oceanica, pelas causas do assimilamento ethnico dos seus primitivos frequentadores, as suas antigas relações com os Atlantes, com os Egypcios e, posteriormente, com os phenicios, hebreus e carthaginezes,

A linguistica e os textos de Plantão, Diodoro da Sicilia, Aristoteles e Plutarco são os relevadores d'essas remotas relações, durante tantos seculos apagadas.

O Amazonas apparece com toda a sua vasta importancia geographica, no determinismo das navegações; por elle levaram os phenicios ao interior da America as suas naves; por elle enche-

ram os porões dos seus navios com as preciosas riquezas de Ophir.

A Biblia refere que Salomão, empenhado em construir o magestoso templo do Senhor, para o qual David, por sua morte, lhe deixára sete mil talentos de prata e trez mil de ouro, recorreu a Hiram, rei de Tyro, seu amigo e alliado, como o fôra do seu antecessor, a fim de que o auxiliasse na construcção e equipamento da grande esquadra que devia trazer de *Ophir*, *Parvaim* e *Tarschich*, as madeiras preciosas, a prata e o ouro, necessarios á magnificencia da casa de Deus.

Em Esion-Gaber, no mar Vermelho, apparelharam-se muitos navios que Hiram guarneceu com os melhores marinheiros phenicios, ao passo que, nas costas do Mediterraneo, fazia aprestar outra esquadra.

As frotas partiram em rumos diversos, a reunirem-se no Atlantico; a de Salomão desceu pelo mar Vermelho, transpôz o Babel-Mandeb, atravessou o Oceano Indico e dobrou o cabo que, milhares de annos depois, os portuguezes chamaram Tormentoso; a de Hiram, cortou as aguas do Mediterraneo, franqueou o Gibraltar e abriu as vélas dos seus navios ás virações do mar verde, do phantastico mar que os lusos viriam um dia a dominar.

Reunidos todos no Atlantico, como fôra combinado, sustenta Onffroy de Thoron, tomaram a direcção da America e subiram o Amazonas até o seu curso superior, como desde muito tempo o faziam, provando a desmarcada pericia e audacia dos marinheiros phenicios.

Em *Parvaim*, *Tarschich*, *Solimões* e outros pontos receberam as naves os preciosos carregamentos dos materiaes que, manufacturados, deviam ornar o mais rico e o mais vasto dos templos do mundo.

Onffroy, com uma extensa linha de argumentos e demonstrações, procura firmar a existencia d'essas localidades, onde as naves pheni-

cias, de trez em trez annos, proviam-se de custosos thesouros, nas margens do Amazonas. (1)

Apezar das concludentes deducções do auctor, da clareza de muitos dos seus argumentos, o assumpto reclama ainda profundas investigações para uma evidencia completa.

E' verdade que os phenicios, com as suas audaciosas viagens, com a sua indomavel vocação para a carreira maritima, com as relações e explorações do seu commercio, operaram, nos tempos da sua hegemonia, uma revolução analoga á que os portuguezes e hespanhóes fizeram em fins do seculo XV e começos do seculo seguinte; as quilhas das suas naves, depois de avassallarem toda a bacia mediterranea, rasgaram para o norte e para o sul, além do rochoso Calpe, (2) as trevas que envolviam o Atlantico, o pavoroso mar de ondas preguiçosas, de densissimos nevoeiros, onde a calmaria completa vedava para a imaginação dos gregos a possibilidade de uma derrota.

As costa da Iberia, da Gallia, da Africa Occidental desvendaram-se deante dos arrojados argonautas; as Canarias não escaparam ás suas descobertas. Maior que todos os seus feitos maritimos avulta, é verdade, a esforçada viagem de circumnavegação da Africa, que illustrou o reina-

---

(1)—*Parvaim*, diz elle, que é uma corrupção de *Paruim*, porque, no antigo alphabeto, o *v* substituia o *u*; e *ai* vem a ser o *iod*, isto é, a vogal *i*. Depois accrescenta que *im* indica o plural hebraico, portanto *Paruim* quer dizer *mais de um Parú*. D'ahi conclue que os *Paruim* dos hebreus eram os rios *Parú* e *Apú Parú*, ambos auriferos, que se reunem para confluir no Ucayali.

*Tarschich* é de origem anti, isto é, provém da lingua dos antis; de *tary*, descobrir,e *chichiy*, apanhar ouro a miudo; o que prova uma origem americana.

*Solimões* é uma corruptela do *Solima* hebraico, nome do filho de David, legado ao Amazonas pelos phenicios.

*Ophir* aparece escripta no cap. 9 v. 28 do livro I dos Reis, *Aypira*, forma accusativa de *Aypir* ou *Apir*, que tornou-se nominativa. O vocubulo *Yapurá* é composto de *y* (agua) e *apura*, corrupção de *Apira*, isto é, de *Ophir*; *Yapurá*, «agua ou rio de *Apir* ou *Ophir*». De *Yapurá* para *Yapirá* houve apenas a mudança, por má pronuncia, do *i* para *u*.

(2)—Gibraltar.

do de Néchao, e da qual Herodoto mostrou-se tão incredulo. *OS PHENICIOS*

Se, pois, os phenicios trilharam o Atlantico, se chegaram mesmo provavelmente a conhecer o Mar dos Sargaços, a possibilidade de terem descoberto e explorado parte da America torna-se natural e acceitavel, mas d'esta conjectura a uma affirmativa cabal vae uma grande lacuna; a historia exige, para subsistir, dados mais solidos.

II

Das presumidas viagens dos phenicios aos fins do seculo XV, não ha para todo o valle do Amazonas um resquicio de historia a lampejar na profunda noite d'esse passado insondavel. *COUSIN 1488*

Comtudo um normando, Mr. Des Marquetz, estabeleceu, em 1785, a mais antiga pretenção dos povos modernos á descoberta do Amazonas, que, segundo os seus documentos, data de 1488. (3)

Em começos d'este anno partiu de Dieppe o capitão Jéan Cousin, com um grande navio carregado de mercadorias para Adra e Congo.

Apenas deixou elle a Mancha, velejou para o mar alto, pois confiava nas lições de Descaliers, que ensinavam a determinar o rumo em pleno oceano.

Depois de dois mezes de viagem, Cousin descobriu uma terra desconhecida, onde havia um grande rio que elle denominou *Maragnon*, mas, como pelos seus calculos, era necessario navegar para o sul, a fim de attingir o Congo, não proseguiu nas descobertas.

Dentro de pouco tempo descobriu um cabo no sul da Africa, a que deu o nome de Agulhas, desempenhando tão a contento a sua missão em Adra e Congo, que logrou voltar a Dieppe em 1489.

---

(3) «Mémoires chronologiques pour servir à l'histoire de Dieppe», intitula-se a obra do auctor.

Eis em resumo o que dizem as Memorias de Dieppe. *COUSIN 1488*

Des Marquetz confessa que se baseou em documentos privados, que até hoje permanecem desconhecidos.

Como, pois, assentar a narração historica sobre a fragil base de um unico testemunho ?

Perdidos os documentos a que se refere o historiador normando, a inconsistencia da descoberta franceza é manifesta; todos os requisitos historicos faltam por completo. (4)

## III

Em fins do seculo XV, existia na Hespanha a familia dos Pinsones, cujos membros mostravam vocação hereditaria para a vida maritima, havendo entre elles alguns notaveis pelas suas audaciosas viagens. *PINSON 1500*

Quando Colombo procurou dois homens, que reunissem á pericia de habeis marinheiros o ardor pelas grandes empresas, para entregar-lhes os commandos da Pinta e da Niña, encontrou-os nessa familia.

Martim Alonso Pinson, Vicente Yanez Pinson, Francisco Martim Pinson, João Ungria e outros membros d'essa familia acompanharam o nauta genovez na descoberta da America.

Vicente Pinson commandou a Niña.

Partilhando os louros de tão brilhante feito, não esqueceu o denodado navegador a ambição pelas grandes empresas maritimas. Em fins de 1499, partiam de Palos quatro caravelas, sob o commando em chefe do audaz marinheiro, que

---

(4) O nosso douto compatriota Joaquim Caetano da Silva conclue o seu exame da viagem com estas palavras: «Mais dans le même livre oú Des Marquetz attribue aux Dieppois la découverte de l'Amérique, il attribue égalemente la découverte de l'Inde et la découverte des Moluques. . . . . .

«Pour arracher à Colomb, à Gama et à Magellan leur gloire laborieuse, il se fonde sur des documents privés, que M. Estancelin lui—même confesse n'avoir pu retrouver. Est-ce là de l'histoire?» (L'Oyapoc et l'Amazone §§ 1537—1539).

vinha acompanhado por seu sobrinho Ayres Perez, em busca de novas terras. *PINSON 1500*

Depois de chegar ao Cabo Verde aproou, Pinson para sudoeste, conservando este rumo, apesar das terriveis tempestades que o salteiaram, até que, em 26 de Janeiro de 1500, avistou uma terra a que deu o nome de *Cabo de Santa Maria de la Consolation.* (5)

Em um desembarque, que ahi effectuou, não conseguincaptar o bom trato dos selvagens, pelo que velejou para o norte, vindo a descobrir um novo cabo, ao qual chamou *Rostro Hermoso.* (6)

Depois de um novo encontro com os indios, no qual perdeu alguns homens, sempre no mesmo rumo, foi Pinson, dentro em pouco tomado de surpreza por um curioso phenomeno, que toda a equipagem admirou maravilhada. A uma distancia respeitavel da costa que, nem ao longe apparecia, verificou-se que a flotilha sulcava um vasto mar de aguas doces; o oceano parecia ter recuado deante da volumosa corrente observada.

Desejoso de conhecer a causa de tão surprehendente successo, mandou approximar de terra as caravelas e, após dezenas de leguas percorridas, entrou na bellissima foz de um rio magestoso, a que chamou *Santa Maria de la Mar Dulce.*

Singrava Pinson as aguas do Amazonas, tinha deante dos olhos as terras que, mais de um seculo depois, deviam receber os primeiros colonos portuguezes.

Ornavam vistosamente o panorama as ilhas de *Marinatãbalo*; na margem esquerda ficavam as terras de *Paricura*, na direita as de *Camamóro.* Assim designavam os indios o territorio que Pinson não tentou devassar para o interior, além de vinte leguas, com receio de arriscar as suas caravelas.

Os hespanhóes desembarcaram em uma das

---

(5) A maioria dos nossos historiadores diz que esta terra foi o cabo de Santo Agostinho; Varnhagem, porém, pensa que foi a ponta de Mucuripe.

(6) A ponta Jerérecoára, na opinião de Varnhagem.

ilhas, onde os selvagens os acolheram com admiração. *PINSON 1500*

O phenomeno da poróróca, pondo em grave risco as caravelas, obrigou Pinson a fazer-se ao mar sem demora, fugindo do espantoso movimento das aguas, que, por pouco, não abriu para elle e para os seus companheiros um tumulo na corrente amasonica.

A flotilha navegou sempre á vista de terra e chegou em 5 de Abril de 1500, a um cabo que Pinson denominou *São Vicente*, (7) santo que o martyrologio christão aponta naquelle dia, sendo esta a ultima terra do Brazil descoberta pelo denodado marinheiro.

Eis, em resumo, a descoberta das terras do Pará, que a tradição registrou; Vicente Pinson obteve d'este modo a dupla gloria de figurar nos fastos geraes do Brazil e na historia particular do Pará, como seu verdadeiro descobridor; em face da chronologia, a sua viagem fórma o primeiro marco da historia brazileira.

Depois de haver descoberto o Oyapoc, Yanez foi ter ao golpho Pariá e, como na auctorisação régia, que se lhe havia concedido para armar navios e descobrir terras, estivesse extipulado que devia abster-se de tocar nas terras descobertas por Colombo, deu-se pressa em voltar á sua patria, apenas com duas caravelas, que as duas outras haviam sossobrado em uma tormenta.

Como recompensa dos perigose perdas da viagem, o rei da Hespanha nomeou Pinson capitão e governador das terras por elle descobertas, assignando, em 5 de Setembro de 1501, a respectiva capitulação.

Teve a viagem de Pinson resultados efficientes e valiosos para o Brazil; depois de haver Colombo descoberto a America, alcançara o rei da Hespanha da Curia Romana uma bulla, que deu-lhe a posse das terras descobertas; protestos porém, de D. João II, rei de Portugal, levaram

---

(7) Cabo de Orange.—J. C. da Silva. «L'Oyapoc et l'Amazone».

o papa Alexandre VI a traçar no globo um meridiano divisor das possessões portuguezas e castelhanas, a cem leguas dos Açores e Cabo Verde. *PINSON 1500*

O monarcha portuguez, longe de conformar-se com esta decisão, apromptou-se para obter com as armas o que lhe negavam os meios diplomaticos, não levando a effeito o seu projecto de guerra, por ter-lhe Carlos V proposto um accôrdo. Celebrou-se então o tratado de Tordesilhas, em 7 de Junho de 1494, pelo qual o meridiano divisor passava a 360 leguas da ilha de Santo Antão, no archipelago de Cabo Verde.

Esta coordenada de demarcação amigavel cortava o Brazil pela ilha de Marajó, mais ou menos; assim parte das terras descobertas por Pinson pertenciam a Portugal, parte á Hespanha.

Entretanto os reis d'este paiz não reclamaram o quinhão das terras paraenses, comprehendidas entre o meridiano de Santo Antão e o Oyapoc; pelo contrario, sempre tiveram, como limite natural e mutuamente acceito das suas possessões, o rio a que Vicente Pinson legara o seu nome.

Em muitos documentos hespanhóes e portuguezes acha-se consignado este reconhecimento, bem como na carta de doação passada em favor de Bento Maciel Parente, por Felippe III.

Mais tarde a região hespanhola ao norte do Oyapoc passou ao dominio francez, levantando-se a celebre questão de limites, na qual a França reclama um trecho do territorio brazileiro.

O feito de Pinson ligou-se consequentemente a este importante assumpto, consistindo a descoberta da costa do Amazonas ao Oyapoc, um direito abandonado pela Hespanha a Portugal.

## IV

A denominação de *Santa Maria de la Mar Dulce* não persistiu; antes predominou a de *Maranhão.* *O NOME MARANHÃO*

Este nome, provocando a investigação dos historiadores, deu origem a varias etymologias;

querem uns, entre elles Southey e Varnhagem, que Maranhão seja uma corruptela de *Maraño*, sobrenome de um dos marinheiros da esquadra de Pinson; sustentam outros que os marinheiros hespanhóes, maravilhados pelo volume das aguas do grande rio, perguntavam uns aos outros: *Mar-ó-non?*, interrogação que deu origem áquella palavra; dizem outros que Maranhão vem de *Maranhas*, intrigas, enredos, que muitos houve entre aquelles que tão longas viagens emprehenderam; ha quem affirme que tal vocabulo é de origem indigena; quem assevere que um official, D. Fernan Gonsale Marañon, vindo a pé do Perú ás margens do Amazonas, legara a este o seu appellido.

O padre Antonio Vieira discordou de todas as opiniões; para elle Maranhão significava apenas *mar grande*, era um simples augmentativo.

Pela variedade de significações, umas inadmissiveis, outras pouco acceitaveis, deduz-se que o assumpto jáz em plumbea obscuridade.

A primeira referencia do nome Maranhão applicado ao Mar Dulce foi feita em Sevilha, aos seis dias do mez de Abril de 1513, por Juan Rodriguez, um dos companheiros de Pinson, chamado a depor no processo movido por Diego Colon contra a corôa de Hespanha. A divulgação tornou-se rapida porque os historiadores Anghiera, Enciso e Oviedo incluiram nas suas obras (8), quasi contemporaneas do descobrimento de Pinson, o nome *Maragnon* ou *Marañon*, como substituto d'aquelle que este navegador déra ao grande rio, e todos tres são concordes em affirmar que *Maragnon* era o nome que os indigenas davam ao rio.

Se levarmos em conta que Anghiera declara ter conhecido Pinson e com elle conversado a respeito da sua viagem ao Brazil, o que nos dá margem a suppôr que o mesmo se verificasse com relação aos companheiros d'aquelle viajante,

---

(8) Anghiera —«*De orbe nouo decades*». «Enciso—*Suma de geographia*». Sevilha—1519. Oviedo— «*De la hystoria de as Indias*». Toledo—1526.

notaremos que de todas as opiniões citadas, a unica acceitavel, é a da origem indigena do vocabulo Maranhão, como a que mais se ampara na narrativa historica da viagem.

*O NOME MARANHÃO*

Frei Pedro Simon, na sua obra «*Noticias historiales de las conquistas de terra firme en las Indias Occidentales*», diz que foi Aguirre, terrivel assassino de Pedro de Ursua e Fernando de Gusmão, quem, em 1560, deu aos seus soldados, em viagem pelo Amazonas, o nome de *Maraño-nes*, denominação que se extendeu ao rio.

Em face dos dados anteriores não pode subsistir a opinião do frade franciscano de Nova Granada; desde 1513 chamava-se, na Europa, *Maranhão* ao Amazonas.

V

*DIOGO DE-LEPE*

Logo após Vicente Pinson, um outro hespanhol, Diego de Lepe, natural de Palos de Moguer, partiu, em fins de Dezembro de 1499, com dois navios, em busca de novas terras.

Da ilha do Fogo, uma das de Cabo Verde, navegou para o sul, vindo a dobrar o cabo de Santo Agostinho, depois do que seguiu a costa do Brazil, rumo do norte, percorrendo-a toda.

Como Pinson, Lepe sentio a corrente do Amazonas, pasmou da impetuosa força das aguas e, pelo rio adeante admirou as ilhas da embocca-dura, deixando ahi dez dos seus companheiros, victimas das certeiras flexas dos indios, em um desembarque mallogrado. (9)

Herrera nos fala d'esta entrada no Amazonas, e os companheiros de Lepe foram concordes em affirmal-a, quando chamados a depor no processo, tentado por Diego Colon contra a corôa da Hespanha. (10)

---

(9) Antonio de Herrera —Decada I, Cap. VII, pag. 108.

(10)—«.....é de alli corrieron contra el poniente hasta llegar al rio Maranon.....». Depoimento de Alonso Rodriguez de la Calva. «Colleccion de los viages ····· D. Martin Fernandez de Navarrete. Vol. III—pag. 558.

«.... é estuvieron en Marañon.....» Depoimento de Chistobal Garcia—Idem, idem.

« ... y que fueron á dar á rio grande que se llama Marañon...» Depoimento de Luiz del Valle.—Idem, idem

Acompanharam o audacioso navegador o celebre piloto Bartholomeu Roldan, Bartholomeu Garcia, genovez, André Garcia Valdin, Garcia de Vedia e outros arrojados marinheiros. *DIOGO DE LEPE*

VI

As viagens de Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral elevaram Portugal ao apogeu das descobertas maritimas. *EXPLORAÇÕES PORTUGUEZAS NO SECULO XVI*

No curto periodo de 1486 a 1500, a assombrosa e feliz audacia dos seus marinheiros o collocara na posse das ricas Indias do Oriente e do Occidente, e dera-lhe os fóros de potencia maritima de primeira ordem.

Consequentemente desenvolveu-se a marinha e multiplicaram-se as viagens e as emprezas.

Descoberto o Brazil e levada á Europa a preciosa madeira que lá constituiu-se a mais poderosa *réclame* das riquezas de Santa Cruz, os armadores de Honfleur e de Dieppe, os hespanhóes de Palos e outros portos, ávidos de grandes lucros clandestinos, percorreram toda a costa de Santo Agostinho ao Rio da Prata, apezar dos repetidos protestos do monarcha portuguez, e deixaram o norte incolume e esquecido.

Entretanto, os portuguezes, preoccupados em fazer frente á onda invasora dos traficantes e assim tambem desviados dos rumos de Pinson e Lepe, apparecem no Amazonas logo após os dois descobridores hespanhóes.

João Coelho, em 1502 ou 1503, João de Lisboa, Diogo Ribeiro, Fernan Fróes, Francisco Corso e Pero Corso, de 1503 a 1513, visitaram varios pontos da costa norte do Brazil, uns encarregados officialmente de exploral-a, outros com fim commercial. (11)

---

(11) —«Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Mémoire présenté par les États Unis du Brésil au gouvernement de la Confédération Suisse...» Visconde do Rio Branco —Vol. I, pag. 61.

*EXPLORAÇÕES PORTUGUEZAS NO SECULO XVI*

Fernam Fróes, acompanhado pelos irmãos Corso, habeis pilotos, percorreu as costas septentrionaes do Brazil, e foi preso pelos hespanhóes em S. Domingos, nas Antilhas. (12) A passagem d'esta expedição no Amazonas ficou assignalada com a denominação de Corso, dada ao cabo depois chamado Raso. (13)

Faltam, é verdade, para taes viagens detalhes esclarecedores; quasi que apenas se póde citar os nomes dos exploradores; comtudo, é indiscutivel que os navegantes portuguezes percorreram as costas descobertas por Pinson, pois que, contra semelhante abuso, protestou o embaixador hespanhol, em Lisboa, conforme dizem Herrera e o Visconde de Santarém. (14)

Além d'esta embaixada existe outra prova, não menos cabal, das viagens portuguezas ao Amazonas; quando, em 1544, Francisco Orellana preparava-se para voltar a este rio, pediu com insistencia ao imperador Carlos V, em cartas de 9 e 30 de Maio d'aquelle anno, que lhe permittisse engajar pilotos portuguezes, porque só estes conheciam bem as costas do rio, devido a sua continua navegação ahi. (15)

## VII

*JEHAM ALLEFONSCE*

Existe na bibliotheca de Paris um manuscripto original, intitulado «*La cosmographie du pilote Jeham Allefonsce* (Jéan Fonteneau), que narra uma pretendida viagem d'este marinheiro ao Amazonas.

O manuscripto é datado de la Rochella, aos 24 de Novembro de 1545, anno em que Allefons-

---

(12) —Carta de Fernam Fróes ao rei de Portugal, datada de 30 de Julho de 1514. «Descobrimento do Brazil». Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro—1883—pags. 67 a 70.

(13) Diego Gutierrez e outros cartographos antigos dão o cabo Corso na extremidade occidental do Amazonas.

(14) —Dec. I, Liv. X, Cap. XVI; Dec. II, Liv. I, Cap. XII. «*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*» Visconde de Santarem. II, pags. 20 e 21. Visconde do Rio Branco. Obr. cit.

(15) —Rio Branco. Obr. cit., pag. 62.

ce viera do Canadá, de volta de uma viagem, para a qual partira em 16 de Abril de 1542.

*JEHAM ALLEFONSCE*

Affirma o piloto francez que esteve no Maragnon e no Mar Dulce, accrescenta detalhes exactos, e a sua narrativa seria uma excellente base para um juizo favoravel, se o confronto com os textos não a nullificasse por completo.

Estabelecendo-se a comparação entre o texto da *Cosmographie*, na parte referente ao Amazonas, e egual texto da *Suma de geographia* de Martin Fernandez de Enciso, torna-se evidente que o pretenso navegador das aguas paraenses limitou-se a copiar, em 1545, o que se achava escripto e publicado desde 1519. (16)

---

(16) *Cosmographie de Jehan Allefonsce.* (Texto decifrado por M. Pierre Margry).

«La Riviere de Mareignan est par les sept degrez et demy de la haulteur du polle antartique au su de la Ligne.... La dicte Rivière de Mareignan est grande Rivière ensorte qu'elle a plus de quinze lieues de largeur en son entier.....

«De la Rivière de Maragnan jusqu'à la mer Doulce qni est une grande rivière n'y a que vingt et cinq lieues. Ceste rivière doulce a soixante lieues de large à son entrée. Et vient tant d'eaue de la d. rivière doulce et court si très-fort qu'elle entre plus de vingt lieues en la mer tellement que en les d. vingt lieues ne se trouve point sallée pour l'eaue la dicte mer.

«Ceste largeur de lad. Rivière va bien vingt cinq lieues en la terre. Et cecy faict deux Rivières; l'une va vers le suest et l'aultre va au sorouest. Et celle qui va au suest est fort proffonde et a bien demy lieue de largeur en sorte que une caraque y peult bien aller sans sonder..... Et l'eaue court si fort qu'il faut que ung navire ayt bonnes amarres et bon ancre. Et la terre de ceste rivière est une terre basse et platte belle terre, car *j' ay esté* bien cinquante lieues ou plus amont

*Suma geografica de Martin Fernandez de Enciso.* Sevilha. 1519.

«Esta maranõ al Oeste en siete grados y medio, es grãde rio que tiene mas de qñze leguas de ancho.. . . . . .

«Desde este rio Maranõ fasta el rio que dizen la Mardulce ay veynte e cinco leguas, este rio tiene sesenta leguas de ancho enla boca y trae tãta agua que entra mas de veynte leguas enla mar qne no se buelue con la salada entra veinte e cinco leguas enla tierra esta anchura y despues se aparta en dos partes, la ona va al Sueste, e la otra al Sudueste. la que va al suduesto es muy hondable e de mucha agua: e tiene media legua de ancho que vna carraca puede yr por el arriba y viene tã furioso que las naos hã menester buenas amarrras. Esta ribera deste rio es llana que tasta cincuenta leguas que *hã entrado* por el no *han visto* ningumas sierras. los indios que biuen enesta tierra tienen los labrios de la boca horadados por quatro partes. y traen çarcillos colga dos dellos e dellas orejas, e *preguntandoles* que adonde auian el oro *dezian* que yendo por el rio

*JEHAM ALLEFONSCE*

Emquanto Allefonsce guiou-se por Enciso foi muito bem, mas logo que o deixou, para intercalar alguma coisa sua, talvez com viso a accentuar a originalidade da narrativa, transmittiu-nos uma prova de mau criterio, affirmando que, no seu tempo, um navio hespanhol entrou pelo rio Madeira, outro portuguez subio o rio da Prata, reunindo-se ambos no interior do Brazil!

D'este modo a viagem perde a sua unica base; o viajante torna-se plagiador; a narração historica desapparece.

ARTHUR VIANNA.

*(Continúa)*

---

la dite rivière sans que *je ay* peu avoir veu alcunes montaignes.

Les gens de ce pays ont le visage persé ainsi que ont ceulx du Brezil ensemble les ballesbres de la bouche en quatre ou cinq parties. Et mettent en aymerauldes vertes enchassées en or et plusieurs aultres pierres. Et pendent aussi de telles pierres à leurs aureilles. *Nous* leur demandismes s'il y avoit point d'or eu la terre. Ils *nous* feirent seigne que allent à mont la rivière jl y avoit une montaigne en laquelle y avoit force d'or et que une partie d'jcelle estoit d'or et qu'ils l'apportayent de là et que quant ils en avoient affaire ils y en allioient que rir.....»

arriba tantos soles que auia vnas sierras adonde auia mucho dello y que de alla lo trayã ellos quãdo lo queriã . . . . »

«*L' Oyapoc et l' Amazone*».
J. C. da Silva. §§ 1540—1548.

# Uma pagina da historia patria

## D. Pedro I

[Esboço biographico]

D. Pedro I era filho de D. João VI e de sua esposa D. Carlota Joaquina.

O seu nascimento teve logar em Lisboa a 12 de Outubro de 1792.

Para subtrahir-se aos vexames que trouxe a Portugal a occupação do reino pelo exercito de Napoleão I, D. João VI transferiu a séde do governo para o Rio de Janeiro, indo ahi estabelecer-se em 1808 com toda a familia real.

Grande melhoría trouxe ao Brazil este facto, pois ficando extincto o systema colonial, crearam-se diversas academias, estabeleceu-se a imprensa régia, abriram-se os nossos portos ao commercio de todas as nações amigas, e, por decreto de 17 de Junho de 1815, foi o Brazil elevado á categoria de reino.

Em 1820 as côrtes portuguezas, querendo sustar o desenvolvimento que ia adquirindo a sua antiga colonia, decretou a volta da familia real para Portugal, supprimiu os tribunaes creados aqui, restringiu a franquia dos portos, e tomou outras medidas vexatorias para os brasileiros.

Em 1821 partiu D. João VI, deixando na regencia do Brasil, como seu logar-tenente, o principe D. Pedro. Na occasião das despedidas, disse-lhe D. João : «Bem antevejo que o Brasil não tardará a separar-se de Portugal. Neste caso, se me não puderes conservar a corôa, guarda-a para ti, e não a deixes cahir em mãos de aventureiros.»

Partiu D. João, submettendo-se aos decretos das côrtes; mas os brasileiros, acostumados já aos direitos e regalias de povo civilisado, não sujeitaram-se ao novo jugo que se lhes queria impôr, e trataram de trabalhar no sentido da indepen-

dencia da patria, collocando á sua frente—para facilitar a execução da grandiosa idéa—o principe regente.

Tendo as côrtes decretado a retirada de D. Pedro para a Europa, este, instado por várias representações, declarou a 9 de Janeiro de 1822: «Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, digam ao povo que *fico.*»

A 13 de Maio, o senado da camara do Rio conferiu-lhe o titulo de *Defensor perpetuo do Brasil.*

A 14 de Agosto partiu para S. Paulo, a extinguir dissensões entre os patriotas; e ao voltar, a 7 de Setembro, recebendo em viagem novos decretos contra o Brasil, soltou ás margens do Ypiranga o brado de—*Independencia ou morte,*—constituindo-se assim o Brasil nação independente.

Em 12 de Outubro é proclamado imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil.

Em 1º de Dezembro é coroado.

Faziam parte do governo, por esse tempo, José Bonifacio de Andrada e Silva e seu irmão Martim Francisco, o primeiro como ministro do reino e dos negocios extrangeiros, e o segundo como ministro da fazenda, os quaes muito trabalharam a favor da independencia, já por meio de activa propaganda, já promovendo representaçõos das classes populares em diversos pontos do reino do Brasil, já incutindo firmeza e energia no animo irresoluto do principe regente.

***

Bem cedo esqueceu D. Pedro as promessas e juramentos feitos, manifestando em seus actos espirito arbitrario e procurando implantar no paiz o regimen absoluto.

Eleita a assembléa constituinte, installou-se a 3 de Maio de 1823.

A 17 de Julho, sendo demittido o ministerio dos Andradas, passaram-se estes para a opposição. Tenaz, porfiada e brilhante foi ella, porem não anarchica.

Mas o espirito do novo imperador não podia tolerar taes audacias; e por isso, tendo nomeado um ministerio reaccionario, dissolveu a constituinte, mandou prender os Andradas e outros patriotas, e deportal-os para a Europa. Organisou-se novo projecto de constituição, que foi jurada a 25 de Março de 1824.

Estes e outros actos de violencia começaram a alienar de D. Pedro as sympathias do povo e d'aquelles mesmos que ti-

nham sido seus partidarios. Arregimentou-se a opposição, manifestando-se energica contra as tendencias absolutistas do monarcha.

Em 1825 houve a sublevação da provincia Cisplatina, que terminou em 27 de Agosto de 1828 com a separação da mesma, que se constituiu nação independente. Isto augmentou ainda mais os desgostos contra o imperador.

Em 1826 falleceu D. João VI, e D. Pedro abdicou a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria.

Tendo ficado viuvo em 1826, contrahiu segundas nupcias com a princeza D. Amelia Leuchtemberg em 17 de Outubro de 1829.

Cresceu em 1830 a opposição liberal ; e o imperador reconheceu que ia perdendo cada vez mais o prestigio que o cercára nos primeiros tempos do seu governo, assim como o amor dos brasileiros.

Havendo apparecido grande excitação nos animos em Minas Geraes, D. Pedro para lá dirigiu-se com o fim de extinguil-a ; mas a sua proclamação foi recebida com frieza e em attitude aggressiva pelos adversarios da politica imperial. Voltando desgostoso para o Rio, ahi chegou no dia 11 de Março de 1831, sendo marcada a sua entrada solenne para o dia 15.

Os portuguezes entenderam dever festejar a chegada do imperador, não tanto pela estima que lhe votavam, quanto para provocarem os brasileiros e exercerem vindictas.

Graves conflictos tiveram logar nos dias 12, 13 e 14.

Alguns senadores e deputados enviaram ao imperador no dia 17 uma representação, em que expunham as affrontas recebidas, pedindo a justa reparação d'ellas.

No dia 20 foi o ministerio modificado, entrando para elle personagens importantes, mas sem influxo politico, não pertencendo alem d'isso nenhum d'elles ás camaras. Era, portanto, um governo anti-parlamentar.

Continuando a excitação dos animos, o imperador demittiu o ministerio no dia 5, e substituiu-o por um outro composto de seis titulares, que muito valiam por si, mas pouco aptos para extinguirem os desgostos que lavravam no seio do povo e fazer renascer a confiança que o mesmo retirára ao chefe da nação.

Este ultimo acto exasperou as massas populares, que no dia 6 começaram a affluir para o campo de Sant' Anna, pedindo a reintegração do ministerio demittido.

Não acquiesceu D. Pedro a esta exigencia ; e, pesando

bem a gravidade da situação, resolveu no dia 7 de Abril abdicar a corôa em seu filho o principe D. Pedro, que apenas contava cinco annos de idade, nomeando-lhe para tutor a José Bonifacio de Andrada e Silva—o mesmo que elle havia desterrado quando se acha no apogêu do poder.

Depois d'isto, sahiu de palacio com toda a sua familia, dirigindo-se para a náo ingleza *Warspite;* e no dia 13 partiu para a Europa na fragata ingleza *Volage*

***

Chegando a Portugal, conseguiu, depois de longa e porfiada lucta, restaurar sua filha D. Maria da Gloria no throno dos seus antepassados, expellindo do reino o infante D. Miguel, que havia usurpado a corôa.

Outorgou tambem ao povo portuguez uma carta constitucional em que foi consignada a maior somma de liberdades publicas.

D. Pedro I falleceu em Lisboa no dia 24 de Setembro de 1834.

***

O reinado de D. Pedro I suscita naturalmente algumas considerações.

O illustre principe prestou-se aos patriotas de 1822 para facilitar a independencia, não por dedicação á causa do Brazil, á vista dos protestos de adhesão que elle fervorosamente fazia a D. João VI, sim para pôr em pratica os conselhos paternos: « A dar-se a separação, põe a corôa do Brazil na tua cabeça, antes que resvale para a de algum aventureiro.»

Os Andradas tinham sido chamados para o governo, e, como dito fica, muito contribuiram para a realisação da independencia.

Collocado no throno, o primeiro cuidado do novo imperador foi desfazer-se d'aquelles conselheiros importunos,que procuravam pôr obices á sua carreira de desatinos. E os Andradas foram demittidos.

E a nação não protestou.

Na opposição, procuraram estes fazer vingar na constituinte as idéas liberaes por que pugnavam. E como tinham por si a grande maioria da assembléa, o resultado foi a dissolu-

ção da constituinte e a prisão e deportação dos Andradas e seus amiges.

E a nação conservou-se impassivel perante taes actos de arbitrio e tyrannia, isto é, submetteu-se.

Em vez de uma constituição liberal, calcada nos moldes da verdadeira democraria, o que tivemos? Uma carta constitucional que sua magestade houve por bem outorgar, e em que vinha consignado o *poder moderador* como *chave de todos os outros poderes*, e todavia *irresponsavel:* por outras palavras, o despotismo sem o correctivo da responsabilidade legal.

Sua magestade mandou jurar a carta.....

E a nação jurou, isto é, curvou-se ao jugo do *senhor* que escolhêra.

Depois de taes actos de pusilanimidade ou subserviencia, —que admira a attitude de D. Pedro, lançando fóra a mascara e patenteando-se tal qual era—aggressivo, atrabiliario, violento, sem criterio, exercendo abertamente o despotismo, a ponto de nomear ministerios fóra do influxo das camaras, e menosprezar ostensivamente os decretos do poder legislativo?

Se a nação se tivesse levantado em 1823 como levantou-se em 1892, o congresso teria sido reintegrado em suas funcções, evitar-se-ia o 7 de Abril, e talvez mesmo naquella occasião fossem proclamadas as instituições republicanas.

A occasião não podia ser mais propicia, pois ainda não havia herdeiro para o throno do Brazil.

Veio depois a revolução de 1831; e a quem confiou D. Pedro os seus filhos, no acto da abdicação? Aquelle mesmo venerando ancião a quem elle perseguira, e que, esquecendo as antigas offensas, perdoou a ingratidão de que fôra victima, tomando a si a tutoria dos principes.

Lição proveitosa para os posteros!

Que significação teve a revolução de 7 de Abril, quando é certo que os seus promotores apenas queriam mudança de ministerio, e não cogitavam naquella solução, que para todos foi inesperada e imprevista?

O movimento nem ao menos foi dirigido no sentido de depôr o monarcha: este é que tomou tal resolução, talvez não tanto por amor á sua dignidade e aos seus direitos magistaticos, como por fazer timbre de contrariar sempre, em tudo e por tudo, á vontade da nação.

E o que fez esta?

Atacada de sentimentalismo, vendo um menino de cinco annos nos braços do velho servidor da patria, principal factor

da nossa independencia,—tomou a criança ao collo, embalou-lhe o berço, e assentou-a no throno antes da idade prescripta na carta constitucional.

Não fôra melhor que os patriotas houvessem tido outra orientação, levando a revolução aos seus ultimos limites,—do que manterem, como mantiveram, a monarchia, para depois gritarem durante cincoenta annos contra a omnipotencia do poder pessoal?

VILHENA ALVES.

# ESTATUTOS

## CAPITULO I

### DO INSTITUTO E SEUS FINS

Art. 1.º—Fica estabelecido na cidade de Belem do Pará o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará.

Art. 2.º—O Instituto tem por objecto capital reunir, concatenar, publicar ou archivar documentos e trabalhos sobre a historia, geographia e ethnographia do Brazil, especialmente do Estado do Pará.

Art. 3.º—Para desenvolver o objecto dos seus estudos, o Instituto executará o disposto nos paragraphos seguintes:

§ 1.º Manterá commissões especiaes para colligirem documentos, estudos, plantas, cartas, mappas, etc., ineditos ou raros, referentes aos tres ramos scientificos citados, ou áquelles que com elles se relacionam ou d'elles são auxiliares.

§ 2.º Publicará um folheto periodico, de cincoenta paginas no minimo, que intitular-se-á *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará, fundado em 3 de Maio de 1900.*

§ 3.º Constituirá uma bibliotheca especial de livros de interesse nacional, ficando annexos á bibliotheca o archivo e o museu historico e geographico do Instituto.

§ 4.º Apresentará e discutirá, em seu gremio, theses e pontos sobre differentes ordens de estudos que constituam o seu fim, de preferencia aquelles cuja actualidade interessar de perto o progresso do Pará.

§ 5.º Reimprimirá trabalhos nacionaes ou extrangeiros, que versem sobre o Brazil, nos tres ramos da sua especialidade, e sejam de reconhecido valor, e raros.

§ 6.º Manterá correspondencia assidua com as sociedades e academias nacionaes e extrangeiras de identica natureza.

§ 7º.—Quando possivel, organisará ou promoverá a organisação de commissões scientificas, que serão enviados aos pontos do Estado, da União ou do extrangeiro, onde possam fazer estudos importantes para os fins do Instituto.

## CAPITULO II

### ORGANISAÇÃO DO INSTITUTO

Art. 4.º—O Instituto compõe-se de socios de qualquer nacionalidade, effectivos, correspondentes, honorarios e benemeritos.

§ Unico. E' illimitado o numero de socios de qualquer categoria.

Art. 5.º—Serão socios:

§ 1.º Effectivos, aquelles que, domiciliados na séde do Instituto, satisfaçam os requisitos exigidos para sua admissão.

§ 2.º Córrespondentes, aquelles que, possuindo todos os requisitos exigidos para os socios effectivos, sejam domiciliados fóra da séde do Instituto.

§ 3.º Honorarios, aquelles que, por seu profundo saber, façam jus ao alto apreço do Instituto.

§ 4.º Benemeritos, os que prestarem ao Instituto relevantissimos serviços, tornando-se por este modo dignos da sua gratidão.

Art. 6.º—Além destas categorias de socios haverá uma outra especial, a dos socios fundadores, constituida por todos aquelles que cooperarem na organisação do Instituto até o dia da sua installação solenne.

Art. 7.º—As senhoras poderão ser incluidas em qualquer das categorias de socios, uma vez que satisfaçam os requisitos regulamentares.

Art. 8.º São requisitos indispensaveis para a admissão de socios effectivos e correspondentes:

§ 1.º Ser o candidato proposto por dous ou mais socios effectivos, vindo declarados na proposta o seu nome, edade, qualidades, nacionalidade, profissão e domicilio.

§ 2.º Apresentar o proposto um trabalho seu sobre a geographia, historia ou ethnologia do Brazil, publicado ou inédito, ou ser de reconhecida competencia, em cujo caso a proposta para a sua admissão será assignada por cinco socios que attestem essa competencia.

§ 3.º Obter da commissão respectiva parecer favoravel.

§ 4.º Conseguir, em sessão, maioria de votos.

Art. 9.º—As propostas para socios honorarios devem ser assignadas, no minimo, por cinco socios effectivos.

Art. 10.—As propostas para socios benemeritos partirão sempre da directoria, que justificará por escripto os motivos da benemerencia.

§ Unico. A maioria exigida para a admissão d'estes socios será a de dois terços dos socios presentes á sessão.

Art. 11. —Todas as propostas para a admissão de socios de qualquer categoria serão submettidas ao juizo do Instituto depois do parecer da commissão encarregada de examinal-as.

Art. 12.—A votação para a admissão dos socios será feita por escrutinio secreto, podendo ser nominal quando, requerida por qualquer dos socios, fôr acceita pelo terço dos presentes.

§ Unico. No caso de empate na votação, a escolha será addiada para a sessão seguinte, e, se ainda houver empate, decidirá o voto do presidente.

Art. 13.—São deveres dos socios effectivos:

§ 1.º Cooperarem com dedicação para os fins do Instituto.

§ 2.º Contribuirem de uma só vez com a joia de vinte mil réis e annualmente com a quota de vinte e quatro mil réis, pagos por semestres, adiantadamente.

§ 3.º Acceitarem os cargos para que forem eleitos, esforçando-se por desempenhal-os correctamente.

§ 4.º Submetterem ao juiso do Instituto trabalhos que versem sobre os estudos das suas especialidades.

§ 5.º Votarem e serem votados para membros dos corpos deliberativos do Instituto.

Art. 14.—São deveres dos socios correspondentes os determinados pelos §§ 1.º e 2.º do art. anterior.

Art. 15.—Os socios effectivos e correspondentes que se quizerem escusar á contribuição annua, sem perda dos seus direitos, pagarão de uma só vez a importancia de duzentos mil reis.

Art. 16.—Os socios effectivos gosam dos seguintes direitos:

§ 1.º Frequentar a bibliotheca e o archivo do Instituto.

§ 2.º Extrahir copias dos documentos, cartas, plantas e mais peças do archivo.

§ 3.º Receber os numeros da Revista, que se forem publicando da data de sua admissão em diante, bem como todas as demais publicações feitas pelo Instituto.

§ 4.º Tomar parte nas deliberações do Instituto, quando reunidos em sessão.

Art. 17.—Os socios correspondentes gozarão de todos os direitos dos effectivos, quando se acharem de passagem na séde do Instituto; fóra, porém, deste caso, receberão regularmente a Revista.

Art. 18.—O disposto no art. precedente é extensivo aos socios benemeritos e honorarios.

Art. 19.—Será permittido aos socios retirarem, mediante responsabilidade escripta, os impressos da bibliotheca, por praso nunca superior a quinze dias.

§ Unico. Os manuscriptos e impressos raros somente serão franqueados na séde do Instituto.

Art. 20.—Será applicada a pena de eliminação:

§ 1.º Aos socios que, tendo deixado de pagar a sua quota semestral, não o façam no praso de dois mezes, estipulado em edital assignado pelo thesoureiro, precedendo notificação escripta do 1º secretario.

§ 2.º Aos que desviarem os haveres do Instituto, pena esta que não inhibirá a acção competente, intentada contra o infractor, quando fôr necessario.

§ 3.º Aos que, por mais de uma vez, tiverem incorrido na pena de responsabilidade, pela não devolução de livros ou quaesquer outros objectos do Instituto.

§ 4.º Aos que directa ou indirectamente causarem prejuizos á agremiação.

§ 5.º Aos socios effectivos que deixarem de comparecer a vinte sessões consecutivas.

Art. 21.—O socio que, achando-se investido de um cargo, não curar de desempenhal-o correctamante, será destituido d'elle.

Art. 22.—Poderão ser readmittidos os socios eliminados:

§ 1.º Quando, excluidos pelas disposições do § 1º do art. 20, provarem o não pagamento da quota por motivo de ausencia.

§ 2.º Quando, não podendo satisfazer a condição do paragrapho antecedente, sujeitarem-se ao pagamento de nova joia.

Art. 23.—Os socios eliminados de accôrdo com os §§ 2º e 4º do art. 20, não poderão rer readmittidos sob pretexto algum.

## CAPITULO III

### DIRECÇÃO DO INSTITUTO

Art. 24.—Ao Corpo Administrativo, constituido especialmente para esse fim, compete a direcção de todos os negocios do Instituto.

Art. 25.—O Corpo Administrativo do Instituto compõe-se de um presidente, dois vice-presidentes, um 1º secretario, um 2º secretario, um orador, um thesoureiro, e sete commissões, a saber: 1.ª de finanças; 2.ª de estatutos e redacção da Revista; 3.ª

de historia; 4.ª de geographia; 5.ª de ethnographia; 6.ª de admissão de socios; 7.ª de pesquizas de documentos e manuscriptos.

§ Unico. Além destas commissões poderão ser outras nomeadas pelo presidente, quando a assembléa geral deliberar a sua constituição.

Art. 26.—O Corpo Administrativo será eleito pela assembléa geral dos socios na ultima quinzena de Abril de cada anno, em dia préviamente designado pelo presidente.

§ 1º Os membros do Corpo Administrativo sahirão dos socios effectivos e dos honorarios e benemeritos, que residam na séde do Instituto.

Art. 27.—A eleição para o Corpo Administrativo será feita sempre por escrutinio secreto, separadamente para cada cargo e commissão.

§ 1.º Para os cargos de presidente e vice-presidentes é indispensavel maioria absoluta de votos; para os demais do Corpo Administrativo ficarão eleitos os mais votados.

§ 2.º Em qualquer caso de empate decidirá a sorte.

Art. 28.—O Corpo Administrativo dirigirá os negocios do Instituto por um anno, a começar do dia 3 de Maio, e poderá ser reeleito todo ou em parte.

Art. 29.—Quando vagarem cargos do Corpo Administrativo serão chamados a desempenhal-os os socios que, para elles, tenham tido votos na eleição do anno corrente, se não houver socios immediatos em votos, far-se-á nova eleição.

§ 1.º Vagando o cargo de presidente, o substituirá o 1.º vice-presidente ou, no impedimento deste, o 2.º vice-presidente, até que se faça nova eleição para o anno seguinte.

Art. 30.—Ao Corpo Administrativo reunido compete:

§ 1º Empregar e zelar os fundos do Instituto pela forma indicada nestes Estatutos.

§ 2.º Deliberar sobre todos os negocios attinentes á bôa marcha do Instituto e ao seu progredimento.

§ 3º Cumprir e fazer cumprir os estatutos, e resolver sobre os casos ommissos relativos á administração.

§ 4º Promover a execução do disposto no art. 3 e seus paragraphos.

Art. 31.—Ao presidente compete:

§ 1º Presidir todas as sessões do Instituto, mantendo nellas a ordem necessaria ás discussões e aos trabalhos.

§ 2º Fiscalizar os serviços de todos os funccionarios e commissões, para que sejam sempre regulares e proveitosos.

§ 3º Vizar as contas das despezas necessarias, afim de serem pagas pelo thesoureiro.

§ 4º Abrir, rubricar e encerrar todos os livros precisos ás escriptas dos secretarios e thesoureiro.

§ 5º Assignar a correspondencia do Instituto com as altas autoridades do Estado, União e paizes extrangeiros.

§ 6º Apresentar á Assembléa Geral, no dia 3 de Maio, um relatorio circumstanciado sobre os negocios do Instituto no anno de sua gerencia.

Art. 32.—Ao 1º vice-presidente cumpre substituir o presidente nos seus impedimentos, cabendo-lhe, quando em exercicio, todas as attribuições d'aquelle funccionario.

Art. 33.—O 2º vice-presidente, conforme o disposto do art. anterior, nos impedimentos do 1º vice-presidente, substituirá o presidente.

Art. 34.—Ao 1º secretario compete :

§ 1.º Ter sob sua guarda o archivo, bibliotheca e museu do Instituto.

§ 2º Fazer o catalogo dos livros e manuscriptos da bibliotheca e dos objectos do museu.

§ 3º Fazer a correspondencia que tenha de ser assignada pelo presidente, e a que lhe competir.

§ 4º Fazer em livros especiaes a matricula dos socios, conforme as suas categorias.

§ 5º Convocar, por editaes, publicados na imprensa, os socios para as sessões ordenadas pelo presidente.

Art.—35 São deveres do 2º secretario;

§ 1º Redigir e registrar em livro especial as actas das sessões.

§ 2º Fazer a distribuição da Revista pelos socios, agremiações de estudo,imprensa, etc.

§ 3º Coadjuvar o 1º secretario nos seus deveres, substituindo-o nos seus impedimentos.

Art. 36.—Compete ao orador.

§ 1º Representar o Instituto nos actos solennes, que lhe forem determinados pelo presidente.

§ 2º Fazer o elogio funebre dos socios fallecidos durante o anno, para ser publicado na Revista.

37.—Pertence ao thesoureiro:

§ 1º Ter sob sua guarda todos os valores do Instituto, pelos quaes ficará responsavel.

§ 2º Fazer a escripturação desses valores, que terá sempre em dia, de modo a poder apresentar ao Corpo Administrativo um balancete demonstrativo do estado financeiro do Instituto, quando lhe fôr exigido.

§ 3º Pagar as contas das despezas, quando venham conferidas pelo secretario e visadas pelo presidente.

§ 4º Recolher em casas bancarias de reconhecido credito os valores pertencentes ao Instituto.

§ 5º Organisar com a commissão de finanças o orçamento da receita e despeza para o anno vindouro.

§ 6º Apresentar na ultima quinzena de Abril de cada anno os livros e documentos da sua prestação de contas á commisão de finanças, afim de sobre elles dar parecer.

§ 7º Cobrar as joias e contribuições dos socios, e, findo o semestre, enviar ao 1º secretario a lista d'aquelles que tiverem deixado de satisfazer os seus pagamentos.

Art. 38.—O thesoureiro, para desobrigar-se dos seus compromissos, empregará um ou mais cobradores de sua confiança com percentagem marcada pelo corpo administrativo.

Art. 39.—São obrigações da commissão de finanças:

§ Examinar na segunda quinzena de Abril de cada anno ou quando lhe determinar, fóra desta epoca, o Corpo Administrativo a escripturação e contas do thesoureiro, dando sobre ellas parecer escripto.

§ 2º Organizar, de accôrdo com o thesoureiro, o orçamento da receita e despeza para o anno seguinte.

§ 3º Esclarecer o Corpo Administrativo, quando consultada, sobre os negocios de sua competencia.

Art. 40.—Compete á commissão de estatutos e redacção da Revista:

§ 1º Incumbir-se da redacção e impressão da Revista.

§ 2º Fazer publicar na Revista os estudos que, pela sua importancia, mereçam ser dados à publicidade

§ 3.º Dar impressão ás actas, correspondencias, resoluções, avisos e mais assumptos da administração, que o 2º secretario enviar-lhe para esse fim.

Art. 41.— A's commissões de historia, geographia e ethnographia compete:

§ 1º Cooperarem para que se desenvolvam no Instituto os estudos referentes ás suas especialidades.

§ 2º Darem parecer escripto sobre os trabalhos que, para tal fim, lhes forem remettidos.

§ 3º Examinarem os trabalhos já publicados e hoje raros que, por sua importancia, mereçam reedicção.

Art. 42.—A commissão de pesquiza de documentos e manuscriptos se empenhará em obter o maior numero possivel de inéditos antigos sobre o Brazil e muito especialmente sobre o Pará.

Art. 43.—A commissão de admissão de socios tem por deveres.

§ 1º Examinar as propostas apresentadas para admissão dos socios e, sobre ellas, dar pareceres escriptos, depois de ter em mão o parecer da commissão a que tocar o trabalho apresentado pelo candidato, na forma do § 2º do art. 7º

Art. 44—Cada uma das diversas commissões compor-se-á de tres membros, excepto a de estatutos e redacção da Revista que terá seis membros escolhidos cada um nas outras commissões.

Art. 45.—A assembléa geral do Instituto compõe-se de todos os socios, sem distincção de categoria, e a ella, quando reunida em sessão, compete:

§ 1º Discutir e approvar, se o achar correcto, os orçamentos da receita e despeza para os exercicios annuaes.

§ 2º Resolver definitivamente sobre a admissão e eliminação dos socios, depois do parecer da commissão respectiva.

§ 3.º Approvar as prestações de contas do thesoureiro, baseando-se na opinião da commissão de finanças.

§ 4.º Eleger annualmente o Corpo Administrativo do Instituto.

## CAPITULO IV

### DOS TRABALHOS DO INSTITUTO

Art. 46.—As sessões da assembléa geral do Instituto serão ordinarias, solennes e extraordinarias.

§ 1.º As ordinarias effectuar-se-ão regularmente de quatro em quatro mezes, sendo a ultima sessão do exercicio na segunda quinzena de Abril, em dia designado pelo presidente, para tomada de contas do thesoureiro, eleição do Corpo Administrativo e approvação do orçamento do anno seguinte.

§ 2.º As solennes: em 3 de Maio de cada anno para posse dos funccionarios recemeleitos, e em outras datas, a juizo do Corpo administrativo.

§ 3.º As extraordinarias, quando o presidente as julgar necessarias ou quaudo as pedirem, com motivo justo, cinco socios pelo menos.

Art. 47.—A assembléa geral poderá funccionar logo que se achem presentes dez socios.

Art. 48.—As sessões do Instituto serão ordinarias e extraordinarias; as primeiras effectuar-se-ão mensalmente, em dia e hora designados pelo presidente, e as segundas quando este as julgar necessarias ou á requisição de tres socios.

Art. 49.—As sessões do Instituto comparecerão os membros do Corpo Administrativo e os socios que desejarem fazel-o.

§ 1.º A ordem do dia d'estas sessões compor-se-á de duas partes: uma em que serão resolvidos os assumptos administrativos; outra reservada ás conferencia», theses, concuisos e mais estudos do Instituto.

§ 2.º A's deliberações da primeira parte serão exclusivamente tomadas polo Corpo Administrativo; as da segunda por todos os socics presentes.

Art. 50.—Para funccionar o Instituto em sessão será necessario que estejam presentes oito socios no minimo.

§ 1.º Nas sessões os presidentes serão substituidos pelos vice-presidenies e estes pelos secretarios; quando estiver presente apenas um dos substitutos do presidente, a elle competirá compor a mesa ad-hoc.

Art. 51.—Nas sessões extraordinarias apenas será discutido o assumpto que as motivar.

Art. 52.—O presidente, de accôrdo com as commissões permanentes de estudo, organisará as theses para os concursos, devendo ellas visar de preferencia os pontos controversos, obscuros ou duvidosos da historia, geographia e ethnographia da Amazonia.

Art. 53.—O Instituto terá um regulamento especial que methodisará os concursos e prescreverá a norma do julgamento dos trabalhos.

## CAPITULO V

### Dos fundos do Instituto e da sua applicação

Art. 54.—Constituirão o capital do Instituto:

§ 1.º As doações e os legados.

§ 2.º Os productos de beneficios, basares, kermesses, promovidos em favor do Instituto:

§ 3.º Os saldos das receitas sobre as despezas.

Art. 55.—Constituirão os rendimentos do Instituto :

§ 1.º As joias e as mensalidades dos socios.

§ 2.º Os lucros produzidos pelo capital empregado.

§ 3.º A receita liquida da Revista.

§ 4.º Os auxilios que lhe prestem os poderes publicos.

Art. 56.—Os rendimentos do Instituto serão applicados:

§ 1.º Na publicação da Revista, de obras raras, memorias importantes, etc.

§ 2.º Na installação, incremento e conservação da bibliotheca, archivo e museu.

§ 3.º Nos premios dos concursos.

§ 4.º No expediente e trabalhos administrativos.

§ 5º Em despezas eventuaes.

Art. 57.—Uma vez approvado o orçamento não poderá soffrer modificação, sem consentimento expresso da assembléa geral.

## CAPITULO VI

### DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 58.—Cada um socio receberá diploma que prove a sua admissão no Instituto.

§ Unico. Os diplomas serão impressos, com os dizeres restrictamente necessarios, e levarão as assignaturas do presidente, dos secretarios e do socio.

Art. 59.—Quando o presidente receber com tempo a commissão do fallecimento de algum socio, nomeará uma commissão de membros do Instituto, para assistir o enterro.

Art. 60.—Na sessão immediata ao fallecimento do socio ou á noticia d'elle, será exarado na acta um voto de pesar, e facultado aos socios presentes manifestarem-se sobre o assumpto.

Art. 61.—A Revista do Instituto poderá ter assignantes extranhos, devendo o Corpo Administrativo resolver sobre o preço das assignaturas.

Art. 62.—Quando, por motivo imperioso, tiver de dissolver-se o Instituto, serão observadas as seguintes disposições :

§ 1.º O presidente convocará uma sessão de assembléa geral, com edital de trinta dias, publicado pela imprensa.

§ 2.º Reunida a assembléa geral e uma vez que concorde com a dissolução, os socios presentes resolverão sobre os assumptos não especificados nestes §§.

§ 3.º As cartas, mappas, munuscriptos, livros e outros

objectos de estudo, pertencentes á bibliotheca e ao archivo, serão doados e remettidos á Bibliotheca Publica do Estado.

§ 4.º Os objectos do museu historico serão doados a qualquer estabelecimento do Estado ou do paiz, onde possam ser aproveitados.

§ 5.º Os saldos em dinheiro ou titulos de valores, verificados por occasião de ser dissolvida a sociedade, serão applicados em beneficio de instituições de caridade, cathequese ou instrucção publica.

Belem, 1.º de Março de 1900.

A Commissão.

*Dr. Gentil A. de Moraes Bittencourt.*
*Dr. Justo Leite Chermont.*
*Dr. Henrique Santa Rosa.*
*Dr. Emilio Goeldi.*
*Dr. João Antonio Luiz Coelho.*
*Monsenhor João Ferreira de Andrade Muniz.*
*Arthur Vianna.*

# REVISTA DO INSTITUTO

---

Impressa gratuitamente nas officinas do DIARIO OFFICIAL, por ordem do Exm.º Snr. Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado.

---

Cada numero da **Revista** terá 50 paginas no minimo, com as illustrações que o texto exigir.

---

O **Instituto** não toma sob sua responsabilidade as opiniões emittidas pelos autores nos artigos publicados na **Revista.**

---

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a séde do **Instituto**, Bibliotheca Publica do Estado do Pará, travessa Campos Salles.

---

Todos os trabalhos dos socios ou de pessôas extranhas ao **Instituto,** que obtiverem parecer favoravel da commissão respectiva, serão publicados na **Revista.**

---

**Assignatura annual.** Belém: 12.000 rs.—Interior do Estado: 14.000 rs.—Brasil e Extrangeiro: 15.000 rs.

XI

ANNO 1900—VOL. I°—N. 2—SETEMBRO 22

# REVISTA

DO

# Instituto Historico

# Geographico E Ethnographico

DO PARA'

Commissão de Redacção

DR. ELADIO LIMA, FRANCISCO FERREIRA DE VILHENA ALVES,
DR. IGNACIO BAPTISTA DE MOURA, DR. THEODORO DE BRITTO PONTES,
DR. JOSÉ OLYNTHO BARROSO RABELLO E ARTHUR VIANNA.

SUMMARIO

FERREIRA PENNA. A ilha de Marajó . . . Pags. 17 a 96
ALVARES DA COSTA. O Descobrimento do Brazil . « 97 a 114
ARTHUR VIANNA. Monographias Paraenses . . « 115 a 147
VILHENA ALVES. Astronomia . . . . . « 148 a 156
PENNAFORT. Estudos de philologia . . . . « 157 a 162
Actos do Instituto. . . . . « 163 a 167
Socios . . . . . « 168 a 169

BELEM

«IMPRENSA OFFICIAL»

1900

# Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Para

FUNDADO EM COMMEMORAÇÃO DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, EM 3 DE MAIO DE 1900

Corpo Administrativo para 1900 — 1901

**Presidente**..... Barão de Guajará
**1.° Vice-presidente** Dr. Henrique Santa Rosa
**2.° „ „** Monsenhor João F. de Andrade Muniz
**1.° Secretario**..... Arthur Vianna
**2.° Secretario**..... Francisco F. de Vilhena Alves
**Orador**..... Dr. José O. Barroso Rabello
**Thesoureiro**..... Dr. Bento Miranda

COMMISSÃO DE FINANÇAS

Manoel Ignacio da Cunha, Sabino H. da Luz e Dr. Ignacio B. de Moura.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Drs. Euphrosino Nery, Eladio Lima e Manoel de Morae Bittencourt.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Drs. Eneas Martins, José O. Barroso Rabello e Antoni Passos de Miranda.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Emilio Goeldi, Aureliano Guedes, e Dr. Jacques Hube

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE DOCUMENTOS

Raymundo C. Alves da Cunha, Francisco F. de Vilhena A ves e Arthur Vianna.

COMMISSÃO D ADMISSÃ DE SOCIOS

Conego Domiciano H. Perdigão Cardoso, Dr. Theodoro Britto Pontes e Dr. José Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Eladio Lima, Francisco F. de Vilhena Alves, Dr. Ignac B. de Moura, Dr. José O. Barroso Rabello e Arthur Viann

# A ILHA DE MARAJÓ'

*(Continuação)*

O rio *Muaná*, como já ficou dito, é apenas um defluente do Atuá, sendo navegavel a vapor em toda a sua extensão. Sua barra fica a Oeste da do Atuá.

Pracuúba.—Este rio que é um simples desaguadouro das baixas e bamburraes das mattas ao S. do Atuá, não é notavel senão pelo bello estuario que se forma em sua barra e na de pequenos outros rios, n'uma extensão de 26 milhas desde a barra do Muaná até a ponta superior da ilha de Santa Cruz. Em uma das suas ilhas está a villa, nova e decadente, de Boa-vista. A borracha abunda n'este rio.

Quanaticu'.—E' um dos mais importantes rios da costa S. de Marajó. Vem dos igapós (mattos alagados) que ficam ao S. do Anajás, segue o rumo geral SSE e entra no rio Pará, pouco abaixo da villa do Curraralinho. Seu curso é longo e navegavel a vapor em grande extensão. As suas margens têm ricos siringaes e são povoadas de grande numero de barracas de individuos empregados na preparação da borracha.

Mapuá.—Este rio pertence ás aguas do Amazonas; provem dos igapós e pequenos lagos existentes nas mattas, entre o Anajás e alguns braços do Quanaticú. Segue para Oeste, perdendo-se no Aramá. E' navegavel a vapor em grande extensão, mas essa navegação exige grande cuidado, pela grande quantidade de páos, que frequentemente fluctuam no rio ou se apegam ao fundo do seu leito. As suas margens são abundantissimas de siringaes e muito povoadas de barracas de negociantes e de fabricantes de borracha.

## Clima e condições sanitarias

A Ilha de Marajó, por sua situação quasi em contacto com o Equador, está naturalmente sujeita a uma alta temperatura. Não tenho observações seguidas ou regulares para

fornecer dados seguros e exactos sobre a sua temperatura média; posso apenas assegurar que, durante os mezes de Outubro a Dezembro passados, na costa-norte e nos campos das fazendas proximas á costa, nunca notei menos de 25° centigrados de manhã até 8 horas, nem mais de 32° do meio dia ás 3 horas da tarde.

Na secção das mattas não observei o thermometro senão raras vezes e estas mesmas sómente nas horas mais quentes do dia, oscillando a temperatura entre 31° e 32°, 78. Esta secção que em tudo contrasta com a dos campos, excepto na temperatura, é as vezes demasiadamente calida durante o verão.

As mattas são mais frequentemente pantanosas; os igapós são numerosos e é ordinariamente n'elles que se encontram os mais ricos siringaes e onde o fabricante de borracha passa as primeiras quatro ou cinco horas da manhã, golpeando as arvores e colhendo a seiva para ir preparar aquelle producto dentro de uma barraca. Semelhantes terrenos não podiam deixar de ser e effectivamente não são senão outros tantos fócos de febres intermittentes e palustres, que tem dizimado milhares de pessoas.

O genero de alimento de que se servem os seringueiros não concorre pouco para aggravar o estado dos que enfermam; o pirarucú secco, o peixe do matto, as vezes alguma caça e a farinha são os unicos alimentos de que se nutrem os que estão de saude e os que adoecem, e a muitos faltam frequentemente todos esses recursos, ou apenas acham um pouco de farinha que os alimenta, tomando-a misturada com agua, e outros recorrem á bacaba e ao assahy, em falta de melhor alimento.

Ao passo que n'estes lugares o homem vê-se, como que abafado dentro de um circulo, quasi por toda a parte murado pela espessura das florestas que o rodeam, constrangido a aspirar os effluvios pestiferos das mattas e igapós sombrios, o habitante da região dos campos, sorvendo o ar puro que lhe trazem do oceano os ventos geraes, bem nutrido, alegre e vigoroso, percorre as campinas a galope sobre bons cavallos, rodeiando o gado, e conduzindo-o aos curraes. Quasi se poderia dizer: Aqui é o homem livre, alli escravo.

Mas, si nos campos da costa-norte e mesmo nos da oriental, não está o homem tão sujeito ás molestias que maltratam o habitante das mattas, não succede o mesmo no centro da Ilha, mormente nas margens do Arary. As febres n'esta parte dos campos affligem muito aos habitantes nos primeiros dous mezes do inverno; mas estão longe de produzirem ahi os

mesmos effeitos, frequentemente funestos, que ellas produzem na secção das mattas.

Do exposto não se segue que a costa-norte e a oriental estejam completamente isentas das febres intermittentes, pois é bem sabido que não ha na provincia logar algum em que ellas se não pronunciem em alguma quadra do anno com maior ou menor intensidade.

## Producções industriaes

A mais rica e importante industria da Ilha de Marajó é a criação de gado vaccum, para o que ha campos vastissimos que occupam um pouco mais de metade da sua superficie. Na contra-costa ha uma boa olaria em que se fabricam telhas, tijolos e louça vermelha. No municipio de Muaná, cultiva-se ainda o cacáo e, como no baixo Arary, ha boas plantações de canna e um bom numero de engenhos em que se fabrica aguardente e uma quantidade de assucar.

Com estas excepções, o gado nos campos e a borracha nas mattas são as unicas producções da Ilha.

## Aspecto dos campos no verão

Quando o anno entra em seu ultimo trimestre, as campinas de Marajó estão, ha muito, desafogadas; as grammineas que nutrem o gado amarellecem e seccam; o solo argiloso, aquecido pelo calor intenso do sol equinoxial, rasga-se em fendas irregulares, mais ou menos profundas; as baixas, em grande parte exgottadas, estão povoadas de gado, que n'ellas encontra pastagem ainda fresca, e bandos numerosos de aves rebeirinhas que circulam os pequenos poços em que se abrigam chusmas de peixes de varias especies. Os grupos de arvores ou ilhas umas vezes se aproximam simulando uma floresta, outras vezes se destacam a grandes distancias, tomando de longe a forma de fortificações ou fortalezas, e em algumas fazendas, a ausencia total d'estas ilhas para um ou dois lados do horisonte, dá ás campinas o aspecto d'um mar tranquillo, onde o geographo póde a vontade proceder a observações astronomicas com a maior commodidade e segurança.

N'esta epoca os feitores e vaqueiros transitam de fazenda em fazenda, ou galopam pelos campos reunindo o gado, e nem mesmo o formidavel Mondongo oppõe resistencia á sua passa-

gem em um ou outro ponto mais accessivel. E' então que tem lugar a operação da ferra e assignalação do gado, serviço fatigante, pesado e continuo, mas que pela reunião de grande numero de vaqueiros e feitores de outras fazendas, toma um pouco o caracter de uma festa rural.

E' tambem durante esta quadra do anno que se atêa fogo aos campos; e, como os ventos são já escassos, cobre-se a atmosphera d'um fumo espesso, atravez do qual o sol apparece rubro como um disco de ferro em braza. Estas nuvens de fumo são os prenuncios das nuvens do inverno que não tarda a mostrar-se.

## Inundações periodicas

Comprehende-se facilmente que em uma planicie tão vasta como é Marajó, salpicada de depressões ou baixas e com um nivel pouco superior ao dos dois grandes rios que a banham, as aguas pluviaes, não achando prompto escoamento, devem necessariamente produzir uma alagação mais ou menos geral na ilha, E' o que effectivamente succede em cada anno.

As primeiras chuvas que de ordinario começam em Dezembro, apenas humedecem a terra e fecham as fendas do solo. As de Janeiro e Fevereiro cobrem todas as baixas, e com o progresso crescente do inverno, os rios sahem do seu leito e as campinas começam a alagar-se; emfim, com as chuvas torrenciaes de Março e Abril, não restam fóra d'agua senão algumas fracções de terrenos mais altos, chamados *tezos* que existem em algumas fazendas, na facha da costa oriental e varios pontos das do Sul e Norte.

« A Ilha de Joannes, dizia em 1799, o illustre coronel de Engenheiros, Simões de Carvalho, n'uma informação dada ao capitão General,— desde o principio do inverno até proximo do verão é um *vastissimo vaso d'agua*; o resto do anno e um campo limpo.»

Esta exacta observação do distincto geographo das demarcações portuguezas no Amazonas, mostra que não é grande a differença das inundações d'aquelle tempo para as que vemos hoje.

## Aspecto durante o inverno

A Ilha acha-se alagada; os campos desappareceram transformando-se em vastissimo lago, onde os grupos de arvores são agora verdadeiras ilhas. Canôas a vela ou a remo e até

vapores medianos passam sobre esses mesmos campos que alguns mezes antes os vaqueiros percorriam a galope. Em lugares menos alagados vê-se as vezes uma montaria (canôa pequena) presa a cauda de um boi que a leva a reboque, dirigido pelo dono que vai a bordo, só ou com a mulher e filhos. Singular e pittoresco modo de transporte!

Muitas casas das fazendas assim como algumas da villa da Cachoeira, são invadidas n'este tempo pela agua e abandonadas por seus donos, e os vaqueiros que as ficam guardando refugiam-se em giráos, entrando ou sahindo indifferentemente pelas janellas ou pela porta, e sempre embarcados.

N'este estado de inundação geral não é mesmo facil distinguir o curso de um rio sinão pela linha de arvores que ordinariamente bordam suas margens. As aves ribeirinhas abandonam estes logares, emigrando em bandos para as margens do Amazonas ou para outros pontos remotos, onde possam encontrar facil nutrição.

Chusmas numerosas de insectos importunos, fugindo dos campos alagados, invadem as habitações do centro da Ilha, onde, para maior tormento, rebentam as febres intermittentes e outras muito mais perigosas, que affligem os habitantes, fazendo algumas victimas.

Tal é o aspecto da ilha na quadra do inverno.

## III

# População e povoações

Summario.—População da ilha em 1830 e 1872; seu decrescimento relativo. — Divisões administrativas. — Noticia de cada uma das povoações, e seus recursos. — As populações dos seringaes. — Estado da religião e da instrucção no interior em geral.

### População

Comparada a recente e muito imperfeita estatistica da população dos campos de Marajó, com a de 1830 de que o insigne chronista Baena nos deixou preciosas resenhas, póde-se affirmar que o seu augmento tem sido muito lento; e, ainda mais, comparado o periodo de perturbações e revoltas de 1821 a 1837, seguido de expatriações forçadas ou voluntarias de

varias pessoas e familias, com o longo periodo de tranquillidade de que tem gosado a provincia desde de 1838, seguido de uma emigração extrangeira, pequena, mas constantemente crescente, póde-se igualmente affirmar que essa população, talvez mesmo a de toda a provincia, si não tem decrescido, conserva-se estacionaria.

Na época em que Baena preparou o seu precioso trabalho, havia nas povoações e fazendas dos campos 12,637 pessoas, sendo 10,610 livres e 2,027 escravas. Das livres eram:

| | |
|---|---|
| Pretos | 11 |
| Mamelucos | 335 |
| Brancos | 584 |
| Mestiços | 588 |
| Indianos | 9,092 |
| | 10,610 |
| Escravos | 2,027 |
| Total | 12,637 |

A população actual d'esses mesmos logares é de 21,566, segundo deduso da recente estatisca, estando distribuida pelos municipios de:

| | |
|---|---|
| Chaves | 5,000 (?) |
| Cachoeira | 5,959 |
| Muaná | 6,719 |
| Monsarás | 2,096 |
| Soure | 2,792 |
| | 21,566 |

Differença para mais em 1874—8,929.

Si este augmento é assim tão fraco, teve-se em compensação a vantagem de accrescer á população e povoações d'aquelle tempo as tres seguintes villas, todas situadas na secção das mattas, contendo em seus municipios:

| | | |
|---|---|---|
| Breves | 7,000 | habitantes (?) |
| Curralinho | 3,535 | » |
| Boa-Vista | 4,014 | » |
| Somma | 14,549 | |

Este numero da população dos novos municipios, sommado com o dos campos (21,566), dá um total de 36,115 que tantos são os habitantes da Ilha Marajó.

Na somma de 14,549 está comprehendida a população da freguezia de Anajás que pertence ao municipio de Breves, e a da freguezia do Affuá que pertence a de Chaves, e na somma total de 36,115 se inclue a população da Caviana, Mexiana e outras ilhas.

## Divisões administrativas

A ilha acha-se dividida em tres comarcas que são a de Marajó, a da Cachoeira e a de Breves. Esta ultima comprehende tres municipios (Melgaço, Portel e Oeiras) que não pertencem a ilha.

Contem 5 termos, 8 municipios e 12 parochias.

Os termos são os de Chaves, Breves, Muaná, Cachoeira e Soure.

Os municipios são os mesmos dos termos e mais os de Curralinho, Boa-Vista e Monsarás.

As 12 parochias são as mesmas dos 8 municipios e mais a do Affuá, Anajás, Ponta de Pedras e Salvaterra.

As tres comarcas da ilha e os respectivos termos estão providos do pessoal competente. Não succede, porém, outro tanto a respeito das parochias, porque pela maior parte continuam vagas desde muito tempo.

Os municipios são na fórma da lei submettidos á administração das Camaras Municipaes; mas estas corporações que outr'ora foram as defensoras dos direitos e liberdades dos seus concidadãos, umas por falta de recursos, outras por falta de zelo e patriotismo, muitas por outros motivos, raras vezes cumprem o seu mandato, deixando de parte ou em total abandono os interesses dos seus municipios.

## Estado das povoações

Para dar uma noticia de cada uma povoação da Ilha, recorro ás excellentes resenhas do relatorio do illustrado ex-presi-

dente do Pará o sr. Azevedo, fazendo apenas algumas alterações que occorreram depois e combinando-as com as minhas proprias observações. As povoações são as seguintes :

Chaves.—Villa situada na costa-norte de Marajó, 9 minutos de gráu ao S. do Equador, no campo, não em uma ponta, como a figuram as cartas, mas sobre uma extensa e pouco alta ribanceira em linha recta, que domina alli as praias do Amazonas, alem do qual avista-se ao N. a 5 milhas de distancia a grande Ilha Caviana, e a NE. o grande canal que separa d'esta ilha a da Mexiana.

A villa consta de 2 praças, 2 pequenas ruas e 2 travessas muito curtas. Sua população não excede de 200 pessoas; a do municipio é calculada em 5,000.

Não tem igreja, nem capella e nem parocho; mas quando apparece alli algum sacerdote para celebrar alguns actos religiosos, serve-se d'uma casa onde estão os paramentos, imagens etc.

A cadêa é uma casinha incapaz de deter um preso que intente fugir. A casa da Camara é sufficiente para as funcções municipaes.

A instrucção primaria é dada em 2 escolas, frequentadas por 16 meninos e 8 meninas.

O estado sanitario é excellente, sendo o clima o mais saudavel que se pode desejar.

O porto é visitado mensalmente por um vapor da companhia do Amazonas; mas o commercio da villa, por ser mui limitado, não fornece compensação por esta navegação, que só é feita *ex-vi* do contracto, navegação aliás muito util porque sem ella ficaria aquella villa quasi completamente fóra de contacto da capital e da acção da administração.

O porto é completamente desabrigado e os commandantes dos vapores temem-se tanto d'elle que só alli chegam de manhã ou em alta noite. Os ventos são com effeito muito rijos no verão, agitando muito as aguas do rio e tornando perigoso o movimento de cargas e passageiros.

Póde-se dizer que a villa tem mais de uma vez mudado de logar, recuando para o campo; o antigo quartel occupava outr'ora mais ou menos o logar em que hoje fundêa o vapor da Companhia do Amazonas, e aquelle em que existiu a antiga igreja matriz é hoje o limite inferior da praia na maior baixa-mar, cerca de 240 metros do villa actual; e muitas casas modernas estão sendo aluidas e desmoronadas, a medida que o terreno alto em que foram construidas se vai desfazendo em cada anno pelo effeito do embate das ondas.

Chaves foi a antiga Aldêa dos Aruans, missionados pelos virtuosos padres de Santo Antonio, sob cuja administração benefica e feliz a aldêa, apezar de sempre ameaçada e ás vezes mesmo atacada por selvagens a soldo ou serviço dos francezes de Cayena, chegou a certo gráu de prosperidade e importancia até o anno de 1757, em que foi elevada a cathegoria de villa com o nome de Chaves. O concelho do governo provincial, em 1833, supprimiu este nome, substituindo-o pelo de villa do Equador; mas uma lei provincial de 1838 supprimiu por sua vez este, restituindo á villa o de Chaves.

Affuá.—Com este nome que não é indigena nem portuguez, existe uma nova povoação, 35 milhas a O. de Chaves, na ponta de uma ilha da margem direita e orieutal do Affuá que desemboca no Amazonas, 4 milhas abaixo e defronte da ilha das Pacas.

Collocada quasi toda sobre terreno alagadiço que com a maré de enchente se cobre d'agua, esta povoação symbolisa e representa bem a quem lhe deu existencia:—a industria da borracha. Prolonga-se pela beira de um igarapé que vae sahir no Furo da Cajuúna e consta de uma só fileira de casas, quasi todas construidas sobre estacadas de madeira, como uma aldêa lacustre dos tempos antihistoricos; a rua é só uma, e essa mesma é, por assim dizer, aerea por ser um largo estrado de pranchas da palmeira muruti ou de grossas taboas assentadas, como as casas, sobre estacadas de madeira.

Na parte em que ha terreno enchuto e superior ás aguas da maré, está uma capellinha asseiada que serve de matriz; n'esta parte ha só 5 ou 6 casas, todas inferiores ás que estão sobre o alagadiço.

A povoação é pequena e contem uma população que varia de 100 a 300 pessoas conforme o tempo e as occasiões; tem uma escola de instrucção primaria elementar, frequetada por 16 alumnos; não tem, porém, escola para meninas que as ha alli em grande numero e que vão crescendo em completa ignorancia.

Tem varias casas de commercio e n'ella reina uma notavel actividade, nos dias em que chega um vapor; o porto cobre-se de canoas de seringueiros e regatões, os trapiches estão em continuo movimento de cargas, de negociantes e de caixeiros e tudo é vida e actividade. Nos outros dias, a povoação cahe em apathia e o numero de pessoas baixa consideravelmente pela retirada das tripolações e patrões das canoas que voltam aos siringaes.

Anajás. — E' outra povoação criada pelo commercio da borracha. A seu respeito basta-me reproduzir aqui, sem muita alteração, o que disse em 1874 n'uma informação dada á presidencia.

Esta povoação, que o povo chama Mocoões, está situada defronte da bocca do rio d'este nome, que do lado do Norte alli conflue com o Anajás, em cuja margem sul ou esquerda ella se acha. Consta de 4 ou 5 casas pequenas cobertas de telha e de muitas palhoças ou cabanas, todas habitadas por 250 a 300 pessoas.

Além de um trapiche que é o maior estabelecimento commercial, ha muitas outras casas de negocio em ponto pequeno, e poucas são as que não têm alguma cousa a venda, independente de balcão e balança; tem officinas de alfaiates, carpinteiros, sapateiros, ferrarias, padarias etc.; algumas, porém, vão se fechando por falta de interesse.

A povoação foi creada freguezia pela lei provincial n. 596, de 1869, sob as seguintes condições do art. 2º que diz assim:

«... a freguezia *começará* a funccionar quando os habitantes do lugar *tiverem feito a igreja, casa de residencia* do parocho e o *cemiterio.*»

Nem uma d'estas condições foi satisfeita até hoje; mas a despeito d'isso, ou por isso mesmo, mal foi decretada a lei, a freguezia *começou logo* a funccionar, mandando-se provisoriamente para ella o vigario collado de Macapá e indo parochiar a esta um dos conegos da Sé.

A freguezia não tem ainda igreja alguma, a missa e todos os mais actos religiosos eram celebrados, até 1874, em um quartinho do trapiche dos srs. Monteiro & Cª. Em frente d'este quartinho-matriz, onde algumas vezes seria mistér expôr o Sacramento e onde se deviam celebrar actos de tanto respeito e magnitude, como são os relígiosos, depositavam os freguezes do trapiche seus saccos de farinha, barris de manteiga, feixes de pirarucú, molhos de tabaco, cambadas de borracha, azeite, carne secca etc.; com taes cargas que as canôas e vapores alli depositavam, ficava o logar litteralmente tão intupido que era impossivel abrir a porta d'aquella síngular matriz e muito menos celebrar o vigario a sua missa no meio de semelhante bazar.

Hoje esse quartinho deixou felizmente de ser a matriz. A casinha que agora serve de igreja, nada tem de melhor; mas já se não vê o escandalo ou profanação que notei e que foi devida á precipitação com que, em despreso da lei provincial, se

tratou de installar a freguezia, illudindo-se, com informações inexactas, a boa fé do rvd. Bispo que não conhecia a localidade.

Tinha o povo levantado esteios e traves para uma igreja, e isto foi provavelmente o que fez crer que esta já existia; mas essa armação não foi adiante, desde que se obteve o fim principal que se tinha em vista.

O vigario provisorio mora em uma casinha cuja coberta e paredes são de palha.

No estado deploravel em que desde alguns annos vae rapidamente cahindo o espirito religioso da provincia, penso que seria de muita utilidade e conveniencia construir-se alli uma igreja, concedendo o governo para isso algum auxilio pecuniario aos habitantes, ou ao menos concorrendo com tijolos, telhas e cal, como pedem as mais dignas e respeitaveis pessoas da freguezia.

Na povoação ha 2 escolas primarias e uma particular, sendo esta ultima para o sexo femenino frequentada por 10 alumnas.

A borracha é o genero que dá vida a esta povoação, para a qual attrae um commercio activo e importante. Todas as mattas da freguezia são ricas de arvores que fornecem este producto. Notei, porém, na minha ultima visita a esta povoação que ella marchava visivelmente para a decadencia, e este juizo foi corroborado por pessoas muito praticas do logar, que attribuem esse principio de decadencia a diversas causas e principalmente ao facto de subirem os vapores hoje até Luciana e Cunhatan, onde recebem e entregam cargas, com prejuizo certo do commercio da freguezia.

Breves.—Villa da costa S. O. de Marajó, situada á margem-norte do Furo Paráuarú, com um bom numero de casas, algumas bem construidas e de boa apparencia; uma matriz ha pouco tempo reconstruida; duas escolas primarias, uma com 63 discipulos e outra que conta 12 meninas; uma cadêa que não é mais do que um velho casebre com grades de páo, que lhe dá mais a apparencia d'uma gaiola do que d'uma prisão.

A população, hoje muito dizimada pelas febres palustres, pouco excede de 400 pessoas. A do municipio é de 10:000 habitantes.

Breves a 50 ou 60 annos era um logarejo em que morava uma familia de indios domesticos; dous portuguezes irmãos que tinham o sobrenome de Breves, foram alli negociar e se estabeleceram com uma pequena casa de commercio. O logar augmentou-se pouco a pouco e ficou conhecido com o nome

dos dous portuguezes.(1) Em 1851 foi creada freguezia e logo depois teve o titulo de villa.

Esta villa floresceu bastante até 1870, graças ao seu excellente porto e á sua situação vantajosa sobre o magnifico canal do Paráuarú, que tem sido o unico caminho livre e franco para toda a sorte de navios e vapores, que de Belem demandam as aguas do Amazouas.

O commercio, muito abatido pelos estragos da epidemia, é hoje muito fraco; a agricultura está em quasi total abando-

---

(1)—Houve neste ponto um pequeno engano do auctor.

Cincoenta ou sessenta annos antes de 1874 (época em que o auctor escreveu) Breves já existia com este nome; o historico da fundação é o seguinte: «Em 1781, Manoel Maria Fernandes *Breves*, em companhia dos membros da sua numerosa familia, requereu ao governador e capitão-general do Pará, José de Napoles Tello de Menezes, auctorisação para fundar um povoado, no logar hoje comprehendido pela cidade, e, despachado favoravelmente, ahi estabeleceu-se com a sua familia, passando o sitio a chamar se «*Sant'Anna dos Breves*».

«*Breves* é, pois, o appellido da familia dos fundadores, sendo, portanto, mais correcto dizer-se: *cidade dos Breves* do que *cidade* de Breves. O documento em que se verifica a fundação é o seguinte: «*Portaria.—Attendendo ao que em seu requerimento me expoem Manoel Maria Fernandes Breves e seus parentes Francisco dos Santos Gouvêa, Victoriano Fernandes Breves, Bôaventura Fernandes Breves, João Antonio de Barros, José Ventura de Souza* e *Ignacio Coelho da Silva, chefes todos e cabeça cada qual das numerosas familias que constam da relação junta;*

*Attendendo á informação e parecer que houve do Ouvidor Intendente Geral do Estado;*

*Attendendo á consideração das vantagens e utilidades que ao mesmo devem resultar da multiplicação dos seus estabelecimentos e povoações;*

*Attendendo a certeza alcançada da bôa e fertil paragem em que pretendem fundar a sua nova povoação as sobreditas familias, debaixo do Meu Beneplacito e das Reaes Ordens de Sua Magestade, a quem, para mais solenne reconhecimento de fiel vassalagem, desde logo cedem e outorgam, a beneficio do mesmo estabelecimento, as terras proprias, que por Carta de Data, confirmada pelo real punho de Sua Magestade Fidelissima, o Senhor Rei Dom João Quinto, de gloriosa recordação, possuirão naquelle districto, sem pretenderem outra alguma cousa mais d'este governo que a Particular Protecção ao seu estabelecimento e lavouras, igualmente uteis ao publico, que promovidas por mim;*

*Concedo aos referidos Fundadores a Permissão de poderem estabelecer-se na paragem pelos mesmos eleita em o seu requerimento que nesta secretaria fica, com os documentos a elle juntos, erigindo nella um Logar para sua assistencia debaixo da Denominação de Sant'Anna dos Breves; com a faculdade de conservarem nelle as suas familias e de poderem pelo tempo em diante receber mais qualquer parentes ou alliados e ainda mesmo outros indios, que, não sendo ainda aldeiados voluntariamente quizerem-lhes unir; sem que o Director ou Pessôa alguma haja de perturbal-os no seu Estabelecimento emquanto nelle viverem em honestidade, obediencia e aproveitamento. O doutor Intendente Geral o tenha assim entendido e o faça executar, mandando-o registrar nos livros a que tocar.—Pará a 20 de Outubro de 1781.—(Assignado).—José de Napoles Tello de Menezes.* (Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Publica do Pará) *Esparsas—Cidade dos Breves.* ARTHUR VIANNA.» Publicado na «Provincia do Pará», Janeiro de 1899. N. DA R.

no, e, com excepção d'uma olaria de telhas, tijolos e louça vermelha, a industria consiste no fabríco da borracha de que se exporta grande quantidade.

Curralinho. — Villa situada sobre uma varzea na parte mais austral de Ilha de Marajó, e á margem esquerda do rio Pará, porto sufficiente para os vapores que alli fazem escala; boa ponte para movimento de cargas; estado sanitario actualmente satisfactorio,

A povoação compõe-se quasi sómente de uma longa fileira de casas de um unico pavimento, mas de boa apparencia e asseiadas, extende-se ao longo d'uma praia de areia, o que tudo concorre para dar á villa um aspecto agradavel.

A sua igreja matriz é uma das mais bellas do interior da provincia e a melhor que existe em toda a Ilha de Marajó.

As duas escolas primarias da villa contavam uma frequencia de 27 meninos e 14 meninas.

Ha 14 ou 15 annos Curralinho era ainda uma fazenda particular; a convite ou por concessão do seu proprietario, os vizinhos edificaram alli diversas casas e, quando já sufficientemente povoada, foi o logar creado freguezia e constituido villa em 1865.

A agricultura vae, como succede geralmente, cahindo em abandono, e quanto a industria, a excepção de uma pequena e nascente fabrica de louça grossa que por emquanto pouco produz, é a preparação da borracha que occupa os braços e as forças do povo.

Boa-Vista.—Esta villa está constituida na ilha de Santo Antonio, pertencente ao estuario do Pracuúba, consta de uma fileira de 18 casas geralmente pequenas e de uma igreja tambem pequena, que serve de matriz, de construcção ligeira e por isso já em ruinas.

O quartel e a cadêa estão nos baixos de uma pequena casa mui pouco conveniente, em cujos altos funcciona a escola primaria de meninos.

Esta escola estava sendo frequentada por 25 alumnos. A do sexo feminino tem sido infructifera; a sua frequencia não excedia de 5 meninas.

A villa contem 80 pessoas e o seu municipio 4,014.

O estado sanitario tornou-se pessimo em 1872 pela invasão das febres palustres; hoje tem muito melhorado, podendo-se considerar extincta a epidemia, excepto em alguns pontos do rio Pracuuba.

Os habitantes do districto do Pracuuba e Atatá, perten-

cente ao municipio de Muaná, desejando ter um porto em que tocassem os vapores e uma igreja, começaram de commum interesse a construir casas e uma capella no terreno enxuto da ilha de Santo Antonio.

Feita a povoação promoveram-se assignaturas para se pedir a creação d'uma freguezia; o povo assignou e o logar foi creado freguezia em 1868, por lei provincial n. 584. Então houve alguns que, sem dizerem porque ou com que fim, pediram a creação d'um villa, e a villa foi creada pela lei n. 707 de 1872.

Mas esta povoação, que a borracha criou e que a lei creou villa e freguezia, é muito pobre e vae, como a sua pequena matriz, cahindo em ruinas desde que os habitantes do districto, reconhecendo que nada ganhavam com ella, deixaram de frequental-a, e que alguns negociantes transportaram-se com seus generos para as ilhas vizinhas, onde estabeleceram suas casas e feitorias, chamando para ellas o commercio, os fabricantes de borracha e os vapores particulares.

O nome de *Boa-Vista*, dado á villa, é devido a um simples phenomeno de espelhagem ou *mirage*, como dizem os francezes. De longe e quanto mais de longe se avista a povoação, tanto mais ella parece bella e até ornada de grandes edificios; mas quanto mais se vae approximando d'ella, mais se vão desfazendo as illusões, até que, chegando-se ao porto ou desembarcando, se reconhece que é uma povoação nova com toda a physionomia e todos os traços de villa caduca e arruinada.

Nem podia deixar de decahir e arruinar-se desde que não tem elemento algum de progresso em seu seio. Nem nas vizinhanças da villa, nem no municipio se acha agricultura ou qualquer outra industria por estar esta toda concentrada na preparação da borracha, de que o rio Pracuúba e as ilhas do estuario produzem grande quantidade.

Muaná. — Villa situada á margem direita do rio do seu nome, 12 a 14 milhas acima da sua barra; povoação com 2 praças, 4 ruas, boa igreja matriz, casa municipal propria da Camara, quartel, servindo tambem de cadêa, mas em partes separadas, bom cemiterio e 82 casas, muitas d'ellas construidas com certa elegancia, 5 casas commerciaes, 3 de alfaiates, 2 de sapateiros e 2 de padeiros, 257 moradores, 2 escolas de instrucção primaria, frequentadas uma por 45 alumnos e outra por 10 meninas; estado sanitaaio quasi satistactorio.

A população do municipio é como se segue:

| | | |
|---|---|---|
| Habitações ou casas . . . . . | | 954 |
| Pessoas livres | Sexo masculino. . . . | 2,449 |
| | « feminino. . . . | 2,624 |
| Escravos . . . . | « masculino. . . . | 328 |
| | « feminino. . . . | 318 |
| Total dos livres . . . . . | | 5,073 |
| « dos escravos . . . . . | | 646 |
| « da população. . . . . | | 5,719 |

Fóra da villa ha 19 casas de commercio, 12 engenhos de moer canna, sendo 2 movidos a vapor, 2 serrarias, algumas olarias pequenas e diversas fabricas de tecidos de fibras vegetaes.

A agricultura vai cada vez em maior decadencia; cultiva-se cacáu que se exporta, e alguns generos alimenticios que mal satisfazem a necessidade dos habitantes, e nos campos do Anabijú e do Atuá cria-se muito gado.

A exportação principal é a borracha, o cacáu e bois em pé.

Muaná, segundo o que se me informou, foi ha longos annos um estabelecimento particular em que se cultivava o cacáu para o que são excellentes as terras; o augmento da familia do proprietario multiplicou o numero de casas e por fim veio o logar a formar uma pequena povoação que cresceu lentamente até o anno de 1833, em que o concelho do governo deu-lhe a cathegoria de villa.

Ponta de Pedras. — Esta povoação é uma freguezia do municipio da Cachoeira. Está situada á margem esquerda do rio Marajó-assú, pouco acima da barra d'este rio. Nunca visitei esta povoação.

Monsarás.—Villa da costa oriental da ilha de Marajó, situada ao pé e ao N. da foz do rio Camará, e entre os municipios da Cachoeira e de Soure; povoação mediocre, com uma velha igreja matriz; 3 escolas de ensino primario com a matricula de 42 meninos e 16 meninas; estado sanitario excellente; clima regular; população mui diminuta.

Esta povoação foi uma antiga aldêa de indios que a chamavam *Cayá*. Os padres de Santo Antonio foram os primeiros missionarios d'estes indios que os veneravam e amavam como pai e amigo. Em 1757 esta aldêa foi elevada a cathegoria de villa com o nome de Monsarás. Ella decahiu quasi completamente da tal ou qual prosperidade a que tinha chega-

do sob a direcção prudente e veneravel dos seus missionarios antigos.

O municipio contem 2,096 habitantes e grande numero de fazendas de gado, cuja criação é a industria principal e quasi unica dos moradores, havendo alguns que se dão á pesca e poucos outros ao fabrico da farinha.

A agricultura é nenhuma, pois que apenas se cultiva um pouco de mandioca e arvores fructiferas.

Monforte. — Esta pobre e decahida povoação que já foi freguezia e villa, relativamente rica e populosa, é hoje apenas uma recordação historica dos primeiros tempos da civilisação de Marajó. Foi ella que deu o antigo nome de *Joannes* á ilha, pois que Joannes era o antigo nome de Monforte.

Os padres de Santo Antonio foram os seus primeiros missionarios, como o foram de todas as aldêas das costas septentrional e oriental da ilha.

Em 1757 essa aldêa de Joannes foi elevada a villa com o nome de *Monforte* pelo governador e capitão general do Pará.

A povoação está no logar mais alto que axiste em toda a ilha, e junto á costa oriental. Pertence ao municipio de Monsarás.

Salvaterra. — Esta freguezia que foi a antiga aldêa dos *Sacácas*, ramo da raça Aruan, e que em 1757 teve o titulo de — villa de Salvaterra, — acha-se situada na margem direita e quasi na foz do Igarapé-Grande, sobre terreno pedregoso e relativamente alto.

E' um logar sempre fresco, muito sadio e aprasivel pela vista ampla sobre as aguas do Pará, com excellente logar para banhos de aguas do mar, desde Agosto até Janeiro, vantagens que não tem sido aproveitadas por ser a povoação quasi toda composta de pessoas de poucos haveres. As casas são em geral mediocres e a igreja matriz é o seu unico edificio publico. Ha alli uma escola de ensino primario. A industria unica dos habitantes é a pesca e a criação de gado bovino.

Foi uma das missões dos padres de Santo Antonio.

Em 1833 perdeu o predicamento de villa; tinha então, segundo Baena, 497 habitantes em toda a freguezia.

Soure. — Villa situada á margem esquerda do Igarapé-Grande, cerca de 2 milhas acima da foz d'este rio que lança-se na costa oriental da ilha; 240 a 250 habitantes; 3 escolas de ensino primario, sendo uma nocturna, bom numero de casas entre as quaes algumas bem contruidas; igreja matriz muito acanhada e pouco conveniente; estado sanitario satisfactorio,

clima saudavel, grande abundancia de excellentes peixes do mar, durante o verão (de Setembro a Janeiro), porto abrigado e bons logares para banhos.

O municipio de Soure compõe-se geralmente de campos e por isso é a industria principal dos seus habitantes a criação de gado vaccum em grande escala, para o que ha grandes fazendas. A agricultura está em abandono, embora haja terrenos proprios para a lavoura.

Entre a capital e Soure, ha uma linha mensal de navegação a vapor, em cumprimento do contracto da Companhia do Amazonas com o Governo da Provincia para o transporte de malas e para communicações regulares entre os dous pontos da linha.

Pequenas e grandes canôas navegam entre Soure e as fazendas existentes ao longo das margens do Igarapé-Grande.

O municipio conta 2,792 moradores e tem, para instrucção da infancia, 6 escolas em que estão inscriptos 91 alumnos e 49 alumnas. A freguezia de Salvaterra está comprehendida n'esta estatistica.

Soure foi uma antiga aldêa dos indios Maráuanás, da raça Aruan, missionados pelos padres de Santo Antonio até o anno de 1757, em que o capitão-general do Pará deu a aldêa a cathegoria de villa, titulo que o governo da provincia, em conselho, cassou em 1833, e que em 1847 lhe foi restituido com o mesmo nome de Soure por uma lei provincial.

Cachoeira.—Villa situada nos campos á margem esquerda do Arary, 22 milhas acima da foz d'este rio; compõe-se de uma vasta praça, ou para melhor dizer, de um campo, tendo no meio uma boa e aceiada igreja matriz, muitas casas isoladas ao lado do campo, e uma fileira extensa de outras á beira do rio, para o qual deitam os fundos; ficando as frentes para a grande praça. E' d'esta longa fileira, dividida em 2 secções isoladas, que estão as casas principaes, algumas das quaes bem construidas e de boa apparencia; e é ahi tambem que estão as casas de commercio, e as escolas primarias, o quartel e a cadêa; quasi a villa toda.

A população da villa pouco excederá de 280 habitantes; a do municipio conta 5,959 moradores, sendo 3,238 para a freguezia da villa e 2,721 para a de Ponta de Pedras.

As duas escolas de instrucção primaria da villa tinham a população de 45 alumnos e 10 alumnas, havendo mais no municipio duas escolas, em Ponta de Pedras e uma no baixo Arary; sendo todas povoadas por 135 alumnos.

O municipio da Cachoeira é o mais importante da ilha; é essencialmente criador e o principal productor de gado vaccum

para o qual possue riquissimas pastagens; alem d'estas vantagens, tem tambem a de ser o seu territorio atravessado em toda a extensão pelo rio Arary que não só é o maior da ilha, mas é livremente navegavel e navegado a vapor desde a foz até o Lago Arary, pois que se não deve contar como embaraço real os barrancos de canaranas que muitas vezes apparecem, mas que facilmente se póde remover. Infelizmente, porem, estas vantagens que os fazendeiros mais intelligentes sabem aproveitar, são contrariadas pelo deploravel costume do furto de gado, que n'este municipio se faz em mais larga escala de que em qualquer outro, costume que tanto concorre para o atraso e decadencia de tão nobre e tão util industria, qual é a da criação de gado.

A agricultura está em grande atraso, cultivando-se nas suas terras araveis que são poucas, mas de boa qualidade, uma diminuta quantidade de algodão, milho, arroz e mandioca; tudo insufficiente para o consumo dos habitantes.

Exporta cerca de 8,000 bois em pé e, em pequena escala, carnes preparadas de diversos modos e um pouco de borracha; esta exportação se faz em barcos a vella, que já vão sendo menos frequentes, e a vapores que, durante o inverno, penetram livremente até o coração da ilha, mesmo através dos campos alagados.

Cachoeira foi ao principio uma fazenda particular, com uma excellente casa de vivenda, e uma boa igreja. Por pedido dos visinhos e consentimento do proprietario, o gorverno portuguez creou alli uma parochia em 1747, mas parochia sem povoação porque o proprietario não permettia a ninguem edificar alli qualquer casa, provavelmente com o temor de vêr entre os moradores alguns que lhe roubassem o gado.

Em 1791 os fazendeiros visinhos requereram que este logar fosse creado villa, afim de terem a liberdade de edificar alli suas casas, camo desejavam e promettiam fazer; mas oppondo-se o proprietario da fazenda a esta pretenção, não teve logar o creação pedida.

No anno seguinte (1792), o inspector geral da ilha Florentino da Silveira Frade escreveu uma carta ao governador e capitão-general, D. Francisco de Souza Coutinho, acompanhada d'uma representação assignada por elle e pelos principaes habitantes da freguezia do Arary, mostrando a necessidade e as vantages de crear-se uma villa n'aquelle mesmo logar chamado Cachoeira, onde estava a matriz; e D. Francísco, que pouco depois foi á ilha para examinar pessoalmente o modo

melhor de executar uma ordem régia sobre as fabricas de carne, evitando o furto de gado e outras questões, chegando a Cachoeira, procurou e fallou ao dono da fazenda para que cedesse o terreno necessario para a villa; mas, si Francisco Coutinho era altivo e absoluto em sua vontade, o dono da fazenda não era menos resoluto de animo e emperrado em suas idéas; firmado em seu direito, recusou-se formalmente a ceder o terreno, não consentindo que os habitantes alli fizessem qualquer casa, nem mesmo uma cabana em que se podessem abrigar quando lá fossem aos domingos e dias santificados.

Em consequencia d'esta opposição pertinaz d'aquelle potentado, não teve logar a creação da villa, não obstante o apoio e informação muito favoravel que o capitão-general deu á representação dos fazendeiros perante o governo portuguez.

Mais tarde, em 1811, creou-se uma villa n'um logar deserto, e esta creação ficou só em papel e tinta e no levantamento de um Pelourinho. Ninguem lá fez casas.

Finalmente, muitos annos depois da morte do proprietario da Cachoeira, consentiram os herdeiros em que os visinhos alli edificassem casas; e, em 1833, o presidente da provincia em conselho, creou definitivamente a villa com o nome que tinha o logar.

## As populações nos seringaes

No periodo de 1840 a 1870, o alto valor a que chegou a borracha, augmentando o numero dos seus productores, deu occasião a se povoaru ma boa parte das mattas da ilha; é assim que as margens do Affuá, Cururú, Anajás e Mapuá, que ainda eram sómente habitadas pelos poucos descendentes directos dos antigos indigenas, receberam de prompto uma população mais ambiciosa, que infundiu sua energia e actividade n'aquelles impassiveis habitantes que não tardaram a ser envolvidos e mesclados na raça e no genio mercantil dos seus hospedes.

Esta especie de assimillação dos restos da velha raça indigena á raça nova, não deixou de produzir effeitos vantajosos ao paiz; é por effeito d'ella que hoje todos aquelles rios, como as ilhas adjacentes a Marajó, estão povoados de cabanas de seringueiros, barracas e mesmo muitas casas de negociantes, de canôas de regatões e de vapores que penetram todos esses logares, e por innumeraveis furos ou defluentes, á procura da carga favorita e unica,—a *borracha.*

Entretanto, a cobiça que excita o preparo e commercio d'esse valioso genero, não tardou a desmascarar-se; é ella que, emquanto sepulta nos seringaes milhares de pessoas, vai entretendo o resto da população na ignorancia e indifferentismo para a instrucção, para a religião, para com a patria, para com Deus, emfim para todos os mais nobres sentimentos do coração humano; e é por ella que a população definha e vive na miseria, e que todos os que se dão ao fabrico da borracha estão cobertos de dividas e, morrendo, arruinam suas familias, prejudicam aos credores que tiveram a imprudencia de lhes confiar seus generos, e concorrem assim, em parte, para os apertos e perturbações em que se tem achado o commercio da capital.

Ainda mais; as mesmas povoações que se levantaram á mercê e á sombra do commercio da borracha, ou estão já em ruinas, como a villa da Boa-Vista, ou chegaram a um ponto estacionario de que começam a retrogradar e cahir, como o Anajás

Em toda a parte a agricultura tem desapparecido, absorvida e subjugada pelo predominio da borracha que tem aniquilado geralmente toda a sorte de industria util com excepção da pastoril. Localidades excellentes para a cultura do cacáu, ou para a do café, algodão, mandioca, urucú, etc., nas quaes estes generos podiam, como nos tempos anteriores á borracha, dar abundantissimos productos com vantajosos proveitos para os cultivadores e para as rendas publicas, são lançados ao despreso. E quantas vezes não tenho visto alguns bons cafezaes e riquissimos cacáuaes invadidos pelo matto ou em total abandono.

E' impossivel que um homem de bom senso e amigo do paiz olhe com indifferença para estas cousas! Reflectindo-se sobre esta estranha situação da vida industrial da provincia e, mais acuradamentn sobre a degradação moral em que vai cahindo a passos rapidos a população dos seringaes,que comprehende hoje mais ou menos um terço e talvez a metade do pessoal da provincia, não se póde deixar de lamentar o descuido com que se tem olhado, ou se não tem olhado, para esse mal que cresce sempre e que affecta profundamente ao interesse de todas as classes da nossa sociedade.

*( Continúa )*

D. S. Ferreira Penna

# O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(CONTINUAÇÃO)

## CAPITULO II

## ANTECEDENTES REMOTOS

## PRIMEIRO PERIODO

O cerebro humano é como que um ovario, onde se gera a vida hyperphysica dos povos. Quer nelle se agite um genio ou uma mediocridade, uma grande ou uma pequena intelligencia, ahi se forma a vida social; ahi se geram os germens de que se originam os phenomenos de ordem moral. D'esse laboratorio de idéas nascem os principios genesicos de toda a dynamica social, como do grande laboratorio do universo nascem todos os corpos organicos e inorganicos que occupam o espaço infinito, e os respectivos phenomenos e propriedades. E assim como da qualidade do ovulo animal dependem as condições de vida do nascituro, assim tambem da qualidade do *ovulo cerebral* dependem os seus rebentos. Dos genios nascem as grandes façanhas; das mediocridades, os pequenos feitos; tudo, porem, constituindo o ambiente geral da phenomenalidade social, que tira dessa diversidade de factos muita graça e encanto. Identico aspecto nos offerece a Natureza, produzindo o debil junco ao lado do robusto cedreiro; o minusculo mosquito ao lado do gigantesco elephante.

De par com a vida material escôa-se a vida immaterial ou hyperphysica; tanto n'uma como n'outra os phenomenos succedem-se n'uma cadeia intermina de causas e effeitos. E' innegavel que em toda a phenomenalidade ao alcance da percepção humana existe esta duplicidade de phenomenos : uns que têm por causa a materia; outros, *o que quer que seja* que não é materia, e que as escholas metaphysicas e a philosophia do povo chamam *alma* ou *espirito*. Com quanto adepto do positivismo, no que concerne á relatividade dos conheci-

mentos humanos, que não podem ultrapassar as raias do *positivo*, do real, isto é, do que podemos perceber physica e psychicamente, não podemos deixar de crer na existencia de um agente, que nada tem de material, e cuja realidade é atestada imputavelmente pelos phenomenos que produz, nos quaes todas as escolas acreditam por que são reaes.

Esses phenomenos, — animáes ou espirituaes, — têm por séde o cerebro, do qual cremos que sejam funcções, — crença baseada não só nos estudos feitos por psychologistas emeritos, como tambem pela dependencia em que se acham esses phenomenos do cerebro, de cujo estado sanitario dependem para funccionarem. Isto é uma verdade ao alcance de todos, e que só espiritos opiniaticos e caprichosos poderão negar.

E se isto é uma verdade incontestavel, não o é menos que ha tambem dentro de nós um segundo agente, que não só *vê* esses phenomenos, com tambem os *dirige* e *estuda*: o que leva a crer n'uma dupla existencia psychica. Effectivamente: se é certo que um mesmo individuo não póde ao mesmo tempo ser sujeito e paciente, deve tambem ser certo que os phenomenos que se operam no nosso cerebro não podem ser estudados por si mesmos, mas sim por um ser independente d'aquelle que os produz; e é a esse ser superior, *que dirige* não só as funcções cerebraes, como tambem todos os nossos actos, tanto physicos como psychicos, que nós, usando do termo usual, chamamos alma: crença, que longe de ser uma incoherencia com o principio positivista, é, pelo contrario, um corollario d'essa doutrina philosophica, segundo o qual devemos crer em tudo quanto possa cahir debaixo da nossa observação; e ninguem negará seriamente que esse ser director de todos os nossos actos, não póde ser observado.

O que seja, porém, esse *quid*, essa força mental, não podemos saber, porque nos é impossivel conhecer a *cousa em si*, podendo apenas perceber os seus phenomenos e propriedades. Materia ou espirito, a *cousa em si* não é mais que uma simples possibilidade de sensações.

Postos estes principios exigidos pela coherencia scientifica e pela necessidade de melhor orientar o estimavel leitor no plano deste trabalho, procuremos descobrir a luz delles e da concepção acima esboçada de sociologia —, a genese do phenomeno social que nos preoccupa; e em que cerebros se gerou essa grande individualidade social conhecida na historia dos povos por *Descobrimento do Brazil.*

Um simples relancear de olhos pelo passado, atravéz das

edades illuminadas pelo sol das descobertas maritimas, faz descobrir duas cabeças leoninas, que se destacam no céo da Historia como os sóes no firmamento: Raymundo Lullio (ou Lull) e o Infante D. Henrique. Malhorca e Sagres foram os ninhos onde fecundaram os germens dos quaes devia surgir este colosso, que é a nossa gloria e a inveja da humanidade culta— o Brazil. Malhorca e Sagres foram os ninhos onde implumou-se esta aguia gigantesca, cujos vôos possantes e altaneiros deviam um dia devassar os céos dos progressos humanos.

A maneira porque se operou tão gloriosa *gestação* constitue o objecto propriamente dito deste estudo. Desçamos, pois, ao passado com a lampada da observação na mão, e çolhamos de lá a verdade historica, pura e inteira, sem preconceitos e sem parcialidade, convencido como estamos de que sendo a historia uma licção moral, como muito bem disse Oliveira Martins (1), é de absoluta necessidade que essa licção não seja viciada nem deturpada, para que possa produzir seus beneficos effeitos; e mal haja todo aquelle que, tendo de escrever a historia de uma raça, de um povo ou de um individuo, sacrifica a verdade historica ás suas paixões e preconceitos, mareando assim a sciencia em que labuta e falseando os seus verdadeiros intuitos.

*
* *

Sendo o descobrimento do Brazil o resultado de uma expedição maritima, é necessario procurar na historia da navegação o primeiro élo d'essa longa cadeia de acontecimentos terminados com a abordagem da frota de Pedro Alvares Cabral (alguns escrevem Pedr'Alvares Cabral) á costa do Brazil, a 22 de Abril de 1500 (2); e sendo a navegação uma das

(1) Historia de Portugal.

(2) Tal é a data em que, segundo Pero Vaz de Caninha, na sua memoravel carta a el-rei D. Manoel, Pedro Alvares Cabral e seus companheiros toparam aves, a que chamam *fura-buchos* e houveram visto de terra; primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas ao sul delle; e depois, de terra chã com grandes arvoredos.

O dia 22 de Abril de que ahi se fala é o do calendario Juliano, tambem chamado *Antigo Estylo*, introduzido por Julio Cezar 45 annos A. de Christo, depois de ter ouvido a opinião de Sosigenes, grande astronomo, que calculou o anno solar em 365 dias e 6 horas exactas, alterando assim o calendario romano, cujo anno era, no tempo Romulo, dividido em 10 mezes, com 304 dias, assim divididos: Março 31 dias, Abril 30, Maio 31, Junho 30, Quintillio (Julho) 31, Sextilis (Agosto) 30, Setembro 30, Outubro 31, Novembro 30, Dezembro 31.

Numa Pompilio accrescentou os mezes de Janeiro e Fevereiro, e formou o

expansões do espirito commercial, é facil concluir desde já que o germen de todas essas expedições maritimas de que nos fala a Historia, foi esse espirito commercial, essa *vis agendi in mercaturis*, —producto psychico do egoismo innato ao homem, de que Bentham faz o movel de todas as nossas acções e da lucta pela existencia, em que Darwin faz consistir a vida humana. Foi esse desejo innato e sempre crescente de alargar o commercio, estabelecendo relações com povos remotamente installados, que originou essas crusadas commerciaes, em que, em vez de uma Terra Santa, attrahia os novos argonautas a ambição dos lucros sonhados.

Foi esse prurido intenso de enriquecer, essa ancia voraz de accumular thesouros que, alastrou *mares nunca d'antes navegados* de centenas de navios portadores de missionarios da religião do Trabalho, que lá iam em longes plagas plantar o

---

anno com 355 dias, assim divididos: Janeiro 29, Fevereiro 28, Março 31, Sextillis (Agosto) 29, Setembro 31, Outubro 29, Novembro 29, Dezembro 29. Foi o calendario juliano que instituio os annos bissextos, formados com as 6 horas excedentes em cada anno, e que de quatro em quatro annos formam um dia, que foi annexado ao mez de Fevereiro

O correr dos tempos mostrou que Sosigenes se havia enganado em 11 minutos no calculo que fez do anno solar. Tendo o Concilio de Nicéa, que adoptou o calendario juliano, no anno 325 da éra christã, fixado a Paschoa no dia 21 de Março, dia do equinoxio do inverno (para a nossa região), aconteceu que no pontificado de Gregorio XIII esta e todas as festas moveis se tinham antecipado 10 dias. Por isso mandou o papa em 1582 que o dia 5 de Outubro, em que publicou a sua bulla, fosse considerado 15, afim de collocar o equinoxio hiberval a 21 de Março, que então cahia a 11 do mesmo mez. Mandou tambem que dos annos seculares, que até então eram todos bissextos, só o fosse um em cada periodo de 400 annos, ou melhor, que em cada 400 annos se tirasse 3 bissextos, visto como os 11 minutos que sobravam, faziam 3 dias no fim de 400 annos, com diminuta differença.

A reforma gregoriana foi logo acceita por todos os povos catholicos da Europa. Os Estados protestantes, porém, custaram a acceital-a. A Allemanha, a Suissa, a Hollanda e a Dinamarca só o fizeram em 1700, e a Inglaterra em 1752. Portugal,—onde em 1422 D. João I mandara usar a éra de Christo, iniciada em 527 no tempo de Justiniano, pelo celebre abbade Dyonisio, *o pequeno*, —foi um dos primeiros reinos catholicos que adoptaram a reforma gregoriana, estando no throno Phelippe II de Hespanha, I de Portugal.

Os russos e os christãos do rito grego continuaram a usar o calendario juliano, que desde então ficou com o cognome de calendario russo. Na correspondencia com esses povos costuma-se indicar as duas datas, por esta forma 16|22 ou 10|20 de Maio, indicando os dois Estylos ou calendarios.

Segundo noticiou o *Temps*, de Paris, por iniciativa da Sociedade de astronomia de S. Petersburgo, cogitava-se na côrte de Nicolau II de reformar o calendario russo, afim de emifical-o com o gregoriano. Foi nomeada uma commissão que conta com o apoio dos ministros do interior, dos negocios extrangeiros, da fazenda e das obras publicas, que desejam a introducção immediata do calendario gregoriano. A referida commissão propõe que se dê ao mez de Fevereiro

estandarte da confraternisação entre raças que não se conheciam senão pelos productos que cambiavam e por vagas informações, ennubladas pelo sestro lendarío que então predominava.

A primeira vez que essa titillação moral impulsionou a navegação de uma maneira energica e constante, foi pelo correr do seculo XXIV A. C., entre um povo pequeno no numero, mas grande e valoroso na energia que desenvolveu em diversos ramos da actividade humana. Queremos falar dos phenicios, esses inglezes da antiguidade. Se diminuta foi a sua figura no dominio politico, grande e efficaz foi a sua acção no commercio, na industria e na colonisação.

Installados na bacía do Jordão, entre o Libano e o Mar, tendo ao sul o monte Carmel, sentiram o aguilhão do mar convidando-os a visital-o, a admirar os variados encantos e a co-

---

27 dias, até que os dois calendarios juliano e gregoriano se identifiquem no fim de alguns annos. Desta maneira a reforma não se faz rapidamente, como aconteceu com a transição realisada no pontificado de Gregorio XIII, mas paulatinamente.

Conforme pensam os jornaes da Europa, que trataram com interesse do assumpto, estava assentado em principio a reforma projectada, e esperava-se que em pouco tempo seria proclamada officialmente. Todavia não nos parece que seja sufficiente a vontade do Governo, que, comquanto autocrata e absoluto, necessita da adhesão das egrejas do culto grego, não só na Russia, como tambem na Grecia, nos Balkans, na Turquia e em outros paizes que seguem a mesma religião.

A reforma, portanto, depende tambem da approvação do patriarchado ecumenico de Constantinopla, dos patriarchados independentes e autonomos de Alexandria, de Jerusalem e de Antiochia; do patriarchado slavo de Carlowitz na Austria e das egrejas da Romania, da Servia e do arcebispado da ilha de Chypre, um dos que mais se oppõem á reforma, allegando que, sendo tambem inexacto o calendario gregoriano, não vale a pena a reforma. A verdadeira causa, porém, é ter a reforma partido de Roma. Se o *Novo Estylo* é inexacto, como pensa o arcebispo de Chypre, é innegavel que é mais correcto que o *Velho Estylo*, que augmentava 12 dias ao anno solar. E, sendo esta a differença entre os dois calendarios, é claro que o dia 3 de Maio, consagrado pela nossa Lei fundamental para a abertura annual do Parlamento Nacional, corresponde ao dia 21 de Abril do calendario juliano, em que a frota de Pedro Alvares Cabral encontrou os primeiros indicios de terra, que só avistou no dia 22, conforme a carta de Pero Vaz de Caminha.

Por isso parece-nos que, sendo o dia 22 de Abril de 1500 o verdadeiro dia da descoberta do Monte Paschoal, devia ser o dia 4 de Maio o consagrado para a commemoração dessa faustosa occorrencia.

E, sendo hoje um ponto incontroverso o da descoberta do *Cabo de Santa Maria de la Consolation* por Vicente Yanez Pinson, em 26 de Janeiro de 1500, segue-se que a data actual da verdadeira descoberta do Brazil deve ser fixada a 7 de Fevereiro, se quizermos collocar a justiça historica acima dos preconceitos de raça e de confraternização com a nação portugueza, o principal factor ethnologico da nação brazileira.

lher as suas innumeras riquezas. As florestas seculares do Libano facilitaram-lhes a realisação d'esse *desideratum*, fornecendo-lhes os seus afamados cedros para a construcção de navios. Assim favorecidos e estimulados por esses dois agentes naturaes, sulcaram todo o Mediterraneo, o Mar Vermelho e o Atlantico até o mar Baltico e a Islandia, desenvolvendo o commercio maritimo e fundando colonias na Africa, na Sicilia, na Hespanha e na Gallia, salientando-se entre as demais Tyro, a mais importante de todas; Sidon, celebre pelas suas fabricas de vidro e sua purpura; Arodus; Biblas e Beryte, onde um luxo fabuloso emparelhava com uma moral licenciosa e uma religião materialista.

Antecederam os gregos na posse das ilhas do Mar Egeu; e estenderam o seu commercio até a Arabia, a Ethiopia e a India. As suas poderosas caravanas atravessavam muitas vezes a Babylonia, a Arabia, a Persia, a Bactriana e o Thibet, importando o marphim e o ouro em pó de Ophir; o incenso e perfumarias da Arabia; perolas das ilhas Barabaim; pedras preciosas da India; sedas da Serica e pelles da Tartaria. Foram os primeiros nautas que fizeram a circumnavegação da Africa, com direcção opposta a que seguiram Eudoxio de Cyzico no seculo II A. C., e os portuguezes no fim do seculo XV da éra christã. Partiram do Egypto por um canal que Nechau, rei d'esse paiz, mandou construir para ligar o Nilo ao Golpho Arabico, regressando pelo Estreito de Cadiz, hoje de Gibraltar e primitivamente de Hercules. «Sahindo pelo Estreito de Bab-el-Mandeb, depois de terem contornado o Cabo Guardafui, navegando ao longo da costa com monções de noroeste, encontraram, quando chegaram a sudoeste de Madagascar, a rapida corrente do baixo das Agulhas, e alcancaram o Cabo da Bôa Esperança com os ventos de sueste que sopram ahi quasi continuamente. Depois de o ter dobrado, poderam seguir com esses mesmos ventos até o 4º ou 6º grau de latitude norte; e d'ahi auxiliados pelas brisas alternadas de terra e de mar, elevar-se ao longo da costa até o logar em que, passado o Cabo Mogador, foram levados pelas correntes que se precipitam do Oceano para o Mediterraneo». Os mesmos ventos que tanto favoreceram os phenicios na infancia da arte de navegar, contrariaram os portuguezes 22 seculos depois. (691 A. C. a 1486 depois de Christo). (2 A.)

---

(2 A) Cesar Cantú. *Historia Universal.*

Já no seculo IX Elisa (3) filha de Bello, rei de Tyro, desgostosa com a morte de Sicheu, seu marido, e para fugir a crueldade de Pygmalião, seu irmão e successor de Bello no throno de Tyro, emigrou para a costa septentrional da Africa, em companhia de sua irmã Anna; e ahi com o consentimento de Iarbas, rei da Getulia, edificou Carthago que veio a ser a maior potencia maritima da antiguidade, senhora do Mediterraneo e rival de Roma, revalidade que explodio no seculo III com as guerras punicas em que se encontraram as valorosas espadas de Scipião e Annibal, dando em resultado para os carthaginezes a perda da Secilia (1.ª guerra, de 264 a 242), da Hespanha (2.ª guerra, de 219 a 201), e finalmente a destruição de Carthago (3.ª guerra, de 149 a 146). (4)

Fundada Carthago, tão rapidamente enriqueceu pelo commercio, que se tornou senhora do mar, eclipsando assim o poderio de Tyro. Seus ousados navegantes transpuzeram as columnas de Hercules e penetraram no mysterioso Atlantico, onde dormia n'um leito de lendas e fabulas a encantada Atlantida (5). Visitaram as ilhas Afortunadas (Canarias), as Cabiterides (Sorlingues) e Thulé (Orcadas ou Juthlandia). No Mediterraneo conquistaram: na Africa, um vasto territorio on-

---

(3) Tal era o verdadeiro nome da fundadora de Carthago, que só depois de morta foi cognominada pelo povo com o expressivo nome de *Dido*, que significa *mulher corajosa*, como *Carthago* significa cidade nova. Determinou essa cognominação, que foi acompanhada de honras divinas, o acto altamente admiravel de Elisa, apunhalando-se em cima da pyra que ella propria mandara levantar para consumir-lhe o corpo, afim de assim fugir ás perseguições de Iarbas, despeitado pela recusa de Elisa em acceital-o como esposo, e para poder manter illesa a fidelidade jurada aos manes de Sccheo.—Levi Alvares. (*Nouveaux Elements á Histoire Universelle.*) Champré. (*Diccionario da Fabula*).

(4) Dr. Aristides Serpa (*Curso d Historia Uuiversal.*) Cesar Cantú (*Historia Universal.*) Monsenhor Daniel (*Curso de Historia Universal*).

(5) Esta denominação era dada pelos antigos a um mytho oceanico—ilha ou continente—em frente ás columnas de Hercules, que, segundo a crença corrente n'esses tempos, fechavam o Mediterraneo. Acreditava-se tambem que os seus habitantes tinham conquistado grande parte da Africa e da Europa occidental, e que tremores de terra e um diluvio tinham anniquillado o seu paiz.

Ouçamos o que diz a esse respeito Cesar Cantú :

«Seguramente que os homens se persuadiram em pouco tempo de que fóra do seu paiz existiam outras terras e climas semelhantes aos nossos: designaram-nos com o nome de *Atlantida*, de *Grande Terra* ou *Continente Chroniense*. Plutão diz ter ouvido da bôcca de Chritias, seu avô, o que recebera de Solon, a quem o apresentou um velho sacerdote egypcio de Sais—que uma grande ilha de forma quadrada, chamada *Atlantida*, existira no oceano, além das columnas de Hercules. A sua extensão era de trez mil estadios por dois mil de largura, extendendo-se para o meio-dia, rodeada ao norte por montanhas que sobrepujavam em altura e em belleza todas as que eram conhecidas. Tinha em abundancia

de se acham hoje os Estados de Tunis e Tripoli; grande parte da Hespanha, a Sardenha e a Secilia.

Aos phenicios deve ainda a civilisação a invenção da polvora e de um alphabeto, donde derivaram muitos dos usados na antiguidade.

E dest'arte, devido a acção mesologica de duas causas naturaes, poude o espirito commercial manifestar-se de uma maneira energica e persistente entre os phenicios que se tornaram por isso os iniciadores da arte do navegar e os fundadores do commercio maritimo (6). Essas causas foram: o Mar, que lhes offereceu suas costas e ilhas, pedindo commercio e colonisação; e o Libano, que lhes proporcionou os seus vetustos cedreiros para a construcção de seus navios.

E nesses dois factores naturaes está plantada a origem do descobrimento do Brazil; porque d'elles nasceu a navegação methodisada; d'elles nasceram as expedições maritimas, e o descobrimento da nossa Patria é o resultado de uma d'essas expedições. Ahi com effeito se deve collocar o primeiro elo d'essa longa cadeia de acontecimentos que terminaram, para o nosso caso, em 22 de Abril de 1500. Ahi gerou-se o embryão que, modificado por circumstancias occorridas através de muitos seculos, desenvolveu-se mais tarde (pelo correr do seculo XIII da nossa era) no cerebro genial de Raymundo Lullio, vindo a adquirir a sua plena vitalidade no do Infante D. Henrique, nos fins do seculo XIV.

Acompanhemos a gestação desse germen social.

---

fructas, metaes, animaes e principalmente, ouro e elephantes. Platão expõe até o culto, os costumes, e a ordem civil desta ilha, *velha* e *anta* no principio, mas que depois se corrompeo por tal modo, que Jupiter resolveu anniquilal-a.

Para este fim desencadeou os ventos, (a) abalou o solo, e, n'uma noite submergio a ilha. O proprio nome de *Atlantida* é de origem divina; e, ligando depois a *Atlantido* ás origens humanas, suppondo-se que dominando d'ahi a civilisação, cujo desenvolvimento se encontra em todos os paizes, sem que em parte alguma se lhe descobrisse o primeiro germen.

Imaginou-se, pois, que os atlantidas tinham immigrado para o Egypto, levando o culto, as sciencias e as artes, que mais tarde passaram á Grecia.»

(6) Commercio que elles extenderam desde o Baltico até as regiões indianas, por meio das suas valorosas frotas, para um lado; e de numerosas caravanas, para o outro. Até então as semiticas, os hebreus e os arabes, que, com os phenicios, eram os unicos povos que se entregavam ao commercio, faziam as suas expedições por terra, no tropico mutuo entre a Africa e a Asia pelas costas da Arabia, unico caminho que até então se conhecia.

Simultaneamente com os phenicios os tyrrhenos (7) dedicaram-se tambem á navegação, não deixando, porém, vestigios de suas conquistas e descobertas, o que facilmente se explica pelo facto de se terem consagrado á pirataria, sendo o seu campo de acção o mar que lhe conservou o nome, entre a Italia, a Corsega, a Sardenha e a Sicilia, cujas costas foram por elles visitadas. Apenas alguns escriptores antigos os consideraram rivaes dos phenicios. Pensamos, porém, que não podia haver rivalidade entre povos, cujos designios eram inteiramente differentes. A rivalidade nasce do choque de dois ou mais interesses que visam o mesmo objectivo. Ora, se o fim dos phenicios era justo e civilisador, o dos tyrrhenos era injusto, immoral e até criminoso. Aquelles foram verdadeiros factores do progresso humano; estes, agentes destruidores dos costumes sociaes. Uns fizeram jus aos applausos da posteridade, outros, á sua censura e condemnação.

Envolta no veu brumoso da fabula e da legenda apresenta-nos o archivo do Tempo a viagem, de Ulysses de Troya á ilha de Ithaca, e a tão decantada expedição dos argonautas em 1330 A. C. em demanda do vellocino ou tosão de ouro encantado na Colchida. Ellas constituem uma sombra espessa nos annaes da navegação, a cuja historia está intimamente ligada a das descobertas maritimas. Mas mesmo fabulosas como são, ellas não deixaram todavia de influir no espirito publico, concorrendo ainda que tenuemente para o desenvolvimento do espirito de navegação e do commercio maritimo.

Pytheas, filho de Marselha, grande astronomo e destemido nauta, pelos principios do seculo IV A. C. emprehendeu uma viagem de instrucção, em que costeou a Hespanha, a Aquitania e a Armorica.

Transpoz o Passo de Calais e chegou até ás ilhas Shetland e ao Mar Baltico. Com os conhecimentos de que dispunha conseguio determinar com toda a exactidão a latitude de sua patria. Foi quem primeiro attribuio á Lua o fluxo do mar e descobrio que a estrella artica não marca precisamente o norte.

Bem facil é comprehender quantas vantagens resultaram para a nautica de tão douta expedição, sendo para lamentar que só restassem de tão illustre navegante, que é o descobridor

---

(7) Sob esta denominação entendiam os antigos autores, ora a população pelagica da Etruria, ora a população etrusca mixta, ora diversas tribus pelagicas maritimas da Italia. Eram tambem chamados lydios, pelo que parecem derivarem da Lydia.

da Allemanha, alguns fragmentos de sua obra *Descripção do Atlantico.*

Seguiram-lhe as viagens de Etesias e de Xenophonte, que nos legaram grandes conhecimentos sobre a Persia e a India e varias outras regiões da Asia, descriptas nas suas obras. (8).

Depois da grande obra dos phenicios e das descobertas de Pytheas, o feito que mais avulta na historia da navegação é a celebre expedição de Alexandre Magno, o extraordinario e afortunado filho do não menos feliz Phelippe da Macedonia, o primeiro rei que creou na Europa exercito permanente, 358 annos de Christo (9).

Esse grande vulto, o 3º desse nome no throno da Macedonia e o 1º na galeria dos conquistadores, desde a tenra idade de 16 annos (quando pela primeira vez subio ao throno, substituindo seu pae que então se preoccupava com a conquista do Byzancio) começou a revelar a energia de seu braço e a desvendar o largo e brilhante horizonte que a sua inegualavel espada havia de abrir mais tarde para gloria sua e de sua patria. Obedecendo a esse influxo natural de expansão dominadora, esse Napoleão dos tempos antigos, emprehendeu uma serie de expedições tendentes a alargar os estreitos dominios do seu reino, que era pequeno de mais para contel-o. Desde a Illyria até a margem occidental do Hyphaso, Alexandre traçou com o poder invencivel de sua espada uma immorredoura senda de triumphos e glorias.

Depois de ter submettido a Thracia, a Illyria e a Grecia, e da destruição de Thebas, onde só poupou a casa de Pindaro, declarou guerra aos persas, governados então por Dario III (o Codomano), tendo-se antes feito acclamar em Coryntho generalissimo dos gregos. Tres celebres batalhas deram-lhe o dominio da Persia: a de Granico (334 A. C.) sustentada pelo general persa Memnan, de Rhodes; a de Isso (332) em que conquistou Gaza, Tyro, toda a Asia Menor, a Syria, o Egypto e a propria familia de Dario; a de Ardello (331), que foi

---

(8) Etesias publicou a *Persica* e a *Indica;* e Xenophonte, *As Helledicas*, *O Anatase* e *A Cyropedia.*

Além destas, que são propriamente historicas, o notavel general, philosopho e historiador, legou á posteridade as seguintes producções do seu fecundo engenho: *As Republicas de Sparta e Athenas* (politica), *O General de Cavallaria* e *Os Cynégeticos* (tactica militar); *O Banquete* e *O Ecanonico* (philosophia).

(9) Foi precedido apenas por Sesostris, que creou a Carta Militar no Egypto cerca de 1.000 antes de Christo.

a definitiva, dando em resultado a rendição de Babylonia, Susa e Pusepolis, e em seguida a fuga de Dario para a Media sendo assassinado em caminho por Besso, satrapa da Bactriana. (10)

Concluida a conquista da Persia, sem duvida a maior de suas innumeras glorias, Alexandre,sempre invencivel,submetteu a Bactriana, a Sogdiana e os Scythas, seguindo em direcção á India, onde derrotou Paro na batalha de Hydaspo (hoje Djelim). Ao chegar á margem occidental do Hyphaso, que pretendia atravessar para chegar ao Ganges, teve de retroceder para a Babylonia por terem os seus commandados (já bastante fatigados) se recusado a proseguir.

Vendo dessa irremediavel maneira fugir a esperança que alimentava de estender o seu dominio em toda a India, o grande conquistador lançou suas vistas para o mar, e encarregou a Nearco, almirante cretense, de deixar o Indo e explorar o Oceano, o que foi feito em vinte e uma semanas, por ser ainda desconhecida a epoca das monções, que só no tempo de Plinio (1º seculo da era christá) foram descobertas por Hyppalo, douto nauta, que foi o primeiro a observar que nos mares situados entre a Africa e a India sopram ventos regulares, metade do anno de sudoeste, e metade de sueste, emprehendendo de accordo com a sua descoberta uma viagem que foi descripta por Ariano de Alexandria no seu livro *Pereplo do Mar Vermelho.*

A prematura morte de Alexandre,para a qual concorreram os excessos e devassidão a que se entregou em Babylonia. interrompeu a grandiosa obra por elle projectada, em cujo plano entrava a creação de uma grande esquadra no Oceano Indico, tendo já para isso mandado construir pelos phenicios 41 grandes navios, destinados a explorar aquelle oceano, as costas da India,a conquista da Arabia e o predominio na Europa. Chegou a mandar explorar por Nearco o Golpho Persico e fundar na India cidades destinadas a fornecerem mercadorias a Alexandria, que veio a ser o maior emporio do commercio entre o Mediterraneo e a India.

E' para lastimar que da viagem de Nearco, do Indo ao Euphrates, poucos esclarecimentos nos ficassem.

---

(10) Segundo o dr. Aristides Supa, no seu *Curso de Historia Universal*, foi Arbatano, capitão das guardas de Alexandre, quem assassinou a Dario.

Apenas alguns fragmentos nos restam dos escriptos dos engenheiros de Alexandre. Megasthenes preoccupou-se mais com as magnificencias das cortes orientaes, e Omsicrato com as impressões das viagens realisadas durante a guerra, sendo o primeiro escriptor que fallou da Taprobana (ilha de Ceylão).

Eratosthenes, notavel como geometra, astronomo, geographo, philosopho, grammatico e poeta, poude colher na bibliotheca de Alexandria esses poucos esclarecimentos que divulgou nas suas obras, em que uniformisou o methodo na geographia, empregando pela primeira vez as linhas parallelas para designar no mappamundi a situação dos differentes logares. Pouco se sabia sobre a Africa, e da Europa só eram conhecidas as costas do Meditorraneo e Ponto Euxino. A Iberia e a Celtica continuavam em linha recta desde o Cabo S. Vicente até á foz de Loire. O Rheno limitava a Celtica, sendo o resto do continente chamado Scythia da Europa, banhada em linha recta pelo oceano septentrional, e terminava a 60 gráos de latitude. O Mar Baltico era o estreito desse oceano, que separava do continente a ilha Baltia (Scandinavia), ao occidente da qual se viam Albion (Grã-Bretanha) e Thule (11).

Taes eram os conhecimentos geographicos no tempo de Alexandre, de Aristoteles (seu preceptor, principe dos poetas philosophos, de Lysipo), o maior esculptor do seu tempo e de Apollo (o maior pintor da antiguidade), transmittidos á posteridade pela penna inspirada da encyclopedica de Eratosthenes.

Um phenomeno que resalta ao primeiro exame, é esta admiravel concumitancia desses quatro genios sem rival no seu tempo, com excepção de Alexandre, que em toda a secular edade da humanidade ainda não encontrou quem eclipsasse a sua gloria: um na espada, outro no raciocinio; um no buril, outro no pincel, todos se immortalisaram de uma maneira especial. Esta superabundancia de força genial concorreu tambem para maior enaltecimento e explendor do curto reinado desse homem extraordinario, que em 13 annos de reinado produzio mais do que os seus pares em lustres e seculos; e que se não fosse tão precocemente victimado pela morte, viria a ser o senhor do mundo inteiro, se por ventura a sua boa estrella continuasse a illuminar-lhe os passos, realisando então o que mais tarde fez a Roma dos Cesares.

---

(11) Com este nome designaram os antigos uma ilha ao norte da Europa, que elles consideravam como o limite do mundo.

Um dos maiores resultados da obra de Alexandre foi o grande desenvolvimento que tomou o commercio entre o Oriente e o Occidente, a fundação de cidades e colonias e uma grande marinha mercante e de guerra, que augmentou os conhecimentos sobre o Golpho Persico, o Oceano Indico, o Mar Caspio (antigo de Hyrcama), o Mar Negro (Ponto Euxino) e o Mediterraneo.

Para Alexandria convergiam as correntes commerciaes da Asia, da Europa e da Africa, constituindo-se assim em metropole commercial. A sua bibliotheca, a maior do mundo, rica de setecentos e tantos volumes (12) e o seu soberbo museu attrahiam os sabios de todos os paizes, que lá iam haurir luzes sob os varios ramos dos conhecimentos humanos. Ahi findou-se no fim do seculo II da nossa era a famosa *Escola de Alexandria*, sobre a iniciativa e direcção de Ammonio Saccas, onde costumavam confabular os discipulos de Platão.

No tempo do seu maior esplendor Alexandria chegou a contar 900.000 habitantes; e foi, depois de Roma, a primeira cidade do mundo, onde a par das sciencias, das artes e das lettras florescia a arte concretisada nos seus ricos e deslumbrantes monumentos, entre os quaes feriam a vista e despertavam a admiração o magestoso pharol, uma das sete maravilhas do

---

(12) Com o correr dos tempos esta celebre bibliotheca, por assim dizer, o laboratorio onde o chimico do pensamento humano compoz a grande civilisação, que do Egypto passou para a Grecia, da Grecia para Roma, de Roma para o mundo moderno, foi-se desfalcando, devido a causas que não cabe aqui investigar. No anno 47 da éra chistã ainda contava 400.000 volumes de grande valor.

Presentemente a maior bibliotheca do mundo é a Bibliotheca Nacional de Pariz, que conta 2·500.000 volumes impressos e cerca de 400.000 manuscriptos

Segue-se a do Museu Britanico, de Londres, com 1.500 000 impressos e uma grande collecção de valiosos manuscriptos; e depois, segundo a quantidade de volumes: a Bibliotheca Real de Berlim com 800.000 volumes; a do Vaticano com 500.000 impressos e 25.000 manuscriptos dos mais preciosos entre os existentes; a de Copenhague com 510.000 volumes; as de Munich, Dresde, Gottingue, Buda Pesth e Cracovia com 500.000 volumes; a de Madrid com 430 000; a de Vienna com 400.000; a da Universidade da mesma cidade com 375.000; a Ambrosiana de Milão com 140.000.

Calcula-se em 150.000 o numero de volumes da Bibliotheca Nacional da Capital Federal, que possue tambem grande numero de manuscriptos e estampas. A Bibliotheca do Pará póde ter uns 12.000 volumes, parecendo nos que deve ser muito maior a verba votada para a acquisição annual de livros, e que é apenas de 4.000.000.

mundo (13), o tempo de Serapis, a columna de Pompéa e as duas agulhas de Cleopatra.

---

(13) As outras maravilhas são : 1a As Muralhas e Jardins de Babylonia, mandados construir por Semiramis, rainha de Assyria ; 2a As Pyramides do Egypto, cuja construcção data de quatro mil annos atraz. Eram destinadas aos tumulos dos reis do Egypto. Formam dois grupos : as tres maiores chamam-se : *Pyra ides de Giseth* e formam o primeiro grupo ; as outras menores. em numero de onze chamam-se *Pyramides de Memphis.*

As pyramides eram um dos muitos symbolos do rito de Memphis : eram o emblema da vida: a base representa o principio, e a extremidade, o fim.. 3ª O Pharol de Alexandria, construido no anno do Mundo de 3670 por Plotomeu Philadelpho, sobre o rochedo da ilha de *Pharos*, no porto de Alexandria. Constitue uma grande torre com uma luz no topo, illuminando a entrada do porto. Tomou da ilha o nome de Pharol, que se generalisou a todas as construcções do mesmo genero. 4ª O *Mausolêu*, ou o tumulo que a rainha Artamira, de Caria, mandou levantar á memoria de seu marido *Mausolo*, do qual se derivou o nome *mausoleu* que se dá a todas as memorias que se erigem em homenagem aos mortos. 5a *O Colosso de Rhodes*, ou a estatua em bronze de Apollo, erecta á entrada do porto de Rhodes. Era tal a sua grandeza, que os navios passavam por baixo de suas pernas, cujos pés assentavam em dois altos rochedos. Na mão direita segurava a estatua um grande pharol. Tão maravilhosa obra de engenharia foi 56 annos depois completamente destruida por um terremoto. Os seus destroços carregaram 900 camellos. Tinda 33 metros de altura e era obra de Chares de Linde ou de Laches. 6a A estatua de Jupiter Olympico, no tempo de Olympia, na Elida. Tanto a estatua, como o throno em que estava assentada, eram de ouro, marfim, e pedras preciosas, ostentando um admiravel trabalho artistico.

Alguns autores collocaram em primeiro logar entre as maravilhas do mundo, o sumptuoso Templo de Jerusalem, que Salomão edificou no monte Maria no anno do mundo 2989 e de que adiante falaremos mais detalhadamente. Tambem substituem o *Pharol de Alexandria* pelo *Colosso de Rhodes.*

Descobriram os antiquarios uma *oitava maravilha do mundo.* E' uma ponte de pedra em Sangavy, na China, lançada sobre um braço do Mar Amarello. Tem 8.500 metros de extensão e 300 pilares, ornados com leões de marmore tres vezes maiores que o natural. O pavimento está 19 metros acima das aguas médias. Apezar de contar mais de 800 annos, está tão rija e fresca como se fosse de recente construcção.

A Coréa tem tambem as suas *sete maravilhas.* Aqui, perém, em vez do engenho humano, falam a Natureza e a crendice popular. Taes são ellas :

1a Uma fonte mineral de agua quente, que cura tudo; desde a mais pequena espinha até o cancro mais perigoso, pernas amputadas e cabeças quebradas. 2a Duas fontes de tal modo dispostas, que quando uma enche-se a outra esvasia. Estas duas fontes indicam o fluxo e refluxo de marés tremendas nas entranhas da terra. A sua agua tem a propriedade de adocicar os alimentos cosinhados com ella. 3a Uma caverna aberta n'uma montanha, na qual sopra constantemente um vento frio e penetrante. 4a Uma floresta de pinheiros que brotam depois de abatidos. Se por ventura são destruidos pelo fogo, nascem das proprias cinzas. 5a A *Pedra Fluctuante*, que mereceu as honras de um templo. Está collocada diante do seu templo; e apezar de seu extraordinario pezo, permitte passar por baixo sem a menor difficuldade, um cordel, enfiado de um lado para outro. 6a Uma outra pedra, chamada *Rocha Quente*, em cujo cimo se construio uma hospedaria. Por maior que seja o frio, a hospedaria está sempre quente, porque a pedra fornece o calor necessario para todas as necessidades caseiras, dispensando o uso dos fo-

E toda esta vitalidade diffundida por vastas regiões das tres partes do mundo conhecido de então, nasceu da herculea energia de um só homem que em tão poucos annos produzio o que ainda nenhum mortal conseguio no mesmo lapso de tempo, e de quem Bossuet nos seus luminosos discursos sobre a *Historia Universal*, escreveu esta laconica e sublime apotheose: «Son esprit avec se genie percant et sublime; sa valeur avec la hauteur et la fermeté de ce courage invencible, qui se sentait animé par les obstacles; avec cette ardeur immense d'accroitre tous les jours son nom, qui lui faisait préférer à tous les périls, à tous les travaux et à mille morts, le moindre degré de gloire; enfim avec cette confiance qui lui faisait sentir au fond de son coeur que tout lui devait ceder, comme à un homme que sa destinée rendait superieur aux autres, confiance qu'il inspirait non seulement à ses chefs, mais encore aux moindres de ses soldats, qu'il elevait par ce moyen au dessus des difficultés e au dessus d'eux mêmes...»

Se a humanidade todos os seculos produzisse um Alexandre Magno, é de suppor que as regiões polares estariam hoje conquistadas e os centros da America e da Africa, enrequecidas as cidades, e a civilisação derramada por todos os recantos do nosso globo.

Varias coincidencias, todas bem honrosas e significativas, crivaram a vida d'esse homem extraordinario, sem duvida o maior vulto nacional que tem produzido a Humanidade: Primeira:—nasceu no mesmo dia em que seu pae sahio vencedor nos jogos olympicos, recebendo ao mesmo tempo a boa nova de que suas tropas tinham sahido victoriosas na guerra com os illyrios, e Erastato incendiava em Epheso o templo de Diano, o mais bello do mundo.

Segunda: subio ao throno ao mesmo tempo que Dario Codamano era corôado na Persia. Terceira: morreu no mesmo

---

gões. 6ª Uma gotta de suor de Budha, enthesourada em um templo cercado por deserto, onde nenhuma planta nem animal podem viver. E' esta sem duvida a *menos maravilhosa* de todas essas maravilhas da Coréa, em cujo numero não entraria, se a crença dos filhos de Budha não lhe emprestassem virtudes sobre-humanas.

Permitta-nos o leitor que, por nossa conta, accrescentemos ao numero das maravilhas do mundo a Estatua da Liberdade em New York, a Torre Eifel, o Tunel do S. Gothardo e a Estrada de Ferro de Paranaguá a Curytiba.

dia em que morreu Diogenes, e Cyericos. Quarta: viveu 33 annos, quantos viveu Jesus Christo. (1)

Por mais realista que se seja, é forçoso reconhecer em tudo isto uma certa predestinação manifestada n'essas bem expressivas coincidencias: Na primeira o seu nascimento coincidindo com o triumpho do heroismo e a queda de um templo pagão (a civilisação vencendo o obscurantismo). Na segunda a sua ascensão ao throno coincidindoc om a do seu maior rival (a casualidade fazendo-os apresentarem-se ao mesmo tempo nas suas devidas posições, como dois floretistas que no momento aprasado apresentam-se em frente um do outro). Na terceira a sua morte coincidindo com a de Diogenes, a quem o grande conquistador disse um dia em Coryntho: «Se eu não fosse Alexandre desejava ser Diogenes,» (a gloria extinguindo-se de mãos dadas com a humanidade; o poder da espada com o poder da intelligencia; o fausto com a miseria, unindo-se nesse facto os dois pólos para que convergem os meridianos da vida humana. Na quarta, a sua idade coincidindo com a de Christo, que, como elle, foi um grande conquistador, com a unica differença que um usou da espada e o outro da palavra, do exemplo; um conquistou povos, outro conquistou almas.

Prosigamos no estudo iniciado dos antecedentes historicos do descobrimento da nossa patria.

Pelo correr do seculo II A. C. Eudoxio de Cysico, na supposição de que a Africa era uma ilha, propoz-se a tazer a sua circumnavegação, para o que implorou o auxilio de Ptolomeu Evergete II, rei do Egypto. Segundo uns teve logar a projectada expedição; segundo, porém, Strabão na sua *Geographia*, ella não se realisou. Cesar Cantú (Historia Universal) diz que foi Cleopatra quem auxiliou a viagem de Eudoxio, e que este realisou duas, na primeira das quaes foi mal succedido e na seguuda succumbio provavelmente.

Firmado, como ficou por Alexandre, o commercio entre Alexandria e o Oriente, d'ahi em diante continuaram com toda a regularidade as viagens aos paizes orientaes. As esquadras do Egypto partiam de Bernice, e pelo estreito de Bab-el-

---

(1) Alguns escriptores dão 32 annos a Alexandre Magno. Seguimos, porém, a auctorisada opinião de Eduardo de Faria, no seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*. Se Alexandre nasceu, em Pella, no anno 356 A. de C. e morreu no anno 323, é claro que viveu 33 annos.

Mandeb dirigiam-se a Rana, capital do Hadramot, escalando por Aden. De Rana seguiam para a peninsula de Decan, onde abundavam cassas e chitas, e depois tomando rumo do sul, abordavam a Bombain, navegando pela costa de Ranara, constantemente infestada por piratas. De Bombain, passando o cabo Guardafui dirigiam-se para Musiri, que era então o emporio do commercio de todas as regiões do Oriente. Estas frequentes e regulares communicações commerciaes, de que a Grecia tambem partilhava, tiraram o monopolio dos arabes, e desvendaram ao Occidente o gráu de grande adiantamento do commercio oriental. No codigo de Marus encontravam-se disposições sobre seguros maritimos, pelo que é de suppor que ahi tivesse origem essa instituição de direito commercial.

Este estado de cousas permaneceu por muito tempo, até quando a dominação romana, extinguindo as republicas maritimas, imprimio novo aspecto á navegação internacional e ao commercio com o Oriente, cuja intensidade arrefeceu um pouco. Em compensação as suas conquistas tornaram conhecidas varias regiões do Occidente, como as de Mithídrates, ás regiões do norte da Europa, e estenderam as suas viagens alem das costas de Malabar. Preoccupados mais com a sua politica de dominação universal, os romanos descuidaram-se um pouco do commercio com o Oriente, dando logar a que os arabes, que o mahometismo impulsionava á conquista de novos adeptos, viessem a ser durante muitos seculos os intermediarios do commercio em todo o mundo.

Movidos pela fé e pelo interesse commercial elles emprehenderam varias viagens que augmentaram consideravelmente os conhecimentos geographicos sobre quasi todas as nações do mundo, salientando-se entre todas as do cheih Han Batuta com o fim de visitar todos os logares sagrados, onde houvesse monumentos, reliquias e recordações religiosas. Percorreu o Egypto até os confins da Nubia, Gaza, Tiberiades, o Libano, Balbeck, Damasco, Bassora, o Irak, Medina, Meca, Aden, Zanguebar e Ormuz. Regressou ao Cairo, d'onde seguio para Jerusalem. Visitáou a Anatolia, Erzerum e o Mar Negro. Avançou até o Volga, d'onde tornou a Constantinopla. D'ahi partio para Astrakan, d'onde seguio para Kharism e Bukhara. Visita Samarcanda; Balkh, Randahar e Rabul. Depois embarca em Sind para Labare, d'onde segue para Multan, capital da Syndhya. Visita Delhi, que era então a maior cidade islamita do Oriente, onde foi muito presenteado por Mohammed, que o agraciou com o cargo de Cadi. Tendo-se tornado

suspeito ao sultão, fez-se fakir e por meio de orações conseguio não só conjurar o perigo, como tambem ser enviado como embaixador ao imperador da China, que pretendia erguer templos no territorio sujeito aos mulsumanos, sendo a missão do Batuta impedir a realisação d'esse *desideratum* chinez. Em caminho para o celeste imperio visitou a India, o Malabar e Calecut, tendo em viagem soffrido tão grande tempestade que destruio os presentes destinados ao Filho do Ceu. A' vista deste desastre Batuta não se atreveu a regressar a Delhi, receiando a colera do sultão, pelo que resolveu, continuando o seu plano de viagens, dirigir-se pora as Maldivas, d'onde seguio para Caromandel, mas uma forte tempestade o arrojou para Ceylão. Continuando o seu itinerario, foi ter a Bengala, o mais fertil paiz que vio, depois a Sumatra e finalmente á China, onde encontrou uma assombrosa civilisação, e d'onde regressou por Calecut, Ormuz, Persia e Syria.

Se esta foi a mais interessante de quantas viagens emprehenderam os filhos de Mohammed, uma a outra tem mais interesse para a sciencia geographica: foi a de Jula, enviado pelo Kalifa Vater-Billah ás regiões hyperbarenses ou septentrionaes, onde habitavam os Gog e os Mogog.

Cesar Cantú, que nos relata todas estas historias, nada adianta sobre o resultado da exploração hyperborense, e a sua obra é extrahida dos mais antigos escriptores. Sabe-se apenas que ficou conhecida a costa oriental do Mar Caspio e que a expedição, tomando o rumo do Oriente e depois o do sul, chegou a Samarcanda.

E' necessario fechar aqui com estas explicações arabicas o primeiro periodo da historia da evolução do espirito commercial e de navegação. Até aqui vemos os nautas e commerciantes movimentarem-se dentro dos limites do mundo conhecido de então, cujo centro de acção era o Mediterraneo, d'onde partiam as frotas para o Oriente, o Baltico, ilhas Setttand e Africa.

D'aqui em diante um outro *polo magnetico* surge na esphera das cogitações dos europeus, attrahindo para si a sua curiosidade e ambição, d'elles, europeus. Esse novo *velocino* ou *eldorado* existia alem das columnas de Hercules, e chamava-se *Atlantida, Grande Terra, Continente Chroniense, Ilhas Hesperidas ou Afortunadas.*

*(Continúa.)*

Dr. Raymundo Alvares da Costa.

# MONOGRAPHIAS PARAENSES

## Os exploradores da Amazonia

### VIII

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Estabelecido o dominio portuguez nas terras de Santa Cruz, emquanto velejaram as expedições de 1501 e 1503; emquanto era o sul do Brazil constantemente visitado pelos navios portuguezes em caminho para as Indias, e por muitas naus francezas, principalmente dos armadores de Honfleur; emquanto a esquadra de Christovão Jacques percorria todo o littoral, de Pernambuco ao Rio da Prata; emquanto, acceita em Portugal a idéa de fundar uma colonia importante no Brazil, lançava Martim Affonso de Souza os fundamentos da villa de São Vicente, o Pará permanecia illeso dos commettimentos colonizadores, devido a sua posição geographica afastada da vasta costa entre o cabo de São Rocque e o rio da Prata, theatro principal das primeiras explorações.

E' verdade que, em 1531, Martim Affonso de Souza destacara da sua expedição duas caravelas de cujo commando investira a Diogo Leite, ordenando-lhe que percorresse a costa septentrional do Brazil e collocasse marcos de pósse, nos sitios que, para tal fim, melhor lhe parecessem. A pequena expedição, no desempenho da sua incumbencia, chegou até a foz do Gurupi, que, por muito tempo, foi conhecida pelo nome de *abra de Diogo Leite*, e d'ahi retrocedeu a juntar-se novamente com o grosso da esquadra.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Ao passo, porém, que portuguezes, castelhanos e francezes trabalhavam no sul do Brazil, a gigantesca arteria amazonica era campo de aventureiros ambiciosos, na louca insania de descobrirem o phantastico *El-Dorado.*

Em 1525, Francisco Pizarro, á frente de um punhado de hespanhóes, conquistára o celebre imperio dos Incas; ao poderio de Atahualpa succedera a civilização européa, o assassinato dos Incas, a tyrannia dos invasores.

Esta conquista patenteara, deante dos olhos dos ambiciosos e avidos europeus, incalculaveis riquezas; o deslumbrante templo do sol, com todos os seus custosos thesoiros, com os seus arcos, abobadas e columnas de oiro e prata, excedera a expectativa exaggerada dos aventureiros ibericos.

Bem cedo a celebre fabula do inca Manôa, descendente de Manco Capac e governador do imperio de Patiti, onde os montes, as florestas, os palacios, tudo era de oiro, assumia as proporções de maravilha verdadeira.

Esta creação pueril, baseada e sustentada aliás pelas riquezas sumptuosas das cidades incas, teve para a Amazonia importante influencia, caracterisada por viagens exploradoras, em que os aventureiros, desvairados pela ambição, não mediam perigos, nem temiam consequencias.

Em 1539 resolveu Francisco Pizarro enviar uma grande expedição á descoberta d'essas tão deslumbrantes riquezas.

Gonçalo Pizarro, nomeado chefe d'esta empreza, sahiu de Cuzco, com duzentos soldados hespanhóes, para Quito, onde acabou de completar o pessoal da expedição com outros tantos soldados e quatro mil indios.

Levando um grande trem de armas e bagagens, partiu elle de Quito, no dia de Natal do anno referido, e resolutamente buscou as cerradas florestas, onde não o detiveram os repetidos ataques de indios, nem perigos e provações de toda a especie.

A sua má sorte levou-o a internar-se na provincia de Quijos, (1) e ahi a fome collocou-se como um flagello horrivel ao lado das fadigas de tão audaz viagem.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Logrando attingir a região do Sumaco ou Zumaque, banhada pelo Coca, affluente do Napo, resolveu Pizarro acompanhar o curso d'este rio, até o ponto em que se mostrasse possivel a navegação.

Em Sumaco, á margem direita d'aquelle rio, deixou elle a maior parte da sua comitiva e, com os homens mais validos e dedicados, buscou atrevidamente um trilho para a sua descida.

E foi feliz; os indios o receberam bem e o serviram de todos os alimentos que usavam, pelo que deliberou esperar pelo resto da expedição. Dois longos mezes depois reuniram-se todos de novo e continuaram a viagem por terra, ao longo do Coca, soffrendo tão terrivel penuria de viveres que, durante muitos dias, alimentaram-se com a carne dos cavallos, hervas e raizes silvestres.

Mais abaixo, porém, os indios mostraram-se amigos e Pizarro aproveitou o valioso concurso d'esta amizade para construir um bergantim e varias canôas.

Grandes tinham sido já as perdas; quasi duzentos soldados dormiam para sempre nos invios sertões trilhados; mas aquelles homens, exhaustos pelas constantes fadigas, alquebrados pelas luctas, famintos e nús, não pensavam em voltar; mais forte que o instincto da conservação propria, a sua desmarcada ambição suggestionava-lhes a vontade.

Sempre para a frente julgavam estar esse thesouro valioso, que anciosamente buscavam, e para a frente arrojavam-se, insensatos, sem reflectirem um momento sobre as fadigas anteriores, sobre os perigos affrontados, sobre os companheiros mortos.

Embarcados no bergantim e nas canôas,

---

(1) Situada entre os rios Curaray e Napo.

nem por isso a sua situação melhorou, pois a fome, com todo o seu aterrador cortejo, seguia-os de perto, sem tregoas.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Alguns indios encontrados no caminho informaram Pizarro de que, a dez dias de viagem do ponto onde se achavam, havia um paiz, rico de oiro, farto de mantimentos e de recursos de toda a sorte.

Sem detença, foi o capitão Francisco Orellana nomeado commandante do bergantim, onde embarcou-se com uma guarnição de cincoenta homens dos mais validos, levando a honrosa commissão de alcançar o paiz indicado e fazer grande provisão de viveres.

Orellana, passando do Coca ao Napo e d'este ao Amazonas, fez, entre indios amigos, farto abastecimento de viveres, mas, cégo pela ambição e esquecido da propria honra e dignidade, não mais pensou em voltar, olvidando os desgraçados que, á sua espera, curtiam cruenta fome, na anciedade de uma esperança irrealizavel.

A ambição sobrepujou todos os sentimentos do valente aventureiro; a gloria da descoberta d'aquelle colosso fluvial, a idéa dos largos proventos da colonização de tão ferteis e extensas regiões, se lhe afiguraram como pedestaes solidos para uma reputação grandiosa e uma riqueza deslumbrante.

Quando o religioso frei Gaspar de Cravajal, que, desde Quito, acompanhava a expedição, percebeu os designios de Orellana, exprobou-lhe asperamente tamanha deslealdade, acto este em que o secundou Fernão Sanches de Vargas.

Ambicioso de mais para retroceder, vingou-se Orellana da censura, injuriando o padre e mandando abandonar, em uma praia deserta, o infeliz Vargas.

Quebrada esta barreira fraca, mas louvavel, só viu deante de si a gloria de ser o descobridor d'aquella immensa arteria fluvial, d'aquelle enorme territorio, avaliou a riqueza fabulosa que possuiria, quando ao seu poder quasi

magestatico de governador e capitão das terras descobertas, submettesse as altivas tribus do Amazonas.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

E a sua viagem tornou-se uma serie de aventuras que elle mais tarde incumbiu-se de tingir com as côres do phantastico, no intuito de attrahir a attenção dos que o podiam auxiliar na conquista do grande rio.

Ao sabor da correnteza, fôram-se desdobrando, aos olhos pasmos da equipagem, as paizagens amazonicas, as praias bordadas de selvagens, que ora recebiam com agrado os viajantes, ora os acossavam com a audacia e destreza de guerreiros consumados.

Orellana desceu todo o Amazonas, sahiu no Atlantico e foi ter á ilha Margarida, nas Antilhas, de onde passou-se á Hespanha.

Ahí, para impedir a punição de que se fizera merecedor pelo crime de desobediencia a Pizarro, abandonando nos invios sertões do Coca os seus desgraçados companheiros, apresentou ao Conselho das Indias um memorial sobre a viagem, eivando-a de creações phantasticas, apregoando riquezas deslumbrantes das terras descobertas.

D'essa ardilosa narração o ponto, que maior interesse e curiosidade despertou, foi o celebre combate com as indias guerreiras, as audazes Amazonas da America.

Narrou Orellana que, em fins de junho de 1539, ao dobrar uma ponta do rio, avistaram os exploradores uma grande villa indigena, tendo uma espaçosa praça á frente; e, como de costume, alguns soldados approximaram-se de terra em uma canôa, afim de entabolarem relações com os indios, para a permuta de objectos de uso por mantimentos.

Qual não foi, porém, a surpresa geral ao verem a pequena embarcação acossada terrivelmente por uma legião de bellas mulheres seminúas, robustas e varonis, com os longos cabellos trançados ao redor da cabeça, que, recurvando

grandes arcos, faziam chover mortiferas flechas sobre os miseros soldados.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Orellana, vendo cahirem cinco dos seus companheiros, ordenou que o bergantim se approximasse de terra, protegendo a retirada das canôas.

Esta manobra e a violencia do ataque dos arcabruzes não demoveram as irritadas guerreiras das suas primitivas posições, sem que o numero de mortas e feridas parecesse causar-lhes espanto.

O audaz capitão espanhol, que dera antes o seu nome ao rio, cuja correnteza o conduzia a tão extranhas aventuras, chamou-o então *Rio das Amazonas*, em lembrança da valente hoste que tão denodadamente buscara tolher-lhe os passos (2)

É ponto controverso a existencia de Amazonas na America.

Colombo affirmou que d'ellas teve noticias nas Antilhas; Sir Walter Raleigh espalhou na Inglaterra o maravilhoso dos seus usos e costumes; Hernando Ribera conformou, nas relações das suas viagens ao interior do Paraguay, a veracidade da sua existencia.

Entretanto das suas relações á affirmativa incondicional da verdade vae um largo passo.

Gomara (3) Herrera (4) Vega (5) Zarate (6)

---

(2) A palavra *Amazonas* é de origem grega ; formou-se de dois vocabulos d'esta lingua :—*a* sem, prefixo de negação ; e *mazos* um seio; *amazonas*, sem um seio. Esta composição proveiu de affirmarem alguns escriptores que as amazonas do velho continente amputavam ou queimavam o seio direito, para melhor manejarem o arco.

(3) Francisco Lopes de Gomora, auctor da *Historia generale de las Indias*, contemporaneo de Orellana.

(4) Antonio de Herrera—Decadas.

(5) Garcilasso Inca de la Vega : «F. Orellana tuvo el rio abajo algunas refriegas con los indios, moradores de aquella ribera, que se mostraron muy fieros, donde en algunas partes salieron las mugeres a pelear juntamente con sus maridos.

Por lo cual, por engrandecer Orellana su jornada, dijo que era tierra de Amaçons.» *Hist. generale del Perú*—Madrid, 1772.

(6) Agostinho Zarate—*Hist. de la découverte et de la conquête du Perú.*

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Manoel Rodriguez (7) e outros historiadores são contestes em negar o encontro de Orellana; dizem elles, com bom fundamento, que, sendo costume entre todas as tribus dos nossos indios acompanharem as mulheres os maridos na guerra e mesmo nos combates, nada houve de maravilhoso em terem visto os hespanhóes muitas d'ellas luctando ao lado dos guerreiros indigenas.

Este criterio é certamente acceitavel, tanto mais quando o testemunho do padre Cravajal o firma, confessando que no combate viu apenas dez ou doze Amazonas, quando o numero de indios era muito avultado (8).

Além d'isto seria ir de encontro á lenda das Amazonas, admittir que ellas commandassem os indios, como diz o referido padre.

O confronto das opiniões e das relações d'este ponto da viagem convence-nos de que Orellana não viu as Amazonas, não luctou com ellas, mas encontrou entre os indios a noticia da sua existencia na bacia do rio-mar, aproveitando as informações para accrescentar no seu memorial a discripção do singular combate com as varonis guerreiras.

Os selvagens do Amazonas, como os das Antilhas, do Paraguay, das Guyanas, de Venezuela, referiram aos exploradores hespanhóes que conheciam uma ou mais tribus de mulheres guerreiras, independentes e desligadas dos homens.

---

(7) Padre Manoel Rodriguez—«hallando ya algunos moradores en las riberas del rio con quines tuvo algunas refriegas y se mostraron muy feroces ; y en algunas partes salian las mesmas mugeres a pelear com elles. Por lo cual y por engrandecer Orellana su jornado dijo que aquella era tierra de Amazonas». *El Maranon y Amazonas*—Madrid, 1648.

(8) Father Carlajal affirms that these Indians (os do combate) defend themselves so resolutely, because they were tributaries of the Amazons and that he and the other Spaniards saw ten or twelve Amazons, who were fighting in front of the Indians, as if they commanded them»... *The voyage of Francisco de Orellana down the river of the Amazon, by Antonio de Herrera*—Edição ingleza, editada por Clements R. Markham. Londres 1759.

Este foi necessariamente o ponto de partida das divagações de Orellana.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Se da analyse dos factos resalta a inverosimilhança de ter elle combatido com verdadeiras Amazonas, não se póde comtudo negar de modo positivo e irrefutavel a não existencia de mulheres na America do Sul, emancipadas do poderio dos homens.

Não existe, é verdade, base segura para concluir que houvesse na America ou em outra parte do globo grandes aggrupamentos de mulheres sujeitas a leis e constituições suas, unidas pelas mesmas crenças, usos e costumes, confederadas para a defesa commum e propagando a sua especie sem interrupção, quando apenas uma vez por anno admittiam homens nas suas tendas. Ainda assim profundos investigadores do nosso passado, entre elles Humboldt, pensam que não se deve rejeitar na sua essencia uma tradição tão repetida pelos indios da America em pontos diversos, tão uniforme no seu conjuncto; antes admittil-a com as precisas modificações, expurgada dos excessos dos seus propagadores.

La Condamine, baseado nas informações por elle colhidas dos selvagens do Pará, Minas, Cayenna e Venezuela e de outras partes, e em outros factos, na sua opinião contestes, apoiou a existencia das Amazonas na America do Sul (9).

As suas considerações, sufficientes para nos fortificarem no parecer de Humboldt, não nos demovem a uma conclusão categorica sobre o assumpto.

Já que a narrativa da viagem de Orellana levou-nos a esta digressão, falaremos tambem do *muyrakytã*, o celebre amuleto de jade, brilhante no espesso negrume da origem dos povos amazonicos, como guia do archeologo na pesquiza prehistorica do grande valle do Amazonas.

A lenda do *muyrakytã* prende-se directa-

---

(9) *Relation de un voyage fait dans l'interieur de l'Amerique méridionale—Paris, 1745.*

mente á historia das Amazonas. As guerreiras do rio Jamundá ou Nhamundá, quando approximava-se a epocha de receberem os homens que as fecundavam, reuniam-se no lago Jaciuaruá (10) e ahi rendiam culto á lua, com longos dias de penitencias rigorosas.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Então a bella Jaci, em plenilunio, reflectia a sua luz na superficie das aguas tranquillas do lago; as amazonas mergulhavam todas até ao fundo, e, triumphantes, voltavam com os estimados amuletos, que haviam recebido das mãos da *mãe dos muyrakytãs.*

Com estas pedras presenteavam ellas os seus amantes na occasião da partida, talvez para que a offerta recordasse ao homem os dias de amor no seio da destemida guerreira, que o recebera com o sorriso nos labios.

Esta lenda foi por alguns indios referida de outro modo.

Diziam elles que no Jaciuaruá viviam os *muyrakytãs* como peixes, tendo o sangue das Amazonas o poder de prival-os de movimentos e reduzil-os a pedra.

As varonis mulheres, para obtel-os, rasgavam a pelle e lançavam n'agua o sangue que jorrava; depois, sem custo, mergulhavam e apoderavam-se d'elles.

Os *muyrakytãs* encontrados no valle do Amazonas são de rocha *nephrite* ou *jade oriental* (11), brancos esverdeados, bronzeados, verde-esmeralda, brancos-azulados, verde-azeitona, verde azulado. Em geral elles apresentam-se no Amazonas, mas com a côr branca amarellaça (côr de cêra) do que verdes ou azues.

O cylindro, perfurado no sentido da dire-

---

(10) Situado á margem direita de Nhamundá, na base do serro do Copo. Conserva o seu nome primitivo Jaciuaruá, de *jaci—lua; uaruá—espelho.*

(11) O nome nephrite originou-se da crença de que jade tem propriedades medicinaes no tratamento das molestias dos rins. Segundo Dafour a jade póde ser branca, cinzenta, escura, branca cinzentada (jadeite), cinzenta-azulada, verde-esmeralda (jadeite imperial).

ctriz, é a forma mais commummente encontrada, vindo depois a lenticular, furada no centro.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Ha *muyrakytãs* que affectam a forma de uma rã, sem braços, com as pernas encolhidas, sendo notavel a variedade de outros anthropomorphos.

A importancia archeologica do *muyrakytã* traz á theoria que sustenta o povoamento da America pela emigração de tribus da Asia, um argumento robusto que se ramifica solidamente n'outros.

Apezar das pesquizas do illustrado professor allemão Henrique Fischer, até hoje nenhuma jazida das diversas especies de jade foi achada na America.

Como, pois, explicar-se o encontro do *muyrakytã* no Amazonas, sem admittir que elle fosse transportado da Asia, já feito?

Os estudos proficientes de alguns notaveis archeologicos (12) demonstram que, não havendo absolutamente jade na America, é claro que os *muyrakytãs* vieram ter a esta parte do mundo no pescoço e nas mãos de emigrantes, entre os quaes tinham elles essa virtude, apreciada até hoje, de curarem e preservarem os seus possuidores.

A Asia, com os unicos depositos da preciosa rocha, com os povos que a manufacturam, com a sua lenda das Amazonas, apresenta-se como o unico ponto de partida d'essa grande onda invasora, cujos descendentes Orellana veiu encontrar no Amazonas, decahidos de uma civilisação mais adeantada, conservando, porém, as crenças e tradições do berço dos seus antepassados.

Esta digressão obrigou-nos a deixar Orellana na Hespanha, deslumbrando os seus compatriotas, com a narrativa da sua estupenda viagem, atravez do paiz maravilhoso dasAmazonas, dos monstros alados, dos palacios de oiro e pedras preciosas.

---

(12) Henrique Fischer, W. Putnan, Barbosa Rodrigues e outros.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANO 1539*

Engrandecido pela popularidade do seu feito, conseguiu elle as bôas graças do imperador Carlos V, que lhe deu navios, tropas e armamento, para fundar colonias nas terras por elle descobertas, e das quaes o fizera capitão e governador.

A expedição partiu do porto de São Lucas em 11 de Maio de 1549, com pouco mais de 1.500 homens.

Em caminho, fez a peste numerosas victimas, e, quando Orellana buscava acertar com a emboccadura do Amazonas, os cachopos roubaram-lhe dois navios, e o mar muitas vidas.

Não é bem conhecido o fim do audaz capitão; alguns historiadores referem que elle falleceu a bordo, antes de avistar terras; (13) outros, porém, dizem que, desgostoso pelas grandes perdas de homens e navios, acolheu-se á ilha Margarida, onde morreu pouco depois. (14)

A consulta acurada ás narrações existentes nos conduz a affirmar que Orellana não conseguiu reconhecer o caminho pelo Amazonas, perdido n'um dedalo de canaes e de ilhas, e entrou pelo rio do Pará, onde viu abertos pelos cachopos as suas caravellas, e tragados pelas aguas os seus companheiros.

Não obstante a desvirtuação dos episodios da viagem pelas phantasticas creações de Orellana, não obstante o fim tragico d'essa expedição conquistadora, desligado dos seus detalhes, o feito do audaz espanhol reveste summa importancia.

E' verdade que, desde 1500, sabia-se na Europa, pelas informações de Pinson, que um colossal rio, o Santa Maria de la Mar Dulce, cortava as terras do norte do Brazil; Juan de la Cosa o figurara no seu mappa de 1500.

Mas as noticias de Orellana fóram detalhadas; ficou sabido que esse grande rio era uma

---

(13) Garcilasso de la Vega, Francisco Lopes de Gomara, Agostinho Zarate e outros.

(14) Affonso do Valle na «*Breve relação do Reino do Chile*», e outros.

via franca de communicação com as possessões hespanholas; que por elle, com algumas dezenas de leguas a pé, passava-se do Pacifico ao Atlantico; que as suas aguas banhavam um extenso paiz de fertilidade espantosa, de riquezas abundantes.

*GONÇALO PIZARRO E FRANCISCO ORELLANA 1539*

Deixamos Pizarro no Coca á espera de Orellana, na esperança de cedo vencer a cruenta fome, que perseguia a expedição, e continuar a sua audaz empreza

Cançado de esperar, desceu elle o rio, entrou no Napo e foi ter ao Amazonas, onde, em uma praia, encontrou o infeliz Vargas, exhausto de forças, quasi morto de fome. Elle o informou que Orellana o abandonara cobardemente, e que alli cumpria o castigo que o chefe desertor lhe impuzera pela sua franqueza e coragem, exprobando-lhe o acto perfido da sua deserção.

Pizarro, privado dos homens mais validos da expedição, retrocedeu ao Perú, chegando a Quito, depois de tormentosos trabalhos, não sem que muitos desgraçados pagassem com a vida a ambição dos seus chefes ou a sua propria. (15)

## IX

*PEDRO DE URSUA 1560*

Vinte e um annos depois, renovaram os hespanhóes a audaciosa tentativa do descobrimento do phantastico El-Dorado; de novo o Amazonas foi theatro da sua louca audacia e desmarcada ambição.

Dom André Furtado de Mendonça, vice-rei do Perú, organizou, em 1560, uma expedição,

---

(15) Na collecção de Ramusio, tom. III, de 1556, encontra-se a narrativa da viagem pelo proprio Orellana, sob o titulo de «La Navigation del grandissimo Fiume Maragnan posto sopra la Terra ferma delle Indie Occidentali, scritta per el Magnifico signor Consalvo Fernando de Oviedo. Hist. della Maesta Cesarea nelle dette Indie. Vol. I, pag. 53.

O padre Cravajal escreveu tambem um diario do qual serviu se Oviedo quasi textualmente; esse diario foi publicado integralmente por Toribio de Medina, em 1894.

cujo commando confiou ao experimentado Pedro de Ursua (16). *PEDRO DE URSUA 1560*

A escolha do chefe trazia bellos auspicios a empresa tão cheia de trabalhos e perigos.

Conhecedor dos desastres da expedição Pizarro, desvelou-se Ursua incansavelmente no apresto da viagem, bebendo nas desgraças anteriores prudentes licções de experiencia.

Por outro lado, porém, ficava aberta larga brecha para futuras desordens; Ursua commetteu grave falta na escolha do seu pessoal, tomando comsigo aquelles que, mais tarde, transformaram a viagem de exploração n'uma das mais extranhas tragedias da historia americana.

Quando divulgou-se no Perú a noticia da empresa, correram de todos os pontos audazes aventureiros que se apresentaram a Ursua, pedindo-lhe a graça de compartilharem dos perigos e glorias de tão longa excursão; toda a nobreza offereceu-se voluntariamente, de modo que elle escolheu os melhores entre os mais experimentados.

E essa escolha foi a sua sentença de morte.

Pedro de Linasco, seu verdadeiro amigo, ao conhecer a lista dos expedicionarios, escreveu-lhe com urgencia, mostrando-lhe o risco que correria o successo do emprehendimento, se não fôssem despedidos Lourenço de Zalduendo, Lopo de Aguirre, João Alonzo de la Bandera, Christovão de Chaves e outros, cujo caracter de perto conhecia e attestava ser pessimo.

---

(16) Era cavalleiro de Navarra; partira da Hespanha em 1543, com seu tio Miguel Diaz de Armendariz, visitador dos governos de Cartagena, Santa Martha, Popayan e do novo reino da Granada, e, por elle commissionado, visitara esta ultima possessão hespanhola.

Tamanho criterio e tão excellentes qualidades patenteara elle, apezar da sua pouca edade, no espinhoso cargo de visitador, e em varias empresas difficeis e arriscadas, que grandes eram a sua fama e o seu renome. Um escriptor antigo (*Piedrahita*) diz que era elle *uno de los hombres mas valerosos que puede honrarse la Celtiberia, y que a aver cambiado los empleos militares de Indias por los de Europa, le huvieran egualados muy pocos.*

Infelizmente Linasco devia representar de Cassandra, pois Ursua mostrou se surdo as suas prevenções e nem mesmo o attendeu quanto ao conselho de não levar comsigo uma bella viuva, Ignez de Atienza, sua amante, pomo de cobiça e discordia futuras. *PEDRO DE URSUA 1560*

De Santa Cruz de Capocoba, pequeno povoado estabelecido pelo capitão Pedro Ramiro, no rio Guallaga, fez elle o centro das operações, o ponto de partida da expedição (17); ahi reuniu trezentos hespanhóes e cem mestiços, afóra grande numero de indios.

Um pouco abaixo d'este logar, escolheu sitio farto de madeira, e mandou começar a construcção de dois bergantins e nove barcos de pequeno calado, depois do que voltou a Lima, afim de activar o apresto dos comboios necessarios.

Funestissimos augurios presidiram os primeiros trabalhos dos expedicionarios; o roubo e o assassinato fôram os prodomos de futuros excessos.

Um pobre clerigo do rio Moyobamba, Pedro de Portilho, avido também dos grandes lucros da empresa, entregou a Ursua dois mil pesos de oiro, confiante de que este o nomearia cura e vigario da expedição, e arranjar-lhe-ia o bispado das terras a descobrir.

Como recompensa de tão valioso auxilio, Juan de Vargas, Fernando de Gusmão, la Bandera e outros exigiram-lhe, de arcabuzes ao peito, um recibo d'aquella quantia e a entrega de mais quatro mil pesos, que o desgraçado possuia.

Frei Pedro Simon (18) affirma que Ursua não foi extranho a esse movimento.

---

(17) Ulloa diz que Ursua partiu de Llamas no rio Moyobamba, affluente do Guallaga, mas frei Pedro Simon (*Noticias historiales de las conquistas de tierra firme en las Indias Occidentales*) dá a partida de Capocoba.

(18) Obra citada—tom. I, pag. 246, not. VI, cap. II.

De volta a Santa Cruz, o general hespanhol ordenou que o capitão Pedro Ramiro, como seu tenente-general, tomasse o commando de uma pequena força e com ella entrasse na provincia dos Tubalosos, notavel pela sua fertilidade, a angariar mantimentos para a viagem. *PEDRO DE URSUA 1560*

Francisco Diaz de Arles e Diogo de Frias, amigos intimos de Ursua, juntaram-se, durante a caminhada, a Grijota e Alonso Martin, e garrotearam o infeliz Ramiro, depois do que cortaram-lhe a cabeça, conscios de que a intimidade com o governador os livraria do castigo.

Foi, porém, este inflexivel juiz do delicto; os quatro assassinos, condemnados á morte, debalde requereram-lhe a appellação da sentença para a real audiencia de Lima; deante de todas as forças expedicionarias rolaram as suas cabeças sob o cutello. (19)

Antes que se apromptassem as embarcações, Garcia de Arce, grande amigo e confidente de Ursua, recebeu ordens de avançar, com trinta homens, pela provincia dos *Caperuzos (20,)* em busca de mantimentos para a expedição, sem comtudo levar além de vinte leguas a sua marcha. Esta facção devia aguardar outro destacamento, ás ordens de João de Vargas, em determinado ponto do rio (21), e ahi esperarem ambos o resto da esquadra.

Arce, tamanho ardor pôz no desempenho da sua commissão, que ultrapassou as instrucções de Ursua, descendo cêrca de duzentas leguas, rio abaixo, até aportar em uma ilha onde fortificou-se e manteve-se, apezar dos continuos e fortes ataques dos indios.

Vargas, apenas promptos um bergantim e varias canoas embarcou-se com cem homens,

---

(19) Este acto patenteia a inexhoravel energia de Ursua; Diaz de Arles o acompanhara sempre desde a Hespanha, em todas as suas emprezas, como amigo dedicado; Frias era recommendado especial do vice-rei, marquez de Cañete, e desempenhava o alto cargo de thesoureiro da armada.

(20) Ou dos *Encabellados*, indios assim chamados pelos enormes cabellos que usavam.

(21) Na bocca do rio Cocama.

nas pegadas de Arce, porém, debalde procurou, nas margens do Guallaga até o Cocama, os primeiros exploradores.

*PEDRO DE URSUA 1560*

Em vista d'este desastroso contratempo, deixou na fóz do Cocama o bergantim e parte da sua gente, e subiu o rio nas canoas com os outros soldados, regressando vinte e dois dias depois, com farta provisão de milho e outros comestiveis, bem assim com muitos indigenas e canoas para o serviço da esquadra.

Dois longos mezes escoaram-se na vida sedentaria dos acampamentos e já os soldados davam graves indicios de rebellião, com difficuldade reprimidos por Vargas, quando appareceu o resto da expedição, com Ursua á sua frente.

Só em 26 de setembro de 1560 lograra elle deixar Llamas, não sem grandes contrariedades e prejuizos; os contratempos pareciam presagiar as provações e desgraças que o esperavam.

Quando o bergantim ficara prompto para viajar, seis dos barcos pequenos tornaram-se imprestaveis, porque a madeira não fôra convenientemente preparada, e de tal sorte que nenhum concerto foi possivel.

Este desastre obrigara Ursua a deixar grande parte da sua bagagem, bem como 260 cavallos, em Motilones, sem que ahi ficassem os retardamentos, pois no terceiro dia de viagem, o bergantim montara um banco de areia e quebrara uma peça importante da quilha.

Reunidos de novo os expedicionarios, partiram todos da emboccadura do Cocama, pelo rio Bracamoros ou Maranhão, mas tiveram logo de abandonar o bergantim de Vargas, por imprestavel, e repartir a carga d'elle retirada, pelo outro bergantim e canôas.

Oito dias depois chegaram, sem contratempo á ilha onde Garcia de Arce fortificara-se, com os seus companheiros, e ahi os acharam ainda entrincheirados, quasi desilludidos da vinda do governador, pelo que grande foi a alegria de ambos os lados, por tão feliz encontro.

A fartura de mantimentos e o bem estar da tropa levaram Ursua a tentar ahi a primeira exploração ao interior do paiz, e assim destacou uma força que, ao mando de Pedro de Galeas, partiu em demanda das fabulosas riquezas do *El-Dorado*, ou ao menos de informações sobre a sua situação *PEDRO DE URSUA 1560*

Esta tentativa devia ficar frustada, apesar do denodo dos soldados e dos chefes; Galeas nada mais descortinou do que florestas, montes, rios e indios.

Para baixo da bocca do Ucayali, uma grande tribu de indios, cujo chefe tinha o titulo de *Papa*, deu aos expedicionarios bom agasalho, peixe, milho e mandioca, e Ursua utilisou-se d'este favoravel ensejo para construir novos barcos, que supprissem a grande falta do bergantim.

Ao sahir d'ahi nomeou elle Juan de Vargas logar-tenente, e D. Fernando de Gusmão alferes geral, por lhe parecer que devia repartir o seu poder discricionario, afim de melhor attender á ordem e disciplina da tropa.

Dentro em pouco, manifestaram-se serios indicios de rebellião, entre os soldados; Alonso de Montoya planeara, com mais alguns cumplices, apoderarem-se traidoramente de algumas canôas e n'ellas voltarem ao Perú, porém, o trama abortou, sendo castigados os delinquentes, o que aliás não vedou a animosidade, cada vez maior, da guarnição.

Quasi na emboccadura de Içá ou Putumayo, aportaram os navegantes á aldeia de Machifaro, importante agrupamento indigena de que Orellana precedentemente falara na relação da sua viagem; os indios os receberam hospitaleiramente, de modo que Pedro de Galeas, á frente de uma destemida força, internou-se pelas terras, em busca do decantado reino do oiro, como já o fizera, sem resultado, pouco adeante da confluencia do Napo.

Emquanto esperava-se a volta d'este troço explorador, os indios Cararis, inimigos irre-

conciliaveis dos de Machifaro, em numero superior a duzentos, prepararam, n'uma noite, um assalto á aldeia mas, ao aproximarem-se, reconhecendo terem os inimigos extranhos hospedes, fugiram rapidamente nas suas canôas, em meio de infernal algazarra. *PEDRO DE URSUA 1560*

Não quiz o cacique de Machifaro perder tão propicia opportunidade de dar aos seus adversarios uma terrivel reprimenda, e, valendo-se da amisade de Ursua, partiu com os seus guerreiros, acompanhado por cincoenta arcabruseiros, ao mando de Juan de Vargas, logo após os retirantes.

Alcançados, em meio do rio, e envolvidos por todos os lados, debalde os infelizes Cararis supplicaram a paz; ao feroz cacique não bastava esta suprema humilhação, cumpria aniquillar os inimigos.

E a hecatombe realisou-se porque entre os seus arcos e os peitos dos Machifaros, tiveram os Cararis a bocca dos arcabruzes.

Galeas voltou carregado de informações, mas sem ao menos ter visto de longe, apezar dos seus esforços, a celebre cidade, refulgindo aos raios do sol, como uma joia de oiro.

Em Machifaro accentuaram-se os murmurios dos descontentes; cresceram as reclamações, a má vontade tornou-se quasi geral. Protestavam os turbulentos contra tão longa viagem, leguas e leguas percorridas dia e noite, sem nenhum resultado; as constantes fadigas exasperavam aquelles homens ambiciosos, que viam dia a dia, esvaecer-se o aureo sonho de tantos mezes.

Ursua, inflexivel como sempre, conheceu que o perigo ia-se avolumando, mas não pensou em voltar, sem ter attingido a phantastica méta da sua empreza; pelo contrario procurou reagir efficazmeute contra a insubordinação dos seus soldados.

Reputando-se representante do rei, e, portanto, auctorisado a conferir cargos ecclesiasticos, nomeou o padre Alonso Henao provedor superior, cura e vigario da expedição, na esperança de pôr um freio aos desmandos pela influencia religiosa;

infelizmente os resultados de semelhante medida fóram todos negativos, pois o primeiro acto do sacerdote, lançando a excommunhão contra aquelles que se apoderassem dos generos reservados pelo commando chefe, para o uso publico, descontentou a todos, ávidos como estavam de grandes thesouros. *PEDRO DE URSUA 1560*

A esperança de largos proventos, que tão auspiciosa se mostrara a todos, no começo da exploração, pertencia já a bem poucos; o maravilhoso El-Dorado tardava demais a mostrar-se; as fadigas cresciam, ao passo que o Perú distanciava-se assombrosamente.

Alonso de Montoya, Lopo de Aguirre, Juan Alonso de la Bandera, Lorenzo Zalduendo, Miguel Serrano de Caceres, Pedro de Miranda Mulato, Martin Perez, Pedro Fernandez, Diogo Torres, Alonso de Villena e Cristobal Hernandez chefiavam os descontentes e desenvolviam activa propaganda para captarem adeptos; bem cêdo, a equipagem toda participava dos seus planos.

Bandera e Zalduendo tinham os olhos cupidos sobre a bella Ignez; no seio das florestas virgens, longe do convivio das outras mulheres, a sua belleza augmentara e com ella os desejos criminosos dos dois rebeldes; a paixão carnal lançava-os desabridamente no caminho do crime.

Os conspiradores trataram então de chamar ao seu gremio o alferes Fernando de Gusmão (22) induzindo-o a ver na prisão de um seu creado mestiço, ordenada por Ursua, uma grave injuria e desattenção á sua pessoa, digna de severa vingança.

Isto e as lantejoilas do commando chefe promettidas a Gusmão, fizeram-no ceder; para sua desgraça e ignominia da sua memoria.

N'uma reunião secreta, sob sua presidencia, propoz elle que Ursua, Vargas e os seus partidarios fossem abandonados ali, continuando-se a viagem rio abaixo, porém, o coração perverso de

---

(22) Natural de Sevilha, descendente de boa familia. Tinha 22 annos.

Aguirre e o paixão carnal de Zalduendo pela infeliz amante do general, aconselharam a morte em vez do abandono, alvitre este acceito por todos, inclusive o traidor alferes. *PEDRO DE URSUA 1560*

Entretanto Ursua nada sabia, nada suspeitava da terrivel desgraça que o aguardava; os seus amigos, porém, mais em contacto com os soldados e marinheiros, tanto desconfiaram de uma cilada que chegaram a propor-lhe montarem guarda á sua pessoa, noite e dia, offerecimento que elle agradeceu, mas não acceitou.

No dia 27 de Dezembro partiram de Machifaro e, pela noite, aportaram em uma villa abandonada pelos indios; ahi desembarcaram e fizeram acampamento. Então resolveu Ursua enviar pela terceira vez uma partida a explorar o interior do paiz, e destacou para tal fim Sancho Pizarro, a quem deu por escolta homens de sua inteira confiança.

Os rebeldes resolveram aproveitar tão propicio momento, que a sua victima inconscientemente lhes facultava.

Em a noite de 1º de Janeiro de 1561, reunidos e armados, dirigiram-se pela calada da noite, á barraca do general; Montoya e Chaves entraram em primeiro logar e, quando Ursua lhes perguntou o que queriam a taes deshoras, lançaram-se sobre elle e o prostaram com dois golpes. Apezar de ferido, a surpreza de tão cobarde ataque não inhibiu o animo do denodado chefe; erguendo-se, procurou rapido o seu escudo e a sua espada, mas, no mesmo instante, invadiram o aposento os demais conspiradores cortando-lhe todas as probabilidades de defeza.

Deante da horda de seus assassinos, a morte deu-lhe apenas tempo para exclamar: « Meu Deus, tende misericordia de mim! »

Em face do cadaver ainda quente da sua victima, romperam os amotinados em retumbantes gritos: Liberdade! liberdade! Viva o rei, que o tyramno está morto.

Attrahido pela vozeria, o fiel Vargas, de espada em punho e escudo ao braço, apresen-

tou-se no meio dos rebeldes e offereceu-lhes encarniçado combate; em poucos minutos a sua armadura estava cobertas de golpes e alguns dos atacantes tinham levado rude conta. *PEDRO DE URSUA 1560*

Mas a sua perda era fatal; Martin Perez traiçoeiramente correu, com extrema violencia, uma estocada que o atravessou de lado a lado, e abateu-o morto, aos pés dos bandidos.

Os outros officiaes que correram a indagar do que succedia, encontraram soldados, marinheiros, todos revoltados; a tentativa de reacção seria uma loucura.

Seguros do seu inglorio triumpho, os amotinados acclamaram em altas vozes, seu general a Gusmão, e mestre de campo a Fernando Aguirre; estes, por sua vez, foram prodigos em recompensarem os seus perfidos auxiliares; Bendera recebeu o posto de capitão da guarda; Villena o de official porta-bandeira, Zalduendo o de capitão de infantaria.

Os proprios officiaes de Ursua, as pessoas gradas da expedição, parteciparam sem repugnancia dos poderes rebeldes; crearam-se para alguns d'elles excellentes cargos; assim tudo ficou garantido e accôrdado.

De volta de sua viagem, aliás tão infructifera como as de Pedro Galeas, Sancho Pizarro viu-se contemplado pelos trahidores com o posto de sargento-mór, gentileza que acceitou desvanecido.

Em todas aquellas centenas de homens. Ursua teve apenas um amigo sincero; houve apenas um homem escravo do dever: Vargas.

Como valioso quinhão, cahiu a infeliz Ignez em poder dos seus cubiçosos admiradores.

Realisavam-se as previsões do dedicado Linasco, despresadas por Ursua que caminhava fatalmente para a morte.

Enterrados Pedro de Ursua e Juan de Vargas, na mesma sepultura, e feitas as nomeações necessarias, o novo general deu-se pressa em convocar um conselho dos seus pretensos officiaes, afim de resolverem sobre o rumo a tomar.

Na reunião, os amotinados dividiram-se em dois grupos, uns com Gusmão, opinaram que se continuasse a viagem rio abaixo, em busca do El-dorado; outros, com Aguirre, propuzeram que voltassem ao Perú. *PEDRO DE URSUA 1560*

Cinco dias depois do assassinato de Ursua, a expedição deixou o seu acampamento, que ficava servindo de tumulo ao infeliz governador, e proseguiu rio abaixo, aportando, ao escurecer, em outra barranca do rio, completamente deserta.

Ahi acamparam de novo e resolveram construir outros bergantins e canôas no que gastaram tres mezes, não obstante o ardor dos carpinteiras e soldados.

Terrivel penuria de mantimentos acossou-os sem tregua; para escaparem ás garras da morte, tiveram de comer todos os cavallos e burros, que ainda possuiam, e buscar nas florestas fructos silvestres e raizes.

Como se não bastasse tamanho revez para intibiar o animo daquelles homens manchados pelo crime, o famigerado Lopo de Aguirre começou a desempenhar o nefando papel de assassino repugnante, que o colloca no primeiro plano entre os facinoras celebres da historia paraense.

A primeira victima foi Garcia de Arce, que vimos receber de Ursua a missão de angariar commestiveis para os expedicionarios; o rancoroso mestre de campo bem sabia que Arce andava ali constrangido, no meio d'aquella horda de miseraveis, e não vacillou um instante em face do crime.

Mandou prendel-o e garroteal-o, sem a mais leve formalidade.

Depois d'esta atrocidade, se levantaram, no acampamento, vagos rumores de que Pedro de Miranda, cognominado o *Mulato*, e Pedro Hernandez, pagador-mór, tramavam alguma coisa contra o general; Aguirre não syndicou do gráo de verdade de taes accusações, o garrote inscreveu no diario da nefanda viagem mais assassinatos.

Entretanto, Fernando de Gusmão ia cavando a propria ruina; em extremo se affeiçoara elle ao capitão da guarda Juan Alonso de la Bandera, pelos muitos serviços que elle lhe prestara, e o nomeou mestre de campo, ficando demittido Lopo de Aguirre. *PEDRO DE URSUA 1560*

Não era este homem que deixasse ficar sem vingança tal offensa ao seu amôr proprio, comtudo, reconhecendo a inopportunidade de immediata reacção, fingiu receber sem azedume a sua destituição do importante cargo.

Não obstante este disfarce, perceberam todos que Gusmão corria d'ali em deante grave risco, e não faltaram conselhos para que o general mandasse matar o rancoroso caudilho, mas Fernando, não só deixou de lado taes pareceres, como prohibiu terminantemente que se lhe fizesse a menor offensa.

Ao passo que assim procedia, tratava de amansar a féra, promettendo-lhe de novo o cargo e mais que faria casar com uma sua filha mestiça um seu irmão Martim de Gusmão que ficára no Perú.

Aguirre apparentou regosijar-se muito com o futuro de sua filha e tratou de estreitar as relações com o governador, ganhando assim terreno para uma desforra violenta.

Começou a fomentar a intriga que la Bandera, orgulhoso de seu alto posto, aspirava as honras e poderes do commando-chefe; a principio Gusmão repelliu semelhante proposição que se lhe afigurou impossivel, e aos que a espalhavam, mas Aguirre insistiu de tal modo, e, com elle o capitão Zalduendo, rival de Alonzo nos amôres de Ignez, que ficou por fim plenamente convencido da traição do seu grande amigo, e deu ordem para que o matassem, bem como a Cristobal Hernandez, apontado como futuro mestre de campo. Ao menos d'esta vez, não achou Aguirre incautas as suas victimas; avisados do perigo que corriam, la Bandera e Cristobal jamais se separaram, sempre bem armados para a resistencia.

Gusmão devia offerecer vilmente os desventurados officiaes ao punhal dos assassinos; assim convidou-os a jogar em sua propria tenda e ahi os surprehenderam e mataram Aguirre e os seus. *PEDRO DE URSUA 1560*

Lopo recebeu, como premio d'esta façanha o seu antigo cargo e a nomeação de Gonzalo Guiral de Fuentas, seu extremo dedicado, para o posto de Hernandez.

Não deviam ficar ahi os crimes e proezas de Aguirre; desvairado pelo grande temor que todos lhe tinham, ambicioso até a loucura, fervilhou-lhe no cerebro a idéa arrojada de submetter á auctoridade de um rei o Perú e as outras possessões hespanholas da America,emancipal-as do poder da metropole; o El-Dorado desvaneciase deante de tão arriscada empresa.

Talvez que semelhante projecto, em vez de provir de uma ambição desmarcada, fôsse uma partida suprema, tentada pelo ambicioso aventureiro, convicto de que coisa alguma o salvaria das garras da justiça, quando chegassem ás terras de Felippe de Hespanha.

O insensato Gusmão, já duplamente assassino e traidor, deixou-se deslumbrar, como os soldados e marinheiros, pelas bellas palavras com que o mestre de campo descrevia as peripecias da colossal rebellião.

Para elle aquillo era apenas um jogo de audacia, um golpe rapido e inesperado de meia-duzia de homens dispostos e valentes, a que não resistiriam as tropas hespanholas.

Além d'isso choveriam adeptos de todos os lados, uns attrahidos pelos muitos cargos importantes, outros pela esperança de obtel-os.

Quando a Hespanha tentasse rehaver as suas possessões, encontraria um exercito formidavel, aguerrido, capaz de uma resistencia invencivel.

E Fernando de Gusmão foi, nas margens do Amazonas, acclamando rei e principe da Terra Firme e do Perú; todos beijaram-lhe res-

peitosamente as mãos, para começo do burlesco reinado de tão louco fidalgo (23). *PEDRO DE URSUA 1560*

O pretenso rei tratou logo de elevar-se ao nivel dos outros soberanos; ali mesmo, na barranca do rio, no esfarrapado acampamento da expedição, onde soffriam todos grande fome, fez-se rodear de um grande sequito; nomeou gentis homens, pagens, escudeiros, mestre-sala, mordomo-mór, e até *trinchador-mór*, como se o miseravel alimento, que obtinham a custo, requeresse o garfo e a faca de um habil official.

O primeiro acto da altiva magestade foi destituir do cargo de sargento-mór Sancho Pizarro, dando-lhe por substituto Martins Perez, que assim recebeu a recompensa pela tremenda e traiçoeira estocada corrida no infeliz Vargas.

Depois traçou Aguirre o plano geral para a conquista do futuro reino de dom Fernando; a expedição deveria continuar a descer o rio até encontrar o oceano, por onde chegariam á ilha Margarida, ponto inicial dos ataques e tomadas.

A ilha Margarida seria tomada de assalto e forneceria aos rebeldes os mantimentos e armas necessarias, depois do que e sem perda de tempo, velejariam para a cidade Nombre de Dios; sobre ella dariam pela calada da noite, com seguro resultado, saqueando-a e fazendo-a presa de violento incendio.

Sem perda de tempo e já augmentados de numero por muitas adhesões, marchariam sobre o Panamá que por certo não resistiria ao seu impeto; ahi fortificar-se-iam, guarnecendo as trincheiras com os canhões de Nombre de Dios e Margarida, ao passo que os navios tomados formavam uma esquadra regular. De Nicaragua, Veragua e outros pontos, acudiriam muitos ade-

---

(23)—Aguirre, seguido por todos os officiaes e soldados, buscou Fernando e disse-lhe: *Todos estos caballeros y yo hemos elegido á vuestra Excellencia por nuestro Principe y Rey natural, y como á tal le venimos á dar obediencia y besar la mano . . .* » Frei P. Simon—Tomo I—pag. 275.

ptos, especialmente negros fugidos e desertores, cujo numero não seria inferior a mil; com as armas conduzidas dos portos saqueados armariam toda a gente, formando um exercito respeitavel. *PEDRO DE URSUA 1560*

Só então invadiriam o Perú, com tal rapidez e tão decisivos feitos d'armas, que dom Fernando ver-se-ia, em breve tempo, rei da rica possessão de dom Felippe.

Assim traçado o insensato plano de Aguirre, que todos, monarcha, officiaes e soldados, julgaram sublime, como se as rebelliões de Gonçalo Pizarro, Hernandez Giron e outros não fôssem duras licções do que era o poder dos reis da Hespanha, partiu a expedição, rio abaixo, nos bergantins e canôas construidos.

Depois de alguns dias de viagem, estabeleceram acampamento á margem do rio, afim de ahi festejarem a Pascoa.

Esta pousada devia, como as outras, ficar assignallada por crimes nefandos, commettidos pelo infame Aguirre, cada vez mais despota e cruel.

Um pobre soldado, Pedro Alonso Castro, em conversa com outro de nome Vilatoso, queixou-se do pouco caso que d'elle faziam os officiaes, quando Ursua tanto o distinguira, e citou, na conversa, a celebre sentença de Virgilio: *Audaces fortuna juvat, timidosque repellit.*

Foi isso a sua sentença de morte; Aguirre, sabedor do occorrido, mandou logo garrotear os dois infelizes.

Emquanto se executava a infame ordem, informaram o rei do que se passava, e Fernando enviou sem detença um aviso a Aguirre para que suspendesse tão iniqua e barbara sentença. Para Alonso Castro chegou tarde a clemencia, pois o laço do carrasco já o estrangulara; porém Villatoso escapou da corda que principiava a suffocal-o.

Este e outros factos fizeram comprehender ao monarcha quão enfraquecida ia a sua auctoridade discricionaria e magestatica, constante-

mente manejada pelo mestre de campo; talvez que no espirito de dom Fernando apparecesse mesmo o presentimento do seu funesto fim; o certo é que convocou os seus officiaes e mostrou-lhes a conveniencia de livrar a todos d'aquelle perverso bandido, arvorado em executor dos seus companheiros.

*PEDRO DE URSUA 1560*

Ninguem protestou; na consciencia de todos aquelles homens bons e maus vivia o desejo de semelhante medida; entretanto, Montoya foi de parecer que se adiasse a morte de Aguirre para occasião propicia. Este pessimo alvitre salvou o facinora e custou a vida a muitos da expedição.

O mestre de campo, sem a menor attenção ao burlesco principe, continuou a agir a seu exclusivo arbitrio, como se o mando supremo estivesse em suas mãos, porque, se o pobre Ursua, capitão geral e governador, nomeado pelo vice-rei do Perú, em nome de Felippe I de Hespanha, fôra para os seus criminosos planos um fragil obstaculo, que valia a magestade de dom Fernando, obra sua, filha do crime e da traição?

Bem cêdo teve Gusmão deante dos olhos a prova mais cabal da completa indifferença de Aguirre pelos seus poderes principescos.

Zalduendo, capitão da guarda e amante de dona Ignez, teve com o mestre de campo uma pendencia, a proposito de querer aboletar, em um dos bergantins, a viuva e uma sua companheira de infortunio Maria de Soto; depois queixou-se a dom Fernando de que preparavam-se para matal-o, pelo que resolvera se collocar debaixo da regia protecção.

O rei, recebendo a queixa, enviou logo o capitão Gonçalo Guiral de Fuentes a Aguirre, recommendando-lhe que se abstivesse de commetter mais este assassinato.

Tamanho furor causou esta advertencia ao sanguinario aventureiro, que, immediatamente, lançou mão das suas armas, e seguido de um troço de bandidos do seu jaez, invadiu a tenda real, e, deante do proprio monarcha, elle e os

seus sicarios crivaram de golpes a Zalduendo, que assim expiou os crimes de traição a Ursua e do assassinato de la Bandera. *PEDRO DE URSUA 1560*

Debalde gritou o rei, debalde ordenou e ameaçou; ninguem o attendeu, ninguem viu n'elle mais que um manequim adrede preparado.

O perverso Aguirre não ficou satisfeito com ver, prostrado no sólo, ensopado de sangue o cadaver de Zalduendo; logo despachou o sargento Antonio Llamoso e um mestiço Francisco Carrion para assassinarem a Ignez de Atienza, a infeliz mulher, cujo destino ficara á mercê dos bandidos desde que Ursua cahira sob o punhal dos traidores.

Os infames carrascos buscaram a sua victima indefesa e tantas cutiladas e estocadas vibraram-lhe que lhe reduziram o corpo a um horroroso montão de carne, depois do que apoderaram-se de todas as suas joias e vestidos.

Dom Fernando, após a façanha do seu mestre de campo, caminhou rapido para a morte, pois, apezar das muitas desculpas que o falso Aguirre fôra prodigo em dar-lhe, o perigo crescia inevitavel.

Guiral de Fuentes e Alonso Villena, aquelle capitão e este mestre-sala, convencidos de que o seu rei nada valia e de que se rei alli havia era o famigerado Lopo, denunciaram a este a junta secreta que Gusmão fizera e na qual se assentara matal-o.

Então soou para o principe e seus officiaes a hora da expiação; os seus crimes, livres da alçada das justiças da Hespanha, iam receber a sentença e prompta execução.

Aguirre, com os seus dedicados adeptos, aproveitou o silencio e as trevas da noite e dirigiu-se á poisada do almirante Miguel Bobedo, onde também dormia Alonso Montoya.

Ambos tiveram o mesmo fim do desgraçado Ursua, varados como elle pelas espadas e lanças dos soldados.

Este duplo assassinato foi commettido por homens affeitos aquillo; nenhum rumor se ouvi-

ra, tudo continuava mergulhado no mais profundo socego. *PEDRO DE URSUA 1560*

Então Aguirre dirigiu a sua gente, designou os que tinham de ser assassinados e os que deveriam executar as suas ordens, de modo que, ao romper do dia, assaltou o *castello* do rei.

A primeira victima foi o padre Alonso Henáo, que Ursua nomeara vigario da expedição; depois seguiram-se o capitão Miguel Serrano, o mordomo-mór Gonçalo Duarte, Balthazar Cortez Cano e muitos outros.

Dom Fernando, desperto pelo ruido do ataque e vendo entre os assassinos o seu mestre de campo, perguntou-lhe o que significava aquella matança.

Respondeu-lhe Aguirre que se guardasse e o deixasse agir como entendia.

No mesmo instante Martins Perez e Juan de Aguirre, que haviam recebido a miseravel incumbencia de matar o rei, disparam-lhe os arcabuzes e, não contentes com isso, e para completo exito da sua missão, embeberam-lhe as espadas no peito.

Assim terminou o comico reinado d'esse infeliz Gusmão, mais ambicioso que cruel, victima da lei historica das rebelliões sanguinarias.

Ao assassinato de dom Fernando succedeu a acclamação de Aguirre para general; os mais salientes sicarios receberam os altos postos das suas victimas; Martin Perez occupou o logar de mestre de campo, Juan Gonçalo o de almirante do mar, Nicolas de Suzaya o de capitão das guardas.

E retomaram todos a viagem rio abaixo, depois de ter Lopo assignalado o sitio com o caracterisco nome de: *Matanzas.*

Durante doze longos dias, deslizaram pelo magestoso rio, que então lhes apresentou, pela primeira vez, umas serras de pouca altura (24), habitadas por muitos indios.

---

(24)—Provavelmente as serras d'Almeirim, Velha Pobre e Jutahy.

Em um aprazivel sitio, á margem direita do rio, resolveu acampar Aguirre, para preparar de vélas os bergantins, e ahi, como nas poisadas anteriores, o seu instincto perverso o levou á pratica de novos assassinatos; um pobre soldado flamengo, sem a mais leve culpa, foi durante a noite garroteado, e preso ao seu cadaver um cartaz com a palavra: *Amotinadorcillo;* Juan de Cabañas, o capitão Diogo de Trujillo, o sargento mór Juan Gonzalez tiveram a mesma sorte, todos tres sacrificados á insaciavel crueldade do celebre bandido. *PEDRO DE URSUA* 156

Entretanto, vivia Aguirre uma vida atribulada, em extremo receioso dos seus companheiros; as suas precauções denotavam a perturbação do seu espirito; andava sempre armado, como para o combate, e assim dormia apenas algumas horas.

Quando de novo retomou a viagem, prescreveu que todos se despojassem das suas armas, como desnecessarias.

Pouco depois da partida, fôram as aguas do Amazonas testemunho de uma revoltante barbaridade, a que o proprio Aguirre assistiu com vivas demonstrações de alegria.

N'um dos seus assomos de Nero chamou o sargento-mór Anton Llamoso, o repugnante assassino de Ignez de Atienza, e ordenou-lhe que fôsse matar o commendador dom Juan de Guevara.

Sem demora passou-se o carrasco para o bergantim, onde ia o desditoso Guevara, e tratou de cumprir as ordens recebidas.

Com algumas cutiladas derribou a sua victima, mas em vão buscou romper-lhe o peito.

A espada demais bota maltratava sobremodo o ferido, e prolongava-lhe a tortura; então Guevara mostrara ao assassino uma adaga, que lhe pendia da propria cintura, e pedira-lhe abreviasse aquelle supplicio atroz.

Obedeceu o miseravel, porém as punhaladas, mal dirigidas, despedaçaram as carnes, sem resultado, terminando o facinora por atirar ao

rio o desgraçado que se debateu ainda sobre as aguas, nas vascas da morte. *PEDRO DE URSUA 1560*

Toda a equipagem do bergantim e das outras embarcações, assistiu pasma a esta scena de canibalismo, sem o menor protesto; não houve um só homem cuja consciencia revoltada se pronunciasse.

Em dezembro de 1561 chegaram os destroços da grande expedição de Ursua ao archipelago da emboccadura do Amazonas, cujas ilhas fôram pelos viajantes avaliadas em mais de duas mil.

Aguirre, uma vez no Atlantico, velejou para o norte, e aportou sem contratempo á ilha Margarida, onde o governador dom Juan de Pillandrado o recebeu com excellentes demonstrações de acatamento, pois, ignorando todos os crimes do famigerado aventureiro, pareceu-lhe que aquelles homens vinham de prestar um relevantissimo serviço aos soberanos da Hespanha.

Esta gentileza foi o primeiro elemento de que lançou mão o infame Aguirre para dar começo ao seu insensato plano de rebellião e conquista do Perú; traiçoeiramente prendeu o governador e as principaes auctoridades da ilha e mandou garrotear a todos, depois do que preparou-se para continuar as suas torpes proezas.

Entretanto, prevenido o governador de Venezuela, Pablo Collado, por frei Francisco Montesinos, das tropelias levadas a effeito com tamanho exito, tomou logo sérias providencias e avisou a quantos poude do que se passava, de modo que, dentro em pouco, organizava-se a resistencia.

Aguirre embarcou-se com a sua tropa, no proposito de surprehender o porto de Burburata, e, depois de desembarcar em um povoado perto d'esta cidade, incendiou toda a sua esquadra e tratou de avançar sobre o seu alvo.

Como, porém a surpresa, a grande alma do seu audacioso trama, nenhum resultado désse devido aos avisos anteriores, viu-se rodeado de

sérias difficuldades; o desanimo avassallou a sua gente, que só então talvez comprehendesse toda a insensatez do plano combinado. *PEDRO DE URSUA 1560*

Uma declaração do governador de Venezuela, concedendo o perdão, em nome do rei, a todos aquelles que abandonassem o rebelde, acabou de anniquilal-o; dentro em pouco viu-se quasi abandonado deante dos seus inimigos; a morte chegava, tarde de mais para evitar todos os barbaros assassinatos commettidos, mas a tempo de livrar a humanidade do sanguinario general.

A sua ultima victima foi a sua propria filha, que assassinou ás punhaladas, pouco antes de ser aprisionado pelas forças reaes.

Os soldados do rei, não obstante a cobardia com que o tyranno lhes supplicou a vida, deram-se pressa em matal-o com certeiras arcabuzadas, depois do que o esquartejaram e degollaram.

A cabeça coube á cidade de Tacuyo, a mão esquerda á Valença, a direita á Merida, as pernas e os braços ás estradas e caminhos de Venezuela.

Este foi o ponto final tragico da expedição de 1560 ao Amazonas, que deixou traços profundo de crime na historia do Pará, chamado a figurar na tragedia por lhe correr no seio o leito da grande arteria fluvial, campo de toda essa nefanda obra de ambição.

Se puzermos em confronto as duas viagens de exploração de 1539 e 1560, constataremos as grandes vantagens da primeira sobre a segunda; a viagem de Orellana levou á Europa uma noticia detalhada do immenso Amazonas, das fertilissimas margens do rio-mar; fez mesmo Carlos V cuidar da conquista d'esse bello quinhão, que o tratado de Tordesilhas deixara á Hespanha; a viagem de Ursua nada adeantou sobre a geographia amazonica; não obstante o seu grande apparelhamento, devia esphacelal-a a dis-

cordia e o crime; os *marãnones* (25) na historia não figuram como exploradores mas como bandidos. *PEDRO DE URSUA* 1560

*(Continúa)*

ARTHUR VIANNA.

---

(25) Depois do assassinato de Fernando de Gusmão e dos seus adeptos, Aguire deu aos seus soldados o nome de *marañones;* frei Pedro Simon assim se manifestou sobre esta designação: « . . . *intituló a sús soldados los Marañones* (*nombre inventado entre ellos*) *y que teniam tratado dias habia a ponersele, por ventura por las marañas que cada dia se urdian en aquel ejercito . . . y de aqui tomo este io el nombre Marañon, sim que hayu tenido otro fundamento el ponérsele . . .* »

Esta origem da palavra Maranhão applicada ao Amazonas não é acceitavel, pois, em 1561, já o Mar Dulce de Pinson, era, na Hespanha, conhecido com tal nome.

A *Suma de geographia*, de Enciso, e a *Historia natural das Indias*, de 1519 e 1526, se achavam impressas, mencionando muitas vezes o rio Maranhão.

Os seguintes trabalhos esclarecem bem todos os episodios da expedição de Ursua: «*Noticias historiales de las conquistas de terra firme en las Indias Occidentales*,» de Frei Pedro Simon. «*Decadas*,» de Antonio Herrera. «*Historia generale del Perú*, de Garcilasso de la Vega. «*The expedition of Orsua and the crimes of Aguirre*,» de Roberto Southey; e as narrações de Piedrahita, Gomberville, etc.

# ASTRONOMIA

## GALILEU

Descendente de uma familia nobre, mas destituida de bens de fortuna, Galileu—o grande sabio—nasceu em Pisa, no anno de 1564.

Sentindo gosto natural pelo estudo das mathematicas, abandonou o da medicina, para o qual o destinara seu pae. Fez então taes progressos, que foi nomeado professor de mathematicas na Universidade de Pisa, e depois em Padua, onde ensinou durante vinte annos, indo, afinal, fixar a sua residencia em Florença, a instantes pedidos do grão-duque de Toscana, que muito o considerava.

Homem de sciencia distinctissimo, é considerado como o creador da physica experimental. Descobriu as leis da gravidade, inventou a pendula, a balança hydrostatica, o compasso de proporção e o telescopio.

O telescopio!

As preciosas qualidades do vidro, e a sua utilidade immensa, já eram conhecidas dos antigos.

Nos tempos modernos, em 1538, Fracastor escreveu o seguinte: « Se olharmos por dois vidros oculares, collocados um sobre o outro, veremos os objectos em ponto maior e mais proximos ».

Um menino, filho de João Hippershey, hollandez, divertia-se em 1606 a olhar para o campanario de Middelbourg atravez de duas lentes, suggerindo talvez a Jacques Métius, tambem hollandez, a idéa da construcção do um oculo-de-ver-ao-longe.

Em 1609, Galileu, guiado por estas experiencias ainda rudimentares, feitas por simples curiosos, construiu uma luneta astronomica, a primeira nesse genero.

Hoje, os instrumentos d'optica estão de tal modo aperfeiçoados, que a luneta colossal dos Estados-Unidos—10 metros

de comprimento, lente de 68 centimetros—augmenta de 1.400 até 2.000.

Que espectaculo maravilhoso não será o da lua augmentada e, ao mesmo tempo, approximada duas mil vezes!

Em vez do pequeno mundo que contemplamos a olhos nús a 96.000 leguas de distancia, apparecer-nos-á um astro enorme á pequena distancia de 48 leguas sómente.

Mercurio, afogado nos raios solares.

Venus, consideravelmente augmentada, vogará a 13.000 leguas apenas, em vez de 27 milhões, e mostrará phases semelhantes ás da lua. Não será mais a *Estrella do Pastor*, como a denominaram os antigos, sim um globo immenso, quasi do tamanho da Terra, possuindo montanhas muito mais altas que as do nosso globo, e atmosphera mais densa do que a nossa.

Apparecer-nos-á Marte, com os seus continentes e mares, como uma miniatura da Terra.

E Jupiter, o planeta gigante, com as suas quatro luas a gyrarem-lhe em redor; Saturno, a maravilha do systema solar, com os seus oito satellites e os dois anneis luminosos; Urano, manifestando-se ao telescopio de Herschel; e lá na fronteira conhecida dos dominios do Sol, o frígido Neptuno acompanhado de uma lua, sua fiel e obediente vassalla.

Os antigos haviam dividido as estrellas, a que chamavam *fixas*, em seis classes, sendo: 18 de 1ª grandeza (as mais brilhantes, vistas a olhos nús), 59 da 2ª, 182 da 3ª, 550 da 4ª, 1620 da 5ª e 4900 da 6ª (as menos visiveis).

Galileu, com a sua luneta, descobriu estrellas de 7ª grandeza, em numero de 16.000, as quaes nunca tinham sido vistas.

Com o aperfeiçoamento dos telescopios, vieram successivamente apparecendo aos olhos assombrados dos astronomos:

| | |
|---|---|
| Estrellas de 8ª grandeza. . . . . | 58:000 |
| De 9ª . . . . . | 210.000 |
| « 10ª . . . . . | 775.000 |
| « 11ª . . . . . | 2.570.000 |
| « 12ª . . . . . | 9.000.000 |

Além d'estas, já foram catalogadas estrellas de 13ª, 14ª e até 15ª grandeza!

E não pára aqui a potencia maravilhosa dos instrumentos de optica.

As nebulosas resolvem-se em estrellas; regiões immensas

do espaço, que a olhos nùs parecem desprovidas de astros, patenteam-se inteiramente crivadas d'esses celestes luzeiros.

Que se segue d'aqui ?

Segue-se o que já disse um escriptor : « Se o alcance dos nossos instrumentos se extendesse até o infinito, o céu cobrir-se-ia de pontos luminosos tão multiplicados, que se tornaria brilhante como o Sol, porque nenhum ponto do espaço ficaria privado de estrellas ».

Outra conclusão é que—o espaço é infinito.

Esta ultima verdade ja foi affirmada de modo categorico pelo cardeal Nicoláu de Cusa, em 1444, na sua obra *De Docta Ignorantia,* guiado unicamente pelo seu raciocinio, pois que os instrumentos d'optica sò appareceram no seculo seguinte:

« O mundo não pode ter circumferencia, porque então, além d'esse circulo, haveria ainda alguma cousa; e não póde ter centro, porque o centro é o ponto equidistante das diversas partes na circumferencia. O universo não tem, pois, nem centro, nem circumferencia. A Terra está tanto no centro do universo como a oitava esphera ».

Voltando aos instrumentos de astronomia :

Tambem o grande teloscopio da cidade australiana de Melbourne—1 metro e 22 centimetros de diametro e 9 metros de comprimento—augmenta e approxima até 1.500 vezes a imagem dos astros observados.

Astronomo de primeira ordem, Galileu fez grande numero de observações, que produziram enorme desenvolvimento nesta bella e difficil sciencia.

Eis algumas d'essas observações ou descobertas, segundo Benjamin Gastineau : a constituição da via-lactea, as gerações dos cometas, os satellites de Jupiter, o movimento de rotação do Sol.

— Aquella immensa e formosissima faixa esbranquiçada, a que chamaram via-lactea, resolveu-se em milhões e milhões de estrellas, situadas a taes distancias da Terra, que a mente do homem recúa cheia de assombro ao contemplar a immensidade illimitada do espaço e essa enorme poeira de sóes que a povoam.

— Ainda o maravilhoso instrumento d'optica serviu para a observação de innumeras séries de cometas, viajando pelo espaço ethereo, como navios desarvorados a vagar sem rumo nas ondas do oceano.

— Os eclipses observados nos satellites de Jupiter serviram para Olaus Romer, do observatorio de Paris, descobrir

que a luz dos astros não nos chega instantaneamente, sim *em tanto mais tempo quanto maior é a distancia em que o astro se acha da Terra:* theoria confirmada em 1727 por Bradley, que determinou o tempo preciso de 8 minutos e 13 segundos para chegar até á Terra a luz do Sol.

Poude assim tambem determinar-se o tempo que a luz das estrellas gasta para chegar até nós; e verificou-se:

Que a da estrella *Alpha,* da constellação do Centauro, *a mais proxima* de nós, emprega 3 annos e 8 mezes para vencer a distancia que a separa da Terra, distancia que é de 226.400 vezes o raio da orbita terrestre, isto é, 226.400 vezes 37 milhões de leguas.

Que a da estrella 61 do Cysne—589.300 vezes—transporta-se em 9 annos e meio.

Syrius—1.373.000 vezes—22 annos.

A estrella polar—3.078.000 vezes—50 annos.

A Cabra—4.481.600 vezes—72 annos.

E são *as mais proximas!*

Se, portanto, qualquer d'estas estrellas viesse a apagar-se, nós continuariamos a ver a sua luz durante esse numero de annos: Alpha do Centauro, 3 annos e 8 mezes; a do Cysne, 9 annos e meio; Syrius, 22 annos; etc.

—Já o padre Scheiner, jesuita de Ingolstadt, havia chamado a attenção dos sabios para as manchas do Sol, tido até então como um astro incorruptivel. O illustre sacerdote foi, por este facto, accusado de heresia.

Porem Galileu, com o auxilio do seu telescopio, observou taes manchas, affirmando-as como factos positivos, e deduziu d'ellas o movimento de rotação do Sol sobre si mesmo, effectuado em 25 dias e meio.

Esta série de observações—depois da publicação da obra de Copernico sobre o movimento da Terra—abalaram em seus fundamentos a antiga cosmogonia, e deram outra orientação aos espiritos, ávidos de sciencia.

Desapparecera o velho firmameuto *(firmus,* solido); e em vez do céu extendido como um pavilhão, a vista deslumbrada do observador descortinou, no espaço sem raias, essa multidão de mundos luminosos, cruzando-se nelle em todas as direcções.

*
* *

Galileu publicou muitas obras, que lhe grangearam o alto renome de que até hoje gosa.

Entre estas nota-se a que tem por titulo—*Quatro dialogos sobre os systemas do mundo, segundo Plotomeu e Copernico*,—que causou verdadeira revolução na astronomia.

Ahi tratou de demonstrar a toda a luz, e por meio de novas observações e raciocinios, a verdade do systema do mundo, exposto por Nicolau Copernico na sua immortal obra das *Revoluções celestes*, publicada em 1543: a Terra gyrando ao redor do Sol, como um simples planeta, em vez de conservar-se como o centro do universo.

Este systema não era novo, pois já o conheciam os philosophos antigos, especialmente Philolaüs, que sem duvida o recebera de Pythagoras, seu mestre. Haviam-no, porem, abandonado, ficando triumphante durante muitos seculos o systema cosmogonico dos Egypcios e dos Hebreus.

Foi só em 1444 que o citado conego Nicolau de Cusa—um grande espirito, livre de preconceitos absurdos—escreveu novamente sobre o movimento da Terra, cem annos antes de apparecer a obra de Copernico. Eis as suas idéas:

«É para nós manifesto que a Terra move-se, embora esse phenomeno não seja immediato para os nossos sentidos, porque não podemos avaliar o movimento senão pela comparação com o que é fixo. Do mesmo modo que aquelle que está em um navio que voga tranquillamente ao longo de um rio, não póde reconhecer o seu movimento senão pelo da margem. É assim que o movimento do Sol e das outras estrellas é o unico que nos dá testemunho do nosso».

Portanto, Copernico não fez mais do que reviver e desenvolver o systema pythagorico, que Galileu veiu depois completar e firmar.

Mas este systema contrariava pontos importantes da doutrina catholica. E Galileu deduzia lucidamente todas as consequencias que se derivavam dos principios estabelecidos, principalmente as que se referiam á habitabilidade dos outros mundos.

«Ha na lua—diz elle no *Systema cosmico*—ou em algum outro planeta, gerações, ervas, plantas ou animaes semelhantes aos nossos? Ha chuva, ventos, trovoadas, como na Terra? —Não o sei nem o creio, e ainda menos que esses globos sejam habitados por homens.

« Não obstante, porque lá se não produz nada que se assemelhe ao que existe entre nós, não vejo razão para inferir necessariamente que nada exista lá que seja sujeito á transformação; que não possa lá haver cousas que se modifiquem, se

reproduzam, se dissolvam; cousas não só differetnes das nossas, mas até muito fóra das nossas idéas, e mesmo inteiramente inconcebiveis.

«E assim como, se uma pessoa tivesse nascido e fosse creada em uma vasta floresta, no meio dos animaes selvagens e dos passaros, sem nunca ter conhecido o *elemento liquido*, lhe seria impossivel conceber só pela imaginação a existencia na ordem da natureza de um mundo totalmente diverso da Terra, cheio de animaes que, sem pernas e sem azas, andam rapidamente, não só na superficie como os outros animaes na superficie da terra, mas interiormente na profundidade, ficando immoveis no logar em que querem, o que mesmo os passaros não podem fazer no ar . . . assim tambem digo eu que estou perfeitamente certo de que essa pessoa, mesmo suppondo-a dotada da maior imaginação,—nunca faria idéa dos peixes do occeano . . . : assim tambem nós não podemos avaliar, e com maior razão, a natureza dos habitantes da lua, embora haja verosimilmente certas manifestações vitaes nesse planeta, que está separado de nós por uma grande distancia».

Por todo este accúmulo de circumstancias, e ainda mais, pelas intrigas villãs dos seus numerosos inimigos, desencadearam-se contra Galileu as iras dos adeptos do systema de Ptolomeu, que lançaram mão das Escripturas Sagradas para provar a escandalosa HERESIA ( era a palavra de ordem! ) do eminente homem de sciencia.

Fale por nós o proprio Galileu, na seguinte carta que escreveu ao padre Renieri:

«Depois da publicação dos meus *Dialogos* (em que provava o movimento da Terra), fui chamado a Roma pela congregação do Santo-Officio. Tendo lá chegado a 10 de Fevereiro de 1632, fui submettido á alta clemencia d'esse tribunal e do soberano pontifice Urbano VIII . . .

«No dia seguinte o padre commissario Lancio veiu ter commigo, e, levando-me em sua companhia, de carruagem, fez-me pelo caminho diversas interrogações, mostrando zelo para que eu reparasse o escandalo que tinha causado á Italia, sustentando a opinião do movimento da Terra. Debalde lhe deluzi grande numero de razões solidas e mathematicas; elle não me respondia senão: *Terra autem in œternum stabit, quia terra autem in œternum stat*, como diz a Escriptura.

«Na quinta-feira fui apresentado á congregação. Ora, tendo tratado de expôr as minhas provas, ellas tiveram a infelicidade de não ser comprehendidas, e, apezar de todos os meus

exforços, não tive jamais habilidade de as fazer admittir. Emprehendia-se, por digressões de zelo, convencer-me do escandalo dado, e a passagem da Escriptura era constantemente allegada, como a prova evidente do meu crime . . .

«Finalmente fui obrigado a retractar, como verdadeiro catholico, a opinião que tinha emittido, e a pena pronunciada fui a prohibição dos Dialogos . . . »

Sobre o processo de Galileu, eis ainda o que diz Cesar Cantú:

«A vil inveja, prompta sempre para se aferrar aos passos de um homem illustre, entrou a propagar temores contra tal systema (do movimento da Terra) . . . Ora, num tempo sobretudo que tinha visto tantas innovações, Roma não podia ficar indifferente, e mandou examinar a causa . . .

«Ao passo que Galileu e os sabios se davam sobre esta materia a uma polemica util, os occultos manejos dos invejosos puzeram em acção taes meios, que lhe alienaram até a benevolencia de Urbano VIII. Em consequencia, este pontifice entregou o exame do negocio a uma congregação de cardeaes, que o passou para a inquisição . . .

«Elle foi condemnado á prisão pelo tempo que se julgasse conveniente. Urbano VIII commutou esta pena em uma detenção no jardim Medicis, na Trindade dos Montes. Esta residencia forçada no delicioso Pincio prova que Roma sabia respeitar o homem de talento, cujos ensinos ella julgava dever desapprovar».

(Hist. Universal.)

Admiravel respeito, não ha duvida!

Galileu devêra beijar as mãos do pontifice, que, na commutação da pena, *sómente* o privou da liberdade.

*Sómente!*

***

Como é que perseguiram a Galileu por causa da theoria do movimento da Terra, e não haviam perseguido Copernico, que era aliás o auctor do systema?

É porque Copernico, apezar de ser um sabio e estar completamente convencido das doutrinas que ennunciara, comtudo era um espirito calmo, inimigo de luctas, que preferia viver no doce remanso da paz, a expôr-se a ir parar nas enxovias do Santo-Officio.

Elle dedicou a sua obra *De revolutionibus orbium cœlestium*—em que expõe as suas idéas sobre o movimento da

Terra—ao Summo Pontifice Paulo III, com as seguintes palavras:

«Dedico o meu livro a Vossa Santidade, para que os sabios e os ignorantes possam ver que eu não fujo ao julgamento e ao exame. Se alguns homens levianos e ignorantes quizerem abusar contra mim de algumas passagens da Escriptura, cujo sentido elles alteram, eu desprézo os seus ataques temerarios. As verdades mathematicas só devem ser julgadas por mathematicos».

Além d'isso, a obra não passou das mãos do auctor, que apenas a mostrara a alguns intimos. Só em 1543 consentiu elle na impressão da mesma, quando já enfermo, e quasi livre, portanto, das dolorosas consequencias que essa publicação lhe havia necessariamente de acarretar.

Galileu não era assim. Espirito ardente, indomavel, impetuoso, não fazia mysterio das suas opiniões, sustentava as verdades scientificas com todo o ardor, com toda a dedicação, sem rebuço, sem receios pusillanimes. Combatido pelos sabios no ponto de vista scientifico, e pelo clero no ponto de vista da orthodoxia catholica, elle a todos respondia, em polemicas vehementes, mais proprias para irritar os animos do que para esclarecer as questões. Parecia um joven enthusiasta—aquelle velho de setenta annos.

Desde a mocidade manifestara elle esse genio arrebatado na defeza das suas idéas. Quando em 1589 leccionava mathematicas na universidade de Pisa, houve-se de tal modo nas discussões, que os artigos doutrinarios converteram-se em libellos, repletos de invectivas pessoaes. Foi por isso que os peripatheticos se tornaram seus inimigos, obrigando-o a renunciar aquella cadeira e a transferir-se para Padua.

Ora, desde que as novas theorias astronomicas iam de encontro ás idéas acceitas até então,—os seus inimigos em 1632 serviram-se d'este pretexto para fazel-o espiar a sua *imprudencia*, unicamente a sua *imprudencia;* pois o *crime* era o mesmo de Copernico: arrancar a Terra do centro do universo, onde reinava como soberana, e atiral-a sem distincção no acérvo de planetas que gyram ao redor do Sol, como insignificante vassalla do astro do dia.

Entretanto, se tivessemos de escolher, para louvar, entre a *prudencia* de Copernico e a *imprudencia* de Galileu, optariamos pela primeira. Com effeito, melhor era esse retrahimento do illustre conego, para evitar consequencias funestas, num tempo em que a fé se impunha pelas torturas e pela foguei-

ra,—do que os arrojos leoninos de Galileu na propagação da suas doutrinas, para no fim . . . retractar-se!

Sim, Galileu retractou-se! Ao eminente sabio passaram-lhe pelos olhos do espirito, como visão infernal, as labaredas da fogueira que tinha victimado a Jordano Bruno, e, espavorido, não duvidou desdizer-se de tudo o que havia ensinado. O edificio tão laboriosamente construido, desmoronou-o em um momento de terror invencivel aquelle mesmo que o edificara. O preclaro homem de sciencia não teve nem a moderação e sisudez de Copernico—nem a coragem heroica de Bruno. Capitulou: e em tempo de guerra a capitulação é a peór de todas as derrotas.

E nem se procure desculpar a Galileu com a phrase que lhe attribuem—*E pur si muove*—proferida logo após a retractação: para nós é incontroverso que isso não passa de fabula:

1º—porque, se taes palavras tivessem sido proferidas, os juizes não poderiam deixar de tomal-as em consideração, condemnando a Galileu como relapso.

2º—porque este conformou-se com a sentença que lhe foi imposta, tanto assim que nada mais escreveu nem publicou.

***

Aos 74 annos de edade, Galileu ficou cégo.

Sem mais poder publicar os seus preciosos estudos—ricos thesouros de sciencia—morreu cheio de desgostos em 1642.

***

A maxima favorita de Galileu era a seguinte, segundo Gastineau:

«A philosophia está escripta em a natureza, e este grande livro é escripto em caracteres mathematicos».

VILHENA ALVES

# Estudos de Philologia Ontobiologica

## Sobre as Origens das Palavras Tupys—Kouaracy e Yâcy

Vejamos primeiramente a grande região do Norte, chamada pelos Hebreus a Terra de *Hévilah*, e pelos Aryás, *Khavilah*, ou paiz de *Kouch*. O sabio Moysés, que é excessivamente escrupuloso em suas descripções geographicas, menciona duas vezes o nome d'Hevilah, terra banhada pelas aguas do antigo Phizon, situada nas regiões da India occidental. A terra d'Hévilah, no dizer de Moysés, era mui celebre por causa de suas ricas minas de ouro; esta preciosa indicação faz-nos lembrar o ouro da Colchida, (hoje Imeretia e Mingrelia), os maravilhosos pomos do jardim das Hesperides e o famoso *Vello d'ouro* que excitou a cobiça dos Argonautas.

E' exactamente sobre as margens do Phase que se achava este fabuloso thesouro, typo apenas alterado das riquezas metallicas que os piratas da Grecia iam procurar atravez de mil perigos.

O texto hebreu menciona ainda duas outras producções preciosas da terra d'Hévilah: o *bdellium* e o *lapis onichynus*.

O *bdellium* é uma especie de resina de pouco valor, que se associa bizarramente ao ouro e ao onyz. As versões syriaca e arabe traduzem esta gomma por perolas. St. Hieronymo, Aquila, Symmaco e Theodocio traduzem a segunda palavra ora por *lapis onichynus,* ora por *sardonyx,* ora adoptam outras pedras preciosas conhecidas hoje nas regiões Indo-Americanas.

As producções de *Hevilah* assignaladas pelo auctor do Genesîs, o ouro, o *bdellium* e o *lapis onychinus*, podem muito bem se referir a pequena Boukharia ou *Thian-chan-nan-lou*, paiz dos *montes celestes,* onde ha o *bedoulakh* e as perolas de *choham;* porque as vertentes d'agua que affluem ás ribeiras do kanato de Kachkar (Turkestan chinez), de Yarkan e de Khôtan, carregavam palhetas de ouro; e o ouro d'este paiz é excellente, embora os seus habitantes actuaes, como

observou Malte-Brun, ignorem a arte de extrail-o ou explo-ral-o. Era antigamente o reino das *Tacybas descobridoras* de ouro *(fourmis chercheuses de l'or)*, e a morada dos Genios—*Gouhyakas*, (*) incumbidos de guardal-o.

Existe tambem alli o Pichana algalia *(Moschus moschiferus* vel *Gagdery]*, que produz uma substancia odorifera, granulada, de sabor amargo, de cór de camurça, amarello claro *(chamois á musc]*, muito volatil, contida em um bolso que existe sob o ventre *(righê)* do almiscareiro, que se chamma em armenio *Pilor*, em georgio *Broli*, em samaritano *Brouláh*, em latim *Beryllus*, em sanskrito *Madaláka*, em zend Vâidouraka ou *Madâraka*, d'onde veiu sem duvida o vocabulo americano—*muirâkitã*,—celebres pedras fabricadas pelas Amáçunúâras. Effectivamente os nossos *muirakitans* ou pedras do Amaçuna, como diz Barbosa Rodrigues, tem todos elles uma cór amarellada como a do unicornio, esverdeada, verde escuro, *(couleur á musc)* verde claro, azulada ou branca leitosa. São opacos e lustrosos.

São de um *feldspatho* laminar os verdes, e de *quartzo* os bancos. São estes celebres *muirakitans* que La Condanime, Meyer, Humboldt e outros affirmam serem eguaes a pedra nephritica ou a *chloromelanite, jadeite* e *jade oriental.*

Assemelham-se ao *lapis onychinus* ou *sardonyx* de que nos falla a Vulgata, ou então ao *lapislazuli*, chamado em sanskrito *Vaidóuryan*, (isto é, proveniente do monte Vidoura ou Belour,) ao *Bedoulakh* dos chaldeus, e ao *bdellium* dos hebreus, como pensam Günther, Bournouf e Lassen.

Ainda mais, as montanhas e os rios da pequena Búkaria produzem o Jade oriental, esta famosa pedra chinez de *Yu-Chi*, que toma entre os Persas e os outros povos d'Asia occidental e da India-Amerigaiana—os diversos nomes de Yechin, Yechma, Yadhma, Yaçna, e as denominações genericas de *Eben* (ità, petra vel cephas) de *Yu, ebén de Goy, ebén* de *Kach*, transformados em *Gach, Yach, Gasp, Yasp*, d'onde o hebreu *yechpheh*, o grego *iaspis*, o latim *jaspis*, e o francez *jaspe*, variedade de quatzo duro e opaco, pedra muito fina parecida com a agatha, de uma só ou de varias cores, mui preciosa na antiguidade, como o alybi, o itaubi d'Yamundá.

---

(*) E' desta palavra *indo-zend gouhyakas*—(habitante de um logar determinado, em virtude de uma causa superior), que organisou se a palavra tupy—*iuaka*—céo ;—*guaryuaka* ou *Iaakapora*—habitantes do céo em consequencia da sua propria natureza ou por effeito da propria vontade.

Ora estas pedras, cujas jazidas nativas se encontram no Tur-Kestan e Sogdiana, em Barma, na Bactriana, sendo tambem descobertas no continente americano, sob a denominação de—*muirákitan*, são de um grande alcance e valor ethnographico, porque se erguem á cathegoria de testimunhas irrefragaveis do povoamento da India-americana por povos originarios da Asia. Logo não ha duvidal-o, a applicação dos nomes *Pichôn* e de *Kavilah* ao Tarim e á pequena Bûkharia, como os de *Gikhoun* e de *Kouch* ao Oxus e á Bactriana é um facto que admitte-se naturalmente.

E de feito, o *Pichoun* ou *Phison*, segundo o auctor hebreu, banha a terra de Hevilâh ou Havilah. Esta região traz um nome significativo, que è formado de *Havir* ou *Avir*, dado por Boundehesch *phlvi* a uma terra fertil, situada no valle d'Abordj, identica ao Varéna de Djemschid.

Este nome *pehlvi* é em Zend *Havirá*, (por *Havilá)*, no sanscrito Cavilâ, e significa, «a terra da producção, do nascimento, da vida,» suppõe-se formado do radical *Hoû* ou *Çoû*, «crear, produsir», e do substantivo vêdico *ilâ, irâ, idâ*, (*) terra.

O kanat de Bûkhara tinha ouir'ora os nomes de *Djenim* e de *Djenistam*, isto é, paiz da geração ou melhor *terra dos genios* ; do mesmo modo, que a antiga Zariaspa, capital de Bactriana, *Pakhtra*, Baktra ou Bacter, Bactre ou Boukh-Roud sobre o rio Baktrus, que se lança no Oxus, e que é uma das mais antigas d'Asia, é denominada—*Mére des Villes, mamèlle de la Terre*, (Mairytuba) por allusão a fertilidade de Koustanah, montanha da nutrição, visinha ao ramo d'Yarkand-daria-Tarim.

Logo, segundo a opinião auctorisada de Lassen, d'Eckstein, Renan e mil outros orientalistas, o primeiro rio paradisiaco—Pichoun ou Pichôn, chamado Phison pelos hebreus e gregos, rio que cinge a terra d'Hevilah ou Khavilah, não é mais do que o rio do Turkestan chinêz, hoje denominado Tarim ou Ergheou-Goul. Pode-se tomar o alto Indus pelo *Phison* hebreu e o antigo paiz de *Kampilya* ou Kampilya pela terra de Kavilah.

Realmente a mudança de Kampilah em Kavilah, é plausivel, porque Kampilah que significa *perfume* recorda o

---

(*) E' egualmente d'esta palavra Vêdica ou sanskrita que veio o nosso vocabulo americo-indiano, *i*, *iui*, *iby*, terra, exemplo: *i-pú*, terra fertil, *iui*, chão, *i-acanga*, cabeça de terra, *iby-apaba*—terra talhada, *iui-cui*, aréal.

nome das «montanhas dos perfumes» que os Boudhistas chinezes dão ao cume do Mérou, collocado ao Norte do lago Aneouta. Alem disso o territorio de *Kampila* que se estendia ao Norte de Kachmir e do Pendjah dos Indios comprehendem os districtos montanhosos encostados aos flancos occidentaes do Belour-Tag e do Hindo-Kouch, desde o Ferghana ao norte, até o Badakchan ao sul. (*)

O nome de *Kous*, dado a esta vastissima região, consoante as averiguações de eximios indianistas como Mrs. Troyer, Pictet, Rhys Davids, Mairy Summer, Fischer, e Ernest Leroux, é formado do radical aryano *Kouç Kous*, *Kouch*, que significa *brilhar*, *resplandecer*.

Designa nos livros indianos, sob a forma de *Kouça*, ora um filho de Brahmâ, ora um antigo rei da India, ora o *Poacynosuroïdes*, planta do genero das gramineas *(patúrin)* empregada nas ceremonias religiosas, ora, emfim, um grande paiz situado ao noroéste da India, chamado—*Kouça-Deipa*. E' sabido que as montanhas que separam a India da Bactriana tem o nome de *Indo-Kouch*. Toda a Persia chamada—*Kous* no tempo do celebre historiographo Moysés de Khoréne, dividia-se em quatro regiões orientaes, a saber: a Susiana, a Media, a Persida e a Aria, assim discriminadas por M. de Khorene: a 1ª, *Kous di Korâçan* ou Sol poente; a 2ª,—*Kousdi Kabyokh* ou do Caucaso, ao *N*; a 3ª, *Kous di Nemroz* ou do Sul, e a ultima,—*Kous di Koraçan*, *Korassê* ou *Kurapçy* ou do Sol levante.

Aqui está portanto a verdadeira origem do nosso vocabulo indiano—*Coaracy* (Sol).

E um nome originario da antiga Lingua aryana, e provem directamente das palavras sanskritas *Kous di Kórâçan*, nomes que exprimem as qualidades especificas d'aquelle astro brilhante—o Sol.

A palavra *Kousracy*, *cuáracy* ou *curâcê*—é formada toda dos radicaes sanskritos,—*kous* «brilhar, resplandecer,» de *â*, *ára*, *ari*, «dia ou cousa que nasce, surge, vae, corre,» e

---

(*) Quando os Aryás occidentaes se confinavam com o Oxus e o Helmend, a Bactriana lhes ficava ao N. Mas ella tornou-se seu paiz do Oriente quando os aryanos se estenderam ao O. E. do Tigre ao Euphrate. Eis porque o historiographo F. Dosepho interpreta o nome de Gihôn por—*Veniens ab Oriente*.

A versão Samaritana tambem colloca o paiz de Kouch ao Oriente dos povos Semiticos, mas tem a vantagem de apresental-a como uma região montanhosa, regada por dous cursos d'agua, que se reunem em um leito commum, o pequeno Sindh, que se lança no grande Indo.

de—*pis*, *piç*, *pich*, *pchy* ou *cy*—que quer dizer «nutrir, alimentar, entreter, ir, mover-se, correr, depois brilhar, expandir, derramar luz» ; vindo, pois, o vocabulo—*Kousraçan*, *kuaracy*, *coâracy* ou *cuâracê*—a significar—aquella luz brilhante que se move, que corre para nutrir, alimentar o dia ; ou por outra—a grande luz que forma ou gera o dia. Todos estes titulos os Indios applicam ao Sol desde a mais remota antiguidade, *v. g.* entre os Aryas vedicos.

Logo *Koarâcy* litteralmente significa aquelle astro bemfasejo, «*le veritable nourricier de la Terre, oú il repand de la lumière.*» Em nossos dias estes nomes de Kooraçan, Koratchi, Kurrachèe ou Kurassê dão-se à muitos paizes do imperio d'Herat, desde o Lahore até a Susiana, á Margiana, reino dos antigos Aryas e região dos Persas, patria do famoso Zerdust (Zoroastro)—reformador da Religião de Mithras, que é uma personificação de Ahúra-Mazdâ ou Ormuz, e que é considerado como o pae do relampago e do fogo, o esposo das aguas cujos vapores produsem o raio e a electricidade.

Mithra ou o Varuna vedico figura a luz celeste nas religiões iranianas dos dous povos—Aryãs e Persas. Koaracy—é o olho d'Ormuz.

Na evolução religiosa dos Aryás que civilisaram a India vem descriptas com côres brilhantes as diversas phases do surgir do Sol. Estes deuses luminosos, tem entre nossos indios uma parte de amor e confiança, porque lhes dirigem preces semelhantes ás que os seus avitos endereçavam a Indra, Varuna, Ahúra-Mazda ou Ormuz.

Uças, Koéma (aurora), Suryâ, Aracy (o Sol poente) Çavitar, Pushàn, Yâçna e Yâcy—são divindades solares que levaram os nossos aborigines ao fechtichismo universal.

E' uma consequencia inevitavel do anthropomorphismo e do syncretismo pantheista que sempre caracterisaram as religiões da India.

O nome *yacy* ou *iâçe* tem a mesma procedencia que o vocabulo coarâcy. Vem da palavra Zend «Yâçna, Yaçhi, yàsp,» por allusão a luz projectada pela Lua, cujo brilho é calmo, suave e opaco, como o do Jaspe ; ou vem dos radicaes sanskritos—*ya* (nhaia-fonte), *cy*—luz, isto é, fonte de Luz, e de nhâ, hâ ou â—nova, que significa fonte d'onde emana a nova luz, porque a Lua renova a sua luz nas phases de cada revolução.

Em todo caso prefirimos estas etymologias zendsanskritas ás do dr. Couto de Magalhães.

Este illustre indianologo brasileno diz qne «a palavra Sol—é *guaracy*, de *guara, (!)* vivente, e *cy*, mãe! . . . Lua é *jácy*, de *já (!)*, vegetal (!) e *cy*, mãe!!!.»

A linguistica americana e a sciencia moderna repellem estas etymologias como extravagantes e abstrusas. Realmente nenhum indio, quer do sul (guarani), quer do norte (tupi), quer do Sorimão pronuncia—*guaracy, jacy*, e sim coarâcy *ou curassê*, yâcy *ou iacê*, como escrevem Montoya, Seixas e outros grammaticos indianistas.

O vocabulo *guara*, onto-biologicamente fallando, não significa em tupy o ser vivente em geral, e sim um ser voraz, comedor *(guara)*, habitante ou morador *(póra)* d'um logar certo e determinado, como são todas as plantas, peixes, aves e lobos vermelhos «canis jubatus», que trazem este affixo americano.

Tambem a palavra—*ja*—nunca foi tupyca, nem quer dizer vegetal.

Conheço apenas os nomes—*iá*, nome prefixo, *nós*, e *euá*, que significa planta, fructa.

Affirmar, pois, que: «O sol é mãe de todos os viventes, e a Lua é mãe de todos os vegetaes,» (como se as plantas não fossem tambem seres organisados e viventes! . . . ) é desprezar profundamente a sciencia physica—que nos diz por seu representante Buchner: «Serem as plantas a fonte unica e ultima de todos os recursos alimenticios do nosso Planeta, e que ellas vem em linha recta do *Sol (kuarâcy)!*»

—E' esquecer afinal a ultima palavra da sciencia geologica, que nos assegura que—«C'est à la lumière du Soleil, c'est à l'Elèctricité que les vegéteaux doivent leurs propriétés medicinales, leurs saveurs et leurs propriétés nutritives!»

Logo não é só a lunatica *Jacy—cet* glob mort, *cet cadavre* de *planete*, e sim *Koaracy-tuba—qui donne á surface de la Terre, aux plantes, aux animaux—la lumière, la chaleur, la couleur, le mouvement et la Vie!* . . .

Conego Ulysses de Pennafort

*(Continúa)*

# ACTOS DO INSTITUTO

Acta da 1ª sessão preparatoria para a fundação do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará.

Aos 20 dias do mez de Abril de 1900, achavam-se presentes no salão de honra da Bibliotheca Publica do Estado do Pará os senhores: Desembargador Gentil Bittencourt, Doutores Augusto Santa Rosa, Barroso Rebello, Enéas Martins, Justiniano Serpa, Augusto Olympio de Araujo e Souza, Monsenhor Domingos Maltez, Professor Francisco Ferreira de Vilhena Alves, Jacques Huber, Hygino Amanajás, Flavio Cardoso, Thomaz Cavalcante, Miranda Simões, Estephanio Barroso, Desembargador Ernesto A. de Vasconcellos Chaves, Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, Dr. Antonio Firmo Dias Cardoso Junior, Dr. Euphrosino Nery, Felippe Duarte, Conego Domiciano Perdigão Cardoso, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, Dr. Eladio Lima, Raymundo Bertoldo Nunes, Misael Seixas, J. L. de La-Rocque, Amando Gentil, Alfredo Sergio Ferreira, Dr. Antonio Passos Miranda Filho, Dr. Ignacio Moura, Estephanio Francisco da Silva, Professor Octavio Pires, Antonio Silva, Francisco José de Souza Salles, Sabino Henrique da Luz, Luiz Demetrio Juvenal Tavares, Arthur Vianna e Professor Celestino Ferreira.

Não compareceram á reunião por motivo justificado os senhores Senador Antonio José de Lemos, Dr. Genuino Amazonas de Figueiredo, Tenente-Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha e o sr. Victor Barranca.

O Sr. Desembargador Gentil Bittencourt, presidente da commissão encarregada de promover a commemoração do quarto centenario do descobrimento do Brazil, no Pará, disse que, tendo o Sr. Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado, incluido no projecto de programma dos festejos commemorativos, por elle apresentado á commissão em 15 de Novembro de 1898, a creação de um Instituto Historico, Geographico e Ethnographico, e, fazendo parte do programma official a referida creação, convocára as pessôas que se interes-

sam pelo estudo da historia, geographia e ethnographia da Amazonia, para fazerem os trabalhos preliminares necessarios á fundação do Instituto.

Nesta occasião fez distribuir á assembléa os Estatutos da associação, feitos por uma commissão especial tirada da grande commissão.

Pediu depois que se manifestassem a respeito do assumpto.

Deliberou-se então que fossem constituidas a directoria e as commissões, por meio de acclamação.

O Dr. Ignacio Moura, pronunciando palavras congratulatorias pela creação do Instituto, accrescentou que era preciso ficar bem clara a attitude dos circumstantes quanto á acclamação; pois se houvesse quem a impugnasse, deveria, proceder-se a escrutinio.

Ninguem impugnando a acclamação, ficou esta resolvida sendo então lidos pelo presidente do acto os seguintes nomes:

Para presidente—Barão de Guajará.

1º Vice-presidente—Dr. Henrique Santa Rosa.

2º dito—Monsenhor Andrade Muniz.

1º Secretario—Arthur Vianna.

2º dito—Vilhena Alves.

Orador—Dr. Barroso Rebello.

Thesoureiro—Dr. Bento Miranda.

Para a commissão de finanças: Manoel Ignacio da Cunha, Sabino Luz e Ignacio Moura.

Commissão de Geographia: Doutores Euphrosino Nery, Eladio Lima e Manoel de Moraes Bittencourt.

Commissão de Ethnographia: Dr. Emilio Goeldi, Dr. Jacques Huber e Tenente-Coronel Aureliano Guedes.

Commissão de pesquiza de documentos: Tenente-Coronel Alves da Cunha, Vilhena Alves e Arthur Vianna.

Commissão de historia: Drs. Enéas Martins, Passos Miranda Filho e Barroso Rebello.

Commissão de admissão de socios: Conego Domiciano Cardoso, Dr. Brito Pontes e Dr. Barbosa Rodrigues.

Commissão de redacção da Revista: Drs. Ignacio Moura, Barroso Rebello, Brito Pontes, Eladio Lima, Professores Arthur Vianna e Vilhena Alves.

E, nada mais havendo a tratar, o sr. presidente declarou encerrada a sessão.

Eu Francisco Ferreira de Vilhena Alves, 2.º secretario, escrevi e assignei a presente acta.

F. F. de Vilhena Alves.

## Acta da 2ª sessão preparatoria

### Presidencia do Sr. 1º Secretario

A's nove e meia horas da manhã do dia 27 de Abril de 1900, no salão de honra da Bibliotheca Publica, acharam-se presentes os seguintes senhores : desembargador dr. Gentil Bittencourt, Arthur Vianna, tenente-coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, dr. Francisco de Paula Pinheiro, Manoel Miranda Simões, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, dr. Jacques Huber, dr. Ignacio Moura, Estephanio Francisco da Silva, Antonio da Costa e Silva, tenente-coronel Aureliano Guedes, dr. Alvares da Costa, dr. Eladio Lima, Thomaz Cavalcante, Amando Gentil, dr. Theodoro de Brito Pontes, Ignacio Cunha, dr. Estephanio Barroso e Vilhena Alves.

O 2º secretario fez a leitura da acta da 1ª sessão, a qual foi approvada.

O tenente-coronel Alves Cunha leu uma proposta contendo nomes de diversos cidadãos, para socios do Instituto.

O dr. Alvares da Costa disse: que não combatia a admissão d'esses cidadãos, desde que fossem observadas as formalidades do art 8º dos Estatutos.

O sr. Alves da Cunha impugnou a opinião do dr. Alvares, dizendo que o art. 8º referia-se á admissão dos socios effectivos e correspondentes, depois de solemnemente installado o Instituto ; ao passo que essa proposta era feita em sessão preparatoria, para socios fundadores, de que trata o art. 6º dos mesmos Estatutos.

Depois de tomarem parte na discussão diversos socios, a casa decidiu afinal que devem ser considerados socios fundadores, segundo o art. 6º, os que, acudindo ao convite feito pela commissão de festejos do centenario, se apresentarem ás sessões preparatorias para «cooperarem na organisação do Institutoaté o dia da sua installação solemne».

A' vista desta decisão, não estando presentes os cidadãos propostos, não foram considerados socios fundadores.

Em seguida o dr. Estephanio Barroso apresentou uma carta do dr. Barbosa Rodrigues, dando a sua renuncia de socio, não sendo esta acceita por maioria de votos.

O presidente da assembléa scientificou á mesma—de que a sessão solemne da installação do Instituto teria logar no Theatro da Paz, no dia 3 de Maio ás 8 horas da noite.

O mesmo presidente propoz que a mesa officiasse ao dr.

Governador do Estado, pedindo permissão para que as sessões do Instituto continuassem a ser feitas no salão da Bibliotheca Publica. Approvado.

O sr. Alvares da Costa apresentou á casa um trabalho seu, em manuscripto, sobre o descobrimento do Brazil.

E, nada mais havendo a tratar, foi levantada a sessão ás 11 horas da manhã.

Eu, Francisco Ferreira de Vilhena Alves, 2º secretario, lavrei a presente acta, que assigno.

F. F. DE VILHENA ALVES.

---

### Acta da sessão solemne da inauguração do Instituto

A's 8 horas da noite do dia 3 de Maio de 1900, na sala dos espectaculos do Theatro da Paz, estando presentes o sr. dr. Governador do Estado, auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, e numeroso audictorio, reunidos muitos membros do Instituto Historico, Geographico e Etgnographico do Pará, fez-se a installação solemne do mesmo, presidindo a sessão o 1º vice-presidente dr. Henrique Santa Rosa, por estar enfermo o presidente.

O mesmo sr. vice-presidente, no acto da inauguração, pronunciou um discurso, seguindo-se-lhe com a palavra o orador official dr. José Olyntho Barroso Rebello.

A's 9 horas levantou-se a sessão.

Eu, F. F. de Vilhena Alves, 2º secretario, lavrei a presente acta, que assigno.

F. F. DE VILHENA ALVES.

---

### Acta da sessão ordinaria em 21 de Julho de 1900

*Presidencia do dr. Henrique Santa Rosa*

Aos onze dias do mez de Maio de 1900, no salão de honra da Bibliotheca Publica, ás 7 horas da noite, acharam-se presentes os seguintes socios: dr. Henrique Santa Rosa, Arthur Vianna, dr. Theodoro de Brito Pontes, dr. Jacques Huber, Lourenço Valente do Couto, Hygino Amanajás, Antonio da Costa e Silva, dr. Ignacio Moura e Vilhena Alves.

Faltou por motivo justificado, o 1º tenente Manoel Ignacio da Cunha.

O 2º secretario procedeu á leitura da acta, que foi approvada.

O 1º secretario apresentou o primeiro numero da Revista do Instituto, salientando os esforços e boa vontade do socio Hygino Amanajás como director da typographia do *Diario Official,* na qual foi impressa a mesma Revista.

O dr. Santa Rosa congratulando-se com o Instituto pelo apparecimento da Revista, mandou inserir na acta um voto de agradecimento ao socio Amanajás.

Nomeou depois uma commissão composta do dr. Jacques Huber, Arthur Vianna e Vilhena Alves, para no dia seguinte, anniversario da promulgação da Constituição do Estado, offerecer um fasciculo da Revista ao dr. Governador do Estado, agradecendo-lhe os serviços prestados ao Instituto com o franqueamento da typographia official para a impressão da mesma Revista.

Pelo consocio Arthur Vianna foi apresentado um trabalho manuscripto sobre chronologia, do professor Severiano Bezerra de Albuquerque, offerecido pela exma. viuva do mesmo. O presidente mandou que o secretario agradecesse em nome do Instituto, tão valiosa offerta.

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 9 horas da noite.

Eu, Francisco Ferreira de Vilhena Alves, 2º secretario, escrevi a presente acta que assigno.

F. F. de Vilhena Alves.

# SOCIOS DO ISNTITUTO

## FUNDADORES

Augusto Olympio de Araujo e Souza (Dr.)
Antonio Firmo Dias Cardoso (Dr.)
Armando Gentil
Alfredo Sergio Ferreira (Dr.)
Antonio Passos de Miranda (Dr.)
Antonio da Costa e Silva
Aureliano Pinto de Lima Guedes
Antonio José de Lemos (Senador)
Arthur Vianna
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha
Bento Miranda (Dr.)
Celestino Ferreira (Professor)
Domingos Maltez (Monsenhor)
Domiciano Herculano Perdigão Cardoso (Conego)
Emilio Goeldi (Dr.)
Enéas Martins (Dr.)
Estephanio Barroso (Dr.)
Ernesto A. de Vasconcellos Chaves (Dr.)
Euphrosino Pantaleão Francisco Nery (Dr.)
Eladio Lima (Dr.)
Estephanio Francisco da Silva
Francisco Ferreira de Vilhena Alves (Professor)
Flavio Braule Cardoso (Dr.)
Felippe Duarte (Commandante)
Francisco José de Salles
Francisco de Paula Pinheiro (Dr.)
Gentil Augusto de Moraes Bittencourt (Dr.)
Genuino Amazonas de Figueiredo (Dr.)
Henrique Americo Santa Rosa (Dr.)
Hygino Amanajás (Deputado)
Ignacio Baptista de Moura (Dr).
Justo Leite Chermont (Dr.)
João Antonio Luiz Coelho (Dr.)

João Ferreira de Andrade Muniz (Monsenhor)
José Olyntho Barroso Rabello (Dr.)
Justiniano Serpa (Dr.)
Jacques Huber (Dr)
João Luiz de La-Rocque
João de Palma Muniz (Dr.)
Luiz Demetrio Juvenal Tavares
Lourenço Ferreira Valente do Couto
Manoel de Miranda Simões
Mizael Corrêa Seixas
Manoel Ignacio da Cunha (1º tenente)
Octavio Pires (Professor)
Raymundo Bertholdo Nunes
Raymundo Melchiades Alvares da Costa (Dr.)
Raymundo Cyriaco Alves da Cunha (Tenente-coronel)
Sabino Henrique da Luz
Thomaz Cavalcante (Major)
Theodoro de Brito Pontes (Dr.)
Virgilio Cardoso de Oliveira (Dr.)
Victor Manoel de Azevedo Barranca.

*
* *

## EFFECTIVOS

Bento Miranda (Dr.)
Barão de Guajará (Dr.)
José Barbosa Rodrigues (Dr.)
Manoel de Moraes Bittencourt (Dr.)

# REVISTA DO INSTITUTO

Impressa gratuitamente nas officinas do DIARIO OFFICIAL, por ordem do Exm.º Snr. Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado.

---

Cada numero da **Revista** terá 50 paginas no minimo, com as illustrações que o texto exigir.

---

O **Instituto** não toma sob sua responsabilidade as opiniões emittidas pelos autores nos artigos publicados na **Revista**.

---

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a séde do **Instituto**, Bibliotheca Publica do Estado do Pará, travessa Campos Salles.

---

Todos os trabalhos dos socios ou de pessôas extranhas ao **Instituto,** que obtiverem parecer favoravel da commissão respectiva, serão publicados na **Revista.**

---

**Extracto dos estatutos:**— Art. 8.º São requisitos indispensaveis para a admissão de socios effectivos e correspondentes:

§ 1.º Ser o candidato proposto por dous ou mais socios effectivos, vindo declarados na proposta o seu nome, edade, qualidades, nacionalidade, profissão e domicilio.

§ 2.º Apresentar o proposto um trabalho seu sobre a geographia, historia ou ethnologia do Brazil, publicado ou inédito, ou ser de reconhecida competencia, em cujo caso a proposta para a sua admissão será assignada por cinco socios que attestem essa competencia.

§ 3.º Obter da commissão respectiva parecer favoravel.

§ 4.º Conseguir, em sessão, maioria de votos.

---

**Assignatura annual.** Belém: 12.000 rs.—Interior do Estado: 14.000 rs.—Brasil e Extrangeiro: 15.000 rs.

ANNO 1900—VOL. 1º—N. 3—DEZEMBRO 22

# REVISTA

DO

# Instituto Historico

# Geographico e Ethnographico

DO PARA'

Commissão de Redacção

Dr. Eladio LIMA, Francisco Ferreira de VILHENA ALVES,
Dr. Ignacio Baptista de MOURA, Dr. Theodoro de BRITTO PONTES
Dr. José Olyntho BARROSO RABELLO e Arthur VIANNA.

SUMMARIO

Ferreira Penna. A ilha de Marajó . . . . . Pags. 171 a 220
Barão de Guajará. Juiso critico . . . . . « 221 a 257
Pennafort. Estudos de philologia . . . . . « 258 a 262
Alvares da Costa. O Descobrimento do Brazil « 263 a 281
Arthur Vianna. Monographias Paraenses . . « 282 a 306

BELEM

«IMPRENSA OFFICIAL»

1900

# Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Pará

FUNDADO EM COMMEMORAÇÃO DO IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, EM 3 DE MAIO DE 1900

Corpo Administrativo para 1900 — 1901

**Presidente**..... Barão de Guajará
**1.º Vice-presidente** Dr. Henrique Santa Rosa
**2.º** „ „ Monsenhor João F. de Andrade Muniz
**1.º Secretario**..... Arthur Vianna
**2.º Secretario**.. ... Francisco F. de Vilhena Alves
**Orador**..... Dr. José O. Barroso Rabello
**Thesoureiro**..... Dr. Bento Miranda

COMMISSÃO DE FINANÇAS

Manoel Ignacio da Cunha, Sabino H. da Luz e Dr. Ignacio B. de Moura.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Drs. Euphrosino Nery, Eladio Lima e Manoel de Moraes Bittencourt.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Drs. Eneas Martins, José O. Barroso Rabello e Antonio Passos de Miranda.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Emilio Goeldi, Aureliano Guedes, e Dr. Jacques Huber

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE DOCUMENTOS

Raymundo C. Alves da Cunha, Francisco F. de Vilhena Alves e Arthur Vianna.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conego Domiciano H. Perdigão Cardoso, Dr. Theodoro de Britto Pontes e Dr. José Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Dr. Eladio Lima, Francisco F. de Vilhena Alves, Dr. Ignacio B. de Moura, Dr. José O. Barroso Rabello e Arthur Vianna.

# A ILHA DE MARAJÓ

*(Continuação)*

## Estado religioso

No officio que dirigi ao Governo em Abril de 1874 e que foi publicado em um folheto sob o titulo — *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá*, esbocei á traços ligeiros o estado miserando em que geralmente se acha a religião no interior da Provincia. O que então expendi é, em quasi tudo, applicavel á maior parte da Ilha de Marajó, onde as condições religiosas do povo nada tem de lisongeiras.

Para esta má situação em que vae cahindo no espirito publico, a religião, a moral e a civilisação, é impossivel desconhecer que tem poderosamente concorrido e tem sido uma das principaes causas o facto de se deixar vagas e em abandono tantas parochias, como o demonstrei na citada *Noticia geral.*

E' certo que se tem procurado attenuar esse mal, mandando-se reger provisoriamente algumas das parochias vagas; mas isto mesmo se tem feito de modo que o sacerdote encarregado de reger uma d'ellas, pouco depois é retirado ou removido para outra, d'onde passa a uma 3.ª ou 4.ª parochia, a guisa de militares em destacamentos.

Não conviria, não seria mais util ao paiz, á igreja e á religião que, em vez d'esta recente pratica, se procurasse a de estabilidade, provendo de parochos as igrejas vagas e fixando definitivamente cada um em sua parochia?

Tanto isto parece de razão, quanto era e sempre foi a pratica constantemente seguida, e pratica utilissima porque d'ella resultava que o parocho assim fixado podia mais facilmente adquerir e ordinariamente adqueria a estima e consideração dos seus parochianos, ganhando muitas vezes, aquella veneração indispensavel ao estado e ao caracter sacerdotal e que, quando merecida, tanta honra faz ao parocho como ao cidadão que lh'a tributa.

Mas, não quero insistir n'estas cousas e ainda menos empenhar-me em materia de tanta ponderação e tão delicada, pois sobre isto, como sobre o estado da instrucção, e mil outros assumptos, é bom seguir o conselho de Sá de Miranda·

Não queiras ir muito ao fundo,
Inda que ora tanto entendas;
N'esta só razão me fundo:
Não has de emendar o mundo,
Por mais razões que despendas.

## Estado da instrucção primaria

Em Setembro de 1874, ao Governo dei conta, em um relatorio especial, do estado em que achei as diversas escolao de ensino primario, por mim visitadas, indicando seu atrass ou progresso, os moveis que tem ou de que precisam, o modo por que estão escripturados os livros, as medidas que me pareceram dever indicar para melhoramento do ensino, etc.

Desejando confrontar as notas de matricula e de frequencia, que tomei durante as minhas visitas ás aulas, com as que os mestre-escolas deviam ter enviado a Directoria Geral da Instrucção Publica, pedi n'esta repartição os precisos esclarecimentos; mas não os pude obter porque não havia alli notas regulares de frequencia, por falta dos respectivos mappas, conforme declarou-me o digno, habil e laborioso secretario da directoria. Isto é uma incontestavel prova de que grande numero de mestre-escolas não cumpriram n'esta parte os seus deveres.

Este facto veio revelar a causa por que nos relatorios annuaes da directoria geral fala-se sempre muito de *matriculas* de alumnos e nada da sua *frequencia* que é a unica base por onde se póde calcular a população real da escola e o progresso do ensino.

A respeito da instrucção primaria em geral e do valor e confiança que póde merecer a matricula, repito aqui e, d'esta vez, ainda com melhor fundamento, o que eu disse no officio já publicado que dirigi á presidencia em 26 de Abril de 1874:

«Nos relatorios annuaes da Directoria da Instrucção Publica lê-se sempre um periodo em que, com algumas variantes, mas sempre com a habitual bôa fé, se annuncía que o ensino

primario tem feito *progresso* ou melhora sensivelmente, dando de ordinario como uma das melhores provas a matricula de grande numero de alumnos,—documento que satisfaz ou consola aos incautos amigos da instrucção e aos incautos autores dos relatorios.

«Quando, porém, se vae, casual ou intencionalmente estudar no interior da Provincia a marcha do ensino, descobre-se involuntariamente um contraste desagradavel entre o que se vê e o que se leu.

«O estado do ensino no interior da Provincia nada tem de lisongeiro; a matricula dos alumnos é, quasi sempre, uma *ficção official* e a relação da frequencia as vezes não é menos.

«O mal tem sua origem principal nos habitos, costumes e frequentemente nas necessidades ou falta de recursos da maioria dos habitantes, mormente dos que nunca tiveram instrucção alguma.

«Todas as escolas primarias da comarca de Gurupá, com excepção da do Tapará, desde o começo até o fim do verão, fecham-se e fechadas ficam até a entrada do inverno. Lá para fins de Janeiro os paes começam a regressar á povoação, trazendo comsigo os filhos que muitos fazem logo matricular na escola. O professor ou professora faz a inscripção no livro de matricula, abrem-se as aulas e os discipulos as frequentam 3, 4 ou 5 mezes.

«No fim d'este periodo, os paes que, na fórma habitual, tem de preparar-se para a safra da borracha, vem pedir dispensa dos filhos ou filhas, estas para ajudarem a fazer a farinha, e aquelles para lhes ajudarem a ajuntar caroços de urucury, necessarios para a defumação da borracha.

«Os professores dão sempre a dispensa pedida porque, se a recusassem, não só os discipulos abandonariam do mesmo modo a escola, mas correriam elles o risco de os não ver voltar no anno seguinte. Fazem assim da fraqueza forças e os discipulos vão-se.

«D'este modo, antes mesmo de chegar a epocha da partida para os seringaes, os professores fecham as escolas, por não terem a quem ensinar.

«Eu disse que a matricula era uma *ficção* ou simples formalidade official. O facto que vou citar dispensa outras provas do meu asserto.

«Entrando na escola de Mazagão na hora das licções, deu-me o professor todos os esclarecimentos que pedi, inclusive o

livro de matricula, onde elle lançára regularmente a dos seus alumnos; fiquei, porém, surprehendido ao ler a data de 1853, lançada n'esse livro que era ainda o mesmo que n'este anno fôra remettido para matricula dos alumnos d'aquella escola, ha *vinte annos*, pelo sr. Leitão da Cunha, que era então director da Instrucção Publica, e que depois de remetter o dito livro, foi juiz de direito, chefe de policia, presidente de tres Provincias, deputado e senador!

«E maior foi a minha admiração vendo que o livro não tinha sido escripturado senão em uma oitava ou decima parte, estando tudo mais em branco!

«Mas é tal a ignorancia do verdadeiro estado da instrucção publica do interior que estou bem persuadido de que *nunca* faltaram *mappas* de matricula da escola de Mazagão e que, portanto, *nunca* os diversos professores que tem tido aquella escola deixaram de receber os respectivos vencimentos.

«Seria um trabalho util proceder-se na secretaria da instrucção a um exame das matriculas das escolas primarias, comparando-se a *antiguidade* dos livros, a matricula com a frequencia e os resultados geraes do ensino na Provincia. Este exame faria, talvez, descobrir factos identicos ao que se deu em Mazagão».

O que expendi n'este ultimo paragrapho, mais depressa do que se suppunha se confirmou: descobri eguaes *antiguidades* nas escolas da Cachoeira, Igarapé-mirim e Cairary. Os livros de matricula n'estas escolas eram em 1874 ainda os mesmos que o sr. Leitão da Cunha para ellas remetteu ha 21 annos, em Janeiro de 1853!

Que valor, pois, póde ter a matricula, quando ha algumas que, ha 21 annos, são lançadas em um unico livro que não tem mais de 100 folhas, estando a maior parte d'ellas ainda em branco!

Ora, desde que á Directoria Geral da Instrucção não tem sido remettidos mappas regulares de frequencia, como já notei, está claro que nos relatorios d'esta repartição não se póde falar do ensino senão sobre a fé das matriculas, bem que em grande parte sejam feitas á vontade e arbitrio de certos professores.

E' por isso tambem que nos relatorios de 1871 a 1874 que o distincto secretario da directoria, o sr. Toscano de Vasconcellos, obsequiosamente franqueou-me, aprasia-se o honrado e sincero director geral em declarar que, comparativamente a outras provincias, a do Pará era a que apresentava maior

somma de alumnos nas escolas. E cumpre declarar que, além de referir-se unicamente á matricula, o numero de alumnos com que o honrado director justificava sua proposição era a somma total de discipulos matriculados no lyceu e em todos os collegios e escolas publicas e particulares.

Convém observar que poucas vezes é merecida a confiança que se tem depositado nos delegados encarregados de fiscalisar as escolas no interior. Geralmente falando, poucos ou raros são os delegados que cumprem seus deveres ou tomam o encommodo de ir alguma vez inspeccionar as aulas do seu districto ou as das povoações em que moram.

O espirito de partido, o parentesco, as obrigações e amisade particular tem n'isso muita influencia; mas o que mais concorre para essa falta de inspecção é o nenhum interesse ou o indifferentismo da maioria dos delegados para com o progresso e vantagens da instrucção da infancia; é a respeito d'estes e d'esta sua conducta que se póde dizer com o auctor dos Luziadas:

*Tão rudos e de engenho tão remisso*
*Que a muitos lhes dá pouco ou nada d'isso.*

Emquanto se não obtiver uma resenha exacta ou uma estatistica regular da frequencia nas aulas, penso que tudo quanto se disse, dizem ou disseram os relatorios da Directoria Geral, apregoando qualquer *sensivel progresso* da instrucção da infancia, deve ser recebido com a maior reserva ou posto em quarentena.

Que o livro de matricula se encha de nomes de alumnos em 2 ou 3 annos, como na maior parte das escolas, ou que se conserve pela maior parte em branco durante 20 annos, como aconteceu nas escolas de Mazagão, Cachoeira, Igarapé-mirim e Cairary, não é certamente cousa indifferente para o regimen e bôa direcção do ensino, mas não é assumpto de grande importancia para a instrucção; o que importa muito, o que é essencial e indispensavel para se avaliar o progresso real da instrucção é a frequencia dos alumnos; e para se obter uma exacta ou quasi exacta estatistica da frequencia não basta o que fazem os delegados actuaes, mas basta que se faça o que elles não fazem.

# IV

# Industria pastoril

SUMMARIO.—Capacidade da Ilha para a criação. O primeiro introductor do gado vaccum. Os Frades Mercenarios fazem progressos na industria; os Jesuitas seguem seus passos tornando-se tambem Fazendeiros; os Carmelitas entram em concorrencia, mas em pequena escala; e os Franciscanos se absteem d'esse negocio. O Cabido da Sé estabelece uma fazenda e o bispo Brandão obtém por esmola algumas para o Hospital dos pobres. Decadencia da industria e causas que para isso actuaram; devastação dos campos; matança de eguas e cavallos; a epizootia—Quebrabunda; o furto de gado; as grandes inundações; outras causas menores.

## Capacidade da Ilha

Póde-se affirmar que mais de metade da Ilha compõe-se de campos ou, mais exactamente, de campinas cobertas de plantas proprias para alimento do gado. Estas campinas e a excellencia das suas pastagens não foram reconhecidas sinão depois de pacificados os Indios da costa oriental e do sueste; podendo-se desde então penetrar no interior da Ilha; os colonos mais ou menos habeis e praticos na industria pastoril, vendo aquellas campinas as reputaram como as melhores do mundo para a criação.

## Primeiro introductor de gado

Tem-se, geralmente escripto que os reverendos padres Mercenarios foram os primeiros que introduziram gado vaccum e cavallar na Ilha de Marajó. Comquanto não me seja permittido pôr em duvida esta asserção, tantas vezes repetida, sem jamais ter sido contestada, penso que em vista de uma informação dada em 1691 pelo Governador Antonio Coelho de Carvalho, ao Rei de Portugal, documento em que o informante, sem dizer uma palavra ao menos sobre os Mercenarios, louva e apoia muito a empreza de criação de gado vaccum na Ilha, já realisada pelo colono Francisco Rodrigues Pereira, a este e não aos Mercenarios se deve a introducção de tão util industria em Marajó.

Mas os Mercenarios que provavelmente já tinham n'esse tempo a posse da ilha de Sant'Anna, na foz do Arary, não

tardaram a fazer acquisição de campos que elles acharam rio acima. Excellentes agricultores e mais industriosos que religiosos, fundaram alli suas fazendas de criação, dando-lhes o maior desenvolvimento possivel.

A prosperidade das suas fazendas não escapou a atilada attenção dos reverendos padres da Companhia de Jesus que cuidaram logo de imitar ou, se fosse possivel, exceder na industria aos Mercenarios, e tornaram-se fazendeiros. Os Carmelitas, tão intrepidos missionarios como bons patriotas e muito affeiçoados á industria rural, não se apresentaram em concorrencia senão mais tarde, e em menor escala, fundando successivamente duas fazendas, longe dos Jesuitas e Mercenarios. Os Franciscanos ou padres de S. Antonio e os da Piedade foram os unicos religiosos que se abstiveram d'esta ardencia industrial, *ex vi* de seus institutos que lhes vedavam entrar em negocios e adquirir fortuna.

O rvd. Cabido da Sé recorreu tambem á industria da criação de gado como um auxiliar ás suas despezas, adquirindo como patrimonio uma porção de campos e estabelecendo uma fazenda; isto, porém, já em meiados do seculo passado; e o illustre bispo Brandão, cuja memoria ficou até hoje tão cara e venerada no Pará por seus actos de caridade e de inteira rectidão, guiado pelo pio e santo empenho de fundar um hospital para os pobres, conseguiu por meio de esmolas, estabelecer algumas pequenas fazendas de gado nos rios Camará, Arary, etc.

Com quanto as grandes fazendas dos Mercenarios e Jesuitas devessem naturalmente restringir muito o progreso e os interesses das dos particulares, por faltar a estas o poderoso auxilio dos indios, de que aquelles religiosos dispunham, tão vantajosa era a industria da criação que, mesmo sem tal auxilio, todos colhiam resultados mais ou menos satisfactorios.

Com tantos e tão bons criadores, o gado bovino cerca de 60 annos depois de introduzido na ilha, tinha-se multiplicado tanto que, apezar da grande quantidade exportada para consumo na capital e de outras villas, tinha-se elevado a 480,000 cabeças, das quaes pertenciam:

80,000 aos Mercenarios.
60,000 aos Jesuitas.
18,000 aos Carmelitas.
5,000 ao Cabido da Sé.

Alguns annos depois o numero de cabeças de gado, continuando a augmentar-se, tinha-se elevado a pouco mais de 500,000.

## Decadencia da industria

Comparando-se aquelle numero maximo de cabeças de gado com o de 300,000 que se calcula ser o maximo hoje existente na Ilha, e, sendo certo que, n'aquella epoca, o numero de consumidores de carne verde era mais ou menos a quinta parte dos de hoje, reconhece-se logo uma consideravel diminuição na producção; essa diminuição por si só denunciaria decadencia da industria, quando mesmo tantos outros factos conhecidos a não confirmassem.

E' escusado pretender demonstrar essa diminuição, por que ella é evidente. O que cumpre examinar são as causas que para isso tem concorrido; é o que vou fazer expondo os factos que a ellas se ligam de mais perto.

## Devastação dos campos

Com o correr dos annos, a reproducção de animaes cavallares, cuja introducção na Ilha deve ter sido contemporanea da do gado bovino, si ao principio encheu de satisfação os criadores, mais tarde começou a causar embaraços a muitos fazendeiros e, afinal, a todos elles.

Em verdade, si em meiados do seculo passado o gado bovino subiu a 500,000 cabeças, o cavallar na 2.ª dezena do nosso seculo tinha de tal sorte se multiplicado que se poderia de certo contal-o pelo dobro.

Reproduzidos em tão grande numero e tornados, em parte, quasi selvagens, os cavallos devastavam os campos, devorando as pastagens e não deixando ao gado bovino senão fracos restos de alimento, insufficiente para sua nutrição. D'isto resultava que as crias, os bois e as vaccas enfraquecidos, indo procurar a nutrição que lhes faltava no campo, embrenhavam-se pelos mattos alagadiços e mais geralmente pelas baixas e atoleiros onde cahiam e morriam faltando-lhes força para se salvarem.

Clamavam os criadores conhecendo o damno que soffriam em suas fazendas, e por toda a parte se reconhecia que a origem principal, senão unica de taes prejuizos, era a multidão de cavallos que devorando as pastagens não produziam menores damnos e estragos na ilha do que a praga dos gafanhotos em certas regiões da terra.

Notavel contraste na industria pastoril da ilha! Ha 50 annos clamavam os fazendeiros contra a infinita multidão de

cavallos; e hoje fazem o maior esforço e ás vezes verdadeiro sacrificio para possuirem e conservarem alguns, comprados a preço relativamente tão alto, que o mais enfesado animal d'esta especie custa-lhes hoje tanto quanto custariam 50 ou 60 dos melhores n'aquelle tempo.

## Matança de cavallos

Apezar das queixas (1), clamores e representações dos fa-

---

(1) Antes de 1785 já existia na Ilha grande quantidade de gado cavallar; os prejuizos sentiam-se então bem accentuados.

Sabedora do que se passava em Marajó, a firma Pedro Nolasco Gaspar & Irmãos, de Lisbôa, dirigiu a rainha de Portugal uma petição, impetrando uma licença régia para venderem as egoas da Ilha aos paizes extrangeiros.

Esta concessão que teria removido uma das mais graves causas da decadencia da industria pastoril no Pará, foi negada porque o governador e capitão-general do Estado, Martinho de Souza e Albuquerque, influenciado pelo espirito exclusivista da metropole, viu perigosas consequencias no commercio que se pretendia estabelecer.

Cumprindo o aviso de 31 de Março de 1785, que ordenou lhe informasse a alludida petição, assim escreveu ao ministro dos negocios da marinha e dominios ultramarinos :

«Não informei immediatamente que recebi a ordem, pelo motivo de estar a partir para Marajó, e querer pessoalmente examinar alli o numero que haveria de gado cavallar, e se da sua extracção para fóra se seguiria utilidade ou prejuizo ao Estado; o que partecipei a v. exc. em officio de 14 de Setembro passado; agora, porém, que me recolhi depois de haver feito as precisas indagações, vou sem perda de tempo cumprir ao que Sua Magestade me determina.

Posto que pareça muito avultado o numero de gado cavallar, que existe na Ilha Grande de Marajó, e que algumas pessoas se lembrem da sua extracção para fóra do Estado, em beneficio do mesmo; com tudo eu me persuado do contrario, porquanto no ultimo triennio pertencerão ao dizimo do gado cavallar ferrado, novecentos e oitenta e tres cavallos e mil cento e quarenta e quatro egoas. O Estado está cheio de innumeraveis engenhos reaes de assucar; engenhocas de aguas ardentes; engenhos de descascar arroz, que para todos estes se exporta de Marajó um muito avultado nomero de cavallaria, annualmente, em razão dos muitos que morrem, tanto nos transportes como com o violento trabalho. As fazendas todas da mesma Ilha de Marajó são beneficiadas com cavallaria; os feitores e escravos não só giram na sobredita Ilha, todos de cavallo, mas tambem transportam os generos e o mais que precisam em cargas de animaes para outras fazendas, no que se consomem muito mais avultado numero de cavallos, vindo assim a serem necessarios todos os que existem na Ilha, e que d'ella se não devem extrahir sem grave prejuizo.

Quanto, porém, as egoas, posto que em alguns engenhos se sirvam d'ellas, comtudo o seu numero se vai augmentando consideravelmente por não terem extracção maior, e algum damno causam as fazendas, por servirem de peso aos pastos, e seria mais util conservar nelles gado vaccum, porém nunca jamais o meu voto será de que ellas passem para dominios extrangeiros; mas antes que a custa dos senhores das fazendas com auxilio da real fazenda se transporte para as grandes campinas, que ficam proximas ás villas de Macapá, Mazagão e Villa Vistosa, que se acham dezertas, sendo as mesmas muito proprias para a criação de gado, tanto vaccum como cavallar, que igualmente se traria por terra para muitas outras innumeraveis, bellas e extensas campinas, que existem junto á villa de Portél, a de

zendeiros, continuaram as cousas no mesmo estado até 1826 ou 1827, quando inopinadamente apresentou-se ao Presidente o agente de um inglez industrioso, requerendo licença para comprar e matar 5,000 eguas em Marajó, afim de aproveitar na industria as pelles e crinas. E' escusado dizer que nem uma diffiiculdade se oppôz á concessão da licença pedida.

Póde-se imaginar a singular satisfação com que se receberia em Marajó a noticia da especial especulação d'aquelle inglez. Seja como for, obtido o despacho, o agente entrou em Marajó e começou a fazer a matança de eguas, e de alguns cavallos, pagando o matador cada animal a 320, 400 e 500 réis, não conforme o animal, sinão conforme o tamanho das crinas e caudas.

Cessou afinal a sua guerra e retirou-se rico de despojos, não levando menos de 5,000 pelles com as competentes crinas e caudas.

Em seguida a este e quasi ao mesmo tempo, appareceram outros agentes de inglezes e francezes pedindo igual licença e procedendo a igual carnificina no gado cavallar. Entretanto, como nem um d'estes matadores tiveram o cuidado, por se lhes não ter imposto esta obrigação, de enterrar em vallas os milhares de victimas que faziam, ou de estabelecer a matança na margem dos rios, onde pudessem lançal-os á corrente, ficaram os cadaveres em montes nos curraes ou dispersos pelos campos, e as suas carnes, logo corrompidas, viciaram de tal sorte a athmosphera com sua infecção que, por muito tempo, tornou-se insoffrivel a simples passagem ou approximação á aquellas localidades e suas circumvisinhanças.

---

Porto de Móz no rio Aquiqui, as das villas de Monte-Alegre, Alemquer, Obidos, e as do logar de Outeiro; pois havendo em todas ellas abundancia de gado cavallar, será mais facil o estabelecerem-se fazendas de gado vaccum, em beneficio geral do Estado.

A continuação do commercio de Marajó para os portos extrangeiros vizinhos, como se pretende, me persuado trazem comsigo algumas perigosas consequencias por ser um terreno aberto sem fortificação alguma, e tem uma grande difficuldade de se poder fazer, como agora mesmo, e com miudeza, represento a v. exc. em officio datado do dia 16 do presense mez e anno. Pelo que me parece, que seria justo, que Sua Magestade se dignasse, não só excuzar a pretenção de Pedro Nolasco Gaspar & Irmãos, como ordenar se façam povoar com egoas e alguns cavallos escolhidos as melhores campinas do Estado, que se acham desertas». (*Correspondencia dos governadores com a metropole. Secção de Manuscriptos da Bibliotheca Publica.* Livro 26).

D'este modo o governador nullificou a pretenção dos commerciantes portuguezes, com uma proposta inviavel. N. DA R.

## Epizootia

Como resultado d'este estado corrupto da athmosphera na ilha, contam os contemporaneos, começaram os cavallos, pouco tempo depois da matança, a soffrer a molestia que os criadores denominam *Quebra-bunda*, por affectar e inutilisar os membros posteriores do animal, de modo a não poder este sustentar-se em pé, molestia que se reputa incuravel e que na opinião unanime dos fazendeiros é considerada contagiosa.

Esta molestia que é uma das causas da decadencia da industria pastoril por destruir rapidamente os cavallos que, como se sabe, são indispensaveis ao desenvolvimento da criação, tem feito e continúa a fazer estragos consideraveis nas fazendas nacionaes e nas outras do centro da ilha, atacando mais particularmente os cavallos de serviço; d'onde se póde concluir que o bom ou máu trato dos cavallos mansos deve muito influir para preserval-os da molestia ou para que ella se pronuncie e se aggrave.

Ha mais ou menos 36 annos a Assembléa Provincial, fez o que estava a seu alcance para se poder combater a epizootia, mas estes esforços seus, os da administração e os empregados isoladamente pelos fazendeiros, fôram e têm sido frustrados, uns por incompletos e todos pela rebeldia da molestia.

## O furto de gado e as inundações

São as outras grandes causas da decadencia da industria criadora. O furto de gado merece, por sua importancia, ser descripto com maior particularidade e desenvolvimento; d'elle tratarei por ultimo n'este capitulo.

Já descrevi, em outro logar, o modo por que, nos tempos normaes, ficava a ilha inundada em toda a sua superficie, com as poucas excepções referidas. Si essas inundações periodicas já são fataes á industria pastoril, porque extinguem a maior parte das producções ou crias do anno, pode-se calcular quão grande seria o estrago do gado durante as extraordinarias inundações de 1872 e do presente anno, em que as aguas se elevaram mais 1 metro acima do maximo a que costuma chegar nos invernos ordinarios.

As partes da ilha que mais inundadas ficaram n'esses dous annos, seria escusado dizel-o, fôram as do centro, e ahi os effeitos fôram taes que muitas fazendas perderam não só

todas as crias, mas tambem grande parte do gado adulto que tinham: referiram-me que uma d'ellas tendo 400 cabeças de gado no fim do verão, não contou senão 80, no fim do inverno; e outra que tinha quasi 2,000 cabeças, ficou reduzida a pouco mais de 300; e não fôram talvez essas fazendas as mais prejudicadas.

Não se diga que estas inundações, sendo raras, pouco influem para o decrescimento da criação. Não é assim. As grandes inundações não são tão raras; na ilha ha tradicções de outras mais ou menos iguaes ás de 1872 e 1875, contando-se entre ella a de 1856 e a de 1825 ou 1826, si é exacta, como creio, a informação que tenho.

As grandes alagações, como as mencionadas, têm produzido effeitos tão desastrosos no gado, mesmo adulto, que podem ser consideradas uma das principaes, senão a principal causa da decadencia da industria criadora.

*Os atoleiros* formidaveis em que morrem grande numero de crias e vaccas enfraquecidas; a demasiada exportação que se faz do gado para consumo na capital; as feras que tão frequentemente dizimam as crias, vitellas, etc., são causas menores, mas não de pouca importancia, que, na opinião competente dos fazendeiros, influem para o decrescimento do gado bovino.

## O furto de gado

O antigo e popular presidente do Pará, Jeronymo Coelho, em seu relatorio de 1849, referindo-se ao codigo de policia rural, disse o seguinte:

«Trato de dar um regulamento definitivo para evitar a confusão que se tem dado n'este ramo do serviço rural que tantos queixumes excita pelas continuas *falsificações* de marca, principalmente na Ilha de Marajó, onde o extravio e *o escandaloso roubo de gados estão elevado á cathegoria de industria*».

Estas ultimas palavras do finado presidente do Pará tem sido frequentemente repetidas, talvez mais como belleza de estylo do que como resultado de estudos sobre tão importante assumpto; pois é certo que o mesmo presidente que as escreveu, enganou-se. O furto de gados em Marajó não é uma industria, como elle pensou; é cousa bem differente: é um habito que tem passado inalteravelmente de tataravós a tataranetos, de geração em geração, e que tem tido a sancção de mais

de um seculo. Em outros termos: o furto de gado em Marajó é um *costume,* e costume tradicional.

Já em outro logar ficou provado pela estatistica e é de primeira intuição, que o numero de gado vaccum em Marajó diminue sensivelmente, e eu indiquei algumas das causas que se assignalam como concorrendo para este facto que não póde escapar aos olhos de qualquer observador; vou recapitulal-as ou melhor retocal-as, para chegar ao ponto capital, a causa mais importante que é a designada na epigraphe — Furto de gado.

Entendem uns que uma das causas é o espirito de rotina que se implantou e se tem arraigado na Ilha, repellindo toda a sorte de melhoramentos.

Outros entendem que a causa do mal está na excessiva exportação, para consumo, de gado proprio para a reproducção, como são as vaccas novas, novilhas, etc.

E, emfim, como causas mais poderosas, os grandes invernos, tão repetidos n'estes ultimos annos, tão prolongados como não ha memoria na Ilha, mergulhando dois metros e as vezes um pouco mais, logares outr'ora reputados seguros logradouros n'estas estações invernosas, e que, como em 1872 e 1875, quando menos prejuizos causem aos criadores, extinguem-lhes a producção do anno.

Não ha duvida que cada uma d'estas causas, conjuncta ou separadamente, deve ter influido mais ou menos fortemente para o facto que se vê: diminuição e—mais que diminuição,—tendencia pronunciada para a extincção da criação de gado; para reconhecel-a basta ver-se quão desertas estão hoje campinas extensas, nas quaes ainda se descobre vestigios do grande numero de gado que outr'ora contiveram.

Mas, dominando, superando todas essas causas, está o furto de gado com toda a sua malefica influencia. Esse furto é um elemento destruidor, geral e permanente, em todas as estações assim como em todas as localidades.

Todos os fazendeiros criariam mais ou menos e sempre com proveito, porque as condições da Ilha favorecem sobremaneira á industria criadora. Os grandes invernos e a exportação excessiva de gado de producção, que são, sem duvida, um grande mal, não apresentam, todavia, o caracter de generalidade que tem o furto, porque, si em muitas fazendas as invernadas tem dizimado o gado, em outras não tem sido tamanho o prejuizo, e si ha fazendeiros que tem feito exportação de gado vaccum feminino em quantidade superior ás suas

forças, tambem outros ha que não tem tanto abusado, e ainda outros que não tem feito exportação alguma.

Accresce a isto que o furto affecta ao gado proprio para a reproducção, não só por ser este de ordinario o mais nutrido e não offerecer tamanha resistencia ao ladrão, como tambem porque *furta-se para criar!*

Para que o furto de gado em Marajó tenha logar do modo e com a demasia com que alli o praticam, é preciso que se deem causas mui poderosas e de caracter permanente, que o tornem temido para todos a ponto de o considerarem *um mal sem remedio*, — mal que tanto deprecia um genero de bens abundante de vantagens que em poucos outros se encontram.

E' opinião entre os mais distinctos fazendeiros, e opinião bem fundada, que furta-se, principalmente porque o ladrão de gado encontra toda facilidade para commetter este crime; elle furta do mesmo modo que praticaria um acto licito.

O vaqueiro, percorrendo os campos a cavallo, assim como póde estar em serviço do dono da fazenda, tambem póde o estar prejudicando, roubando-lhe o gado. Tanto n'esta como em todas as mais hypotheses de furto de gado, o ladrão tem a seu favor a quasi certeza da impunidade, quando menos, pela difficuldade da prova do crime.

O furto de gado tem ainda outra circumstancia que o favorece: é ser de natureza tal que aproveita a muitos e é claro que todos aquelles a quem elle aproveita, por conveniencia propria, occultam tanto a existencia do crime, como os seus autores.

Concorre igualmente para que o furto se não desarraigue da ilha a ambição do fazendeiro, para quem não ha meio de tão prompto augmento como o furto de gado em larga escala. Para que melhor se avalie a exactidão d'este enunciado, é preciso ter em vista que a moralidade em Marajó tem descido tanto que ella já se não conta como elemento das relações sociaes, quer de visinho a visinho, quer de senhores e patrões com seus famulos e escravos.

Até aqui tenho falado quasi sómente a respeito do furto commettido por vaqueiros, feitores, etc., passando agora a referir-me aos fazendeiros a que já toca o paragrapho antecedente, o que vou dizer ha de ser entendido nos devidos termos, isto é, na generalidade; respeitando as excepções, embora bem poucas, que sou o primeiro o reconhecer e venerar.

Um distincto e abastado fazendeiro de Marajó que sem-

pre clamava contra os ladrões de gado, falando d'este assumpto a diversas pessoas, pouco tempo antes de cahir victima dos assassinos que o roubaram á sua familia e aos seus amigos, perguntou a um outro fazendeiro que n'aquelle momento se reuniu ao grupo de circumstantes:

«Qual é, meu collega, o fazendeiro de Marajó que não furta gado?»

O interrogado abaixou os olhos e permaneceu mudo e como que aniquilado.

«Ahi está! Observou o arguente aos circumstantes: Nem ao menos o meu collega diz que sou eu esse fazendeiro, para que eu lhe retribua dizendo que é elle o outro que não furta!»

Este facto não é uma simples anedocta; é um esboço fiel e caracteristico, não direi do estado moral, mas do costume dos fazendeiros. Prosigamos.

Na escala dos que furtam gado o primeiro logar compete ao fazendeiro como aquelle que, *furtando*, dispõe de maior somma de *meios para furtar*.

Era já bem convencido d'isto que o capitão general Francisco de Souza Coutinho, tratando do furto de gado em Marajó, dizia em 1792 ao ministro dos negocios ultramarinos:

«.... quem póde trazer effectivos muitos vaqueiros no «campo, *póde fazer o que quizer;* assim como póde apartar os «seus (gados) póde apartar os alheios; e *é o que succede*».

Quanto ao furto de gado, portanto, póde-se firmar bem o seguinte: Que *o fazendeiro é quem mais furta* em Marajó: furta para comer, furta para criar e até furta para variar de alimento!

O furto para comer é facilimo de ser commettido porque, rodeiando-se o gado de qualquer fazendeiro, é certissimo encontrar, de mistura, o do visinho, e é a carne d'este gado que vae figurar na mesa d'aquelle fazendeiro.

Repete-se esta operação com muita frequencia, não só por gosto, mas tambem porque, segundo o estylo em Marajó, estraga-se mais do que se aproveita; e não admira isso porque quem paga é o visinho.

Não consistindo o alimento exclusivamente no uso da carne, é tambem mister furtar para comprar outros generos; para isso ahi apparecem frequentemente os regatões (especie hybrida que surgiu entre o commercio e a pirataria, ou entre o decoro e a impudencia) que se prestam a todas as exigencias que lhes trazem lucro; e como elles a troco de generos recebem

carne secca ou de salmoura,—repete-se ainda o furto para satisfazer a semelhante necessidade Convém declarar que nem o regatão, nem o negociante de barracão exige o couro das rezes, cuja carne recebe em pagamento dos generos, porque em nada lhe é isso necessario.

Si os patrões e senhores furtam por esta fórma, está claro que os vaqueiros das fazendas não hão de deixar de imitar taes exemplos, tanto mais que d'isso lhes resulta grande proveito.

Mas o furto de gado não pára n'isto; o fazendeiro furta tambem para augmentar a sua fazenda, como já observei. A principal arma com que joga n'este caso é a corrupção dos vaqueiros das fazendas visinhas, ora para fecharem os olhos, ora para tambem roubarem por sua vez.

Este genero de furto consiste na assignalação de gados que ainda não foram assignalados por seus donos e no viciamento dos signaes de gados já assignalados. Favorece ao furto feito por esta fórma o abuso que se tem feito de signaes, pois é raro o fazendeiro que, além do signal para o qual tem titulo, não uze de dous, quatro ou seis.

Por causa d'este abuso, hoje tão geralmente introduzido, o signal não serve de garantia alguma ao fazendeiro.

Quem conhece o vaqueiro de Marajó não tem a menor difficuldade em comprehender que corrompel-o é a cousa mais facil do mundo; basta saber que por um frasco de cachaça o vaqueiro assignal-a um bezerro. Mas, quando não vá assignalar em pessoa, consente que o visinho, que o corrompeu, assignale, deixando-se elle ficar em casa ou indo para rumo diverso.

Por estes e outros meios, tão indignos de homens que se presam, ao passo que umas fazendas se elevam, outras decahem. Em todas ellas reina mais ou menos este *costume* de furto de gado; e todas são victimas d'esse crime, d'esse furto do qual—«deve resultar e resulta (como disse o capitão general Souza Coutinho, no logar citado) a continuada desordem de que «todos murmuram e se queixam, sem verem que ella procede «do mesmo systema que praticam».

E' o caso de dizer-se: Todos gritam e nenhum tem razão!

«No dia em que o fazendeiro convencer-se de que não deve furtar gados (disse um illustre cavalheiro, respeitavel e abastado fazendeiro), e que nem é de sua conveniencia furtar, póde-se asseverar que o furto de gado terá desapparecido da ilha».

E accrescentou:

«O fazendeiro que se resolver a criar o seu gado, aproveitando os recursos que a criação offerece e regulando as suas despesas segundo os principios de uma sã economia, esse fazendeiro cedo terá uma bôa fortuna, e ao mesmo tempo, terá dado bons exemplos a sua familia, habilitando os filhos a succederem-no, mantendo a sua casa por uma e mais gerações; o que presentemente não succede».

Infelizmente em Marajó se está longe de assim pensar e de seguir estes conselhos dictados pela sabedoria e pelo bom senso.

O mal augmenta, em vez de decrescer, porque aquelles que até agora não furtavam gado, si não furtam já, serão talvez forçados a isso,—cançados, como estão, de representarem constantemente o papel de victimas!

V

# Meios de minorar os effeitos das inundações

SUMMARIO.—Causas combinadas das alagações. Rio Goyapi não influindo; meios de desobstruil-o; appello á Camara da Cachoeira e aos fazendeiros interessados. Estudos para um canal de esgoto; relatorio do Engenheiro.

## Causas das inundações

Tem-se já escripto muito a respeito das causas das inundações ordinarias e extraordinarias de Marajó, e ninguem esquecerá o que a commissão de engenheiros da Provincia, mandada em 1872 á Ilha, expôz com tanta proficiencia em seu luminoso relatorio, embora não se referisse senão ás inundações do rio Arary e sob a hypothese da fórma que ella com prudente reserva entendeu dever dar á ilha. O sr. Oliveira, engenheiro civil, encarregado ultimamente de fazer os estudos especiaes para a abertura de um canal de esgoto, trata com igual proficiencia esse assumpto, como se verá do seu relatorio que vae transcripto no fim d'este capitulo.

Pela minha parte, descrevendo em traços ligeiros a disposição physica da ilha, o aspecto dos campos durante o verão

e o inverno, deixei implicitamente esboçadas as causas das inundações, que eu creio poder resumir nas seguintes:

1.ª A falta de inclinação sensivel na vasta extensão da superficie da ilha.

2.ª A obstrucção da parte superior e média dos escoadouros naturaes, pela enorme quantidade de vegetaes arborescentes que nella tem crescido.

3.ª As copiosas e prolongadas chuvas.

D'estas tres causas combinadas e dependentes umas das outras, resulta accumularem-se as aguas pluviaes, inundarem as mattas e campos e submergirem estes, transformando-os em um vastissimo lago.

## Obstrucção do Goyapi

Foi-me recommendado nas instrucções, que indagasse si o rio Goyapi concorre para as inundações.

Não tive tempo nem meios de ir pessoalmente fazer um exame d'este rio, de que apenas conheço parte da fóz; mas obtive de pessoas competentes, honestas e muito conhecedoras do rio informações seguras de que ora me servirei. E' preciso primeiro dar uma idèa do curso do rio.

O Goyapi é formado por dois ramos, vindo um das baixas adjacentes ao lago Guajará, e outro partindo immediatamente do lago de Santa Cruz, fazendo ambos sua juncção nas raias da fazenda nacional do Arary. O rio alarga-se, torna-se profundo, descreve extensas curvas e no fim da ultima procura desemboccar no Arary, não muito acima da villa da Cachoeira. Desde a juncção dos dois ramos até cerca de uma milha acima de sua fóz, o Goyapi é perfeitamente navegavel por grandes barcos e por vapores medianos; mas não é navegado actualmente porque n'essa extensão de uma milha está obstruido por aningas, mururés e canaranas.

No inverno, o Goyapi quando já cheio, achando obstruida a fóz, derrama suas aguas pelas baixas que d'alli se prolongam até junto da villa, já a esse tempo invadida, do lado da frente, pelo transbordamento do Arary.

Si as aguas do Goyapi, em vez de irem pelas baixas até ás immediações da villa, se reunissem em sua fóz ás do Arary, está claro que o resultado unico devia ser um augmento de inundação na frente da villa, sem que se diminuisse a das visinhanças da mesma villa pelo outro lado, porque, como exactamente disse Simões de Carvalho, durante o inverno a ilha de Marajó «é um *vastissimo vaso d'agua*».

Consequentemente a obstrucção da fóz do Goyapi não tem influencia alguma sobre a maior ou menor inundação da ilha; apenas póde influir um pouco para demorar o seu proprio escoamento e o das baixas entre elle e a villa. Não se crê tambem que tal obstrucção seja um obstaculo sério, por não haver, na citada secção de uma milha, terra solida a remover, nem arvores a derrubar, mas unicamente lodo sobre o qual crescem aquellas plantas. Arrancadas estas no começo do inverno e removida a parte superior do lodo, a força das aguas do Goyapi bastará para arrastar o resto e deixar limpo o seu leito.

Este serviço poderá ser executado por diligencia e intervenção da Camara Municipal da Cachoeira, recorrendo ella ás pessoas interessadas na navegação d'aquelle rio, em cujas margens teem diversas fazendas de criação. Mandando cada interessado 2 ou 3 pessoas para trabalharem em commum e sob a inspecção de um dos vereadores ou de um dos fazendeiros, a obra da desobstrucção se concluirá em 5 ou 6 dias, concorrendo a Provincia com as despezas de comedorias e com uma gratificação a titulo de jornal, o que tudo importará em 300 ou 400$000 rs., segundo parece.

E' possivel que na execução d'esta obra appareça alguma difficuldade maior, pois, conforme já o disse, não tive occasião, nem meios de fazer um exame da localidade; mas, essa difficuldade nunca será tal que se não possa, com algum esforço mais, levar a effeito a obra pelo meio indicado.

Convém observar que entre os interessados na desobstrucção e navegação do rio, está a fazenda nacional do Arary que, estou certo, será a primeira a acceitar o convite da Camara, concorrendo, para esse beneficio commum, com os fazendeiros, entre os quaes ha alguns que são auctoridades, officiaes da guarda nacional, etc., e que certamente se não hão de recusar a darem seu contingente para um fim tão util.

## Canal de esgoto

No relatorio do engenheiro, sr. Gomes d'Oliveira, estão consignadas as suas idéas sobre este ponto, e penso que n'ellas ha accordo com as indicações da commissão de engenheiros provinciaes a que me referi. Não creio possivel achar-se outro meio que não seja o canal de esgoto para as aguas pluviaes; a questão unica que póde apparecer a este respeito é quanto ao numero de canaes a abrir-se.

Reflectindo sobre a tendencia pronunciada que as aguas superabundantes e accumuladas no centro da ilha mostram para se escoarem pelo lado do rio das Tartarugas, e, considerando quanto importa, em questão de obras tão uteis, observar e seguir as indicações da natureza, não posso deixar de insistir pela necessidade urgente de descortinar-se os terrenos, ora obstruidos, d'aquelle lado, rasgando-se através d'elles canaes ligeiros ou simples regos que conduzam pouco a pouco as aguas estagnadas ao leito do Tartarugas. Penso que estes simples regos ou vallas que o pezo das aguas se encarregará de alargar e aprofundar, convertendo-os em largos canaes, não seriam menos uteis e seriam talvez preferiveis ao projectado no sentido de juncção permanente do Apihy e Arapichy com os Mondongos.

Além da vantagem do dessecamento, por este meio, d'aquelles terrenos e de dar-se ao mesmo tempo esgoto ás aguas por esses conductos quasi naturaes, é tambem motivo de ponderação o facto de que o unico abrigo seguro que existe em toda a costa-norte da ilha está junto á fóz do Tartarugas, —circumstancia de muito valor para qualquer barco ou vapor que pretendesse, em qualquer tempo, penetrar no centro da ilha.

Passo a transcrever (com a devida permissão) o relatorio do sr. Gomes Oliveira, contendo todas as informações e esclarecimentos exigidos pelas Instrucções de 2 de Maio, na parte relativa ao traçado de um canal de esgoto:

## RELATORIO DO ENGENHEIRO

« Illm.º e exm.º sr.—Tendo-me sido encarregados pelo sr. D. S. Ferreira Penna, de ordem do Governo, os estudos dos meios praticos de communicar o lago Arary com a costa N. de Marajó por meio do rio Arapixy ou o das Tartarugas, para execução da lei provincial n. 819 de 22 de Abril de 1874 e instrucções de 2 de Maio do mesmo anno, estudos de mui longo e penoso trabalho, exigindo ser effectuados parte durante o inverno e parte durante o verão, segui com o dito sr. Penna para aquella costa em Outubro do anno findo, afim de, na campanha de verão, adiantar o mais possivel os nivelamentos e levantamento da planta dos terrenos de toda a região que se estende para o N. das baixas do dito lago até a parte da costa comprehendida pelos ditos dois referidos rios. Tudo que a es-

tação nos permittiu foi por nós executado e communicado já a v. exc.ª pelo sr. Penna

Em principio de Março, quando as aguas já inundavam grande parte de Marajó, tendo-me v. exc. mandado supprir com as quantias necessarias as despesas d'esta ultima e mais penosa parte dos trabalhos e confiado nos auxilios que me haviam sido promettidos pelos srs. dr. Joaquim José de Assis e Francisco Gomes de Figueiredo, embarquei para o rio Ganhuão, d'onde, com gente engajada pelo dito sr. Figeiredo, segui para os Mondongos continuando os estudos do terreno, procedendo a todas as sondagens e triangulações até os lagos Arary e Tartarugas, voltando d'este ultimo ao Ganhuão para ahi tomar os praticos do rio Tartarugas, por falta dos quaes deixei então de por elle descer; observando durante o tempo empregado nesta execução o maximo do decrescimento das aguas durante este inverno. Encontrando impossibilidade de ser então acompanhado pelos praticos do Tartarugas, residentes no Ganhuão, parti para aquelle rio na companhia do sr. Figueiredo que esperava, d'entre os moradores do igarapé Nascimento e outros a O. do Tartarugas, gente com animo bastante para subir o dito rio até o lago do mesmo nome; mas tendo-se frustrado taes esperanças em virtude das exigencias dos moradores, que acostumados a viver de rapinas e receiosos de que qualquer melhoramento d'aquelles lugares podesse produzir o desalojamento dos terrenos que intrusamente occupam, não duvidaram impôr, entre outras condições onerosas, a de se lhes dar dez mil réis diarios a cada um dos quatro d'estes moradores que comnosco deviam seguir; pelo que tive ainda de voltar ao Ganhuão para ahi esperar pelos praticos e mais gente capaz de vencer as muitas difficuldades que já tinha tido lugar de apreciar.

Ao cabo de tres dias, estando a viagem preparada por esforços do sr. Figueiredo segui, na companhia do mesmo sr., da sua fazenda denominada Santa Maria, em duas montarias tripuladas ao todo por nove pessoas. Sete dias passamos em meio das mais terriveis fadigas atravessando o mondongo do Cemiterio e seguindo depois os estudos do terreno das margens e leito do rio das Tartarugas até a sua foz no Amazonas. Nada diria, do quanto se soffreu nesta excursão em que, de dia as cabas, as formigas venenosas e outros insectos nos mordiam por toda a parte, de noite morissocas e outras pragas e dia e noite nos ameaçavam as cobras, onças e jacarés, tendo para evitar estes ultimos, de passar noite trepados sobre as-

sacús; se isto não devesse ser tambem tomado em consideração a par de outras razões que adeante exporei para que não haja illusão sobre as difficuldades, que se apresentam na desobstrucção e canalisação de um rio tal.

Concluida esta mais importante parte dos meus trabalhos, empreguei os ultimos dias de Abril com os estudos dos mondongos, das Minas e baixas visinhas do Cururú para concluir esta minha commissão e confeccionar o mappa que só agora, por graves encommodos de saúde, junto remetto a v. exc. com este memorial em que antes de mais nada, exporei minhas humildes idéas a respeito da

## FORMAÇÃO DA ILHA DE MARAJO', E SEU ACTUAL ESTADO

Sujeitos constantemente á acção de agentes internos e externos não podem deixar todos os terrenos de soffrer um trabalho continuo de formação ou deformação que a industria humana algumas vezes póde dirigir, mas jamais embaraçar. O Amazonas, pois, deveria necessariamente com suas gigantescas correntezas exercer uma mui consideravel força contra qualquer permanencia de fórma de suas margens e leito; mas, juntando-se ás do Amazonas as do poderoso Tocantins, muito maior será sem duvida o seu effeito e facilmente se poderá comprehender o pouco que a este respeito deverei dizer. Visitando o professor Agassiz uma parte da costa S., do Marajó, observou que o terreno d'esses logares era todo da mesma formação, contextura e composição dos da costa que corre da cidade do Pará até Salinas, o que bem indicava que o Amazonas e Tocantins, ou somente este ultimo, havia aberto o grande canal que hoje se observa entre aquella costa e a do Pará. Esta identidade de terrenos que se observa entre os da costa S. da ilha e os das Salinas já não existe entre os d'aquella costa e os da do N. da mesma ilha, que são de aluvião muito mais recentes e tudo indica que em outros tempos existira um grande canal entre estas duas partes da ilha, hoje occupada pelos mondongos, Cururú, Tartarugas e baixos que se estendem ao S. até o Lago Grande do Arary da mesma maneira por que hoje se encontra o canal entre a Mexiana e Caviana e tantos outros do delta do Amazonas, que muitas vezes se veem obstruidos e reduzidos a campinas dentro de poucos annos, como succedeu ao que ainda ha pouco separava em duas a ultima das referidas ilhas; obstruido, como tudo nos

indica que fôra, este grande canal do Marajó, difficeis se tornaram os escoamentos de tantos e tão baixos terrenos que ahi se formaram e bem assim o d'aquelles que de N. S. das mesmas baixas faziam seus escoamentos pelo dito canal; aos muitos cuidados dos fazendeiros que em tempo de grande abundancia de cavallos de Marajó constantemente ahi trabalhavam gado, para não perder a mais pequena opportunidade de queimar a espessa vegetação de capim e outras plantas, se devia então principalmente não só á limpesa e aproveitamento d'estas grandes extenções, como tambem a facil evaporação das aguas pela acção directa do sol; pois que então todas as que ahi se dirigiam, antes mesmo de alcançar o Tartarugas e outros esgotos menos faceis, já tinham desapparecido pela evaporação, evitando por esta fórma que as chuvas de um primeiro aguaceiro accumulassem toda a sua massa com as dos successivos outros, pelo modo por que hoje se vê ter lugar, privadas como estão da acção directa do sol pelas grandes accumulações de vegetaes que alem d'isso embaraçam o movimento das aguas na direcção dos mesmos esgotos que de dia a dia se vão obstruindo mais.

A' diminuição dos cavallos succedeu pois como consequencia necessaria o abandono total de muitas fazendas de criação da beira do mondongo, taes como o das da Graça, Soccorro e outras, e a quasi impossibilidade de irem ahi os fazendeiros mais distantes trabalhar os gados d'aquelles lugares, como em tempos antigos se fazia, principalmente pela gente das fazendas nacionaes; e os campos, assim largados, já nem mesmo servem para criação de gado bravo, que, como tenho examinado, se tem extinguido quasi nestes lugares. E' sem duvida muito para sentir tambem que devendo-se principalmente á falta de cavallos este abandono de uma tão importante parte de Marajó, tenha este abandono influido tão perniciosamente em lugares da mesma ilha, mais ou menos distantes dos mondongos, que alagando-se todos os annos por mais abundantes e duradouras aguas soffrem graves prejuizos em suas criações principalmente na dos cavallos, cuja epidemia, apresentando todos os indicios de uma paralysia mais ou menos geral, deve forçosamente desenvolver-se e effectivamente se desenvolve tanto mais, quanto mais se alaga um terreno qualquer; a par de uma vegetação, tão abundante quanto perniciosa onde a Aninga (Caladium arborescens) cada vez predomina mais, desenvolvem-se extraordinariamente numerosas especies de animaes damninhos, principalmente os jacarés, que em outro

estado de cousas, não seria tão difficil exterminar, espalhando-se pelas fazendas visinhas onde devoram grande parte das crias de animaes bovinos e cavallares.

Sem que pois se trate de remediar estes males ha de sempre progredir a decadencia de Marajó que, pela sua importancia, é por certo merecedora das mais sérias attenções. A queima da vegetação dos mondongos e piryzaes daria, todas as vezes que fôsse possivel, muito benefico resultado e deveria ser tentada todas as vezes que se julgasse possivel; mas nunca assim mesmo se evitaria a grande necessidade que ha de quanto antes se proceder á desobstrucção dos rios que podem dar grandes esgotos a esta parte da ilha, devendo-se tratar ao mesmo tempo de abrir a canalisação necessaria para os communicar entre si, facilitando conjunctamente o esgoto, a navegação e todos os meios de transporte conforme a lei provincial n. 819 com tanta razão recommenda.

Para melhor apreciação do custo e vantagens d'estes canaes, descreverei primeiro que tudo os differentes.

### Rios que podem ser aproveitados para os esgotos dos mondongos e cursos dos mesmos rios durante as differentes estações

D'entre os rios que podem servir para o esgoto e todos os mais fins que a dita lei provincial tem em vista, distinguem-se principalmente o Arary, o Apihy, o Genipapucú, o Anajás com seus affluentes, Mocoons e Cururú, o das Tartarugas e o Arapixy; por isso d'elles tratarei em separado.

*Rio Arary.*—Recordando-se o que deixei dito, sobre o modo por que devem ter sido formados os terrenos das baixas visinhas do grande lago e os dos mondongos, é facil prever que este rio, cujas aguas communicam o dito lago com a costa S. da ilha, fôra primitivamente uma especie de furo ou estreito canal formado por dois differentes rios, unidos por suas cabeceiras, por onde a agua da parte sul da ilha se dirigia a um e outro d'esses dois differentes canaes do Amazonas que a limitavam: nem essa particularidade de dirigir as aguas para uma e outra de suas extremidades ainda hoje elle perdeu; pois que em todos os principios de inverno, quando o nivel das aguas do lago tem baixado, todos aquelles que do Anajás-miry, e de todos os menores que n'elle entram até muito maiores distancias do lago, se dirigem para este, chegando muitas vezes a tomar uma velocidade superior a 0,$^{m}$50

por segundo, para o que concorre principalmente o ser o rio Arary uma especie de canal de nivel entre a Cachoeira e o lago, ser a bocca do Anajás-miry muito mais visinha do lago do que da Cachoeira e o carregarem sempre mais as chuvas d'este periodo do inverno nos centros que para elle desagoam do que para o lado dos mondongos.

Durante o verão e fins do inverno é que todas as aguas d'este rio caminham para a costa S., mas com uma velocidade muito inferior, principalmente em meios do seu curso, em virtude da grande extensão que tem a percorrer.

O modo por que este rio se acha obstruido, e as vantagens da limpeza e excavação das cachoeiras do mesmo, já foi perfeitamente considerado e exposto em seu relatorio pela commissão que o examinou durante a grande cheia de 1[illegible]

*Rio Apihy.*—O rapido crescimento que tomam as aguas do lago pela introducção das do Anajás-miry e mais rios e igarapés visinhos durante o principio do inverno, eleva-lhes o nivel acima da dos piryzaes e mondongos; e por isso não podem estas deixar de abrir algum canal que para ahi as conduza durante esse tempo e por onde voltem de novo para o lago, quando este já tiver sido esgotado pelo Arary e pelas maiores evaporações que nelle tem lugar; entre os differentes canaes assim abertos, distingue-se principalmente o Apihy que assim mesmo é geralmente chamado rio. A importancia do Apihy quando se trate de levar a effeito as communicações que fui encarregado de estudar, é de certo de muita consideração, pois que em nenhum outro se encontra no mesmo gráo qualquer das seguintes vantagens que este conjunctamente reune em toda a extensão que vae de sua bocca no lago até as ramificações que se espalham pelos piryzaes—direcção pouco sinuosa de seu leito, grande profundidade do mesmo, margens consistentes e limpas e aguas quasi sempre livres de barrancos de canarana e mururé que tanto infestam todas as mais do centro de Marajó—, mas independente de qualquer canal que o faça ligar á costa N. de Marajó, pequena poderá ser sempre a sua utilidade para esgotos ou navegação.

*Rio Genipapucú.*—Causas semelhantes ás que deram em resultado a formação do Apihy, produziram tambem este canal, geralmente chamado rio, por onde se communicam os lagos Arary e Tartarugas; mas, ao contrario do Apihy, é n'elle tão abundante a canarana e mururé, que impossivel é muitas vezes o reconhecer-lhe o leito; depois de com muito

custo se ter limpo em um ponto qualquer, logo se enche de novo das mesmas plantas fluctuantes sobre as quaes é possivel arrastar os pequenos barcos, mas impraticavel para os de maior lotação, taes como os do transporte de gado: difficil será sempre, pois, aproveitar o leito do Genipapucú para as importantes communicações que se tem em vista, e pouco aproveitavel tambem será elle sem que estas sejam effectuadas.

*Rio Anajás e seus affluentes Mocoon e Cururú.*—Estes rios que nada mais são do que os restos da parte superior ou occidental do grande canal que em outro tempo devia ter corrido pelo meio de Marajó, servem hoje, á maneira da porção de nivel do Arary, de esgoto á uma pequena parte das aguas que se accumulam no centro da ilha; mas o perfeito nivelamento de seus leitos, a direcção em que existe a sua fóz, contraria a da do Amazonas, junto a sua mui grande extensão, fazem que mais depressa devam ser considerados como canaes a esgotar do que como importantes esgatadores.

*Rio das Tartarugas.*—Se o estado do Genipapucú é devéras muito deploravel, muito mais é o d'este rio que póde ser considerado como restos do limite inferior do extincto canal e que, mesmo em tempos não muito remotos, dizem ter tido uma mui grande importancia. Desde 1835, epocha de tantas desgraças nesta provincia, e igualmente a dos principios da epidemia dos animaes cavallares em Marajó, se fôram pouco a pouco abandonando as fazendas das margens d'este rio, principalmente as da esquerda, e quando em 1846 quizeram transportar pelo rio Tartarugas uma porção de carne de restos do gado do Soccorro, referem os moradores do Nascimento, com os quaes se fez este serviço, que uma pequena igarité gastára então quinze dias para ahi chegar desde a fóz do rio, viagem facil de fazer em um dia, se o rio não estivesse totalmente obstruido. Decorrido já muito perto de trinta annos, póde-se bem fazer uma idéa approximada do que elle será agora, tendo-se deixado completamente abandonado á tôdas as mais poderosas causas de aniquilação de um rio; mas para melhor se comprehender este estado e seus meios de melhoramento, distinguirei, seguindo da fóz, as trez seguintes secções em que naturalmente parece ser dividida, e são—a secção inferior ou das matas, a dos tabocaes e a dos bamburraes. A secção inferior entende-se desde a fóz no Amazonas até a confluencia do Igarapé da Graça, tem as margens cobertas de mato alto e uma largura sempre superior a oitenta metros (80), que pela

maior parte ficam em sêcco durante a baixa mar. O terreno das margens é geralmente muito baixo e frouxo, em virtude do que, tem sempre estado despovoado. A secção que chamamos dos tabocaes estreita-se muito rapidamente, e é influenciada pelas marés sómente nos primeiros tres kilometros, que de verão só durante o breve tempo de praia-mar póde ser a custo navegavel por pequenas montarias, ficando o resto do tempo reduzida a um rego de lodo, do mesmo modo como durante esta estação se apresenta sempre o resto d'esta secção, que por tal fórma se encontra infestada de tabocas que mais parece uma sebe espinhosa impenetravel do que os restos de uma via aquatica. Pela acção da força da agua do inverno escava-se-lhe profundamente o leito, como tive occasião de observar, principalmente do rego ou igarapé do Pai João para baixo; mas logo que a agua diminue torna de novo a obstruir-se, como encontrei o verão passado.

A ultima secção que chamamos dos bamburraes nada mais é do que a continuação dos do Genipapucú, differindo sómente da ultima e peor parte d'este, a conhecida pelo nome de rego da Jararaca, por ter os barrancos de plantas fluctuantes ainda mais cerrados, e o terreno do fundo e margens menos consistentes. Este rio das Tartarugas, onde estes animaes já não entram e que tão pouco já merece o nome de rio, seria por sua situação, quando desobstruido, de um immenso valor para o escoamento dos mondongos; mas quando mesmo, á causa de muitos sacrificios, se conseguisse uma vez esse resultado, de pouca duração elle seria, se annualmente se lhe não applicasse uma despeza de conservação quasi igual á da primeira limpeza.

A communicação do Tartarugas com o lago e rio Arary por meio do Genipapucú além de, pelos motivos expostos, ser mais difficil de abrir e conservar, do que qualquer outra que aproveitasse os terrenos mais limpos e consistentes, sitos a N. S. do Apihy, de pouca vantagem seria para o transporte dos gados da Mexiana, Caviana e N. O. de Marajó: pois que obrigaria os barcos a grandes rodeios, difficultando ao mesmo tempo o embarque dos que por terra ahi se dirigissem pela necessidade de os fazer atravessar mondongos.

*Rio Arapixy.*—Este rio que parece não ter tido nenhuma communicação com o primitivo canal, apresenta-se comtudo agora como o principal escoador dos mondongos pelas muitas ramificações d'elle que ahi se dirigem. Só abaixo da confluencia dos rios do Juncal e do Egypto se lhe dá este nome

de Arapixy, sem offerecer contestação, a qual facilmente se evitará usando, para cada um dos confluentes, o nome d'aquella das ditas duas fazendas por onde passa. A grande sinuosidade d'estes rios obsta muito a navegação e escoamento das aguas; mas todas as mais rapidas voltas do primeiro são faceis de fazer desapparecer. O rio do Egypto com seu confluente Santo Antonio, estende-se por suas ramificações até junto das baixas do Cururú, prestando-se-lhes já muito ao esgotamento, que facil seria augmentar, se mais livremente se communicassem; mas o aproveitamento de qualquer d'estas ramificações para a grande communicação com o lago Arary, seria uma obra muito mais extensa e muito menos proveitosa para a navegação e escoamento dos mondongos do que a indicada no mappa, junto entre o Apihy e o ramo principal do rio Juncal, denominado Igarapé fundo, unica que poderá satisfazer á

## NECESSIDADE DE UM CANAL ENTRE O LAGO ARARY E A COSTA N. DE MARAJÓ

Não se encontrando, como temos visto, um facil escoador dos mondongos, antes de estarem inundados os campos das fazendas visinhas, occupando ao todo uma área nunca inferior á de um quadro de 10 leguas de lado, eleva-se n'elles a agua quasi todos os invernos a uma altura média de mais de 1,$^{m}$20, como tive occasião de observar, o que perfaz o enorme volume de mil milhões de metros cubicos: effectuando-se toda esta accumulação muitas vezes em menos de dois mezes de inverno, deve-se-lhe calcular sómente nesta parte da ilha um crescimento de oitocentos mil metros cubicos por hora. A mortalidade dos gados, que ainda ahi restam, ameaça acabal-os em meio de taes inundações, e o abandono total d'estes terrenos será inevitavel, se lhes não procurarem um escoante tal que lhes possa reduzir estas inundações a metade d'aquella elevação e lhes esgote as aguas pelo verão a ponto de facilmente lhes permittir a queima. A canalisação proposta em 1872 para o rio Arary, utilisando principalmente as fazendas do S. do lago, de pouco sirviria a esta região de que tratamos, não deixando por isso de subsistir a necessidade de lhe procurar um esgoto de perto de metade dos ditos oitocentos mil metros cubicos de escoamento por hora, a que só poderá satisfazer-se com a abertura do canal proposto cujo melhor traçado é sem duvida o do mappa junto. Este canal para melhor conservação de seu estado de limpeza e da do rio Ara-

ry, devendo vir terminar nelle sem differença de nivel em seus fundos e não podendo entre escavação e banquetas ter muito mais de 2 metros de altura, terá pelo menos 30 metros de largura, visto não poderem as aguas em geral, por sua pouca inclinação, tomar uma velocidade superior a 6 kilometros por hora. O canal assim aberto, mesmo quando se não façam as dragagens da bocca do lago Arary que evitariam quasi completamente a interrupção da navegação através da ilha durante o verão, seria de um immenso beneficio, mesmo para muitas fazendas distantes e nada mais deveria custar do que as quantias especificadas no seguinte

## ORÇAMENTO

do custo do canal de esgoto e navegação entre os rios *Apihy e Arapixy.*

Não tendo valor algum o terreno por onde deve ser aberto o canal, e devendo formar-se com as escavações nelle feitas um cordão de aterro sufficiente, largo e elevado, não só aproveitavel para uma sempre enchuta e bella estrada arborisada, como tambem para uma serie de terreiros muito mais vastos e altos do que os formados pelos indios, á quem, apezar do seu estado quasi primitivo, devem os actuaes moradores de Marajó a maior parte dos locaes apropriados para residencia, taes como o de Camotins e essa grande quantidade dos que ahi se conhecem pelo nome de Pacoval ou Cuieiras tirado das plantações por aquelles feitas, não póde figurar entre as verbas do custo do canal a das expropriações, por se produzir immediatamente com as escavações um terreno que independente da conclusão do canal póde ser infinitamente de mais utilidade ao proprietario do que esse que elle ceder para o canal. De certo que sem estações, trapiches, pontes de embarque e curraes, não ficaria completo este melhoramento, mas, como todas estas obras se tornam só necessarias para a exploração do canal, e o custo d'ellas póde variar muito, segundo as diminuições que se lhes julgarem mais convenientes, limitarei o orçamento ao custo da abertura, para o que terão de ser excavados e removidos 650,000 metros cubicos de terra, o que os escavadores a vapor americanos poderão conjunctamente effectuar por 800 réis por metro cubico, o que fará importar esta despeza na quantia de réis 520:000$000.

Por grande que pareça esta quantia para os cofres d'esta

provincia, não devem taes considerações fazer abandonar um melhoramento d'onde deve resultar tamanho augmento aos capitaes de Marajó, augmento que por muito baixo que se avalie, nunca importará em menos do triplo do seu custo; pois que só no excesso de valor d'essas cem leguas quadradas de terrenos, que pela maior parte estão abandonados e inutilisados, e por este meio se tornariam iguaes aos melhores da ilha, teriamos mais do dito triplo, sem mesmo se apreciarem as vantagens de terem todas as fazendas da Contra-costa, Mexiana e Claviana um transporte muito mais facil e seguro por onde chegassem ao Pará em perfeito estado os seus gados ainda os mais fracos.

Tornando-se necessarios os perfis e mais detalhes, só depois de autorisada a obra, e não me permittindo mesmo o meu estado de saúde fazer mais, limitei-me a escrever na planta as cotas da superficie do terreno e a do fundo dos rios nos pontos em que devem encontrar-se as extremidades do canal, podendo-se por essas cotas formar quaesquer calculos e apreciações que agora se necessitem.—Deus Guarde a V. Exc.—Pará, 3 de Agosto de 1875.—Illm.º Exm.º Senr.º Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides. D. Presidente da Provincia.—*Joaquim Gomes d'Oliveira.*»

## VI

# As Fazendas Nacionaes

SUMMARIO.—As missões prejudicadas pelas fazendas dos Missionarios. Expulsão dos Jesuitas. Os Mercenarios sem rivaes na industria. O Bispo obtém a sua expulsão e o confisco dos seus bens; valor d'estes bens. As fazendas Arary e S. Lourenço passam ao Real dominio; estado d'estas fazendas; sua receita e despeza; prejuizo real para o Thesouro. Propostas de arrendamento; o governo resolve vendel-as, depois as manda conservar e melhorar. Para que servem as fazendas. Asylo de menores livres filhos de escravos. Incapacidade e inconveniencia das fazendas para este estabelecimento.

As vantagens que davam as fazendas de criação tinham, até certo ponto, desviado de seus santos fins as ordens religiosas dos Revds. Missionarios das Mercês e da Companhia de Jesus. As missões ou aldêas de indios, tantas vezes perturbadas pela cobiça grosseira do colono, tinham todavia resis-

tido a todos os contratempos e tormentas pelo forte apoio e protecção que lhes dispensavam os Reis de Portugal, graças ás reiteradas instancias e representações do illustre Padre Vieira; agora, porém, com o correr dos tempos, viam-se em grande parte reduzidas á estabelecimentos secundarios, sem forças nem recursos para competirem com as fazendas dos Missionarios.

Os Padres Jesuitas do Pará que, por assim dizer, viviam já sómente á sombra veneravel dos grandes homens da sua ordem no Brazil, Anchieta, Nobrega e Antonio Vieira, e que nem podiam, nem aspiravam seguir, mesmo de longe, os passos de tão preclaros e insignes varões, fôram parcialmente retirados da capitania, antes mesmo da promulgação da Bulla Pontificia que supprimiu e extinguiu a sua companhia, e do Decreto Regio que os expulsou de Portugal e seus dominios.

Nos 30 annos decorridos depois d'este acontecimento, os Mercenarios, livres dos Jesuitas, seus maiores rivaes no campo da industria, multiplicaram suas fazendas e seus haveres, constituindo-se os mais opulentos proprietarios da capitania.

Si os Jesuitas do Pará tinham-se degenerado a ponto de merecerem as mais justas censuras, os Mercenarios procederam de modo ainda mais censuravel. Subsistia, é certo, o seu titulo de Religiosos e a fama de honrosos serviços que seus virtuosos antecessores haviam feito á Religião e ao paiz, e entre elles havia ainda alguns sacerdotes que mereceram elogios e veneração do Bispo Frei Caetano Brandão que nunca os fazia por cortezia ou calculo, senão por consciencia e virtude; mas, em geral, a ambição os havia transformado em meros, agricultores e homens industriosos. D'esta transformação resultava, sem duvida, utilidade para os interesses materiaes do paiz, mas tambem resultava grande quebra dos interesses espirituaes ou religiosos da colonia.

Foi então que o Bispo Brandão mandou á côrte de Lisbôa e, por intermedio d'esta, á curia pontificia uma exposição circumstanciada do estado em que estava a ordem dos Mercenarios e concluiu pedindo a sua extincção e o confisco de seus bens com a condição de ser o producto d'estes applicado ao Hospital dos pobres que elle acabava de estabelecer e á continuação das obras do Recolhimento do Amparo já começadas.

Em Outubro de 1787, Pio VI deferindo este requerimento expediu uma bulla que teve o *placet* regio e em virtude da

qual fôram em 1795 expulsos do Pará para Portugal os Padres Mercenarios e confiscados os seus bens; e taes eram estes que só as fazendas e retiros importaram, segundo a avaliação judicial, em 232:598$770 (em moeda forte), o que era para aquelle tempo, uma fortuna consideravel.

O Rei mandou vender todos os bens em praça, devendo o producto ser recolhido ao Real Erario, *para ser convenientemente* applicado aos fins declarados na bulla.

E' para saber que nunca mais chegou a opportunidade de *ser convenientemente* applicado aquelle dinheiro a beneficio do collegio do Amparo.

Entre os bens confiscados aos Mercenarios achavam-se as fazendas de S. Lourenço e a de Nossa Senhora das Mercês do Arary que, não tendo sido vendidas, ficaram pertencendo á Real Fazenda ou, como hoje se diz, á Fazenda Publica.

Como as duas fazendas do Arary e S. Lourenço são as mesmas que a Nação possue em Marajó, passo a descrever o estado em que ellas se acham desde alguns annos, afim de que bem se conheça as vantagens ou desvantagens que se póde d'ellas colher.

## Estado das Fazendas

A principal fazenda e a unica que dá lucro, embora pequeno, ao Estado, é a do Arary, a qual, por isso mesmo é a que ha de aqui merecer particular attenção.

A *Fazenda do Arary* tem por limites os rios Genipapucú, Goyapí e Arary, e os lagos Arary e Guajará, sendo estes limites naturaes interrompidos por duas fazendas no Arary, uma no Goyapí e outra no Genipapucú.

E' a mais importante fazenda de Marajó pela excellencia de seus pastos, pela sua situação á beira do maior lago e do mais extenso e mais navegavel rio da ilha, pela grande abundancia d'agua em qualquer estação e em diversos pontos, pois além dos rios e lagos citados, tem ainda diversos igarapés e o lago de Santa Cruz no centro mesmo da fazenda, e emfim, pelos seus têzos, para abrigo do gado no inverno, no que tem por unica competidora, entre as grande fazendas, a dos Cajueiros na contra-costa.

Nas minhas 1.ª e 2.ª visitas (1871 e 1873) a esta fazenda tomei as seguintes notas que bem pouco ou quasi nada differem das que obtive em outra occasião.

A casa de residencia que, com grande alteração para peor, é ainda a mesma construida no seculo passado pelos Mercenarios, está situada á margem esquerda do Arary, sobre um tezo que domina as mais altas alagações da ilha; e que é o unico terreno em que, com excepção da costa oriental e do SE, existem algumas pedras de formação argilacea, encontradas á margem e mui pouco acima do nivel do rio.

A casa é um sobrado alto, espaçoso, solidamente construido, com bôas acommodações e guarnecido d'uma varanda ou galeria coberta, que abrange tres lados do edificio. Nos fundos está um pequeno quintal em que abundam pacoveiras. A' direita ha uma hortinha ou jardinete occupando o logar em que esteve a igreja que ahi fôra construida pelos Mercenarios e que fazia parte integrante do edificio. A igreja arruinou-se sob a administração do Governo e cahiu; as imagens e moveis que escaparam, fôram recolhidos a um pequeno quarto que desde então tem servido de capella da Fazenda.

A' direita do jardinete está a rancharia terrea dos antigos escravos, formando uma só casa com varanda commum na frente e com 16 habitações independentes, cada uma com seu fogão, com seus aposentos e com seu quintalete.

A fazenda contava os seguintes retiros:

S. João, com 2 vaqueiros.

Fortaleza, com 1 feitor e 1 vaqueiro.

Guajará, com 1 feitor e 2 vaqueiros.

Sumauma, com 1 feitor e 1 vaqueiro.

S. José, Caraobeiras, S. Miguel e Assacú, cada uma com 1 feitor.

Santa-cruz, retiro novo, com curral, á beira do lago de Santa-cruz.

Genipapucú e S. Jeronymo, em total abandono.

Todos os curraes achavam-se em pessimo estado e incapazes de serviço, excepto o de S. Miguel, que pouco antes tinha sido reformado e posto em bôas condições. O retiro abandonado de Genipapucú devia merecer toda a attenção porque é em seus pastos que reune maior numero de gado.

O numero total de cabeças de gado vaccum, segundo calculou o administrador, era de 13,000 cabeças, numero que muitos fazendeiros em suas informações baixavam a 9,000.

Para custeio do gado não havia, em toda a Fazenda e seus retiros, mais de 56 cavallos, e, o que é ainda mais notavel, apenas 9 vaqueiros, entrando n'este numero os feitores.

O pessoal da Fazenda, em Novembro de 1871, constava

de 4 homens livres, 5 escravos e 24 escravas; mais de metade d'estas escravas eram de idade menor.

O que observei em 1874 e as preciosas informações que obtive do laborioso, activo e intelligente administrador geral, o sr. A. B. Jorge Sobrinho, a respeito d'esta Fazenda e da de S. Lourenço, habilitam-me para addicionar á noticia que acabo de dar, novos esclarecimentos, accrescidos pelos melhoramentos que por ordem do governo imperial se tem feito n'essas fazendas.—O estado actual da do Arary é o seguinte:

A casa de residencia está em condições de sufficiente aceio. A escada que conduzia ao sobrado foi toda reparada e transferida do pavimento terreo e debaixo da galeria da frente para o lado direito e externo, ficando assim exposta ao tempo. Os aposentos melhoraram muito. As imagens da capella fôram retocadas de pintura, etc.

Os curraes fôram, em grande parte, reconstruidos. Aos retiros accresceram o das Pombas e o de Caraobeiras, e o administrador geral projecta o levantamento de outros. Em todos ha gado, menos no de S. Jeronymo.

A cavalhada teve tambem augmento consideravel, comprando-se grande numero, tanto de cavallos como de eguas e poldros; mas a peste do *quebra bunda* fez-lhes infelizmente tal estrago que apenas restam 106 cabeças de crias, eguas, cavallos e poldros; do que se deve concluir que a Fazenda não tem actualmente mais cavallos de serviço do que em 1871, isto é, apenas 50. Entretanto, diz o digno administrador geral, são indispensaveis para o custeio da Fazenda não menos de 300 bons cavallos.

O pessoal é actualmente de 39 homens, inclusive um decrepito, sendo 11 libertos e 28 engajados; ao passo que, diz ainda o administrador geral, a Fazenda precisa de 50 vaqueiros, pelo menos.

*S. Lourenço.*—Esta Fazenda está situada á margem esquerda do Igarapé grande, districto de Soure. Floresceu bastante, sob a administração e actividade industrial dos Mercenarios, seus antigos donos, tendo então uma excellente casa de residencia, uma bôa capella que o Bispo Brandão em 1874 achou feita a gosto moderno, elogiando tambem a capellinha-mór. Hoje tudo é um contraste com o que foi; da capella não resta o menor vestigio, e a casa que ora existe é uma puchada acachapada com tres quartos pequenos.

A Fazenda tem os tres retiros de:

Santo André, com uma casinha coberta de telha, feita em

1868 pelo actual administrador geral, quando alli esteve em commissão da Thesouraria.

Pacoval, com uma casinha arruinada e coberta de palha.

S. Macario, antigo retiro de lavoura, onde residiam outr'ora os escravos; hoje contém ainda 15 ranchos de palha em que moram os ex-escravos da Fazenda.

No retiro do Pacoval é onde se acha quasi todo o gado da Fazenda, cujo numero não póde exceder de 3,000.

Para o custeio d'esta Fazenda ha apenas 14 pessoas, inclusive 5 libertos e varias creanças; e só tem 16 cavallos, entretanto que precisa de 50, pelo menos.

*S. Pedro.*—Sob o nome de Fazenda S. Pedro possue o Estado na margem direita do Arary um lote de campos nos quaes não ha uma palhoça, siquer, e nem uma cabeça de gado seu. São pastos para o gado dos visinhos. Mais nada.

## Receita e Despeza

Para completar os meus estudos sobre o estado das Fazendas Nacionaes, pedi ao muito distincto, probo e zeloso inspector da Thesouraria de Fazenda, o sr. A. A. d'Andrade Figueira, alguns dados estatisticos, relativos aos rendimentos e despendios das mesmas fazendas nos ultimos 10 annos financeiros; e este distincto cavalheiro teve a benignidade de m'os mandar fornecer do modo o mais completo possivel. Vão elles publicados em outro logar juntamente com outros anteriores (1859 a 1864) que eu já possuia desde 10 annos e que vieram da mesma fonte.

## Propostas de arrendamento

Que estas Fazendas ou, para melhor dizel-o, que a Fazenda Arary é uma propriedade de subido valor, prova-o sufficientemente o saldo annual de 12 a 15 contos de réis que ella deixa em cada anno, como se vê da estatistica, e melhor do que o saldo provam-no as propostas de arrendamento que n'estes ultimos 10 annos tem sido successivamente presentes ao governo por parte de varios cidadãos.

A modicidade das quantias offerecidas deu bem fundado motivo a que o Thesouro Nacional as regeitasse.

## Resolve-se vender as Fazendas

Passado algum tempo, o governo, esclarecido e perfeitamente bem informado por habilissimos pareceres da competente Directoria do Thesouro Nacional, tomou a final a resolução de mandar pôr em hasta publica a venda das Fazendas e n'esse sentido expediu em 1873 suas ordens á Presidencia da provincia e á Thesouraria.

Quando, porém, chegaram estas ordens, o dr. Cunha Junior que pouco tempo antes havia tomado posse da administração da provincia, mandou sobrestar na sua execução até ulterior resolução do governo a quem representou, indicando a conveniencia de serem conservadas as Fazendas. Nesta representação, segundo as revelações que houve e os factos confirmaram, parece que aquelle illustrado presidente pediu a conservação das Fazendas como um recurso em beneficio da população menos favorecida da fortuna e para evitar qualquer união dos marchantes no sentido de elevarem o preço da carne verde.

## Resolve-se conservar as Fazendas

O generoso ex-administrador da provincia soube de sorte fazer valer os seus philantropicos sentimentos que o Governo, revogando as ordens anteriores, expediu logo outras no sentido indicado pela Presidencia e determinou que com urgencia se tratasse de melhorar as Fazendas, auctorisando ao mesmo tempo a Thesouraria a despender o que necessario fôsse com as obras e reparos a fazerem-se.

O novo inspector, bem que tivesse anteriormente pensado de modo contrario na informação que deu ao Thesouro, recebendo as novas ordens, tractou de executal-as por sua parte, e ao mesmo tempo o Presidente mandou proseguir com a maior actividade na demarcação das terras da Fazenda Arary.

Com os reparos da casa e dos curraes, construcção de dous retiros e outras pequenas obras e com a compra de gado equino para criação e serviço da Fazenda, esta melhorou muito, sem duvida, e eu a descrevi tal qual ella se achou depois d'esses melhoramentos.

Quanto á Fazenda de S. Lourenço, pouco ou nada é o

que n'ella se tem feito, porque falta-lhe tambem importancia para merecer grandes beneficios, sendo certo que a sua receita poucas vezes cobre a despeza.

## Para que servem as Fazendas

O motivo principal que aconselhou o dr. Cunha Junior a pedir ao governo a conservação das Fazendas foi, como já ficou referido, ter s. exc. entendido serem um recurso em beneficio da classe indigente, e na persuacão de ter havido na occasião uma coalição entre os marchantes, tomou algumas medidas entre as quaes a de mandar vir das fazendas nacionaes uma porção de gado, por diversas vezes, para supprir o mercado de carne verde que escaceava, e a de fazer estabelecer no matadouro publico certas regras tendentes a inutilisar os effeitos de taes coalições.

A experiencia veiu mostrar mais uma vez que a existencia d'aquellas Fazendas não concorre para baratear a carne verde sinão momentaneamente, pois ainda que tivessem 3 ou 4 vezes o dobro do gado que possuem, não poderiam exportal-o em quantidade sufficiente para influir sobre o preço da carne.

As regras estabelecidas no matadouro, escoimadas de algumas restricções que parecem demasiadas e que em certos casos poderiam produzir effeitos contrarios aos que se deseja, dão melhores resultados que a concorrencia do gado nacional.

Parece que em materia de industria rural ou agricola um dos grandes obstaculos ao seu desenvolvimento é a concorrencia do Estado com todo o seu cortejo de garantias, previlegios e exempções. Dispondo d'estes poderosos meios e de grandes recursos, entre os quaes o das contribuições, o Estado troca o seu papel de protector das artes productivas pelo de productor, e productor privilegiado, para participar dos lucros dos productores, seus contribuintes. Assim procedendo, o Estado ou o Governo, independentemente de suas intenções e de sua vontade, arrastado pelo habito de se constituir productor, corre o risco de descer gradual, insensivel e inscientemente até a arena em que se batem os atravessadores de generos alimenticios.

O Estado para melhorar as suas fazendas ruraes despendeu, como se vê da estatistica, grossos cabedaes que fariam por si sós a fortuna de um homem. Pódem os particulares fa-

zer outro tanto? despender cada um a metade ou mesmo a 5.ª parte do que gastou o Estado? E' impossivel.

E' impossivel, e, entretanto, todas as fazendas mormente as do centro da ilha precisam, como as nacionaes, reparar seus retiros e curraes, construir outros, substituir a cavalhada que a peste aniquila e supprir-se de pessoal que cada dia se torna caro e mais escaço.

Collocadas na impossibilidade de concorrerem com as do Estado n'um pé de igualdade proporcional, ou as Fazendas particulares hão de definhar-se ao lado das do Estado, ou as Fazendas do Estado hão de servir de *viveiros* para augmento e vantagem das particulares. Na contingencia de perecerem á mingua por culpa do Estado ou de engordarem á custa do Estado, as Fazendas ou, antes, os Fazendeiros particulares, não hão de hesitar um momento no partido a tomar, e nem mesmo é preciso para tanto, que se sintam muito lesadas, porque, posto, os donos das fazendas não procuram logo indemnisar-se, os vaqueiros seus e os nacionaes, quando não pódem furtar o gado a seus patrões, tiram-no das Fazendas Nacionaes para vendel-o aos visnihos e aos regatões, como a pratica bem o mostra.

E, seja-me permittida aqui uma comparação, por demais vulgar, mas assás caracteristica: Os feitores e vaqueiros, tanto das Fazendas particulares como das nacionaes, discorrem a respeito d'estas ultimas, com a mesma logica e pelo mesmo modo com que uns pequenos garotos trepados um dia nas mangueiras da Praça do Palacio e intimados por um guarda policial para não continuarem a apanhar mangas, responderam sem se moverem: «*Camarada, isto aqui é nosso!*»

A despeito das avultadas sommas despendidas com a Fazenda Arary, póde-se dizer que, com excepção do levantamento de dois retiros e curraes de diversos reparos, os melhoramentos feitos em 1873 e 1874 tem desapparecido pela maior parte, como se devia esperar; a peste extinguiu mais de dous terços da cavalhada que se comprou por alto preço e se mandou para aquelle fóco de epizootia, restando hoje apenas 103 eguas, cavallos e poldros. O estado da Fazenda voltou assim ao mesmo ponto em que se achava em 1871, quanto ao melhoramento principal e mais dispendioso que se fez, isto é, a acquisição de gado cavallar.

Commetteria tão grande erro como grave injustiça quem suppuzesse que este atrazo e mal-estar das Fazendas Nacionaes fôsse devido a falta de cuidado e zelo da parte da The-

souraria de Fazenda, sob cuja gerencia se acham; o contrario d'essa supposição é que é verdade. Desde o honrado e fallecido inspector Almeida Pinto, que sempre dirigiu a sua repartição e aquellas Fazendas com tão apurado zelo e economia como se tratasse dos seus proprios e mais caros interesses, até o actual inspector, o sr. Andrade Figueira, antigo companheiro de trabalho e valioso auxiliar d'aquelle seu antigo chefe, todos, com raras excepções, têm-se empenhado no melhoramento e bôa conservação das Fazendas Nacionaes, no que têm sido efficazmente coadjuvados por alguns habeis e distinctos empregados e principalmente os mais antigos da casa. Reconheço isto com tanta satisfação, quanto estou persuadido de que em materias de industria a administração do Governo é sempre a menos edificante.

O que tem arruinado as Fazendas Nacionaes é o mesmo conjuncto de causas que arruinam e fazem decahir as Fazendas particulares, ou paralysam seu desenvolvimento: são o furto de gado que é a chaga cancerosa da industria pastoril na Ilha; as inundações annuaes e mórmente as extraordinarias, as exportações excessivas de gado, e a peste *Quebra-bunda*, que, como já se disse, extinguiu em pouco tempo o principal e mais necessario melhoramento feito na Fazenda, destruindo mais de dous terços da cavalhada que se comprou para o serviço e para criação, assim como extinguirá toda outra que para alli fôr emquanto se não descobrir um meio de evitar tantos prejuizos resultantes d'aquella molestia.

Os saldos que tem dado constantemente a Fazenda Arary, excepto no anno de 1873 a 1874, pódem seduzir a quem os conta sem submettel-os a um exame mais ou menos completo. Nada com effeito mais bello do que ver que no anno de 1870 a 1871 as Fazendas deixaram um saldo de 51:853$378 (o maior que tem havido por se ter n'esse anno exportado 1,005 rezes) e que em 16 annos ellas deram de saldo 214:921$276.

E' uma bôa fortuna, dirão os que olharem simplesmente para essa somma. Estou muito longe de dizer o contrario; mas o que posso asseverar é que esse saldo não significa senão que o Estado soffre grande prejuizo com a conservação das Fazendas que lhe deram essas sobras. Vou terminar esta parte applicando a linguagem dos algarismos, em vista dos quaes se conhecerá a verdade do meu enunciado.

Eis aqui a estatistica das rendas e despezas a que alludi em outro logar:

## QUADRO DA RECEITA E DESPEZA

*Das Fazendas Nacionaes em Marajó, durante os exercicios abaixo declarados (Julho addicional de 1875.)*

| EXERCICIOS | RECEITA | DESPEZA | SALDO ILLIQUIDO | DEFICIT |
|---|---|---|---|---|
| 1859 a 1860 | 28:704$620 | 8:189$598 | 20:592$163 | 77$143 |
| 1860 a 1861 | 26:660$240 | 8:954$507 | 17:593$13 | 484$393 |
| 1861 a 1862 | 20:912$849 | 6:217$890 | 15:236$150 | 541$191 |
| 1862 a 1863 | 30:807$185 | 8:006$724 | 23:393$768 | 593$307 |
| 1863 a 1864 | 34:040 ·· 76 | 9:848$998 | 24:191$878 | $ |
| 1864 a 1865 | 26:876$770 | 16:083$100 | 10:793$670 | $ |
| 1865 a 1866 | 19:630$520 | 14:567$035 | 5:053$485 | $ |
| 1866 a 1867 | 17:501$200 | 6:997$548 | 10:503$653 | $ |
| 1867 a 1868 | 41:719$960 | 17:409$173 | 24:310$787 | $ |
| 1868 a 1869 | 42:263$520 | 14:234$957 | 28:028$563 | $ |
| 1869 a 1870 | 21:088$718 | 22:024$057 | $ | 935$339 |
| 1870 a 1871 | 67:100$369 | 15:246$990 | 51:853$378 | $ |
| 1871 a 1872 | 55:565$289 | 17:157$354 | 38:407$935 | $ |
| 1872 a 1873 | 32:030$003 | 24:460$534 | 7:569$421 | $ |
| 1873 a 1874 | 61:476$232 | 86:797$794 | $ | 25:321$562 |
| 1874 a 1875 | 18:698$190 | 53:361$963 | $ | 34:663$775 |
| *Somma ...* | 544:479$551 | 329:559$275 | 277:537$986 | 62:616$710 |

O saldo effectivo, deduzido o deficit, é 214:921$276.

O deficit que figura nos exercicios de 1859 a 1863 foi dado na Fazenda de S. Lourenço, ao passo que na do Arary houve saldo n'esses annos.

Reduzindo este quadro a quatriennios, temos o seguinte

| QUATRIENNIOS | RECEITA | DESPEZA | SALDOS | DEFICIT |
|---|---|---|---|---|
| 1859 a 1863 | 106:487$900 | 30:368$719 | 76:119$181 | |
| 1863 a 1867 | 98:049$368 | 47:496$681 | 50:552$687 | |
| 1867 a 1871 | 172:172$567 | 68:915$178 | 103:257$389 | |
| 1871 a 1875 | 167:769$716 | 181:777$697 | $ | 14:007$981 |
| *Total*..... | 544:479$551 | 329:558$275 | 229:929$257 | 14:007$981 |

| | |
|---|---|
| Saldo effectivo nos 16 annos financeiros..... | 214:921$276 |
| Saldo em cada quatriennio..... | 53:730$319 |
| Saldo em cada anno..... | 13:432$579 |

Este ultimo saldo (annual) arredondado para 13:500$000 corresponde apenas a um capital de 225:000$000 a juros de 6 °|o ao anno.

Como, porém, as duas Fazendas Nacionaes não podem valer menos de 600:000$000, resulta que o Estado, em vez de perceber um lucro annual de 36:000$000 que podia ter, alienando as Fazendas, está soffrendo um prejuizo real e constante de 22:500$000 em cada anno.

E é para isto que o Estado continúa a ser Fazendeiro e criador de gado !

## Asylo de menores

Nas instrucções me foi recommendado examinar si a Fazenda Nacional Arary offerece as conveniencias e vantagens precisas para n'ella se fundar um asylo para os menores nascidos de ventre escravo e outros desamparados.

Não conheço com exactidão toda a Fazenda Arary; tenho-a visitado diversas vezes, percorrido diversas vezes suas extremas e estudado com cuidado os seus recursos; e, quanto a sua topographia, nas secções que ainda não visitei, tenho ouvido a pessoas de boa supposição e habilitadas para me esclarecerem. Com este cabedal que, certo, não é grande, posso sobre o assumpto em questão emittir meu parecer.

A secção dos campos de Marajó contém mui raros terre-

nos ferteis ou uteis á lavoura, sendo o seu solo, em geral, composto de argila esteril, ás vezes misturada de arêa fina. A Fazenda Arary está nestas condições, e, si algumas ilhas, grupos mais ou menos extensos de arvores, offerecem um solo mais laboravel, as inundações periodicas do inverno obstam a que n'elle se faça uma cultura regular e effectiva.

Si, como é certo, o que o Governo Imperial tem em vista é fazer educar os menores livres e outros desvalidos no amor ao trabalho para fazel-os agricultores e homens laboriosos, uteis a si proprios e ao paiz, a Fazenda Arary, pelo que acabei de expôr e pelo que vou ainda dizer, está muito longe de prestar-se a esse fim, ao Asylo que se trata de crear.

Póde-se oppôr ao que referi quanto á esterilidade geral do solo, o argumento que a Agricultura hoje sabe tirar maravilhosos proveitos das terras pouco ou nada ferteis; mas no estado presente esse argumento provaria demais, porque não se trata, creio eu, de agricultura scientifica nem de um estabelecimento modelo em um paiz como o nosso, deserto de braços, riquissimo de producções naturaes e conhecendo apenas uma agricultura rudimentaria.

Além da impropriedade das terras do Arary para cultura, accresce outra razão de maior ponderação contra o estabelecimento do Asylo n'aquella Fazenda: esta razão é a que diz respeito aos costumes.

Em regra, nas fazendas nacionaes e particulares de Marajó, um menor qualquer, livre, liberto ou escravo, indiano, mixtiço ou preto, a primeira cousa que começa a aprender é atirar o laço, fazendo seus ensaios *in anima vile*, quero dizer, em pequenos tocos de páu, em bezerros novos, etc., a montar a cavallo ou em bois e, quando já crescido, a galopar no campo e a sangrar as rezes com a maior dextreza e indifferença; e é então que completa a sua educação adextrando-se na arte de furtar gado aos visinhos e ao proprio dono da Fazenda em que móra.

Tal é, em geral, porque n'isto ha tambem muitas e mui felizes excepções, a educação que o homem adquire alli com o exemplo quotidiano, desde que sahe da infancia até a idade varonil. O filho do fazendeiro ou administrador que quer simplesmente ser fazendeiro ou administrador, precisa habilitar-se em todas essas partes. O mesmo succede, e então sem excepção alguma, ao filho do feitor ou do vaqueiro, livre ou escravo, para o qual não ha profissão mais commoda do que a de feitor ou vaqueiro. A respeito d'estes, está este modo de vida tão arrai-

gado que para o vaqueiro seria castigo intoleravel tiral-o do campo para o serviço de uma fazenda de cultura. O Gaúcho, remando uma canôa, não se acharia tão contrariado como o vaqueiro trabalhando n'uma roça.

Ora, não é para formar vaqueiros ou feitores senão para crear uteis lavradores que o governo quer fundar o Asylo; e, portanto, não ha de ser na Fazenda Arary, ou em qualquer outra de creação, que tão esperançoso estabelecimento poderá produzir os beneficos resultados que se tem em vista.

Não tenho a incumbencia de indicar uma localidade conveniente para o projecta do Asylo; si a tivera, é claro que,em caso algum indicaria um ponto qualquer dos campos ou das mattas da Ilha de Marajó ; nem tambem indicaria a estrada de Bragança, a despeito da sua *espantosa fertilidade*, como dizem os que alli tem terras a vender.

Eu indicaria, porém, algum logar mais afastado do facil contacto da capital; as visinhanças de Ourem, por exemplo, parecem mui convenientes para esse Asylo, não só por que este lado da provincia não está contaminada dos vicios que reinam nos seringaes, pelo contrario é onde a agricultura é ainda o melhor recurso dos moradores, mas tambem porque o Asylo alli concorreria muito para reanimar a população iudustriosa do Municipio e, mais tarde, para facilitar as communicações com Bragança e seus laboriosos agricultores.

## VII

# O Estuario do Amazonas

SUMMARIO.—Motivo por que não foi por mim devidamente estudado. As tres grandes ilhas que o limitam: a Ilha grande de Gurupá, a Mexiana, a Caviana; divisão d'esta ilha em 2 partes pela Pororoca. Rebordelos, antiga aldêa dos Aruans. A Ilha dos Tucujús

Não me foi possivel percorrer e estudar o grande estuario do Amazonas. Para esse serviço era indispensavel um vapor, pequeno ou grande, e nenhum havia á minha disposição. Tão extenso é, com effeito, este Estuario, tão vastos e alterosos os defluentes que o constituem, e, quasi sempre, tão fortes os ventos que n'elle reinam, que seria extremamente impossivel, fazer em canôa á vela ou a remo um exame soffrivel e muito menos um estudo regular d'aquellas localidades, alem dos perigos

constantes que offerece este meio de navegação em rios tão vastos.

Entretanto, para não deixar de dar algumas informações uteis sobre esta parte das Instrucções, vou concluir o relatorio dando uma noticia geral das tres maiores ilhas que formam o Estuario em suas extremas, e da pequena e interessante ilha de Sant'Anna, famosa na Historia do Pará. Para esta noticia sirvo-me das notas que tenho tomado em minhas diversas viagens através das ilhas.

## Ilha Grande de Gurupá

Esta ilha é a mais extensa de todas as que formam o Estuario que começa em sua extremidade S O. (Ponta Jariuba), dividindo o Amazonas em 2 grandes ramos: o ramo do Norte que acompanha a costa da Guyana e que eu percorri em toda a sua extensão; o ramo do Sul que vae receber o Xingú e inclinando-se depois para N. E., passa por Gurupá onde começa a subdividir-se em outros braços.

A ilha que não tem mais de 17 milhas em sua maior largura, prolonga-se 82 milhas no rumo entre NE e NNE indo terminar-se na Ponta e *Furo dos Alegres*, o qual traz na carta Montravel o nome improvisado de *Santa Maria*.

Compõe-se geralmente de terrenos argilosos, ora alagadiços, ora enchutos ou pouco altos, constituindo uma longuissima planicie, de nivel pouco superior ao do Amazonas; tem mattas abundantes de seringaes, bôas madeiras e grande variedade de animaes silvestres. N'ella se cultiva, ha poucos annos, o cacáo, para o que o terreno é excellente; actualmente não se cuida senão do preparo da borracha, industria em que se empregam numerosos seringueiros, cujas barracas e mesmo casas, se vêem em numerosos pontos da ilha.

## Mexiana

E' a menor e a mais oriental das tres grandes ilhas do Estuario e a ultima do Amazonas, tendo 32 milhas de E a O e cerca de 14 de N a S; é cortada pelo Equador e está situada entre o Oceano a N e a E, a Ilha de Marajó ao Sul, da qual é separada pelo ramo oriental do Amazonas que ahi tem 6 milhas de largura, e a Ilha Caviana a ONO sendo d'ella separada por outro canal de 4 milhas de largura.

Contém grandes mattas com extensos seringaes, boas campinas para criação de gado bovino de que ha alli uma boa quantidade, pequenos lagos, terras, ás vezes, altas ou inalagaveis, mas em geral alagadiças, e abundancia de animaes silvestres.

E' uma bella propriedade particular formando uma fazenda de criação de gado com uma só casa de vivenda e ranchos de vaqueiros escravos. Está ainda inculta. Em diversos pontos ha muitas barracas de seringueiros que pagam ao proprietario da ilha uma quota, em especie, pela borracha que preparam.

## Caviana

E' a mais preciosa e a mais importante de todas as ilhas do grande Estuario e a 2ª em extensão.

Atravessada na fóz do Amazonas, como um anteparo entre este rio e o oceano, e cortada pelo Equador, como as suas visinhas Jurupary e Mexiana, a Caviana tem a E esta ultima ilha, ao S a de Marajó, a SO a de Jurupary e a NO a Guyana.

Com uma extensão de 48 a 50 milhas, a Caviana domina a entrada do Amazonas dividindo a sua barra em dous grandes ramos; o do N que vai acompanhando o continente, e o de E que passa entre ella e Marajó.

Formada por depositos alluviaes, a ilha é uma grande planicie cujo sólo é em parte alto e inalagavel e em geral baixo, ás vezes pantanoso e com mui pequenos lagos; contém muitas campinas para creação de gado, mattas em que ha muitos seringaes, abundancia de animaes silvestres, fartura de peixes, terras favoraveis á cultura e vistosas praias de arêa.

Ha diversas, mas pequenas fazendas de criação de gado bovino, e grande numero de moradores que se dão a esta industria, á pesca e á cultura das terras; em escala diminuta se cultiva a mandioca, o milho, canna e cacáo, e em ponto maior, pacovas, laranjas, melancias e outras fructas que se vendem aos fazendeiros da contra-costa de Marajó e varios moradores de Chaves. As pacovas passadas, ou de conserva, vindas da Caviana, são reputadas as melhores que se preparam na Provincia.

Para a capital exporta-se gado em pé, peixe, pirarucú, borracha, e uma porção de carne secca e de couros de boi, de veados, etc.

A Santa Casa de Caridade teve até o anno de 1861 uma Fazenda de criação de gado na Caviana, a qual passou então por venda a mãos particulares. Ainda hoje se conhece com o nome de *Ponta da Caridade* o logar em que existia a casa de residencia do Administrador d'essa Fazenda.

Ha cerca de 30 annos, a Caviana foi separada em duas ilhas por um largo canal rasgado através d'ella pela Pororóca que nos plenilunios e novilunios açoita a costa maritima da Ilha. Pela ruptura que ella fez de um terreno alto que guardava esta costa, já antes muito corroida, a Pororóca alcançou as cabeceiras ou baixas do Igarapé-Guajurú, cujo leito ella aprofundou e alargou, e por este meio conseguio penetrar, assim, dentro do Amazonas em cujas aguas até então nunca fôra vista.

Na extremidade Nord'Este da Caviana ha algumas palhoças, restos da povoação que em 1760 teve a cathegoria de *Logar* com o nome de *Rebordelos;* tinha sido até então *Aldêa de Peyhé*, antiga habitação dos Aruans, da qual hoje nem vestigios restam senão nas urnas soterradas em alguns pontos que, só por acaso, se pódem descobrir, como succede tambem nos campos de Marajó que elles outr'ora habitavam.

A aldêa de Peyhé foi missionada pelos Padres Capuchos de Santo Antonio, que com tanta abnegação e sacrificio até da vida de alguns d'estes grandes Missionarios, prestaram os mais assignalados e importantes serviços ao paiz, catechisando e pacificando aquellas tribus guerreiras, cuja amizade e cujos braços armados tão procurados eram pelos estrangeiros que pretenderam disputar aos portuguezes a posse do Amazonas.

Os Aruans, que escriptores bem pouco escrupulosos calumniaram, qualificando-os de antropophagos, fôram, graças aos santos esforços d'aquelles Capuchos, os melhores e os mais uteis auxiliares que teve Portugal para conservar e consolidar a sua colonia e seu dominio no grande Estuario. Alguns prestaram tão grandes serviços ao Estado, que El-Rei os ennobreceu, e dous d'elles traziam o Habito de Christo ao peito pelos seus grandes merecimentos.

## Ilha de Sant'Anna

Ao approximar-se do termo do seu immenso curso, o Amazonas, encontrando de frente a Ilha Grande de Gurupá, separa-se em dous ramos desiguaes: o menor ou o da direita

vae receber o Xingú que duplica o seu volume e com o qual vae passar a NO. e ao N. da Ilha de Marajó; e o maior ou o da esquerda que curva-se para o Norte e continúa a acompanhar a costa da Guyana. Este grande ramo, antes de passar por Macapá, fórma entre a barra inferior do Anauerá-pucú e a Ponta de Matto-Grosso (acima da Cascalheira) uma longa enseada na direcção de O. a E.

N'esta enseada está a pequena Ilha de Sant'Anna, 12 milhas a OSO. de Macapá e a 0° 2' de Lat. S. Não tem mais de 4 milhas de extensão, em rumo de O. a E. E' separada do continente por um braço do Amazonas, magnifico canal de 200 a 300 metros de largura.

D'este lado ella apresenta, em geral, o aspecto d'uma alta muralha ou barreira de terra e pedregulhos projectando-se sobre o canal; numerosas casas de pequenos lavradores e de pescadores apparecem de ponto em ponto pelo alto da barreira, e atraz dellas estão as mattas em que os lavradores têm suas roças.

A ilha termina: a O., defronte da barra inferior do bello rio Anauerá-pucú; ao NO., defronte da bocca do Matapi que desembocca uma milha abaixo do antecedente; a sua ponta oriental fica quasi no paralello da Ponta continental do Matto-Grosso da qual dista 2 milhas.

Ao N., a margem opposta do canal é a do continente, cujos campos geraes começam a pouca distancia d'essa margem, como em toda a costa até Macapá.

D'este mesmo lado, e já quasi defronte da extremidade oriental da ilha, sahe do continente um igarapó guarnecido, no lado occidental da sua bocca, por um recife de rochas argilosas que avança 10 a 12 metros para dentro do rio. Dão-lhe o nome de igarapé da Fortaleza; mas eu creio que o seu nome primitivo era *Cumahú*.

A pequena ilha de Sant'Anna foi um theatro de combates sanguinolentos entre os Portuguezes e os Hollandezes, sós ou reunidos com officiaes Inglezes a seu soldo.

Em 1617 os Hollandezes começaram a apparecer naquella ilha, a negociar com os indios e a estabelecer feitorias. Os portuguezes, muito atarefados com a guerra aos Tupinambás sublevados em massa, não puderam ir bater aquelles Europêos sinão depois de vencidos ou anniquilados os indios, em cujo trabalho gastaram 6 annos.

Em 1623 o furibundo capitão-mór Bento Maciel, expulsando os hollandezes de Gurupá, foi batel-os na ilha de Santa

Anna onde se refugiaram. Ganhou victoria mas não conseguiu expulsar os inimigos.

Em 1625 Pedro Teixeira os destroçou no mesmo lugar, prendeu os dois chefes Hosdan e Porcel e tomou um navio que lhes vinha em soccorro. Passado algum tempo appareceram de novo forças hollandezas que se reuniram com as que tinham ainda alli ficado, mas desta vez fôram fortificar-se defronte da ilha, no continente e ahi levantaram um forte com uma pequena torre que os portuguezes depois chamaram Torrego.

Foi isto em 1629. O capitão Favella foi attacal-os, mas teve que recuar para Gurupá, e Pedro Teixeira foi segunda vez para alli mandado. Bloqueou o forte, obrigou a guarnição, composta de 80 praças a render-se juntamente com seu commandante. O forte foi arrasado. Muitos inimigos fugiram.

O theatro das luctas passou-se assim para o continente e na ilha não houve mais combates.

Em 1631 os Inglezes fundaram o forte Felippe perto das ruinas do de Torrego, e ahi estabeleceram suas feitorias. Jacome Raymundo de Noronha foi expulsal-os. Tomou o forte a viva força; fez grande destroço nas forças inimigas que eram respeitaveis, vencêo-as mas não podendo perseguir os fugitivos, demolio o forte e foi para Gurupá descançar as suas tropas.

Logo depois, Feliciano Coelho, filho do governador, foi nomeado por este para ir bater os inglezes que com 200 praças se tinham fortificado ao pé de um igarapé a E dos logares em que tinham sido levantados os fortes de Torrego e de Felippe, então demolidos. O novo forte agora era o de Cumahú no lugar já descripto.

Depois de 18 mezes de preparativos Feliciano Coelho, apresentou-se nas immediações do forte, estabelecendo longe o seu quartel general, mandou levantar as trincheiras ; mas o capitão Pedro Baião durante a noite, e só com as praças que guardavam o ponto indicado para as trincheiras, assaltou a praça, lançou a desordem nos inimigos apoderando-se do forte depois de grande mortandade, e mandou esta bella noticia a Feliciano Coelho que ganhou a gloria sem sahir do seu cubiculo. O forte foi demolido.

Esta victoria foi a unica completa. Nunca mais alli appareceram inglezes nem hollandezes.

Em 1695 os portuguezes construiram sobre as ruinas de Cumahú uma fortaleza regular e imponente. Dois annos de-

pois o governador de Cayena veio com forças respeitaveis e tomou de surpreza a fortaleza que elle deixou guarnecida com tropas francezas.

O governador do Pará mandou logo o capitão Francisco de Souza retomal-a e este assim o fez derrotando os francezes e prendendo a todos.

E' assim que nesse cantinho do mundo se passaram scenas tão grandes que illustraram os primeiros e os penultimos annos da colonia portugueza do Pará.

Duas palavras agora sobre a situação da Ilha dos Tucujús.

No seu *Atlas do Imperio do Brazil* o sr. Mendes d'Almeida, assevera que a *Ilha dos Tucujús* de que falla Berredo nos *Annaes Historicos do Maranhão* é a ilha grande de Gurupá. Como se trata simplesmente de um ponto de historia philosophica, não devo acceitar como verdadeira esta asserção do illustre auctor do *Atlas*, em quanto não fôr ella demonstrada.

E' certo que Barredo não determina a situação da ilha dos Tucujús de que tantas vezes falla, limitando-se a dizer que é uma das da bocca do Amazonas e por ella passa o rio de Felippe; e aliás, o modo vago porque se exprime parece indicar que elle mesmo não tinha uma idéa clara do que fôsse essa ilha. Combinadas, porém, e bem estudada a sua narração e a descripção que faz dos combates com a topographia da ilha de Sant'Anna e da costa fronteira onde achei no meio d'uma densa floresta as ruinas da antiga *Fortaleza Camahú*, não é possivel deixar de concluir que, ou a ilha de Sant'Anna é a antiga ilha dos *Tucujús*, ou Berredo, illudido por um erro dos antigos geographos, considerava aquella costa do continente como fazendo parte d'uma ilha.

Tambem no mesmo *Atlas* vem figurada a de Santo Antonio de Macapá, que é a mesma de Camahú, em uma posição incompetente, isto é, mais perto de Macapá do que de suas ruinas que se acham ao pé da bocca do igarapé d'onde ella dominava soberbamente a entrada oriental d'aquelle bello canal.

Eu visitei estas ruinas a que fui conduzido por uma circumstancia furtuita (uma caçada de passaros) ha já 3 annos. Ellas se acham occultas sob a espessura de uma floresta que cresceu em torno sobre os seus muros derrocados, e não foi sem difficuldades que os pude percorrer por entre as raizes das arvores que n'elles se entranhavam.

E' para admirar que os portuguezes ha 100 annos fôssem escolher para fundação de uma cidade e de uma grande fortaleza o logar em que se acha a de Macapá, sem um ancoradouro seguro, sem um porto para o commercio e até com a certeza de não poder vedar a entrada de uma esquadra inimiga no Amazonas, mesmo passando defronte da fortaleza que dista 6 milhas da margem opposta; ao passo que os hollandezes e inglezes, mais praticos que os portuguezes, já lhe haviam mostrado as vantagens e superioridade que o canal da ilha de Sant'Anna (Tucujús) tinha sobre as praias e costa de Macapá, fazendo constantemente os maiores sacrificios e esforços para se apoderarem de tão vantajosa situação.

Quando, porém, os recursos dos habitantes e do commercio de Macapá permittirem ou as conveniencias politicas do Estado exigirem a construcção de uma linha ferrea da cidade para a costa fronteira á ilha de Sant'Anna, passando através da planicie e dos campos que tanto a facilitam, aquelle magnifico canal ha de ser o porto da cidade e talvez um dos portos mais importantes de todo o valle do Amazonas.

Assim Deus o queira!

---

NOTA—Annexamos a este trabalho uma copia do mappa a que se refere o sr. Domingos Soares Ferreira Penna, no prefacio da obra, e por elle remettido ao Presidente da Provincia do Pará com o relatorio do engenheiro civil Gomes de Oliveira. Foi o sr. dr. Henrique Santa Rosa, 1.º vice-presidente do Instituto, quem fez a procura do mappa no archivo da Secretaria do Governo, mandando extrahir d'elle uma copia. N. DA R.

# Juiso critico sobre as obras litterarias

DE

# Felippe Patroni

## I

Na infancia dos povos não é raro dominar a ignorancia com todo o cortejo de erros que naturalmente nascem da estulta apreciação dos homens e das cousas. E é sempre um bom serviço combater os erros populares, muito embora isto desagrade e contrarie os affectos mais intimos do coração. E' o que vamos fazer nestas singelas linhas escriptas ao correr da penna, sem nos deixar arrastar por sentimentos de prevenção. A verdade e só a verdade será a nossa bussola: ruim que seja a vereda, não nos desviaremos do rumo que nos assignala o dever da imparcialidade.

Deste proposito nada nos demoverá. Reconhecemos que o terreno é cheio de urzes e de espinhos, mas, isentos como nos achamos de considerações pessoaes, seguiremos caminho direito, evitando que influam em nosso animo a maledicencia, a lisonja, quaesquer suggestões que possam tornar suspeito o nosso juizo. A critica litteraria que ora encetamos, abrangerá os trabalhos de um cidadão que já de ha muito foi ríscado dentre os vivos, e isto será mais um motivo para que a nossa apreciação seja desapaixonada e sincera, sem nenhum prejuizo á faculdade permittida de censura. Finam-se na tumba as malquerenças e os resentimentos, mas não a liberdade de exame e de critica rasoaveis.

E' um dever social respeitar a memoria dos mortos, como é um direito aferir o merecimento das suas obras, quando a imprensa as tem divulgado, e tal direito póde ser exercido sem sacrificar aquelle dever, uma vez que se tenha por principal mira o interesse geral da educação popular Assim pensando, procuraremos alliar o direito ao dever com esmerado empenho,

attento o fim elevado que nos propomos, qual é o de ser util ás classes menos esclarecidas, tirando-as de um erro em que talvez ainda permaneçam.

Houve tempo em que Felippe Patroni gosou de grande celebridade na provincia do Pará. Não faltou quem o collocasse por seus escriptos entre os mais distinctos sabios da época em que viveu! Nós mesmos tivemos por longos annos esta agradavel illusão. Eramos de pouca idade quando elle, rodeado de fama e proselytos, publicava em um jornal de Belém, intitulado—*Treze de Maio*—, abundantes parabolas, calculos, problemas, prophecias, versos, postulados e tantas outras producções que mais ou menos prendiam a attenção publica!

Não perdiamos um só d'esses escriptos assim denominados pelo auctor; mas confessamos que nunca podemos entendel-os, apezar de os lermos uma e muitas vezes com maximo interesse; e disto nos queixavamos aos seus admiradores sem nunca conseguir que elles nos prestassem o menor auxilio: instados, jamais nos deram esclarecimentos, e seguramente não nol'os podiam dar por estarem em condições identicas á nossa. Diziam-nos apenas que, para comprehender taes producções, era necessario ter muito talento e espirito eminentemente cultivado!

E teriam elles razão? Não seria fundada a nossa queixa? Respondam os proprios escriptos de Patroni. Dentre milhares de exemplos que provam o modo sibyllino com que elle escrevia, citaremos sómente alguns que o caso nos depara. Não commental-os-hemos de proposito, para deixar que os leitores formem por si mesmos o seu juizo. Em 4 de Março de 1848 elle publicava no *Treze de Maio*, jornal do Pará, um artigo do qual copiamos fielmente o seguinte trecho:

«No dia de Santa Serafina, que é a methafora do fogo divinamente patriotico, ou figura allegorica da *caridade ardente* para com o proximo (os cidadãos de sua patria); *equação real* (paridade exactissima) do sacerdocio e realeza de Jesus Christo no evangelho, que é direito natural nas grandezas e quantidades ou potencias primitivas do calculo, pois a inicial do nome de Deus na lingua vernacula do christianismo é a letra *theta* ou *th*, que na ordem dos numeros é o ultimo ou o mais alto e subido termo do calculo potencial pelo seu valor, *nove*, 9.»

Como se vê, nada exprime este amontoado informe de palavras. Releia-o quem quizer, uma e muitas vezes, e o re-

sultado será sempre negativo. Tome-o em nota o leitor e guarde-o em lembrança para depois comparal-o com os que se irão seguindo: assim poderá por fim buscar a sua convicção em provas irrecusaveis.

Em 8 do mesmo mez e anno, depois de dizer que a America meridional era um presunto de fiambre, e que o Codigo Remuneratorio servia de incognita á portentosa equação da moralidade de Pernambuco, o qual se compunha de dois vocabulos gregos—*perna ambiko*,—pernil de porco de panella ou frigideira (textuaes), perna de porco feita de forno.... optima cousa para beber vinho, etc., etc.. Patroni deduzia esta estupenda conclusão:

« Logo, o triangulo formado pelo forceps do fogo, cabo de S. Roque e isthmo do Panamá, sobre o presunto de fiambre na grande pyramide conica, chamada America Meridional, exprime a *tenacidade da curva de tudo!* Com o povo, para o povo, pelo povo!!! E por conseguinte encerra a *materia* e *fórma* do sacramento maximo, cujo signal sensivel é o Arco do Hemispherio Austral ou Polo Antartico, e cuja *graça sanctificante* dos americanos do Sul é a divisão e harmonia dos poderes temporal e espiritual pela balança e baculo, as duas insignias da magestade intelligente de Themis, reunidas pela moralidade do nome grego-latino de Lisbôa, *ulissipio*, ou por que Viriato fôsse juiz dos Scipiões comparando as forças de Luzitania com o poder de Lacio, ou porque o rio Tejo na sua emboccadura faz uma curva de cajado em seu leito e uma balança com Lisbôa e outra banda.»

Em toda esta serie de phrases desconcertadas não existe um pensamento que denote regularidade de raciocinio! Os disparates succedem-se de maneira admiravel como fructos perdidos de razão sem luz. Não as desdenhe o leitor; cumpre tel-as em conta na hora do julgamento.

No alludido jornal de 15 do referido mez de Março, em um artigo intitulado *Terceiro theorema social mixti fori*, Patroni dizia ainda:—« 13 de Maio 67 e mais 13 de Maio 92, isto é, o caracter do sr. D. João 6.º e o caracter do sr. Pio IX, para que da união de ambos no pentagono *oitavo* do quindecagono evangelico a existencia eterna e a gloria sem par de Lisboa na admissão do Codigo Remuneratorio, levando á pratica o juizo universal instituido por Christo no cap. 5.º do evangelho de S. João, que é o primeiro membro da equação do evangelho todo inteiro, *igual* ao cap. 21, onde se acham constituidas expressamente as proporcionaes 153 da acclama-

ção do Santo Padre Pio IX no dia 17 de Junho do anno 46 do seculo 19.»

E sem mais nem menos accrescentava: — « Assim como a revolução constitucional de Belém, Pará, no anno de 1821, foi um complemento da *expiração* do primeiro patriarcha da verdadeira piedade, Abrahão, o qual morreu em 1821 antes de Jesus Christo; assim tambem a revolução de Lisboa, Belém, no mez de Setembro de 1836, foi um complemento do natal dos filhos gemeos de Isac, os irmãos Jacob e Esaú, que nasceram em 1836 antes de Jesus Christo. Logo, a revolução de Setembro fez ser Lisbôa capital da columna de pedra de Jacob, e o cabo da Roca portanto capitão de S. Pedro. *Beatus es Simon Bar-Jona, quia caro et sanguis non revelavit tibi... et super hanc petram... tibi dabo claves.* Math. cap. 16, v. 17, 18 e 19.»—

Eram assim todos os escriptos de Patroni, publicados no *Treze de Maio.* Nenhum ha que não seja de natureza enigmatica e mysteriosa. Não transcrevemos outros trechos para evitar o enfado dos leitores e abreviar quanto seja possivel esta exposição. Mencionaremos apenas uns versos que elle compôz a pedido dos directores da festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará. Sahiram no dito jornal de Outubro de 1848, ns. 855 e 856, sob a denominação de *Cirio de Nazareth.* Deixando a prosa que vem de permeio com os nomes de «*epigramma prophetico, reversal da estrophe e parabolas do pastouradouro*», copiaremos uma só estrophe e uma só *antistrophe*, conforme a propria denominação do auctor. São as seguintes:

«Belem val *noventa e nove*
Na Escritura do hellenismo;
Tambem *um* em latitude
Nas cartas de civilismo

Na parabola não entra
Mas tem da *curva* a virtude
Pois tudo em si reconcentra
Modesto patriotismo.

«Em *vinte e dous*
Tangente está :
João e Jano
Que briguem lá,
Se a *vinte e um*
Mais *um* por lei ;
Pará é Padua e
S. João d'El-Rei.
*Patabion* corta
A corda do arco.
Direito Marco
Da Côrte torta.

«Pois *Kor-oka* é já Mathias ?...
Logo, o Norte é eleição.
Um José não é mais bispo !
Felippe não é vigario !...
Nem Anna é mãi de Maria !...
Em Nazareth *onze* estão !

«Naos *arétos* contrapõe-se
De Jano ao tempo da Paz.
Abre-se o templo e a guerra ;
Só fechada nada faz.
Os *onze* quartos
Do Seminario
E' necessario
Descortinar.

«Se o *justo meio* tem columna fórte,
Elle encerra mysterios, vida e morte,
Coróca ali morou e João Lourenço :
E' uma bagatella em que só penso.
*De minimis non curat petor.* Digo
Que o caso não é mais cortar o embigo,
Algures diz Horacio, mesmo ahi :
*In vitium ducit culpæ fuga si...*»

E' occasião agora de peguntarmos : ha quem comprehenda estes versos e encontre nelles ligação com o cirio de Nazareth ? Ha quem decifre os trechos citados de prosa, onde não se encontra nem senso, nem logica, nem estylo ! Ha ta-

lento previlegiado e culto que tenha o condão de entender o que Patroni disse ou quiz dizer nesses escriptos? Parece-nos que, sem receio de errar, podemos affirmar que ninguem será mais feliz do que nós o fomos. Tacteando nas trévas dessa triste época de ignorancia, não ousavamos então emittir juizo algum com medo do motejo certo dos litteratos e doutos desse tempo.

A crença na sabedoria de Patroni era tal, que nos sentiamos humilhados diante das declarações que nôs faziam, e receiavamos contrarial-as, temendo praticar qualquer acto de indiscrição. Entretanto, a idade foi-nos aguçando cada vez mais a curiosidade, e de dia para dia augmentou-se-nos o desejo de estudar as producções do afamado paraense, apezar de não termos nem o *muito tálento*, nem *o espirito emminentemente cultivado*, como era de necessidade para interpretal-as, conforme a opinião dos seus admiradores. Com tal intuito procuramos as suas obras, sem comtudo podermos obter senão uma ou outra das menos consideradas.

## II

Por felicidade ou infelicidade, Patroni fez imprimir e reimprimir em Lisbôa, nos annos de 1851 e 1865, os seus trabalhos scientificos, politicos e litterarios, uns na typ. de João Carlos de Aguiar Vianna, rua dos Calafates n. 114, outros na typ. de Francisco Xavier de Souza, rua do Ferregial Baixo n. 26, e na typ. de Ricardo Pires Marinho, rua da Boa-Vista n. 22. São as seguintes as obras publicadas:—Viagem de Patroni por algumas Provincias Brazileiras;—Biblia do Justo Meio;—Cartilha Imperial; — Algebra Politica;—Codigo Remuneratorio do Reino de Portugal;—Prophecia do Novo Mundo;—Annuncio do Capitulo do Golgotha;—Torre de Menagem;—Specimen dos Estudos Biblicos. Não nos consta que existam outros trabalhos divulgados pela imprensa.

Demos uma ideia succinta de taes producções que realmente são originaes, além de raras e difficeis de encontrar. Mas antes de tudo, seja-nos permittido mencionar um facto que servirá de preliminar ás nossas futuras reflexões. O homem quasi sempre revela na mocidade o que tem de ser na velhice; e ha um discurso de Patroni que o retracta desde os seus primeiros annos.

Em audiencia que tivera em Lisbôa com o rei, como

emissario do governo provisorio do Pará, no mez de novembro de 1821, elle declarára--«que nunca entrára no paço, que não fosse para accusar o desleixo dos agentes do poder. com quem sua magestade repartia a auctoridade suprema: a gente que cercava o chefe da nação era de aduladores que só procuravam enganal-o e compromettel-o sem dizer-lhe nunca a verdade:—que era muito desmazello, muito dormir não ter já o ministerio nomeado governador para o Pará, pondo assim o povo paraense em desesperação e contribuindo para que o mesmo rompesse todos os obstaculos afim de libertar-se dos seus tyranos».

Declarára mais—«que os povos não eram bestas de carga, que soffressem em silencio todo o pezo que se lhes quizesse impor. O Brazil desejava estar ligado a Portugal; mas, se o ministerio do reino unido pela sua frouxidão contribuisse para a duração da antiga tyrannia, o Brazil em pouco tempo proclamaria a sua independencia. Fizesse sua magestade em tudo responsaveis os ministros, e quando soubesse que algum delles era servil e adulador, e não lhe fallava a verdade, mandasse logo enforcal-o; ao contrario não teriam as cousas verdadeiro andamento.

Declarára ainda—«que em qualquer classe podia o rei encontrar quem estivesse no caso de ser ministro! Um carpinteiro podia ser secretario do Estado! Não era preciso que fôsse almirante, conde, commendador ou bispo!»

De maneira que o bom desempenho do importante cargo de ministro e de qualquer outro não dependia de estudos e habilitações profissionaes, conforme se infere desta esdruxula doutrina! E nestes termos disse outras cousas inconvenientes e pesadas ao rei. (1)

Ninguem por certo deixara de admirar tanta liberdade e ousadia! Mas a verdade é que Patroni mostrou-se alheio aos deveres de cortezia, dizendo no paço ao soberano o que a boa educação não lhe permittiria dizer a qualquer pessoa no domicilio particular. Essa ostentação de franqueza tão brusca e desusada demonstra que Patroni não era homem assisado. A sua linguagem rude denuncía que elle pelo menos soffria excitações nervosas, das quaes poderia vir-lhe facilmente a perturbação mental. Simples contrariedades na vida bastariam para transtornar-lhe a razão, como nos parece ter acontecido.

---

(1) Leia-se o discurso integralmente publicado pelo Barão de Guajará nos *Motins Politicos do Pará*, 1.º vol. pags. 27 e seguintes.

E' pena que a provincia perdesse um filho que talvez lhe viesse a prestar revelantes serviços. Felippe Alberto Patroni Martins Maciel Parente, era o seu nome por inteiro. Nascêra no municipio do Acará, pouco distante de Belem. Começara a sua educação no Seminario do Pará, patenteando desde o verdor dos annos talento superior, amor ao estudo e admiravel loquacidade, pelo que se avantajára sempre aos seus condiscipulos. Seguindo para a Universidade de Coimbra em 1816, ali se formára em direito civil e canonico, occupando lugar distincto entre os moços mais intelligentes e estudiosos.

De espirito ardente, enthusiasta e assomado, exaltava-se com a menor contrariedade ás suas opiniões, e tomava sempre parte directa e activa nos acontecimentos que mais interessavam ao lugar que lhe déra o berço. Assim vemol-o deixar os seus estudos academicos para vir a terra natal defender o systema constitucional adoptado pela metropole com a convocação das côrtes em 1821, por parecer-lhe que o novo regimen daria garantias ás liberdades patrias. A sua dedicação valeu-lhe a escolha da Junta Provisoria para ir á capital do reino cumprimentar o rei e as côrtes, protestando a adhesão e obediencia do povo paraense á nova situação politica do paiz.

Assim vemol-o tambem aconselhar e instigar a emancipação politica da colonia brazileira, logo que conheceu serem-lhe hostis as intenções das côrtes. Sem nenhum temor de compromettimento pessoal, não hesitou em distribuir circulares contra o governo portuguez, associando a si os tres irmãos Vasconcellos na arrojada empreza da propaganda, e fazendo publicar em um jornal, denominado *Paraense*, censuras acrimoniosas á administração dos negocios publicos. (1)

Na sua mocidade Patroni mostrára indicios de que seria um homem importante no paiz. Ousado, cheio de actividade, ambicioso de gloria, amante de saber, applicado ás lettras, de illustração pouco vulgar, irriquieto e vaidoso, parecia predestinado a figurar no grande scenario dos acontecimentos de sua patria. Não aconteceu porém assim: ou porque treslesse com estudos exagerados e sem methodo; ou porque se applicasse por demais á leitura e meditação dos livros sacros; ou porque fôsse victima de algum desgosto profundo; ou porque emfim

(1) Nos citados *Motins Politicos do Pará*, 1 vol, pags. 11 a 19 estão referidos todos estes actos de Patroni, bem como os discursos que elle proferiu perante as côrtes portuguezas como delegado da junta provisoria do Pará.

soffresse qualquer congestão cerebral, certo é que as suas faculdades fôram lentamente enfraquecendo até empanar-se-lhe a luz da razão: deprehende-se isto das obras que elle depois escreveu, e das quaes nos vamos agora occupar, observada a mesma ordem cronologica em que já as mencionamos.

## III

*Viagem de Patroni por algumas provincias brazileiras.* Nomeado juiz de fóra da Praia Grande de Maricá no Rio de Janeiro, elle embarcou com sua mulher e familia na escuna *Amizade*; e, em 19 de Janeiro de 1829, sahio do Pará para aquella provincia, onde tinha de tomar posse do seu emprego. Chegou á cidade da Fortaleza, capital do Ceará, em 15 de Fevereiro, com 26 dias de encommoda viagem. Desanimado, resolveu desembarcar e seguir dahi por terra. Effectivamente partiu da Fortaleza, em 15 de Junho do mesmo anno e embrenhou-se pelo centro do paiz, conseguíndo chegar ao seu destino somente em 12 de Junho de 1830, depois de caminhar um anno por inhospitos sertões!

Esta longa viagem de 625 leguas faz o assumpto do referido livro, que é dividido em quatro partes: a primeira comprehende 206 leguas, percorridas da cidade da Fortaleza ao Arrayal do Joaseiro na passagem do rio S. Francisco; a segunda —197 leguas, do Arrayal do Joaseiro ao cazal de Regapé na Bahia; a terceira —148 leguas, de Regapé á capital de Minas; a quarta—74 leguas, de Ouro-Preto ao Rio de Janeiro.

Patroni dedica este livro á sua mulher d. Maria Anna de Souza Azevedo, paraense distincta, de quem não teve nenhum filho. E' um trabalho joco-serio, como elle proprio o qualifica, e pouco interesse tem; não passa de narrativas quasi sempre insulsas, dos dissabores e contratempos que teve na jornada, interculadas de insignificantes noticias sobre os sertões por onde andou, assim como sobre os famulos, tropeiros e pessoas que o acompanharam, receberam e hospedaram em suas pousadas.

Assim, descreve elle o seu creado Clemente que gostando sobremaneira de enfeitar-se, era muito namorador e amante de festas, quer divinas, quer profanas. Vestido de ponto em branco, anneis nos dedos e cordões de ouro no pescoço, o tal pelintra ponha-se na pontinha dos pés a trescalar cheiros e

pomadas que davam dores de cabeça e faziam mal ás mulheres menstruadas!

Assim, descreve tambem o susto que teve quando se viu no meio de um bando armado de ciganos com as lamurias e choramingas do costume. «Ai! minha gajona; ai! fidalga», diziam as mulheres e as crianças á consorte de Patroni. «Estamos morrendo de fome! Ainda não comemos nada até a esta hora! Pelo amor de Deus um bocadinho de carne; ande, gajona, dê-nos um vintemzinho...» E por toda a parte a cercavam, abraçando-a pela cintura, pelas braços, pelas pernas, pelo corpo inteiro!

Assim, descreve ainda o professor de grammatica latina de Icó a repetir com enfase o engenhoso palito — *Forte ad Coimbram venit!* Que ardor quando pronunciava o verso: *Irra! nos quoque gens sumus!...* O tal mestre de latim ficava electrisado e para fazer ao vivo o *cavalgare sabemus*, montava sobre um banco e punha-se a sacudir as pernas, como quem esporeava um cavallo para galopar!

Patroni não esquece nem a estatura exquisita de Regapé, seu companheiro do *trinta e um a vintem*, nem as canellas finas e compridas da mãi Catharina, nem a queda das suas negrinhas na serra de Araripe!

Affirma que nos sertões da Bahia encontrára *assahyseiros* que os naturaes ali só aproveitavam para tirar palmitos, perdendo o fructo de que se fazia a bebida tão apreciada dos paraenses; — que ensinára á gente dessa região a fabrical-a pelo processo que menciona circumstanciadamente, expondo até o modo de trepar na palmeira e de colher os coquinhos! Pinta com enthusiasmo a lavra da Chapada que comprára em sua breve estada no arrayal de Itacambira, lavra que lhe promettia fabulosos thesouros por ser a mesma muito abundante de ouro e diamante!

Mostra-se inexoravel com o administrador do registro do Rio Pardo, que cobrou imposto dos escravos que o acompanhavam, pondo a tropa do lugar em armas e querendo decidir tudo por meio de polvora e bala, sem appellação nem aggravo! E não se esqueceu de representar á junta de fazenda contra semelhante regulo de aldeia, do qual conseguiu por fim a demissão, como justa reparação dos vexames que soffrêra!

N'este theor é mais ou menos escripto todo o livro; mas como quer que seja, a sua linguagem é intelligente e póde ser lido sem enfado: se não contém assumptos instructivos, não deixa de apresentar algumas descripções e scenas comicas que

deleitam o espirito. E' um itinerario com peripecias variadas que excitam a hilaridade e lembram mais de uma vez os contos dos cavalleiros andantes nas suas penosas viagens pelo mundo. Não denota ainda desarranjo mental do auctor.

IV

*Biblia do Justo Meio.*—Foi publicada pela primeira vez no anno de 1835. E' dividida em duas partes contendo a primeira certos principios intitulados de justiça universal, e a segunda uma codificação geral do direito natural applicado á pratica das sociedades civis constituidas, conforme a classificação que lhes dá o auctor. Explicando o titulo preferido deste trabalho, diz elle nas noções preliminares :

« Como todas as cousas, o raciocinio tem principio, meio e fim. Para se racciocinar sobre qualquer objecto, é necessario primeiro que tudo achar o *justo meio* ou centro physico do mesmo objecto. Este *justo meio* será o *termo medio* do raciocinio. Depois é preciso indagar qual o effeito necessario produzido pelo referido centro. Tal effeito será o *principio* do raciocinio. O resultado da combinação do principio com o meio será o *fim* ou conclusão do raciocinio. E' má e viciosa toda a doctrina que emana de raciocinio errado, falso e mentiroso, e se não deduz da forma estabelecida».

Entretanto, Patroni, sacrifica inteiramente o preceito que talvez quizesse observar ! Imaginando premissas impossiveis, chega a conclusões absurdas, como era natural.

A chamada *justiça universal*, que elle codifica e applica ás sociedades civis constituidas, repousa em um estado natural que nunca existiu nem existirá. E' necessidade querer supprimir as relações sociaes dos homens, collocando-os fóra da communhão reciproca com os seus semelhantes. Dahi nascem os erros que recheiam esta obra. E' certo que a *Biblia do Justo Meio* mostra ao menos aqui e ali lucidez de espirito, mas, de mistura com uma ou outra doutrina acceitavel, encerra contrasensos inqualificaveis. Diz por exemplo :

— que a honra, a nomeada, a gloria, o conceito, a opinião, a fama, a celebridade, tudo é nada ou cousa van que não existe!

— que o povo nunca póde ter opinião : esta rainha do mundo, que tanto se applaude, não existe; porque só um numero muito limitado de homens a póde formar. E' mera phan-

tasia, e ao legislador incumbe não entreter os erros populares para que nenhum ambicioso e enthusiasta de gloria queime algum templo famoso com o fim de ganhar celebridade! Diz mais por exemplo:

— que a injuria não é crime se não faz mal ao corpo do injuriado, embora prejudique a honra e a reputação!

— que os moralistas tem-se atrevido a ensinar aos rabbinos, ottomanos e catholicos não ser direito comer carne de porco, beber vinho e tomar alimento em determinadas horas de certos dias, por ser da exclusiva attribuição dos astronomos e geographos a determinação das épocas, dos dias a das horas!

— que para decidir se a carne comida em sexta-feira é alimento justo ou injusto, bom ou máo, cumpre ser medico, naturalista, astronomo, geographo e chimico!

— que sem dinheiro não ha matadores, sendo o soldado e o general dois homicidas e assassinos que a troco do soldo habituam-se a extinguir em seus corações o mais notavel sentimento humano! Diz ainda por exemplo:

— que Deus fez a mulher para reger a sociedade familiar, e lhe deu a secreção mensal com que, expellindo uma certa quantidade de materia encephalica, se torna inhabil para reger a sociedade civil, por ser pedante, charlatã, vaidosa, amante do luxo e dos ornatos pueris!

— que o governo ensina o que é moeda, mas não tem obrigação de a dar; e pois não póde prohibir que o povo a faça. E' um erro querer-se dinheiro e não consentir que todos o façam. A moeda é uma arte; é o mesmo que fazer sapatos. O seu monopolio por tanto é um erro da sciencia!... *(Pags. 12, 16, 40, 49, 51, 102, 122).*

Depois destas e outras extravagancias, Patroni remata a sua *Biblia do Justo Meio* com um denominado —«Mappa do direito constitucional da natureza ou prospecto do codigo social conforme os tres grandes principios da justiça politica deduzida da figura humana».—Taes são as suas palavras. Para cada um dos referidos principios elle cita dois estados, o primeiro physico e o segundo politico, e tanto neste como naquelle estabelece generos e especies, determinadas para os actos da creatura humana sob formulas diversas!

A concepção é realmente digna de nota! Avaliem-n'a os leitores por este pequeno trecho do tal mappa: Tratando elle dos meios de praticar os actos animaes, menciona entre outras frioleiras, — a de lavar o corpo todo em agua fria; limpar

sempre os dentes, o rosto, as mãos, os pés, as partes pudendas; cortar as unhas; pentear os cabellos !

E tratando dos vicios oppostos á perfeição dos governos, vicios que se tornam origens de revoluções na sua opinião, menciona : —a privação de chafarizes e de feiras; —as ruas tortas, estreitas, sujas e escuras ; — os bailes e festas multiplicadas;—as guardas de honra e do paço;—a tropa a soldos; as contendas por um palmo de terra ; e necessidade de escriptura nos contractos; a magistratura permanente ;—a multiplicidade de domingos, dias santos, feriados, templos, lithurgias e sacerdotes !

Este livro é uma maravilhosa collecção de originalidades, mas em todo caso deixa transluzir o pensamento do auctor. Producção dos primeiros annos, não tem a confuzão dos escriptos posteriores; revela um homem visionario, amante de novidades, que propende sempre para as theorias absurdas e abstractas ; sem guardar respeito ao doutrinamento geral da sociedade, constitue a seu modo um monumento phantastico, onde projecta derramar luz de nova redempção !

A simples tentativa, porém, de tal empreza é já por si motivo sufficiente para descrer do bom senso de Patroni. O espirito prevenido encontra neste mesmo trabalho indicios de quebrantamento intellectual no auctor.

## V

*Cartilha Imperial.*—Foi escripta no Rio de Janeiro em 1838, quando Patroni solicitára o lugar de mestre do imperador em sciencias e litteratura, sendo publicada no Pará pela primeira vez em 1840, na typ. de Justino H. da Silva, quando elle regressára á sua terra natal, cançado de esperar na côrte deferimento á sua pretenção por dois longos annos, como elle mesmo o declara.

Contém este trabalho oito capitulos com dialogos entre o auctor e o imperador acêrca :—do nome,—do anonymo,—do nome do monarcha,—monarcha sabio,—da religião do monarcha,—da unidade de Deus na Santissima Trindade,—e da organisação social.

Precede a taes capitulos—*uma breve observação sobre o methodo de ensinar.* Quem a ler ficará logo conhecendo o merecimento negativo de semelhante producção. Descrevendo ahi os utensilios necessarios na escola do imperador, Patroni menciona entre outros objectos os seguintes: — trez velas de

cêra em castiçaes, sendo uma accêsa,—algumas fructas, bananas e laranjas,—doces seccos, assucar e pão—um orgão de igreja, —um piano-forte—e um forte-piano!

Parece exquisito todo este apparato, e não faltará quem procure saber o fim que o mestre tinha com semelhantes preparativos. Comprehendemos que Patroni, sabendo que todo o menino gosta de fructa e doce, quizesse suavisar o estudo, offerecendo ao seu joven discipulo bananas, laranjas, cequilhos, bolinhos, pasteis, assucar e pão. Era isso natural: só merece reparo que elle não accrescentasse na lista do pedido o classico queijo, o vinho, a agua, o copo, o prato, o guardanapo indispensavel a quem come, para ter com que limpar a bocca e as mãos. Assim ficaria o *lunch* completo, attenta a necessidade da refeição nas escolas!

Comprehendemos tambem que Patroni, pedindo um orgão de igreja, um piano-forte, quizesse ensinar ao principe tanto a musica sacra como a profana. O que não comprehendemos, porém, é a serventia das tres vélas e vélas de cêra, postas em castiçaes, devendo uma estar accêsa! Que fim tinha Patroni nesta recommendação ou exigencia? Não o sabemos. O leitor naturalmente fará identica pergunta. Será o caso de responder:—digam os sabios da Escriptura, que segredos são estes da natura!—

Nas perguntas e respostas, constantes dos dialogos da *Cartilha Imperial*, ha puerilidades sem valia e mesmo certas inverosimilhanças. E' engraçado ver-se como Patroni transforma por encanto o joven principe em um extremado sabio! O imperador que nesse tempo poderia ter treze annos de idade, resolve com mestria todas as questões! Cita longos trechos em latim como um frade enthusiasmado no pulpito; desvenda os mysterios da religião como theologo pedante de convento; disserta em summa sobre tudo com tanto tino e saber, que põe de bocca aberta ao proprio mestre!

«Tenho ouvido ao meu augusto discipulo com a mais completa satisfação: o maior sabio do mundo não podia pronunciar uma oração mais eloquente; assim declara-lhe o preceptor embasbacado! Vossa magestade imperial em poucas palavras disse tudo quanto os grandes homens têm escripto de puro, exacto e verdadeiro! . . . » *(Pag. 45)*.

Não diremos que haja nisto adulação, mas não nos soffre o animo suffocar o justo sentimento de reprovação aos louvaminheiros que exageram os talentos de seus filhos e discipulos, mostrando-se sempre encantados de ouvil-os: «em ras-

gos de maviosa eloquencia vibrando as cordas sensiveis do coração, revelando doçuras d'alma sem par, manisfestando genios prodigiosos de philosofia! . . . » São as proprias palavras de Patroni ao principe, textuaes da *Cartilha Imperial*, pagina 15.

Estamos convencidos de que o imperador de muito bom grado agradeceria as palavras que Patroni lhe empresta, mormente em certos pontos, como quando, na pagina 39, fal-o dizer—que teme a Deus, porque resa o terço de Nossa Senhora todas as noites; porque ouve missa todos os domingos e dias santos; porque assiste ao *Te-Deum* na capella imperial com toda a devoção! . . .

Estamos convencidos de que o imperador não acceitaria a gentileza com que Patroni põe na bocca de seu augusto discipulo dictos estultos, como quando, na pagina 63, fal-o affirmar—que rhombo é um quadrilatero equilatero, mas não rectangulo, exprimindo diversas relações das tres pessoas da trindade, diversificando uma das outras no numero do pessoal e ao mesmo tempo indentificando-as na *pericorese* ou circumninsessão (circumstancias) das quatro relações, e firmando sem replica a unidade de Deus!

Estamos emfim convencidos de que o imperador repelliria as doutrinas que Patroni lhe attribue, como quando, na pagina 72, fal-o dizer—que o rhombo caracterisando os triangulos physicos bilateraes, do vertice e da base, caracterisa ao mesmo tempo dois pentagonos moraes que constituem a quinta essencia das relações ou da ordem na encarnação do verbo, ou ligação das duas naturezas, divina e humana!

Estas phrases de Patroni sobre o rhombo e as causas do temor que o imperador tinha a Deus, assim como os assumptos das epigraphes transcriptas, provam que a *Cartilha Imperial* não podia satistizer o intuito elevado de educar e instruir um principe que mais tarde tinha de governar o imperio.

Não é livro que mereça analyse demorada; sem conter doutrinas do interesse geral, circumscreve o seu desenvolvimento em uma esphera acanhada de principios desordenados, que já eram indicios do enfraquecimento moral do auctor.

## VI

*Algebra Politica.* Foi tambem impressa pela primeira vez no Pará em 1841, na typ. de Justnno H. da Silva, e reimpressa em Lisbôa no anno de 1851, na typ. de José C.

de Araujo Vianna. Compõe-se de 12 *pentagonos*, tendo cada um varios *axiomas*, conforme a divisão e os nomes dados pelo auctor. São precedidos de um chamado *Quadro Genealogico da organisação social por Justo Meio*, de um *Problema do Octaedro Social*, de um *Pentateuco do Genesis Politico.*

Este livro é um mistiforio incomprehensivel e demonstra que cada vez mais augmentava a pertubação no espirito de Patroni. Já então elle se julga victima de perseguições e despeitos, e dominado desta triste mania declarava— «que apenas constára no Rio de Janeiro estar o auctor da *Algebra Politica* eleito deputado geral por sua provincia, logo o partido dominante fizera correr a ideia soberanamente escandalosa da dissolução prévia da camara dos deputados, quando esta não estava nem ao menos reunida!

—«que o auctor da *Algebra Politica* sustentára que Bernardo Pereira de Vasconcellos era o satanaz do Brazil, e não podia por isso o dr. Patroni ser membro de um parlamento *sapientissimo* como o do imperio!

—«que a camara em que o mesmo Patroni fosse deputado, tinha de viver só sete dias como succedeu á de 1842, por ter elle em seus escriptos dado ao monarcha o epitheto de *Christo Capitão do Imperio de Santa Cruz*, e o titulo de membro do reinado de Satanaz aos devoristas da religião e da mamata, reunidos na pessoa, quantidade, grandeza, potencia e nome de Pereira de Vasconcellos!» (*Circular ao Annuncio do Capitulo do Golg. pag. 5*).

Seria por demais fastioso submetter á analyse semelhante livro. Para apreciação dos leitores é sufficiente mencionar o intitulado *axioma 4º* do pentagono 2º, concebido nestes termos: «A mulher é femea especial, isto é, genero em gráo médio, ou o meio das gerações por ser um producto immediato da juncção da especie com o individuo e animal, em virtude da posição natural da mesma especie entre ás duas ideas ou imagens, individuo e animal.

«Por conseguinte, deduz elle, a mulher é 1º—o principio da desobediencia ou do peccado politico e religioso, como elemento unico da depravação da natureza moral ou da innocencia infantil; e por isso é ella tambem 2º—foco de luxo; 3º—base da leviandade; 4º—elemento da formosura; 5º—origem dos enganos; 6º—deposito da sensualidade; 7º—acção da natureza humana na successão dos phenomenos para servir de quarta essencia na ordem das idealidades». (*Pag. 7*).

Vão agora mudar as scenas, tornando-se cada vez pei-

ores, com a loucura em todas as suas manifestações, quer no pensamento, quer na linguagem : sirva de prova a seguinte invocação que corre mundo em lettra graúda da imprensa! Não a recommendamos de proposito ; pelo contrario declaramos não ser a mesma de gosto apurado. Quem quizer que a leia de motu proprio : ninguem depois se queixe de qualquer phraseologia que pareça indecente . . . Este aviso é feito em tempo, dentro do praso rasoavel, muito antes de começar :

«Menstruo sexual, exclama Patroni, portentosa obra do Creador! eu me transporto applaudindo com acatamento os maravilhosos effeitos de tua Sacra Essencia! Tu és o sello encarnado da effeminação leviana ; mas tu és tambem o caracter santo da lei eterna da economia! Teus dons reflectem na metade da especie humana. E' na secrecção mensal do sangue das mulheres, que o philosopho encontra a verdade e a exactidão do juizo dos pares, fundado sobre o direito de propriedade . . .O tempo é a regra do civilismo na posição em que cada um se achou no facto de educação, e o menstruo sexual a lei eterna da economia para fundação do direito de propriedade no criterio do sexo masculino!»

A perturbação mental de Patroni não era mais desconhecida; todos a notavam em sua conversação e palavras, em seus actos e raciocinios! Qualquer assumpto servia-lhe para fazer longas dissertações, passando de umas cousas para outras, sem que estas tivessem muitas vezes entre si a minima relação. Como já não reflectia no que fallava, tornára-se quasi uma machina veloz e inconsciente de phrases desconchavadas, citando a cada instante versiculos biblicos e compridos trechos de auctores latinos!

Na Camara dos Deputados, da qual foi membro em 1842, nas sessões preparatorias de 25, 26 e 28 de Abril, proferiu tres discursos sobre motivos futeis e irrisorios, tomando por thema a acclamação já effectuada do presidente e varias banalidades, ridiculas e despropositadas, que moveram a compaixão e excitaram por fim a hilaridade geral. Apreciem os leitores essas peças oratorias que aqui resumimos. Assim começou elle o seu discurso proferido na referidas sessões :

«Ordem, senhores, attenção, silencio! Concedei-me por instantes vossa indulgencia, para que possa eu dizer duas palavras a respeito da acclamação presidencial, porque a quero acabada segundo a ordem natural, civil e religiosa . . . (*pinta*

*e descreve longamente a virtude e a belleza da ordem citando um trecho em latim)...*

«Muito folgo de submetter meu rude e apoucado engenho ao descernimento grave dos politicos respeitaveis que no parlamento preconisaram o brocardico famoso de ser uma poesia a arte social ou sciencia da legislação, sciencia do governo. Mas que? Será por ventura a poetica o simples geito de rimar palavras sem dar nunca real e vero conceito? ou é antes a mesma philosophia em theoria e pratica pelas artes e sciencias todas?...

«Deveis, portanto, concluir, senhores, que o magestoso epiphonema d'este heroico momento parlamentar é uma exacta paridade da voz de João que clama no deserto, nutrido só a mel, a gafanhotos, e trajando grosseiras pelles de ruins camellos... (*Patroni faz considerações para demonstrar que a acclamação do presidente da Camara constituia uma prophecia; distingue o falso propheta do verdadeiro...*)

«Não é meu proposito agora, senhores, propor um libello de reivindicação para haver a mim os direitos que alguem presuma dever attribuir-me, por ter sido eu o primeiro que no Brazil propaguei a magestosa idéa da maioridade imperial do sr. D. Pedro 2º pelo meu *Correio do Imperador*, cujo primeiro numero, sahiu no 15 de Novembro de 1836. Nem propheta e apostolo por aquella escriptura (*o orador citou-a*), nem doutor e evangelista pela composição da Biblia do Justo Meio e Algebra Politica ou Cartilha Imperial; nada d'isto vereis inculcar-me, para que possa ter logar o *Sic vos non vobis* do mantuano vate.

«Outras são as fortunas que me agouro:
Ganhei saudades, adquiri affectos.
Vou fazer d'estes bens melhor thesouro...»

(*Faz longas considerações no sentido de provar que seria propheta o deputado que primeiro fallasse e propuzesse o presidente por acclamação, assim como cita em latim um comprido trecho de Horacio e continúa a divagar...*)

«Ordem, senhores! Fóra da ordem não é possivel fazer-se cousa alguma... A ordem natural exige que se considere primeiro deputado aquelle que mais votado fôr na representação da provincia considerada primeira entre todas as provincias de um mesmo imperio. E qual é no Brazil a primeira provincia pela ordem natural? Os mappas o determinam e a Consti-

tuição politica o marca no art. 73, conferindo o primado ao Gram-Pará na enumeração ordinal das provincias do Brazil. Assim pois a propria mão do Creador, descrevendo uma linha d'agua mui visivel a dividir o Brazil em duas partes iguaes pelo nome santo do Serafim cicatrisado (Rio de S. Francisco), collocou a provincia de Pernamouco no centro e justo meio da da terra de Santa Cruz, para ser Pernambuco, um *simile* perfeito da Ursa menor, fixando o septentrião na estrella polar, emquanto que o cruzeiro por sua immensa distancia não póde centralisar a luz no polo austral.....

«(*Patroni continúa n'estes rojões de eloquencia sustentando que Pernambuco dava ás outras provincias a virtude da centralisação da luz da sciencia, da moral e do poder ; era o centro e justo meio do Brazil, sendo-lhe por isso proprio e natural o christianismo por achar-se ahi a força toda dos tupinambás, e cabendo-lhe o direito de fundar o 5º imperio na sciencia do dever ou officiosidade, quinta lei do calculo com duas affeições reunidas por essencia e natureza... etc., etc.*)

«Não penseis, senhores, que me opponho a acclamação já feita do sr. Martim Francisco, porquanto sou o primeiro a honrar os srs. Andrade, e disto tenho dado provas bastantes até no meu *Correio do Imperador*... Mas quero a ordem, e a ordem natural, politica e religiosa exigia que eu acclamasse para presidente o sr. Henrique de Rezende... na ausencia d'elle o sr. Barão da Bôa-Vista...

*Vozes*: Não estão presentes. Pois quem ha de Pernambuco na casa? Pergunta Patroni. O sr. Nunes Machado, lhe respondem. Parece-me que este é o juiz de direito, pondera elle, e no poder judiciario eu não comprehendo nem ordem nem potencia. . . «(*N'este sentido faz outras muitas considerações destemperadas*).

Creio que o sr. Martim Francisco é velho e homem eminente em saber. Approvo pois a sua eleição; fallei para que de uma vez ficasse em ordem, segundo as successões do systema no calculo potencial, pela ordem natural, politica e religiosa . . . E eu não queria ser privado da honra de acclamar assim o nosso excelso presidente como os benemeritos secretarios.» (1)

Este discurso causou e devia causar dolorosa impressão na camara temporaria! Os deputados naturalmente commovidos

---

(1) Este discurso está nos *Annaes do Parlamento* de 1842, Camara dos Deputados, pags. 11, 12 e 13.

não interromperam a Patroni dando-lhe o mais simples aparte que o podesse desviar! E sem consciencia do seu estado, elle nos dias immediatos ainda fallou por duas vezes; refinou ainda mais a sua insana loquacidade! São longos esses discursos, e por isso só extractaremos alguns periodos.

Em sessão preparatoria de 26 de Abril de 1842, a commissão de poderes da camara temporaria requerera se pedisse ao governo as actas parciaes dos collegios eleitoraes do Maranhão e das outras provincias. Patroni, oppondo-se a tal requerimento, disse:

—que era um novato parlamentar e não entendia de muitos estylos, mas queria que se soubesse que elle não estava pelos estylos prescriptos ali por satan. Não precisava dizer que o diabo era um espectro zumbrido de pés de cabra e rabo de macaco (*hilaridade prolongada*), segundo diziam as velhas feiticeiras: mas satan era uma palavra grega que significava adversario ou inimigo. E cumpria saber que em todas as nações havia sempre um homem arrojado para fazer o papel de satan com a sua charlantaria, tornando-se inimigo de Christo. O Christo do Brazil era só o sr. D. Pedro Segundo, unica pessoa destinada a salvar a patria . . .

(*A rapidez com que Patroni fallava fez perder ao tachygrafo muitas passagens do seu longo discurso. Depois de varias considerações sobre os principios inexactos da politica, tocou nos principios da algebra politica e ligação da moral com a physica, e voltando-se para o presidente, continua perguntando:*) (1)

«Se a casa em que estava era ou não a cadeia da côrte? Como se podia trabalhar e fazer leis n'uma cadeia que até já estava leprosa, por ter tido um deputado affectado desta molestia? (*Nunes Machado disse-lhe então em aparte—que a peior lepra era a da moral—*). Sim, respondeu Patroni; lá ia já pela algebra politica, pois disso se queria livrar assim como a todos os seus patricios em geral, unidos ao redor do throno do imperador, unico que podia livrar a todos de semelhante enfermidade só propria de satanaz e seus sequazes...

—Governar o Brazil, com a cabeça na Turquia, Inglaterra, Portugal e França, era uma grande loucura; era preciso estudar a patria pela patria mesma. Se o governo dissolvesse a assembléa, no mesmo instante elle iria pagar a sua passagem para a Europa, donde prophetisaria e mandaria dizer o que seria o futuro proximo. Entre nós tudo era

(1) Consta isto dos *Annaes do Parlamento.*

trapaça. As leis eram tão mal feitas que não serviam para cosinhar um prato de feijões; e todavia elle não criminava uma só pessoa; só pedia que se unissem na politica do evangelho...

(*Patroni fez muitas outras considerações sobre a politica geral, apresentou factos mascidos só da inexactidão da sciencia, mas fallou sempre com tanta rapidez que o tachygrafo apenas poude apanhar alguns trechos*). (2)

Disse mais -que fallar e escrever em diplomas, leis, decretos e portarias não era a verdade e a graça de Christo, pois a lei quem a dera tinha sido Moysés. Todos fallavam, as mulheres, os meninos e os escravos. Os papagaios tambem fallavam (*risadas*), e todavia Christo disse que se não fallasse muito,—que a politica do christianismo o divino mestre a tinha formulado em um brevissimo compendio: *Pater noster qui es in cœlis.....* (*recita o padre nosso em latim causando risadas geraes*)..

Disse ainda—que desejava o reconhecimento dos deputades com a simples apresentação dos seus diplomas, sem dependencia de actas: porque não podia conceber como cidadãos distinctos como o barão de Caxias fossem capazes de forjar diplomas falsos. Era amigo de todos e o seu maior empenho era chamar os seus compatriotas á união, á ordem e á paz para que fossem todos felizes até no tocante ao *mamaverunt totum toucinum* (*risadas*), tendo bastante panno para mangas o seu projecto que, dividindo o Brazil em 52 provincias, censoratos e dioceses, podia de um jacto arranjar bastante gente...» (3)

Passemos ao terceiro e ultimo discurso.

Em sessão de 28 de Abril de 1842, o deputado Souza Martins apresentára um requerimento para que se discutisse a eleição dos deputados de cada provincia de per si, votando-se logo sobre essa eleição. Depois de fallarem a favor e contra este requerimento, varios oradores, como Cansansão, Andrada Machado, Marinho e outros, Patroni pediu a palavra e disse:

—que, se elle fallasse muito, fizessem o favor de lh'o dizer afim de pôr-se no justo meio; se fallasse pouco, que lh'o dissessem tambem afim de fallar mais, se assim o quizessem. (*Risadas*). O que pretendia mostrar era que não nos faltavam

---

(2) Consta tambem isto dos *Annaes do Parlamento*.

(3) Este discurso está publicado nos *Annaes do Parlam.* Camara dos Deputados, pags. 14, 15 e 16.

principios : havia-os e muito exactos, e vinham a ser que o senhor... Como é o seu nome?... (*pergunta apontando para Souza Martins*)... O Senhor deputado não está na philosophia do christianismo !...

Os principios eram muitissimos, accrescentou elle: muitos, porém, não eram exactos; não concordavam os pés com a cabeça; estavamos sempre no direito monstro parlamentar, *cujus velut ægri somnia,... (segue um longo latinorio).* Era o que tinha o poder judiciario quando se trata de construir um principio; não podia julgar sem vêr, contra o preceito do evangelho...

—Um juiz de direito era sempre antichristão *(hilaridade geral e prolongada).* Da nossa legislação tirava elle um exemplo para mostrar que estavamos muito fóra da sciencia do evangelho: no codigo criminal dizia-se que furto era tirar a cousa alheia contra a vontade do seu dono. E ninguem pagava tributos por vontade, porém obrigado ou com medo da durindana da justiça. Logo, o magistrado furtava senão para si, com certeza para os outros, o que era peior *(risadas)*...

—O poder judiciario estava pois fóra do evangelho. Mas o fim da politica era a riqueza, e quando se tratava de reunil-a com a religião, apparecia o caso que se chamava civilidade e polidez. Fóra do christianismo não havia civilisação, assim era que S. João Baptista, trajando pelles grosseiras e comendo só gafanhotos, não fizera nunca milagres. Ao contrario, como Platão trajava ricamente, Jesus Christo lidava com todos os homens... A civilisação propria da politica era a riqueza temporal: quem tinha corpo, comia, bebia, dormia e exercitava todas as funcções; e para este exercicio era necessario aquillo com que se comprava os melões *(Risadas)* . . .

—Convinha acreditar uns nos outros; ao contrario tudo ficaria transtornado. Elle era o primeiro deputado do Brazil; fôra dos primeiros contemplados na representação do systema liberal no Congresso de Portugal em 1821 por parte do governo do Pará. E porque não fôra expellido da Camara n'esse anno de 1842 ? Porque Deus não o quiz. Era esta a razão de dizer elle que o governo não dissolvia a Assembléa *(risadas)*, porque ficaria um deputado dissolvido! *(Risadas geraes).* Isso era do evangelho e tão apostolico que estava expresso na sentença do apostolo do direito das gentes. *(Continúa a hilaridade, reina muito sussurro na casa).*

Restabelecido o silencio, Patroni proseguio nas suas destemperadas divagações e falou de tudo no mesmo gosto, sem

esquecer o genio mau de Satanaz que invertia, atropellava e pervertia tudo! Depois de definir o dominio conforme a etymologia latina e grega, declarou — «que *diabo* significava ou era o poder judiciario!» *(risadas geraes e prolongadas).*

Disse mais:

—que para julgal-o apresentava-se um juiz as vezes como um Araujo Pitada *(risadas)*, um taberneiro ignorantissimo e pauperrimo que vivia de esmolas de qualquer irmandade e sustentava que era um pobre homem do Pará, um tal Felippe Alberto Patroni que não prestava para nada, quem escrevia o *Correio do Imperador!* —que elle Pitada sim era uma grande couza! *(Risadas.)* E viessem dizer-lhe que o poder judiciario era para a paz e para a ordem! Não era tal; para a desordem sim! *(Risadas.)*

—Ninguem amava mais a classe judiciaria do que os seus patricios, e elle queria que, em lugar de uma relação com dez desembargadores, houvesse em cada canto um desembargador que fôsse juiz *do direito* e não *do torto*, *(Risadas)*... Devia fazer uma confissão, e era de ter elle pedido demissão de magistrado por convencer-se de que não podia ser justo com as nossas leis! Era bagatela um homem a sangue frio mandar perseguir ou matar outro? Affirmava-se que as leis eram bôas, mas a natureza? . . . .

. . . . . .

Como estas ha outras necedades, que não reproduzimos para evitar maior enfado nos leitores; não interessam nem admittem commentario serio. Imagine-se o que não diria ainda Patroni, se a Assembléa Geral legislativa não fôsse dissolvida como foi por decreto de 1 de Maio de 1842, tres dias depois d'este discurso, ao abrir da 7ª sessão preparatoria! Reatemos o assumpto interrompido.

## VII

*Codigo Remuneratorio de Portugal.*—Patroni vendo talvez mallogradas na sua patria todas as suas esperanças, resolveu ir a Portugal tratar da adopção de um intitulado *Codigo Remuneratorio*, cujo fim era, dizia elle, conciliar n'aquelle paiz os partidos e fundar a justiça publica, a paz interna, no amor do trabalho e na sua recompensa!

Esta mudança para fóra da provincia fêl-o tomar o alvitre de dispor dos bens que tinha e para tal fim publicou no *Treze de Maio*, n. 774, de 5 de Fevereiro de 1848, um cele-

bre e decantado annuncio que foi reproduzido e muito commentado em varios jornaes do imperio.

E' na realidade curioso e digno de ler-se o que elle diz ácêrca de alguns escravos cujas virtudes exalta, como quando trata da preta mina Lauriana e da crioula Euzebia, esta pela sublime vóz de soprano equiparada a de Catalani, e aquella pelo mingau de milho que vendia ao povo de Belem!

E emquanto o annunciante não chega ao porto a que se destina, não nos parece desarrasoado transcrever o tal annuncio, para que os leitores o conheçam. Eil-o *ipsis verbis*, tal qual consta do jornal alludido:

«O Doutor Patroni muda-se para Lisbôa, levando comsigo a familia, sua mulher e sua sogra, depois de pagar todas as dividas da casa. O fim desta mudança é promover lá perante o Governo e as Côrtes, a prompta adopção do *Codigo Remuneratorio do Reino de Portugal*, como unico meio de conciliar os partidos e fundar a paz interna no paiz pela sabedoria e justiça do poder publico, *amor do trabalho e sua recompensa*, que é o principio inconcusso e solido da *Biblia do Justo Meio*, base unica da *Algebra Politica*, isto é, da escriptura physica e naturalmente sagrada, da sciencia exacta da legislação e governo, alta sciencia da organisação social.

«Ora, a quem faz a Biblia do Justo Meio ou escreveu a Algebra Politica; a quem é o autor de taes obras *originalmente*: a esse de certo, e não a outro, compete, por dever de consciencia e honra, ir á Europa revelar os segredos da biblia, os arcanos da escriptura, os misterios da algebra, para honra de Deus e Gloria eterna das nações e seus governos. O Christianismo é a sublime equação do *Calculo do Anno Magno*. Aquelle que pretendesse negal-o, não saberia entender o propheta *Joel* citado expressamente por S. Pedro nos actos dos Apostolos, cap. 2 v. 20· «O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, *antequan veniet dies Domini magnus et manifestus*, antes que venha o grande e illustre dia do Senhor.

«COROLARIO

«Declara pois o annunciante, que está prompto a vender aqui no Pará alguns bens, escravos e casas; assim como os trocará talvez por quintas e terras sacramentaes, de pão e vinho em Portugal.

Os escravos do fallecido João Antonio de Azevedo Quebra são bem conhecidos n'esta cidade. Vender-se-ha cada um

d'elles conforme seu justo valor, na escala gradual de suas perfeições e defeitos ou virtudes e vicios.

«Regra geral: *á vista*, um preço menor; *a prazos*, metade mais, um terço á vista, dois terços a vencer o modico juro de 8 por cento ao anno.

«POR EXEMPLO :

«*Manoel*, cafuz, moço, carpinteiro habil, optimo pagem ou escudeiro, sem vicios, ganha *um mil réis* por dia : A' vista 1:000$000.—A' prazos 1:500$000.

«*João* e sua mulher *Theophila*, molatos escuros, aquelle de trinta e esta de vinte e sete annos; vendem-se juntos para uma só casa. Ambos sem vicios e com sentimentos de brio e de honra não vulgar em escravos. O marido é alfaiate soffrivel, e mordomo ou escudeiro ; dirige os outros com fidelidade e serve de casaca. A mulher cose, lava, engoma, cosinha, e faz tambem o serviço todo da casa com fidelidade e deligencia. A' vista 1:200$000.—A' prazos 1:800$000.

«*Anna Prisca*, preta crioula, vinte e nove annos, sem vicios e com prestimo immenso, pois sabe coser, bordar, fazer renda e alcochoado, lavar, engomar, cosinhar, vender quitanda, tratar de crianças, e servir uma casa. Tem duas filhas pequenas, *Amelia* de tres annos e *Petronilha* de onze mezes, que acompanham a mãi na venda. A' vista 1.000$000.—A' prazos 1.500$000.

«*Lauriana*, preta mina, fula ; grande carcassa da padeira de Aljubarrota, que com a sua immensa colher de páo a mexer a panella de mingau de milho cosido á melaço, dá merenda e almoço ao povo de Belém do Pará, e de noite conta á sua senhora um jornal certissimo de duas patacas por dia todos os dias que Deus dá no anno, sem falhar nunca um domingo. Seu filho *Mauricio*, de onze annos de idade, já sabefiar para uma rede todos os mezes, uma quarta de fio fino de algodão cada um dia, e aprende o officio de carpinteiro actualmente. A' vista 1.200$000.—A prazos 1.800$000.

«*Euzebia* (Maria), preta, crioula, trinta e seis annos, viuva sem filhos; sabe lavar, cozinhar, fiar algodão, vender na rua, e socar arroz. Verdade seja que é uma formidavel beberrona!... mas a troco d'isso, tem uma garganta de anjo, o mais bello soprano do mundo, a voz de Catalani em uma palavra; e canta admiravelmente a *Salve Rainha* por cantochão. A' vista 600$000.—A' prazos 900$000 . . . »

Depois de annunciar tambem a venda de quatro predios, accrescenta o seguinte:

«N. B. Ha mais couzas a negociar, escravos, casas, terras, gado, mobilia, dividas activas e passivas, faculdades, direitos, acções, etc. etc. Os pretendentes pódem dirigir as suas propostas *por escripto* á qualquer hora; o annunciante as fará receber em sua casa no Largo de S. João, para as decidir em tempo, enviando tambem por escripta as decisões ás moradas de seus respectivos autores.

«Quanto porém a ser procurado em pessoa pelos mesmos pertendentes, declara que só fallará de manhã pelas dez horas até ao meio dia, e á tarde pelas cinco até as seis horas. Belém do Pará, 2 de Fevereiro de 1848. *Patroni.*»

Pouco importa saber se foram ou não vendidos os bens mencionados neste annuncio. Não vem ao caso averiguar se obtiveram ou não bons preços os taes pagens, mordomos e escudeiros,—a tal beberrona de garganta d'anjo que cantava em cantochão a Salve Rainha—a grande carcassa que dava almoço e merenda a meio mundo, com o seu mingau de milho em panella grande, mexida com colher de pau!

O que cumpre é acompanhar o annunciante em sua excursão ao paiz onde ia promover a adopção do *Codigo Remuneratorio*. E fôsse ou não feliz na liquidação dos seus negocios, o certo é que elle só depois de dois annos conseguio deixar o Pará.

## VIII

Chegado á Lisboa em Março de 1851, Patroni fez reimprimir todos os seus escriptos sem esquecer o referido *Codigo Remuneratorio do Reino de Portugal*, dedicando-o á rainha e aos representantes da nação portugueza. A dacta da dedicatoria deste opusculo indica que semelhante trabalho é do anno de 1835, quando o auctor não tinha ainda a mente muito perturbada.

A linguagem pelo menos assim o demonstra, embora as deduções não justifiquem nem tornem mais procedente a theoria que elle procura sustentar.

O alludido codigo remuneratorio contém duas partes, a primeira com dez titulos e a segunda com trez: nesta tracta dos serviços especiaes que devem ser considerados como remuneraveis, naquella dos serviços e remunerações em geral. Forma um corpo de noventa e cinco artigos com um numero superior de paragraphos.

Pretendia Patroni nada menos do que substituir o castigo pela recompensa, premiando a virtude, o trabalho do negociante, o suor do lavrador, as obras do artista, as fadigas do sabio, os perigos do guerreiro, todos os actos em summa de merecimento e justo valor, conforme certas classificações e principios que estabelece tirando ao livro o caracter de seriedade. O clerigo, a freira, o navegante de galera ou brigue, o edificador de predios, o plantador de milho e feijão, todos os industriaes e industriosos em uma palavra, são contemplados. Nem o propagador da especie humana deixa de ser condemnado conforme o maior ou menor numero de filhos e descendentes que tiver!

Assim diz elle:

«O sacerdote que tiver a honra de official em qualquer das ordens, será isento de exercer o cargo de parocho.

A freira que tiver o mesmo grau, é isenta do cargo de porteira; e se fôr commendadeira, fica dispensada do côro e de todas as obrigações do convento . . . ». Assim diz elle ainda:

«Quem tiver cinco filhos, varões ou femeas, de matrimonio legitimo, todos vivos e maiores de vinte annos, applicados a um genero de vida util em agricultura, comercio, artes ou instrucção, será cavalleiro de uma ordem. Se tiver dez filhos nas mesmas circumstancias, será official. E assim por diante, duplicando o numero de filhos e correspondendo a cada um duplo o premio subsequente!...

«Quem tiver cincoenta descendentes entre filhos, netos e bisnetos, legitimos ou bastardos, de todas as idades, empregos e estudos, será cavalleiro. Se tiver cem descendentes, será official; e assim para diante duplicando o numero e o premio, como no artigo anterior» !...

O governo podia para tal fim crear quantas ordens honorificas julgasse convenientes, além das que já existissem, comtanto que não tivessem mais de cinco gráus,—de cavalleiro, official, commendador, dignatario e grão-cruz. Para completar o quadro das recompensas, haveria mais as pensões ou tenças de titulos de duque, marquez, conde, visconde e barão, e os tratamentos de digna senhoria, alta nobreza, excellencia, grandeza e senhoria.

As concessões dos premios e honras estavam a cargo de uma chamada—*Chancellaria das Recompensas*, a qual se guiaria por um catalogo de cidadãos benemeritos, formado das listas parciaes fornecidas pelos prefeitos de provincia e

camaras municipaes de todo o reino, com recurso dos prejudicados para o chanceller e deste para a camara dos deputados.

Haveria na côrte um *tribunal revisor* das obras litterarias, composto de trinta membros vitalicios e obrigados a rever e examinar quaesquer trabalhos, impressos ou manuscriptos, que chegassem ao seu conhecimento, publicando a censura que julgassem merecer com a necessaria declaração de serem ou não proveitosos, dignos de premio e vulgarisação.

Os empregados publicos teriam direito de exigir em cada anno de exercicio uma recompensa igual ao valôr de seu ordenado annual. Os inventores seriam premiados conforme o juizo de doze arbitros, devendo o valôr do invento ser pago a quinta parte em dinheiro e o resto em honras. As duvidas seriam decididas pelas côrtes depois de iniciadas na camara dos deputados. Os officiaes e praças do exercito, os agricultores e artistas teriam recompensas de titulos e insignias, e assim os outros cidadãos que prestassem serviços em qualquer ramo de trabalho.

Como se vê, não ha em tudo isto interesse algum, nem theoria que possa produzir o effeito miraculoso das previsões de Patroni. O systema de remunerações como elle o concebe, é mera utopia incapaz de realisar a reforma pretendida. E tão pouco apreço mereceu o decantado codigo remuneratorio, que nem a rainha, nem os representantes da nação portugueza a quem fôra dedicado, ligaram a minima importancia a semelhante trabalho, mórmente depois de divulgadas as demais producções de Patroni, producções que tornaram patente o seu estado de demencia.

## IX

*Prophecia do Novo Mundo*, impressa na typographia de Ricarda Pires Marinho, rua da Bôa Vista, n. 22, sendo editor responsavel João Maria Augusto Castellar.

Compõe-se este livro de escriptos que já haviam sido publicados no Pará com os seguintes nomes:—Ultima pagina do Capitulo do Golgotha;—Specimen das bases da constituição da Sociedade Universal;—Perolas em Beberibe;—Vectis libertatis;—Explicação da balança eleitoral;—Cirio de Nazareth;—Problema eleitoral;—Complemento da nota catholica ao prologo e lôas do Cirio de Nazareth;—Post scriptum das lôas do Cirio de Nazareth.

As noventa e duas paginas que contém este opusculo, formam um verdadeiro composto de sandices impossiveis de comprehender. Os trechos transcriptos nas primeiras linhas desta memoria conjunctamente com os dois versos do chamado *Cirio de Nazareth* provam cabalmente esta nossa asserção.

Entretanto, como amostra de tão extravagante trabalho accrescentaremos a declaração de Patroni feita no prologo de tal livro;—«de que elle só combatia os charlatães filhos do diabo, porque eram membros do reinado da trindade infernal do Apocalypse, composta de tres pessoas destinctas:—*Dragão* (charlatanismo litterario),—*Besta* (potencia tabernaria, concussão e simonia),—*Falso propheta* ou bestinha de dois cornos (o forum, a chicana forense do direito romano, civil e canonico)—»!

Accrescentaremos ainda o que se acha no artigo primeiro da *explicação da balança eleitoral*, nestes termos:—«Tem o nome de balança o systema eleitoral porque, sendo a oitava social composta de duas libras, a das leis e a das vocações ou a do poder legislativo e a do poder eleitoral, cada uma de 128 oitavas, caracteres, pessoas; claro está que, partida ao meio, ella a oitava social vem a figurar em cada balança ou libra 128 pessoas, nem, mais nem menos»!

Decifre quem poder estes enigmas ou como melhor nome possam ter! Entre outras muitas couzas disparatadas ha uma que se destaca pela excentricidade desmarcada:—é o modo por que Patroni procura achar o caracter, a missão e o futuro dos trez deputados geraes pelo Pará, eleitos em 5 de Setembro do anno que elle chama *quadrangular* de 43, dia em que já a *Sociedade Universal* (ecclesia catholica em grego e latim), accrescenta elle, celebrava a inauguração da *Companhia Simbolica*, na trasladação dos martyres de Lisbôa, pelo calendario romano, reduzindo o calculo eleitoral ás tres secções conicas formadas pelos 72 livros da Sagrada Escriptura, e indagando se os taes deputados tinham ou não o espirito de prophecia que era a nota caracteristica de quem conhecia a Jesus—! . . .

E o programma remuneratorio,—a despedida á côrte e ás provincias do imperio,—os mysterios de Carith,—o calculo da transfiguração? São outros tantos fructos de um espirito transviado e inteiramente perdido!

Não ha, nem póde haver apreciação possivel para semelhante obra bem como para as trez que ainda restam: limitar-nos-hemos por isso a brevissimas noticias sobre as mesmas.

X

*Annuncio do Capitulo do Golgòtha.* Contém varios escriptos com as seguintes denominações:

—Circular de Patroni aos homens esclarecidos de todas as nações e muito principalmente aos habitantes da Russia, Inglaterra e Portugal, cujos governos formam a trindade celeste do anjo architecto do Apocalypse;

—Problema de trez circulos de Begout resolvido na equação do valor dos trez nomes Lomonosof, Seimour, Drumond, enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios em Lisbôa no dia 20 de Abril de 1851;

—Varios problemas da Sociedade Universal encerrados no valôr do nome de Lomonosof;

—Relações algebricas de d. Maria 2.ª nos problemas de Lomonosof;

—Um raio osculador da voluta da parabola do pastoradouro (165 anagramma de 156) no valôr do nome de Seimour, ministro inglez em Lisbôa;

—Condições dos problemas da Sociedade Universal (ecclesia catholica em grego e latim) no valor do nome de Drumond, ministro do Brazil;

—Um mysterio da Biblia descoberto, a Babilonia do Apocalipse, o Governo inglez com o povo de Londres no calculo cometario por addição aos onze do labarum do 5º imperio em grande caracter apostolico, o novo caracter de S. Mathias.

Todas estas epigraphes são copiadas fielmente dos respectivos capitulos da obra, sem nenhuma alteração. Copiamol-as assim para que os leitores possam aprecial-as e avaliar a natureza e importancia de um trabalho que—«fazendo parte integrante da *Republica Christan dò 5º Imperio* ou da Sociedade Universal da Biblia do Justo Meio, conforme a propria declaração do auctor na pagina 12, deveria ser uma traducção da mesma nas oito linguas do Octaedro Social, a portugueza substituida pela italiana na primeira edição e accrescentando áquella na segunda edição a latina e grega, para servir de interpetração authentica do Evangelho Santissimo de Jesus Christo como lingua geral da humanidade ou grammatica philosofica do globo terraqueo e diplomatico da Sociedade Universal (contra os embates furiosos e frequentes adulterações do filho de Priamo, o raptor de Helena), á lingua de Santo Antonio de Lisbôa, de Vieira e Camões»! São as palavras textuaes de Patroni sem tirar nem accrescentar uma letra!

O espirito realmente fatiga-se com a leitura de tantos despropositos! As quarenta e seis paginas deste opusculo estam recheiadas de calculos, de numeros, de problemas, de citações evangelicas, de insanias que geram commiseração!

Definindo e explicando os nomes de certos homens illustres, declara que—Thiers significa *charlatão*,—Roberto Peel *ladrão a furtar*,—Russel *luz da liberdade*.—Palmerston *amôr dos infelizes*,—Pereira de Vasconcellos *contrabandista de africanos!*

E' neste gosto escripto todo o livro! A sua frasiologia é tão desordenada, que não permitte fazer o menor extracto!

## XI

*Torre de Menagem.*—Contém trez capitulos e seis supplementos com differentes escriptos sobre — Prophecia evangelica da revolução portugueza de 1851; Batalha de S. Miguel contra satanaz;—Corolarios propheticos;—Quadro geneologico da organisação social;—Discursos proferidos na camara temporaria em 1842;—Labarum do 5º imperio;—Problema do planeta 13º;—Cartaz de prophecias.

Com serem breves e resumidas, não deixam estas epigraphes de mostrar a natureza do livro! Seguramente o que Patroni ahi escreve em trezentas e trinta e uma paginas ou não se entende, ou é uma continuada serie de disparates, acompanhados de calculos incomprehensiveis e de citações innumeras de versiculos biblicos!

Conforme elle mesmo o declara, o seu intento — «era a união patriotica dos tres partidos portuguezes, legitimista, carlista e setembrista em honra do Crucificado, pela sciencia exacta do governo, com o evangelho da Algebra e Biblia de ambos os testamentos, na heroica, grande e divina revolução (Ximenes, S. Miguel, Thomar, Saldanha) feita na cidade do Porto no dia 24 de Abril de 1851.»!

Se isto não bastasse para pôr patente a insensatez do livro teriamos as estultas materias das quaes o mesmo se occupa, passando sempre de umas para as outras na mais incrivel desordem de raciocinios! Aprecie o leitor este trecho:

«Tuba, Terra, Maxillos, diz elle na pagina 46, Trombeta do juiz final, a terra da queixada (Recife de Pernambuco—America Meridional) com que Sansão matou mil philisteus e de cujo dente (8... 36) sahio agua para lhe mitigar o ardor da sede de *justiça*, *virtude*, *intelligencia*, *honra* e humanidade, em

que se lhe abrasava o coração. Aqui temos as trombetas dos sete anjos a tocar na curva que *tocou* na orla do vestido de Jesus (*tangente*)! e que estava com fluxo de sangue havia já doze annos»!

Aprecie ainda o leitor este periodo: —« Todo o barulho dos ultimos cinco versos do cap. 11 do Apocalypse, *relampagos*, *terremoto*, *chuva de pedra*, quem o faz é o 7º anjo tocando a trombeta, como está expresso no principio do verso 14... (*segue a citação em latim*).

«Logo, em se provando que o horoscopo de alguem, continúa Patroni, multiplicado pelo caracter 7, letra das columnas da casa da Sabedoria e Celeste Jerusalém ou Cidade Nova do Apocalypse, como escreveu o Espirito-Santo no livro dos proverbios, (*segue outra citação em latim*) dá em resultado a potencia 1885 valôr de *Simon Petros*, symbolo do calculo na origem divinal do *patrio poder* ou poder da riqueza ; provado fica ser esse alguem predestinado por Deus para figurar a pessoa do Simão Pedro, 7º anjo do capitulo 11 v. 15 do Apocalypse, que é o principio sagrado do calculo cometario e seculo do Golgotha por ser ahi o lugar do *Labarum* do 5ª imperio... etc., etc. (*pag. 89.*)

«Ergo, quod erat demonstrandum, conclue elle: O imperador da Russia, Nicolau Primeiro é o verdadeiro e real *Simon Petrus* do evangelho, o 7º anjo do cap. 11 do Apocalypse, o porta estandarte do capitulo 18 de Isaias, o 8º do Labarum do 5º Imperio...»!

Assim ou peior ainda prosegue o livro! Nada porém se encontra de serio acêrca da projectada união dos partidos politicos e do fallado Codigo Remuneratorio do Reino de Portugal ! Ha apenas nas primeiras linhas da chamada *Advertencia* uma especie de rogativa de Patroni sobre essas vagas aspirações.

Depois de referir o fim já declarado que o levára á Lisbôa, elle—«pediu que todos os homens illustrados e influentes dos trez partidos houvessem de proclamar-se seus mestres na sciencia social, indicando-lhe o livro por onde tinha de estudar as lições do *Direito Publico Universal;* e quando não o quizessem, ao menos se proclamassem seus condiscipulos no estudo das obras litterarias de Isaias, João Evangelista, Lucas, Paulo e outros agiographos...»!

Accrescentou—«que fazia este pedido pelo amor de Deus e dos homens, pelo amor da patria, da honra, da virtude, da sciencia e até pelo interesse privado, pecuniario e material dos

membros individuaes dos mesmos partidos, para dar auctoridade á Sagrada Escriptura entre os homens de bem, sensatos, judiciosos, illustres, benemeritos, virtuosos, justos, honestos, honrados, polidos, civilisados, esclarecidos» !

Este phraseado retumbante é textual e indica que Patroni nada havia conseguido a respeito dos taes planos de reforma, planos que já eram effeitos prenunciados de loucura!

## XII

*Specimen dos Estudos Biblicos do Reino Santificado Puro da Fé com as Promessas de Christo no Campo de Ourique.....* O titulo continúa e é tres ou quatro vezes maior do que o trecho transcripto ! Quem tiver paciencia de ler este livro chegará a compadecer-se da lamentavel condição em que se achava Patroni !

Os assumptos de que elle se occupa e a maneira esdruxula por que os desenvolve, são enigmas inteiramente indecifraveis, sem ordem nem ligação. Para conhecimento dos leitores que não tenham semelhantes obras, copiaremos algumas epigraphes pelas quaes poderão conhecer o valôr das ultimas producções de Patroni, publicadas em Lisbôa no anno de 1865.

Começaremos pela epigraphe do chamado *Apendice* ao referido *Specimen*; é a seguinte : —«Grande Processo Eleitoral Divino, Judiciario, Humano, Evangelico, Algebrico, Theologo, Mathemastico, Litterario, Scientifico, — e Justificação de Identidade Pessoal nos Actos dos Apostolos do Homem Deus Crucificado Jesus Christo, Filho de José de Nazareth e de Maria Santissima ou o que val o mesmo em Algebra» !

Em seguida ha : — um intitulado—*Escolio* do Appendice, —Uma *Nota* a este Appendice, — Uma *Sequencia* desta Nota, —Um *Post escriptum* da Nota com a respectiva *Sequencia !*

Cada epigraphe destas serve de synthese a varios assumptos destemperados que enchem paginas sobre paginas, mesmo porque ninguem as póde entender. Estão todas salpicadas de numeros e calculos inintelligiveis, e as poucas que não teem os taes *problemas algebricos*, nem por isso denotam melhor senso no auctor. Assim por exemplo na pagina 11 escreve elle estas linhas :

«Exige a transição da *materia* para o *espirito* com a *letra* em forma no *justo meio* do systema : § 1º que havendo-se estabelecido previamente a *dualidade dos caldeus* em Pa-

ris, França—Aveiro, Portugal pelos respectivos horoscopos e natalicios do imperador Luiz Napoleão Boarné, em francez *Beauharnais*, e de José Estevão de Magalhães, o grande orador parlamentar portuguez: § 2º agora se estabeleça tambem uma côrte, explicita, verdadeira, inducção evangelio—algebrica e soberamente logica, pela qual venham todas as pessôas intelligentes do universo a penetrar os arcanos da sciencia da escriptura ou mysterios da biblia...»

E' um mistiforio enfadonho todo este livro que ninguem, por mais fleumatico, poderá ler sem fadiga e aborrecimento. No conjuncto de tantos despropositos o espirito sente-se abatido, como se estivesse transviado e tonto no meio de intrincado labyrintho, sem saber por onde entrou, nem por onde deva sahir. O principio é tão incomprehensivel como o fim, um e outro tão desparatados como o contexto inteiro do trabalho.

Palavras soltas a esmo, frases inintelligiveis, raciocinios incongruentes, pensamentos truncados, periodos vasios de sentidos, proposições sem nexo, paginas limpas de ideias, eis em resumo o que é esta ultima obra de Patroni. Julgamol-a despida de interesse e sem nenhuma existencia quer para as letras, quer para a sciencia.

Identico juizo mais ou menos formamos das outras obras. Partos da mesma razão transtornada, todas participam da enfermidade moral do auctor. As raras excepções que nas primeiras producções apontamos aqui e ali, restrictas e de pouca importancia como são, não modificam, nem podem modificar esta nossa opinião.

Receiamos que não agrade a franqueza com que assim nos pronunciamos. Não importa. Patroni foi considerado até como propheta, e talvez ainda haja quem espere a realisação de suas prophecias! Temos mesmo ouvido dizer que algumas já se teem realisado!... Não importa, repetimos. Pensem como quizerem; quanto a nós, já é symptoma adiantado de loucura julgar-se o homem capaz de advinhar o futuro, como o é tambem acreditar-se nas previsões dos acontecimentos!

Concluamos com algumas considerações geraes que sirvam já de remate a este tosco trabalho, já de justificação ao nosso intuito. E' tempo de reparar o erro que por largos annos tem dominado com sacrificio da verdade. Diz-se que na terra dos cegos quem tem um olho é rei; e talvez n'este conhecido adagio se funde a fama literaria de Patroni. Mas hoje não ha mais no Pará tanta cegueira, que torne a nova geração refractaria á luz.

Os paraenses felizmente não têm sido estranhos ao progresso da humanidade, e aproveitando a moderna oculistica que dá vista aos cégos, não estão em condições de admittir rei que só tenha um olho, tanto mais sabendo que este ultimo póde ser vesgo, myope, até mesmo artificial sem serventia alguma visual.

Não é mais licito embair o espirito publico. Apregoa-se que chegamos á idade da reflexão, e força é desarraigar da mente popular as falsas apreciações, as crenças pueris da infancia: ridiculas umas, prejudiciaes outras, devem todas desapparecer diante da luz civilisadora do progresso, como as vizões phantasticas da noite, desapparecem diante da claridade do dia.

Os nevoeiros da manhan desfazem-se aos raios do sol; é natural que as celebridades de occasião, fugases e mentirosas como são, se desfaçam tambem aos reflexos luminosos da razão. As nomeadas convencionaes dissipam-se logo que arrefece o enthusiasmo nascido das affeições pessoaes, e muitas vezes não deixam o menor vestigio do seu ruido apaixonado. Perdura sómente a fama que tem por pedestal o verdadeiro merecimento do talento, do saber, das virtudes, do trabalho intelligente, dos serviços prestados á patria e á humanidade.

Ninguem se desvaneça com os louvores estrepitosos dos necios, nem com as manifestações encomiasticas dos amigos e aduladores. Os conceitos destes como daquelles são sempre suspeitos, ephemeros e sem valia: vozes perdidas no espaço, seus écos não repercutem ao longe: abafa-os o discernimento cada vez mais esclarecido das gerações que se succedem.

Os preconceitos, os erros populares não resistem por muito tempo á acção ruminante do tempo; cedem mais cedo ou mais tarde á evidencia moral dos factos que em permanente ebullição se agitam e purificam no cadinho da critica lenta, porém constante de cada dia. Não nos illudamos; entre os homens não duram os embustes, os pregões fatuos da ignorancia: no scenario do mundo representa e permanece sómente o que é real.

Dos pobres de espirito só é o reino do ceu.

Agora uma declaração que julgamos dever fazer nestas linhas finaes, para inteiro desencargo de consciencia perante os maldizentes que formigam em chusma por toda parte. Nunca foi nossa intenção deslustrar o nome do cidadão de quem nos temos occupado. Tratamos sómente dos escriptos

que elle mesmo divulgou pela imprensa. De sua individualidade nada dissemos; pelo contrario sempre a revereciamos cercando-a do respeito e consideração que merecia, attentas as suas virtudes civicas e particulares.

Antes da infelicidade que toldou-lhe os ultimos dias, Patroni foi um cidadão de amor ardente pelo bem da patria; —instruido e de honestidade inquebrantavel, nunca deixou-se corromper pelo sordido interesse, nem tambem tentou corromper a ninguem:—laborioso e economico, passou vida modesta, sem luxo nem ostentação. Nunca o fascinaram as riquezas e as honras frivolas do mundo; contentou-se sempre com a parca fortuna que herdára de seus antepassados.

Seja pois esta nossa declaração gravada na sua campa como sincero preito de homenagem á memoria de um simples homem particular. N'uma época em que se considera o patriotismo como mero jogo de especulações, já não é pouco poder-se esculpir tão benignas palavras na pedra tumular de qualquer cidadão cujo passado se queira honrar.

Patroni deve ter o seu epitaphio, ninguem o contesta; é este o nosso voto, e não duvidamos que tal seja tambem o desejo fraternal dos paraenses; mas queremos todos um epitaphio sincero, que represente com lealdade o finado sem expor o seu nome ao ridiculo e ao motejo. Sobre o sepulcro só se deve dizer a verdade. No asylo mortuario a lisonja é uma cruel impiedade dos vivos;—a mentira será sempre um escarneo pungente ás cinzas venerandas dos mortos.

Outros que lisongeem e mintam quando o queiram; nós não o fazemos nunca. Dar o que realmente é devido; render culto ao verdadeiro merito é principio eterno de justiça; mas exaltar o que não existe é zombaria, é maldade imperdoavel.

Barão de Guajará.

---

NOTA—*O Juizo critico sobre as obras litterarias de Felippe Patroni* foi pela primeira vez publicado, na Provincia do Pará, sob a epigraphe de *Felippe Patroni e suas obras*, e sem nome de auctor.

Publicando-o de novo em a nossa Revista firmamo-lo com a acatada competencia do Snr. BARÃO DE GUAJARÁ, auctor da bella obra *Motins Politicos*, de cuja penna sahiram os conceitos que permittem apreciar com verdade e justiça o merito litterario de Patroni.

Além das obras citadas pelo sr. Raiol na pag. 226, a Bibliotheca Publica do Pará possue seis volumes ineditos, da lavra do dr. Patroni e escriptos pelo seu proprio punho.

Dois d'elles pertencem a obra—*Compendio da doutrina social do Evangelho e mais livros da Biblia*, escripta em Lisboa, no anno de 1857; um encerra *O Corpus Juris de Roma, julgado na Biblia pelo Corpus Christi d'ambos os mundos. Tratado elementar da sciencia da unidade para servir de prologo literario ou philologico aos Rudimentos Biblicos do Christianismo*, escripto em Lisbôa (1853); dois constituindo os volumes 3º e 5º da—*Celêste e Terrestre legitimidade. Santa Popularidade. Testamento de Deus. Alliança do Ceo com a Terra. Imperio e sacerdocio de todas as nações, por graça e lei do Senhor escripta na Biblia ou Direito Constituinte do Poder Central d'ambos os mundos*, com as leis *theologicas da algebra politica em todas as escrituras da sciencia e da Revelação*. Lisbôa. (1856); e, finalmente, um contendo o *Supplemento da ultima pagina do capitulo do Golgotha*. Lisbôa (1860).

Estas obras em muitas de suas paginas, encerram verdadeiros enigmas indecifraveis, ou ideias absurdas, phantasticas e, por vezes, comicas; porisso não pódem reformar o juizo emittido pelo sr. Barão de Guajará, antes vêm robustece-lo.

Os capitulos são eivados de sommas, subtrações, multiplicações e divisões de numeros provindos de combinações exquisitas, que demonstram a enorme leitura e os conhecimentos variados do auctor, mas numa lamentavel confusão.

Basta um trecho para caracterisar os livros:

«Latitude gradual de Lisbôa, 38 | 11188.

Secções comicas e cometas, 3 | 294 Ekkklésia.

98 *Nodus encephali*, nó dobrado do Equador, nó gordio, protuberancia cerebral e ponte de Varolio do corpo social do mundo em unidade; ou Lisbôa na somma dos trez termos de sua latitude (38º 42' 18''=98) igual ao juiz e sacerdote ou doutor da lei e soberano pontifice *Hali* com seus noventa e oito annos (98) de idade a morrer cahindo da cadeira para traz, como he expresso no livro primeiro dos Reis, capitulo quatro (4), verso quinze (15) e verso dezoito (18).»

O resto é, com pequenas variantes, do mesmo estylo e da mesma essencia.

N. da R.

# Estudos de Philologia Onto-biologica

## Sobre as Origens das Palavras Tupys—Kouracy e Yâcy

*(Continuação)*

Para demonstrar as inexacções do facto linguistico e theogonico apontado pelo illustre ethnologo americano em sua obra *O Selvagem*, em a qual affirma como *ex cathedra:* «Que o *Sol* é creador do reino animal *ou mãe* (sic) de *todos* os viventes *(guaracy!)*, e que a *Lua* é creadora do reino vegetal ou mãe de *todos* os vegetaes» *(jacy!)* (Vid. part. 2, pag. 123); precisamos dar aos nossos leitores algumas breves noções sobre a phytologia experimental.

A planta é um ser organisado, vivente, mas privado de sensibilidade e de movimentos psychologicos, nada obstante o viver singular d'algumas especies de plantas como a *sensitiva mimosa et pudica*, herva que parece propriamente viver; pois basta tocar-lhe de leve na ponta de um de seus ramos para que logo toda ella, e todos elles, como sentidos, e aggravados desordenem a pompa e gala de suas folhas murchando se de repente, e como que vestindo-se de luto, até que passe a primeira sensação, volta em si a planta, espande novamente seus ramos, e torna a ostentar sua louçania.

E' planta amante do astro do dia —*Kouracy*— emquanto elle vive, vive ella; e em se pondo, com elle se sepulta encaracolando-se, ou no dizer indiano, *empuquecando-se* ou amortalhando-se em suas *caróbas*, como a chrysalida, tomando a côr do crépe, até passar o merencorio da *pituna*, e surgir os albôres matutinos da manhã: *coéma pirapiranga!* Segredo este só da natura e do sabio Auctor que a fez. Ainda mais mimosa é esta planta porque é a um tempo veneno lethal e anthidoto finissimo. Como a serpe contém em si o virus e a triaga, na folha o veneno, e o anthidoto na raiz.

Com ella os indios que são grandes herbolarios matam e curam a quem lhes apraz.

D'esta hervinha maliciosa disse o poeta Roucher:

*«Ah! je te reconnais, ó tendre sénsitive...*
*Seule parmi les fleurs, devant l'homme craintive!»*

São bem conhecidos os movimentos mui curiosos da *Dionœa muscipula*, (apanha moscas—*câmerú-muecica*, como dizem os nossos indios); suas folhas são outros tantos laços que cerram n'um instante e apertam os insectos; quem não conhece o encaracolado das hastes de certas plantas trepadeiras em geral, e as evoluções que fazem n'agua ou no limo as hastes ou os esporos de certas plantas aquaticas, v. gr. a *Vallisnería*, cujas flores destacam-se de sua haste e avançam ao encontro das outras flores para receber o pollen fecundante? O grande Delille cantou este phenomeno na sublime epopéa dos seus *Trois Règnes*.

Haja vista os movimentos dos *zoosporos* de certas algas que tem sido o objecto de numerosas e brilhantes investigações da parte de Thuret, Bonnet, Richard, Reinwald e Dutrochet. Vede as experiencias que o egregio physiologo Claude Bernard, em suas—*Leçons sur les phénoménes de la vie*—faz sobre a anesthesia das plantas e especialmente da *sensitiva*. Tudo nos indica que os *vegetaes* são sêres *virentes*, que crescem e movem-se autocinesicamente, isto é, executam por si mesmos movimentos periodicos, quer em consequencia de uma impressão ou excitação da propria natureza, quer em virtude da evolutilidade e da promorphose.

Quando se desce aos mais baixos degráus da escala animal e da escala vegetal (*câ-metá-metá*), encontra-se sêres (*zoé* ou *sequê*) em que os caracteres morphologicos e physiologicos parecem confundir-se e reunir-se. D'ahi os singulares phenomenos autocinesicos observados em certas plantas, que impelliram o philosopho Hartmann a descobrir n'ellas visos de percepção psychica ou sensação consciente, e induziram o nebuloso pensador Schopenhauer a admittir a existencia de uma certa *vontade* entre as plantas, nada obstante as reprimendas do seu collega Buchner.

D'ahi o facto comprovado por Cl. Bernard, de se deparar em alguns vegetaes *apparencias* de movimento voluntario sem *consciencia*, puros phenomenos d'*irritabilidade inconsciente*.

D'ahi os nomes de *zoosporangios* e *d'antherozoides* dados aos esporos e aos grãos pollinicos de certos vegetaes; d'ahi a celebre theoria do chimico Dr. Becham, que julga serem as plantas *colonias d'animaes*, e que como estes, são construidas por ENTES microscopicos, denominados *microzymas;* d'ahi afinal a chamada theoria unitaria ou *monisme*, ensinado por Darwin, d'onde surgiu o reino dos *Protistas* de Haeckel e os *Psychodiarios* de Bory Saint-Vincent.

E quaes são as condições indispensaveis a vida dos vege-

taes? São consoantes os dados da sciencia: o calor, a luz, a humidade e a composição da atmosphera. O calor é necessario a vegetação das plantas e a germinação das sementes. E' sabido que a *luz* actúa de um modo energico sobre as *plantas* como causa determinante de alguns de seus phenomenos, como sejam o heliotropismo, a funcção chlorophylliana. O sabio botanista Sachs demonstra cabalmente que as plantas verdes só decompõem o acido carbonc sob a influencia da luz; na obscuridade deixam de ser impressionaveis, *et eo ipso* estiolam-se e acabam por fenecer.

Mr. Jobart, illustre Director do Muzeu de Bruxellas, vae mais longe ainda e diz que, «é a Electricidade que faz subir a seiva das plantas.»

O sabio naturalista Desduits, accrescenta: —

«*Il est possible que le fluide electrique joue dans la nature un rôle vital des plus étendus.*

*Par exemple, il circule avec les fluides dans les plantes dont il excite les fonctions vegetales et il est probable que c'est à son action qu'est due la decomposition de l'eau et de l'acide carbonique opérée par les feuilles sous l'influence de la lumiére.*»

Ora, é hoje uma lei perfeitamente constatada na phisica experimental, que o movimento, o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo e a affinidade chimica são effeitos de uma mesma causa. Assim todas as theorias modernas, fundadas sobre os dados os mais positivos que nos fornecem a astronomia, a physica, a geologia, admittem que duas fontes alimentam os phenomenos calorificos, a saber: a massa incandescente collocada no centro do globo, e o *Sol*. O sol (*Koaracy*) no dizer do primeiro astronomo d'este seculo, o Padre Sechi: «Si n'est pas de tout la lumière *par lui même*, il est un agent que la met en acte avec une très-grand intensité: c'est un foyer d'actions lumineuses nombreuses et puissantes!» (*Le Soleil du P. Secchi. 2. ed.*)

*Koaracy*, pelo seu calor e pela luz que elle derrama por toda a superficie da terra, é, por assim dizer, o grande coração do universo.

E' incontestavel, pois, a influencia enormissima que exerce o *Sol* sobre toda a vida vegetal e animal que elle entretém de mil maneiras sobre a atmosphera, sobre os movimentos dos atomos e do mar, etc., de tal sorte que Mr. Faye, diz:

«Quand ce foyer de chaleurs sera eteint, la vie animal et *vegetal* qui auront depuis longtemps commencé a se resserrer vers l'Equateur, dispairaitront *entierèment* de notre globe.»

Além disso pelos phenomenos da chimica organica (thermodynamica) sabe-se que na *ausencia* da *luz solar*, nenhuma assimilação de carbone é feita pelas *folhas*, e que esta assimilação é tanto mais consideravel quanto a luz é mais intensa.

Sabe-se ainda que o *sol* transmitte ás *folhas* uma quantidade mais que sufficiente para a decomposição.

Quanto as numerosas reacções que se produzem no interior dos *vegetaes*, nenhuma só faz suspeitar a intervenção d'uma fonte d'energias outras que não sejam os atomos e o *Sol*.

Em resumo, póde-se dizer, que nos phenomenos chimicos dos *vegetaes*, não se manifesta nenhuma força que não tenha sua origem nas acções atomicas desenvolvidas pela luz do *Sol*.

Em presença do exposto, perguntamos nós, que influencia exerce a senhora *Jacy* do Sr. Dr. Couto de Magalhaens sobre as *plantas*, para ser ella a creadora (!) do reino vegetal e mãe (*cy!*) de **todas** as *plantas* (*já!*)??... Nenhuma. A não ser a sua influencia (ainda muito contestada pelos astronomos) sobre os movimentos atmosphericos e a acção que ella exerce sobre os phenomenos das *marés*, nós só vemos aquelles prestimos que ella realmente tem d'influir malefica e mysteriosamente sobre as epidemias, as doenças, os temperamentos e os caracteres. Ainda hoje toda a gente não deixa de olhar receiosa para as nuvens e de observar as conjuncções lunares.

Ora os nossos indios que com todo o fanatismo observam os costumes dos seus avoengos *(ce ra muya)*, elles que são verdadeiros phenominalistas, observadores sagazes (*), elles que mais do que nenhum outro mortal estão por natureza sujeitos as *influencias jacyanas*, elles que se serviam das suas phases para exprimir os mezes e marcar o tempo das suas viagens e perigrinações atravéz das florestas, elles que

---

(*) Era por occasião d'esta festa lunar que os indios se ataviavam com o seu manto piranga, artisticamente entretecido de variegadas e brilhantes pennas, cingiam a fronte bronzea com um diadema chamado *araçoya*, e emquanto as longas e vistosas plumas presas com fios d'*amanaiù* fluctuavam sobre as espaduas nuas, um simicirculo de osso alvissimo, *yâci*, descia a modo de golla sobre o peito. Eram assim ornados com braceletes de *marácáboia*, com collares chamados *boures*, formados de *muirakitans*, que os tupinambás — invocavam *Cairé* (*yaci-pura* ou lua cheia), e *Catiti* (*iacy peçáçú* ou lua nova), como outros tantos entes animados, passando assim do animismo ao anthropomorphismo puro.

celebravam o seu nascimento com grandes festas, (*) não podiam applicar-lhe um nome tão destituido de naturalidade, como o de *mãe* do *vegetal*, *jacy!* ...

Ao envez elles que conhecem por experiencia propria todos os *nomenos* e phenomenos da natureza, não podiam dar ao nosso satellite outro nome que não fôsse emprestado á natureza, e este nome, foi e é *Yâcy*, que significa *fonte de nova luz, fonte d'alegria.*

A *lua* era para os nossos indios uma especie de mytho cuja acção era—*tour á* tour *beinfaisante ou malfaisante*—aos animaes e as *plantas*... A Lua como as estrellas (*yâcytátá*) eram o seu *grand fetiche*, como é hoje a *Terra* para os nossos *positivistas*... *Yacy* era tida pelos indios americanos, como uma divindade subalterna, animica. No tempo d'eclipses, os Yucateques julgavam-na atacada e devorada pelas *saúbas*, e batiam os caens para que elles com os seus uivos afugentassem as formigas sélénophagas.

Os indios Antas, os Chiquitos, os Araucanos, como refere d'Orbigny, no seu *Homme americain*, consideravam a *Lua* como uma *mulher*, sua *mãe*, e no tempo de eclipses, acreditavam ser ella atacada por *iaúaras.*

Essas mesmas funcções que desempenha a Lua para com o homem americano não justificam de maneira alguma o systema thecgonico do Dr. Couto de Magalhaens.

Pelo contrario todos os dados da sciencia astronomica, physica, biologica e linguistica demonstram que o *verdadeiro creador* do *reino animal* e *vegetal*, o legitimo *pae* e a velha *mãe* de **todos os vegetaes** é o Sol — **Koâracy,** e não a Lua — **Yâcy**.

O proprio monismo naturalistico, o evolucionismo religioso e a philologia positiva estão d'accordo comnosco n'este ponto.

---

(*) Eis a razão porque o nosso romancista Alencar, e os poetas brazilianos G. Dias, Domingos de Magalhaens, Araujo e Machado d'Assis dizem que o nome de *Jácy*, vem do pronome—*já-nós sa* e *cy*—mãe, apesar da voz—*já* estar lusitanada, é mais plausivel esta etymologia do que a do Dr. Couto. E' sabido que ainda hoje as creanças (como os indios) chamam a lua sua *mamãe*, em alguns logares do Norte quando a lua está no seu apogeu, os meninos batem palmas e gritam—*Sá bençam mamãe lua?* !» Outro facto ainda em voga entre os nossos caboclos e tupinambás *civilisados*—é o barulho infernal que a gente da roça (e mesmo da cidade!) faz quando a Terra eclipsa a Lua, para afugentar, *disque* . . . o bicho ou o *uyára* que quer *comê* a *nhá Jácy* ! ! ! . . . . . .

# O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

(CONTINUAÇÃO)

## CAPITULO II

## ANTECEDENTES REMOTOS

## SEGUNDO PERIODO

Perdidas na extensão dos tempos passados, corriam entre os antigos varias lendas sobre um continente ou archipelago existente além das columnas de Hercules.

No *Sonho de Scipião* a terra é figurada como habitada em derredor, o que importa no reconhecimento da existencia de antipodas, que tambem foram reconhecidas no *Poema* de Manilio sobre astronomia. E' innegavel, pois, que os nossos antepassados d'esse tempo acreditavam na existencia de terras fóra dos seus paizes. Platão, baseado no que lhe fôra transmittido por seu avô Critias, ouvido de Solon, que mantinha relações com um velho sacerdote egypcio de Sais, descreve esse desconhecido como uma ilha quadrada que Jupiter anniquilou por se ter corrompido. (Nota 5).

Longe de ser uma parabola, como a qualifica Cezar Cantú, pensamos ao contrario que a affirmação de Platão encerra uma verdade, indecisa nesse tempo, mas que o futuro solidamente firmou com as subsequentes descobertas. A nosso ver essas crenças sobre a *Atlantide* tiveram origem em revelações dos navegadores phenicios nas suas expedições ao Baltico e as ilhas Sethland.

Nada mais natural do que, tendo transposto as columnas de Abyla e Calpe, os phenicios, levados por uma brisa de terra, avistassem os Açores. Segundo Aristoteles, os Carthaginezes descobriram, alem do estreito uma ilha deshabitada, cuja fertilidade facilitou-lhes o povoamento, que foi depois prohibido pelo senado.

Taes ideias se generalisaram tanto nesses tempos que raro é o escriptor que as não expõe. O mesmo Aristoteles cria na existencia de *grupos isolados* no hemispherio opposto; Strabcio e Mela, num outro mundo; Crates, em *duplos ethyopes;* os discipulos de Pythagoras em *um Antichton;* Cosmos Indicophentes, numa terra transoceanica, moldurando o parallelogramma do mundo, tal como o concebeu, isto é, como um soalho, em cujo centro se achavam os paizes habitados, rodeados de todos os lados pelo grande oceano, alem do qual, em um canto qualquer, se achava o Paraiso. Entre os gregos era crença corrente a existencia no occidente de risonhas paragens com deslumbrantes bellezas naturaes, cujos habitantes fruiam uma verdadeira edade de ouro, e cujo solo produzia tres vezes ao anno. Segundo algumas mythologias existia no occidente um paiz de felicidades, que os indios chamaram *Izapura* ou *Sueta duipa*, ou *Ilha branca do poente*, tambem chamada *grita* (resplandecente), *teja* (esplendida), *canta* (brilhante), *cirna* (deslumbrante), *schira* (lactea), *padma* (flor). Para os persas esse paiz de felicidades era a montanha *Asburi*, onde o sol se põe. Para os germanos era o monte *Asburgo*, que tiveram de transportar para o ceu por não o terem encontrado na terra. Confucio tambem collocou o paraiso no occidente.

De tudo isto se depende que eram crenças correntes não só a existencia de outras terras, como tambem a de um paiz de felicidades, crenças firmadas provavelmente na esphericidade da terra, solemnemente proclamada por Pythagoras.

Diante destas revelações do passado transmittidas pelos seus mais auctorisados representantes na sciencia geographica e dos conhecimentos que presentemente temos do nosso planeta, o que se deve concluir?

Qual será esse paiz de felicidades, que existia no Occidente?

Para nós esse paraiso ou paiz da felicidade, se existio, foi certamente na Amazonia, onde encontraram *risonhas paragens, com deslumbrantes bellezas naturaes* e onde o solo *produz varias vezes ao anno*. Effectivamente, não conhecemos região alguma em toda a superficie da terra, que apresente maior riqueza, e uma abundante e completa fonte de recursos naturaes.

O que mais faz realçar a primazia da Amazonia são os privilegios de que a dotou a Natureza, avultando entre todos o ter sido escolhida para esposa do rei dos rios, que a fecunda com as suas arterias de gigante.

E' este, sem duvida, o maior caracteristico da superioridade da Amazonia. Sendo o maior prodigio da Natureza no mundo hydrographico, o Amazonas constitue por si mesmo um mundo de bellezas, tão variadas como admiraveis. Depois de receber o tributo dos seus numerosos vassallos, gigantes alguns d'elles, grandes todos, atira-se ao Atlantico com uma risonha constellação de apprasiveis ilhas, ricas de productos naturaes. Grande numero de graciosas bahias e enseadas, emmolduradas nas verdes orlas de uma vegetação forte, vigorosa, bordam-lhe grande parte do curso. Os seus tributarios *Xingú* e *Rio Negro* variam-lhe a côr de trigo de suas aguas, aquelle com a côr do ceu, este com a côr do lucto e da dôr.

Nenhuma duvida pode restar sobre esta indiscutivel verdade—que a Amazonia, se não foi esse paraiso biblico do qual foram expulsos Adão e Eva, é incontestavelmente o paraizo da Humanidade, isto é, a parte do mundo onde a Natureza collocou o que possuia de mais grandioso e deleitavel.

E, em face d'estes dois dados, d'estas duas premissas:—a superioridade da Amazonia e a crença dos antigos em um paraiso escondido no Occidente—qual deve ser a conclusão?

A nosso ver—que no tempo em que a America se ligava á Asia pelo isthmo (hoje estreito) de Bekring, os americanos se communicavam com os asiaticos, levando-lhes informações do seu paiz. E como essas informações eram dadas com a humilde simplicidade das conversações populares, sem o estrondoso apparato das noticias scientificas, ellas permaneceram, sob a acção entorpecedora dos seculos, como vagas referencias sobre um paiz que não se conhecia. O cataclysmo que separou a America do velho mundo, interrompeu as communicações, deixando do lado de lá, como tenues nuvens no horizonte das tradições, essas ligeiras informações, e d'esta parte, os americanos ilhados no seu mundo desconhecido, até quando, após o feito de Colombo, entraram de novo em communicação com os seus irmãos do ultramar, que vieram encontrar uma civilisação que attestava muitos seculos de vida.

Fechado este parenthesis, aberto com o fim de conquistar para a Amazonia essa gloria perdida na noite secular de velhas recordações, voltemos ao estudo emprehendido da evolução nautica e commercial-maritima.

Pairando, como pairava, no ambiente psychico d'esses tempos, a crença na existencia de terras escondidas no mysterioso Atlantico, a natural curiosidade d'ahi resultante, excitada ainda mais pela ambição nascente de futuras riquezas até en-

tão perdidas n'essas desconhecidas paragens, animou os espiritos e deu lugar a todas essas viagens que do velho mundo se fizeram para aquem do Atlantico.

Aos *homens do norte (northmen*, normandos, ahi comprehendidos os suecos, norueguezes e dinamarquezes) cabe a gloria de terem por primeiros atravessado o Atlantico. Depois (chronologicamente falando) dos phenicios fôram os povos em que mais se pronunciou a vocação nautica, para a qual concorreram causas identicas: a proximidade do mar, excitando-os com os seus mysteriosos segredos, e as florestas dos Alpes Scandinavos, offertando-lhes os seus pinheiraes para a construcção de seus navios.

Deixando de lado as viagens de Other e Wulfstan ao Mar Branco, por pouco nos interessarem, occupemo-nos unicamente com as que se dirigiram para o Occidente, das quaes a primeira foi a excursão emprehendida ás ilhas Fdroe, a Thulé dos antigos, e ás ilhas Sethland. Outros expedicionarios que para lá se dirigiram mais tarde, fôram por uma tempestade levados para a Islandia, que, segundo alguns geologos, foi primitivamente ligada á America. E' a ultima Thule dos antigos e foi descoberta em 861 A. C. por um pirata norueguez, que lhe deu o nome de *Sneeland* (terra de neve.) O nome que hoje tem foi-lhe dado em 868.

Ingolf, á frente de muitos norueguezes descontes com o governo cruel de Haraldo, para ahi emigrou, fundando então uma colonia que em 920 estava bem adiantada e dirigida por um governo aristocrata. Em 996 foi introduzido o christianismo, e fruio muita paz e prosperidade até 1261, quando cahiu em poder dos norueguezes. Em virtude da união de Calmar que em 1397 reuniu na cabeça de Margarida Waldemar as tres corôas da Dinamarca, da Suecia e da Noruega, passou a Islandia ao dominio dinamarquez, ao qual ainda hoje pertence, tendo em 1630 adoptado a reforma religiosa.

Pouco tempo depois os *northmen* descobriram as ilhas Hebridas (Scidereyer) tambem chamadas meridionaes, e em seguida as de Man, que constituiram um reino dotado de um bispado. Continuando nas suas explorações, chegaram ás ilhas Sethland, d'onde expulsaram os Petos ou Papes.

Da Islandia, em rumo do occidente, Gund-Biorn, á frente de uma grande expedição, descobriu a Groelandia (Terra verde) que o islandez Erico Rauda começou a colonisar em 982, ignorando-se, porém, se foi á costa oriental ou á occidental que elle abordou. Essa colonia floresceu por algum tempo e veiu

a desapparecer em 1406. Frederico II, Christiano IV e Frederico III, reis da Dinamarca, empregaram grandes esforços pela colonisação d'essa possessão. No principio do seculo passado (1720 a 1736) um missionario dinamarquez, Egedo, fundou uma importante colonia a que chamou *Goodhaab* ( Bôa Esperança); e em 1773, a pedido do Conde Zinzendof, os irmãos morarios fundaram outra colonia, vindo a attingir a 16 o numero das colonias que eram quasi que os unicos estabelecimentos da Groelandia, onde um frio de 45° que dura quasi todo o anno, não póde facilitar a immigração.

O mesmo Biorn, indo uma occasião visitar seu pae á Groelandia, foi por uma tempestade arrebatado para sudoeste, vindo assim, por uma circumstancia toda casual, a descobrir uma terra, que Leif, filho de Erico Rauda, foi explorar. Nessa expedição Leif aportou a uma ilha rochosa, que chamou *Helluland*, indo depois ter a um paiz arborisado, a que deu o nome de *Markland* (Terra dos bosques). Continuando sua viagem, Leif descobriu um rio «de risonhas margens, sombreadas de arvores fructiferas, de clima delicioso, de ferteis suburbios, e onde abundavam os salmões.» Subiu-o até o lago, onde nasce, e ahi passou Biorn o inverno, tendo occasião de verificar que o dia mais curto era de 8 horas, o que quer dizer que se achava a 49° de latitude. Segundo Snorrus Sturleson, o paiz em que se achava Leif era a Gaspé, e o rio descoberto, o S. Lourenço, onde missionarios christãos alli chegados no seculo VI já encontraram o culto da cruz. A abundancia de uvas selvaticas deu ao lugar o nome de *Vinland*, e os naturaes ficaram sendo conhecidos por Skrelings ou pygmeus, entre os quaes Erico, bispo da Groelandia, implantou o christianismo.

Commissionados por um principe das ilhas Fdroe, os dois irmãos, Nicolau e Antonio Zeno, fidalgos venesianos, levantaram uma carta das terras descobertas pelos scandinavos, na qual incluiram a Islandia e as ilhas Fdroe, que ahi figuram com o nome de Frislandia. Encontraram na Groelandia um convento de dominicanos, aquecido por uma fonte de aguas thermaes, que permittia aos missionarios terem um jardim verdejante no meio dos gelos. Traficaram com a Suecia, a Noruega e a Islandia peixe e pelles em cambio de grãos, estofos de lã, lenha, mobilias e utensilios domesticos. Não dispondo ainda dos recursos da moderna geographia, os irmãos Zeno commetteram grandes erros: collocaram a Groelandia fóra do seu verdadeiro logar e a Frislandia a mais de mil milhas a oeste, e mencio-

nando ao sul da Groelandia duas costas chamadas Estotilandia e Diocéa. Ora nos annaes das descobertas maritimas d'esse tempo figura a de um navio de pescadores das ilhas Fdroe, que impellidos para oeste, após longa derrota, fôram ter a uma *ilha* (o gripho é nosso) denominada Estotilandia, onde havia uma cidade governada por um rei. Ahi encontraram um interprete que sabia latim e que por meio desta lingua ensinou aos scandinavos a lingua do paiz. O rei encarregou os naufragos de explorarem um paiz do sul—a Drocéa,—onde os naturaes os devoraram todos, com excepção de um a quem pouparam em attenção á sua grande pericia na pesca. A sua estada ahi lhe permittiu reconhecer o paiz que lhe pareceu um novo mundo, tão grande o achou, havendo para sudoeste gente mais civilisada, que já usava os metaes preciosos, e em cujos templos se immolavam victimas humanas. Voltando mais tarde á sua terra natal, o infeliz exilado relatou o qne tinha visto e observado, deprehendendo-se de tudo que a Estotilandia *(East—vut—land*, terra oriental, exterior) corresponde á Terra Nova; e Drocéa, á Nova Escocia e á Nova Inglaterra; assim como o povo a que se refere, deve ser o do Mexico ou da Florida.

Ao lado de Leif é justo collocar, como descobridor e colonisador, a Thorfinn, de uma familia rica, de sangue real. No verão de 1006 partiu da Islandia com dois navios, levando em sua companhia Snarro Thorbrandson, pertencente tambem a uma familia nobre. No outro navio iam Biorn Grimolfson e Thornall Gamlason d'Austfider. O resultado desta expedição foi o estabelecimento de mais uma colonia na Vinlandia.

A esta seguio-se, em 1007, uma outra expedição dirigida por Kalsifu, Snorro, Biorn Thornall, Thorbiorn e Thorward, e apparelhada com tres navios. Exploraram Westerbydgr, Biorney, Hilluland, Markland e Rialarmes, onde encontraram algumas dunas, a que chamaram Furdustrandir, depois das quaes dobradas, encontraram uma terra interceptada por bahias, que mandaram explorar por Hoke e Hekia, dois escocezes, dados a Leif pelo rei da Dinamarca, Olav Trygvasen.

No fim de 3 dias os escocezes, que tomaram o rumo de sudoeste, voltaram com cachos de uvas e espigas brabas. Terminada esta pequena exploração, os expedicionarios continuaram a sua viagem encontrando uma bahia e uma ilha, onde as correntes eram fortes, pelo que ficaram conhecidas por Straumfiord (Bahia das correntes) e Straumei (paiz das correntes). Ahi desembarcaram com o fim explorar o paiz indo

Thornall para o norte a procura da Vinlandia, e Rarlsefn Snorro e Biorn navegaram para sudoeste. Aquelle foi infeliz: depois de ter transposto Rialarmes e Furdustrander, foi por uma forte brisa de oeste atirado á costa da Islandia, tendo sido aprisionado com todos os seus companheiros, e redusidos á escravidão.

O resto da expedição composto de 51 homens capitaneados por Karlsefn, Snarro e Biom fizeram-se de vela para oeste, encontrando um rio que nasce de um lago, dando ao logar o nome de Hop, abundante em trigo bravo e videiras. Ahi tiveram varias luctas com os naturaes, negros, feios, desgrenhados, de olhos muito grandes, e rasto chato, tendo antes traficado com elles estofos de lã por couros e pelles. Os coutinuos ataques dos aborigenes, nas quaes Freydisa foi uma verdadeira Joanna d'Arc, os forçaram a regressar á patria.

Em 1011 continuaram os explorações á Groelandia e á Vinlandia sob a direcção de Elge e Firmboge, dois irmãos islandezes, que tiveram por companheira a heroina Freydisa, que desta vez deslustrou a sua vida, concorrendo para que seu marido assassinasse os dois irmãos e seus companheiros. Todas estas viagens tinham por fim enriquecer o grande estabelecimento de Thorfim, na Islandia.

Das narrativas que existem sobre a expedição que Thorwald Ericson mandou a Leifsbudir para explorar as costas do sul, deprehende-se que os expedicionarios permaneceram nas costas do Carnvecticut, de New-Jersey, de Delaware e Maryland. E, segundo documentos antigos, fronteiro ao paiz que outr'ora habitaram os esquimaus, muito mais ao sul do que presentemente se acha, havia perto da Vinlandia um outro paiz, onde se usava fatos brancos e varas com pedaços de estofo na ponta. Suppõe-se ser a Hevitramannald (Terra dos homens brancos) ou *Irland it mikla*, a Grande Islandia. De tudo isto se infere que esta parte da America não póde ser outra, senão a que se est nde do sul da bahia de Chesapeak, abrangendo a Carolina do Norte e do Sul, a Georgia e a Florida, opinião confirmada pelas indigenas, que desde o seculo passado emigraram da Florida, e se acham presentemente no Estado de Ohio. Entre elles existe a tradicção de que a Florida foi outr'ora habitada por um povo branco que usava instrumentos de ferro. A' vista de documentos antigos pode-se affirmar que foi uma colonia de christãos islandezes, que lá se fixaram anteriormente a 1.000, tendo em 983 ahi recebido o baptismo Arc-Marson, poderoso chefe de Reykianes, na

Islandia, que fôra lançado por uma tempestade. Este facto é narrado por Bofu, contemporaneo do neophyto islandez.

Pelo correr do anno 1285 dois padres da Islandia Adalbrando e Thorwal Helgazon descobriram a oeste da Islandia uma terra nova,cuja existencia foi mais tarde verificada por Lauda Bolf, ao mando de Erico, rei da Suecia, e que é a mesma *New-foaudland* (Terra Nova).

A' Sociedade dos antiquarios, com séde em Copenhague, deve-se a publicação de todas essas viagens feitas pelos normandos. Alem do fim puramente scientifico que se prende a essa publicação, aquella benemerita associação teve em vista principalmente reivindicar para os *Homens do norte* a gloria da descoberta da America, evidenciando ao mesmo tempo que Colombo só se decidio a emprehender a sua celebre viagem depois de ter em 1477 ido á Islandia, e ahi ouvido falar das descobertas dos scandinavos. *Antiquitates americand, sine scriptores septentrionales rerum ante-columbiarum in America:* tal é o titulo d'essa preciosa obra, com que a Sociedade dos antiquarios do norte dotou a litteratura historica. Contem oito *fac-similes*, quatro cartas e seis gravuras. A Carlos Christiano Rafn se deve tambem uma memoria que foi inserta na collecção de seus actos, como Secretario d'aquella associação, na qual reunio todas as publicações feitas sobre a materia.

Eis, em breve resumo, o grande e valiosissimo contingente com que esses ignorados *homens do norte* entraram para o descobrimento e subsequente colonisação da America. Se consideramos que n'esses remotos tempos a nautica não dispunha dos recursos de hoje e a construcção dos navios achava-se muito atrasada (15), subirá de ponto a nossa admira-

---

(15) Foi no tempo das cruzadas que se aperfeiçoou um pouco a construcção dos navios, que ainda não tinham a fórma e as dimensões dos actuaes, em que a applicação do vapor como força motora, determinou outras fórmas e outras dimensões e maior solidez, entrando o ferro a substituir a madeira na construcção do casco.

Os navios empregados nas cruzadas approximavam-se um pouco, na fòrma, das galeotas hollandezas..

Usavam apenas uma vela latina difficil de manobrar, e não offereciam as commodidades que o desenvolvimento da industria e do bom gosto introduziram nas modernas embarcações. Veneza usava no seu vastissimo commercio as galeras de que havia 5 especies, das quaes as maiores eram empregadas no commercio com Flandres, Inglaterra, Tana e Constantinopla. Tinham de quilha 34 metros. Havia alem disso as galeras ligeiras, com 11 metros; as naves lati-

ção pelos seus arrojados feitos, enfrentando corajosos e firmes um mundo de perigos e incertezas. Não cremos que sem o uso da bussola lhes fosse possivel desvendar o Atlantico, distanciando-se tanto das costas. Com quanto nada haja de positivo a esse respeito, somos forçados pela logica dos factos a admittir que foram os *northmens* quem introduzio na Europa o uso desse valiosissimo instrumento nautico (cuja invenção é attribuida aos chinezes), porque as suas viagens foram as primeiras que se fizerem através do Atlantico.

Cabe aqui indagar porque motivos ficaram por muito tempo ignoradas estas expedições colonisadoras por parte das grandes potencias da Europa, como succedeu após a descoberta de Colombo; por que motivos a Europa inteira quedou-se indifferente a essas descobertas.

John Fiske, em um bem lançado artigo publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 1891, explica em parte o problema attribuindo-o a duas causas: 1.ª a

---

nas com 18, e as naves quadradas com 20. As naves de beque tinham 101 remos.

Os primeiros navios portuguezes de que fala a historia, foram empregados no reinado de Sancho I na tomada de Silves. D. Diniz, o fundador da Universidade de Coimbra, deu grande impulso á marinha mercante, para cuja protecção assignou com a Inglaterra em 1308 um tratado de commercio, o primeiro na historia de Portugal. No reinado de D Fernando, tanto a marinha mercante, como a de guerra, attingiram maior desenvolvimento, pelo que a historia consagrou esse rei como o maior fundador do Portugal maritimo, sem esquecer o grande e sabio impulso que mais tarde lhe deu o Infante D. Henrique. Para o bloqueio de Sevilha em 1372 D. Fernando enviou uma armada composta de 32 galés, 30 naus redondas, afóra as que ficaram no Mediterraneo. Commandou-a Lançarote Peçanha, de origem genovesa. Por occasião da 2ª guerra de Castella uma outra frota quasi tão numerosa foi enviada ao Mediterraneo, soffrendo então o desastre de Saltes, attribuido ás imprudencias de Affonso Telles, que Oliveira Martins qualifica de fanfarrão.

A D. Henrique se deve a introducção da sciencia na arte de navegar, que melhorou muito com a applicação do astrolabio e dos profundos estudos feitos na Escola de Sagres. Desde então a navegação deixou de ser conduzida pelo accaso para o ser pela sciencia.

Convém notar aqui uma coincidencia. Na mesma semana em que partio a frota destinada á tomada de Ceuta, com que o Infante iniciou o seu plano de conquistas, morreu sua mãe, D. Philippa, exemplo de mãe, esposa e rainha, e que muito coadjuvou com suas exhortações seu marido e seus filhos na execução das emprezas projectadas pelos sabios de Sagres. Antes de morrer mandou fazer tres espadas cravejadas de pedras preciosas para seus tres filhos que iam ser armados cavalleiros em Ceuta. A rainha expirou no dia 20 de Julho de 1415, e a 25 do mesmo mez e anno partiu de Lisbôa a frota que abriu a porta ás glorias de Portugal. Este facto serve para realçar a força de animo do Infante, para quem a dôr suprema da perda de sua virtuosa mãe, foi impotente para impedir a prosecução da execução do plano projectado.

ignorancia geographica que impedio os normandos de comprehenderem bem o que taes viagens realmente significavam ou iam significar para a posteridade; 2.ª as condições politicas e commerciaes em que se achava a Europa no fim do seculo X.

A falta de conhecimentos precísos sobre a forma da terra e acerca das latitudes e longitudes não lhes permittio medir segurameute o valor das suas façanhas. Em nenhuma das narrativas que acima mencionamos se encontra a ideia de que as terras descobertas pelos normandos constituissem um mundo fóra da Europa : eram consideradas como logares desconhecidos alem da Groelandia. E d'est'arte taes descobertas não serviram (nesse tempo) para resolver algum problema scientifico e commercial.

Alem d'isso as constantes preoccupações internas em que se achava a Europa, que luctava para firmar a sua integridade, não lhe permittia distrahir-se com empresas exteriores. Toda a sua energia, todos os seus recursos eram exgottados n'essas convulsões internas, em que as diversas corôas luctavam pela constituição de seus dominios.

Desde o seculo X a Europa inteira agitava-se em grandes e renhidas contendas, em que os direitos das corôas reinantes, entrechocando os seus interesses, defaziam-se em continuadas campanhas, com as quaes visaram todas alargar e assegurar os seus dominios. O throno da Inglaterra foi violentamente arrebatado das mãos fracas de Ethalred pelo invasor dinamarquez Swend, pae do grande Canuto. Na Gallia, dividida em grande numero de ducados, o de França tomou a suzerania no tempo de Hugo Capeto, cujo filho, Roberto, o Bonanchão, teve de sustentar sem vantagem lucta encarniçada com os outros ducados. Otton III governava a Allemanha debaixo da tutela de Gerbert, um dos mais eruditos papas, que assim preparava a Germania para as grandes reformas de Hidelbrando. A Noruega, governada fracamente por Olaf Trygvasen, cahio em poder dos suecos e dinamarquezes, que repartiram fraternalmente tão preciosa conquista. Por outro lado os Hungaros ameaçavam a paz européa com as constantes preoccupações a que deram logar, vindo finalmente a constituirem-se devido aos esforços de Estevam, seu primeiro rei christão. A heretica Bulgaria foi por muito tempo uma ameaça perigosa para o imperio do Oriente, até que Basilio, o Macedonio, conseguio dominal-a. Na Iberia entrou, dominando-a, Almanzar que foi o portador do muzulmanismo.

Tal era o estado intimo da Europa com relação á sua politica interna e internacional. Em taes condições lhe era, se não impossivel ao menos muito difficil distrahir-se com emprezas, que demandavam tempo e capital. O tempo lhe era absorvido pelas incessantes guerras, em que se disputavam o predominio sobre direitos em contestação reciproca: e os capitaes dirigiam-se para o Oriente, que era desde muitos seculos a *great attention*, da Europa. Para ahi convergiam todas as vistas e todas as ambições.

Os fabulosos thezouros da Asia, numa forte corrente de attracção, chamaram a si as frotas e caravanas do Occidente.

Esta constante preoccupação com o Oriente, que absorvia não só todos os cuidados, como tambem todos os capitaes dos europeus, tambem concorreu, a nosso ver, para o esquecimento das descobertas das scandinavos, causando-nos extranheza ter ella escapado ao criterioso exame de John Fiske. Estamos convencido, pela analyse imparcial que temos feito dos factos comprehendidos no nosso objectivo, de que essa foi a mais poderosa das causas daquelle esquecimento.

A feição caracteristica dos tempos que vimos examinando, é essa eterna tendencia do Occidente para o Oriente; por isso vemos a Europa não cuidar de outra cousa fóra dos seus muros, se não de augmentar as suas relações com a Asia, da qual dependia o seu commercia e até a sua politica. Foi o proprio Oriente que determinou a descoberta de Colombo, cujo fim, caminhando para o occidente, era chegar ao Oriente ás Indias Orientaes. Ninguem ignora que, sahindo do porto de Palas, o immortal genovez, tinha em vista alcançar a parte mais oriental das Indias, esse ambicionado Eldorado, que gerou tantas ambições e deu logar a immorredouras glorias. Se não fosse esse intento de Colombo, imbuido das ideias e aspirações do seu tempo, não se teria operado esse estrondoso acontecimento historico, que veio dar nova feição á superficie da terra e á historia das raças humanas.

E' caso de indagar... (a quem? Não pode ser, senão o Tempo,)—se, não se tendo realisado nessa epocha a descoberta de Colombo, se a America seria mais tarde visitada pelos europeus e por elles colonisada. Não obtante o grande mysterio que envolve o problema, pode-se conjecturar que, quando mesmo outras causas não determinassem os europeus a atravessar o Atlantico, a descoberta do vapor os encorajaria a devassal-o á procura de novas terras. Os progressos da geographia, do nautica, da cosmographia e da construcção naval

seriam grandes auxiliares para essa empreza. Não é crivel que, dispondo do vapor e dos modernos instrumentos nauticos, os europeus deixassem de se atirar pelo Oceano afóra, á conquista de glorias e de riquezas. Quiz, porém, a ordem natural das cousas que em 1492 Colombo, abrindo a cortina da eterna officina de Jehovah, tirasse a America de lá, nas poeticas expressões de Castro Alves.

Uma outra cousa que tambem não deixou de occasionar o esquecimento das descobertas dos scandinavos, é que elles não gozaram das sympathias das nações européas, que os temiam como piratas, tendo um entanto nas suas aventuras concorrido para a fundação de colonias e reinos, como, além das colonias da Islandia, Goetlandia e America Sepentrional (Vinlandia), os reinos de Dublin, Ulster e Carmaught na Irlanda, pelo correr do seculo VII, sob o mando de Ivan Vidfamne, rei de Leithia que se fizera chefe de todos os principes scandinavos. Depois de terem fundado em França, cujas costas assolaram desde o seculo V, o ducado da Normandia, realisaram a conquista da Inglaterra em 1066, sob Guilherme, o Bastardo, e da Italia e da Sicilia, onde fundaram o reino das Duas Sicilias.

E' justo registrar aqui com toda a imparcialidade que devem ter quantos tem de estudar um individuo ou uma nacionalidade, é justo registrar, disiamos, o grande e precioso contingente com que esses aventureiros do norte entraram para a grande obra da civilisação. Se o seu temperamento guerreiro e nomada os atirou as aventuras da pirataria, não deixaram todavia de ser uteis á Humanidade e á civilisação. Justo é tambem dar-lhes a palma da descoberta do Novo Mundo, que devia no fim do seculo XV ser de novo encontrado por Colombo. A descoberta da America septentrional pelos normandos é um facto real, attestado por documentos antigos. Se não tiveram grande echo essas façanhas, nem despertaram uma corrente continua de immigração e colonisação, é que ellas se fizeram em uma epocha impropia para o seu apparecimento. Já foram explicadas as causas que determinaram o esquecimento em que por longo tempo permaneceram, até quando (1705) Thormodus Torfdus as divulgou e celebrisou, datando d'ahi o renascimento d'essas glorias passadas, soterradas por grandes camadas seculares, sedimentadas pela acção das causas já conhecidas da sua má comprehensão e do consequente esquecimento.

O largo periodo de tempo que decorre da obra norman-

da até 1492 caracterisa-se pela indifferença da Europa pelo Occidente, escondido mysteriosamente no *Mar Tenebroso* e pela sua velha e constante preoccupação com o Oriente. Desde tempos immemoriaes existia entre a Europa e a Asia um profundo antagonismo, que Herodoto salientou brilhantemente na sua Historia. Por isso não se pouparam esforços nem capitaes, não só para desenvolver o commercio com as Indias, como tambem para augmentar os conhecimentos geographicos sobre as regiões orientaes. As frotas e caravanas continuavam com affinco a cambiar as mercadorias de uma parte e de outra, soffrendo o commercio as alterações que as guerras e a politica internacional iam determinando. Assim foi que o centro do commercio oriental, que no tempo da maior grandeza dos phenicios localisava-se em Tyro, Sidon e Carthago, no tempo de Alexandre Magno, passou para Alexandria, d'onde se deslocou para Constantinopla, que o conservou até o tempo das cruzadas, vindo a ser no seculo XII, segundo a auctorisada opinião de Benjamin de Tudela, a cidade mais rica e bella, e a séde da mais alta civilisação que existia no globo. A quarta cruzada despojou em 1204 a rainha do Oriente do seu poderio commercial, com grande satisfação para Veneza, sua rival, que ficou sendo a senhora do commercio com o Levante, até que em 1261 Genova, alliando-se ao imperador grego, Miguel Paleologo, que foi collocado no throno byzantino, expulsou Veneza do commercio que se fazia pelo Bosphoro. Conseguio tambem dominar no Ponto Euxino e na Criméa, ficando assim com o monopolio do commercio que da Asia central se fazia pela estrada do norte. Com o desastre de Acre, em 1291, que deu em resultado a expulsão do christianismo da Syria, Veneza perdeu a influencia sobre o commercio da estrada do meio. Não obstante esta grande perda, com o auxilio do Papa, Veneza firmou tratados commerciaes com o sultão mameluco do Egypto, e dest'arte assegurou o commercio entre o Adriatico e o Mar Vermelho, e conservou o predominio no Peloponeso e em muitas ilhas do Mar Egeu e do Mediterraneo do sul.

Ao lado do movimento commercial é de summa importancia estudar o estado e evolução da geographia, que só em 1240 foi pelos mouros introduzida na Europa como sciencia.

A idéa exacta e minuciosa que hoje temos do pequeno planeta que habitamos, não era a mesma que d'ella formavam os antigos. O seu mundo comprehendia a parte occidental da Asia, o norte da Africa e o centro e o sul da Europa, tendo o Mediterraneo por centro do mundo. Devido a iniciativa dos

phenicios os conhecimentos se estenderam até o Mar do Norte e ao Baltico. Estava roto o mysterio que escondiam as columnas de Hercules. Sabia-se que o Atlantico se prolongava para oeste, e que a Asia terminava não se sabia onde. O Novo Mundo e todas as ilhas do Atlantico não existiam senão n'um labyrintho de lendas synthetisadas na symbolica *Atlantida*. A terra era para elles plana, e as idéas de latitude e longitude só se tornaram conhecidas depois da viagem de Pytheas, o erudito e destemido nauta marselhez, descobridor da Allemanha, que com toda a precisão determinou a posição de sua terra natal. A este grande nauta, que foi tambem um eximio astronomo, se deve o conhecimento da influencia lunar sobre o fluxo e refluxo das marés e a certeza de que a estrella artica não marca precisamente o norte. As viagens de Ctesias e Xenophonte augmentaram os conhecimentos geographicos sobre a Persia e a India, para os quaes tambem concorreram muito as expedições alexandrinas. Desde o tempo dos phenicios sabia-se que a Africa era uma peninsula, o que Eudoxio de Cysico confirmou fazendo a sua circumnavegação, que já havia sido feita por aquelle povo. Pythagoras, o celebre fundador da celebre Escola italica, proclamou com a auctoridade de sua fama, a esphericidade da terra, que se encontra tambem em Scipião, Manilio, Aristoteles, Mela e Crates que criam na existencia de autipodas. Claudio Ptolomeu, o immortal fundador do systema planetario que dava a terra como centro do mundo, o notavel auctor da *Sintaxis mathematica*, da *Analemine* e da *Optica*, reuniu na sua celebre *Geographia* todos os conhecimentos geographicos da epocha que ainda assim não eram exactos.

Colloca a foz do Ganges 46º (gráus) além do seu verdadeiro logar. Dá ao Mediterraneo uma extensão 20º maior que a verdadeira. Faz nascer o Pó perto do lago de Como; o Dara, perto do lago Pennino, fazendo-o descer para o lago de Guarda. Depois da foz do Pó colloca o Atrianus (provavelmente o Tartaro), esquecendo o Adige. Colloca Aquiléa e Concordia entre as cidades do Mediterraneo; e Altino e Adria em Veneza. Colloca ao occidente d'esta cidade os Brennes (provavelmente os Camus ou os Brerius) povos sem importancia. Dá como cenomanas as cidades de Bergamo, Mantua, Trento e Verona, que pertenciam aos Euganeanos, aos Levianos, aos Rhetinos e aos Venetos.

Todos estes dados fôram colhidos da bibliotheca de Alexandria e de informações ministradas por commerciantes que

frequentavam esta cidade. Ptolomeu foi quem primeiro usou as medidas de longitude e latitude. A Hypparco, grande astronomo e mathematico grego, se deve a applicação da mathematica á geographia, a descoberta dos equinoxios, a creação da trigonometria, a invenção da projecção stereographica e dos meios de determinar a desigualdade dos movimentos do sol e da lua. Calculou a distancia d'estes dois astros á terra; predisse o curso dos planetas e eclypses por 600 annos; construiu os primeiros astrolabios e formou um catalogo das estrellas. Bem poucos sabios têm sido tão uteis á Humanidade e ao seu progresso intellectual. Marinho de Tyro, aproveitando o methodo mathematico de Hypparco introduziu grande aperfeiçoamento na geographia.

Ahi termina a geographia antiga synthetisada na obra de Ptolomeu.

No seculo VI appareceu o livro de Cosmos Indicoplentes, a quem se deve o mais antigo mappa-mundi. Tendo-se feito monge em Alexandria, depois de ter viajado muito pela Ethiopia, Golpho Persico, India e Ceylão,escreveu um livro com o fim de defender a doutrina biblica, em opposição as theorias de Ptolomeu. Para elle a terra não é espherica, mas um plano rectangular, formando o soalho do universo. Os céos levantam-se das extremidades d'esse rectangulo, como as paredes de um quarto. Em cima, um tecto abobodado, onde móra Deus com os anjos. Na parte septentrional está a montanha conica, em torno da qual o sol, a lua e os planetas executam seus movimentos diarios. Durante o verão, em que o sol circula em torno do apice, a noite é menor, porque leva o sol menos tempo escondido; de inverno, em que circula em redor da base, a noite é maior.

Se por um lado a extravagante obra de Cosmos representa um passo atraz no campo da cosmographia, por outro lado adiantou muito com relação á geographia da Asia sobrepujando todos os seus predecessores. Dá informações minuciosas sobre a India e Ceylão, e tem uma idéa perfeita da China, que elle chama Tzinista ou Chinistan: é a mais remota das Indias, alem da qual não ha navegação nem paiz habitado.

Os missionarios nestorianos que chegaram até a China, tendo fundado sés metropolitanas em Rashgar e em Herat, não parecem ter adiantado qualquer cousa sobre a geographia asiatica, como tambem os arabes medievaes, que visitaram Sumatra, Java e Cantão.

Durante a hegemonia mongolica na Asia, fundada por

Genghkis—Rhau de 1206 a 1227,dois franciscanos fôram como embaixadores a Karokorum, que o Grão-Rhau fizera capital da Mongolia e residencia imperial. Um foi João de Piano Carpini, amigo e discipulo de S. Francisco de Assis, representante do papa Innocencio IV, partido em 1245; o outro foi Wilheleu Rubruquis, representante do rei de França S. Luiz, partido em 1253, sendo para lamentar que nenhum d'elles chegasse á China, tendo no emtanto estado com chinezes em Karokorum, e d'elles colhido exactas informações sobre a China oriental, as quaes ultrapassaram a tudo quanto até então se sabia a esse respeito, constituindo, por assim dizer, a porta por onde entrou no extremo Oriente a sciencia geographica, paralysada desde o tempo de Ptolomeu,

As narrativas de Rubruquis constituem um precioso thesouro na bibliotheca das viagens, não só pela minuciosidade das suas descripções como tambem pela fina observação e alto criterio que denotam. Tanto um como outro franciscano dão Rathay (16) como limitando-se pela parte do Levante com um grande oceano, informação que não é mais o resultado de vagas conjecturas, mas o corollario de conhecimentos reaes. E dest'arte ficou-se sabendo positivamente que a Asia limitava-se ao nascente por um oceano, da mesma maneira que a Europa a oeste por outro.

Estava destinado ao seculo XIII dar a chave d'esse grande problema que a ousadia de Colombo veiu mais tarde resolver. Desde que da parte oriental da Asia abria-se um grande oceano e da costa occidental da Iberia outro, a inferencia

---

(16) Nome dado na edade media á parte septentrional da China e que figura nos romances de cavallaria. Os primeiros nomes por que a China foi conhecida dos europeus foram *Seres* ou *Serica* e *Sirae* ou *Thin*. Aquellas denominações eram applicadas á parte norte oriental por caravaneiros que lá iam commerciar em sedas e outras mercadorias, seguindo o caminho do planalto central da Asia, partindo de Samarcanda, a segunda cidade do Rhanato (reinado) de Boukhara, sobre o monte (*Maria*) Robok. A' parte sul oriental chamavam *Sirae* ou *Thin* os commerciantes que iam pelo Oceano Indico até á India, onde ouviam falar dessa região. A denominação *Thin* deriva se de *Tchin*, nome da dynastia que imperou na China inteira no seculo II A. de C., e em parte della durante maior tempo. E' esta a opinião de John Fiske, que subscrevemos totalmente. Parece-nos tambem que a palavra portugueza *China* é derivada do mesmo nome *Tchin*, cuja sonancia é quasi a mesma. A derivação operou-se com a quéda do *T* inicial e o accrescimo do *a* final, necessario para tomar o nome feminino. Quanto a derivação de *Serica* somos levados a crer que nasceu do latim *sericum* (seda), porque tal denominação andou sempre associada ao commercio da seda.

Facto identico operou-se com o nosso paiz, cujo nome foi tirado de um objecto de mercancia—o páo—brazil, a *ibirapitanga* dos indios.

a tirar d'ahi é que bem se podia chegar por mar á costa oriental de Rathay, o que se tornava ainda mais facil pela crença então reinante e expressa por Bacren em 1267, que a distancia da Iberia a Rathay, por mar, não podia ser muito grande (17). Se mais ninguem tirou tal inferencia dos dados apresentados pela geographia da epocha, a logica dos factos nos assevera que foi baseado n'ella que Colombo concebeu o projecto de chegar ás Indias pelo caminho do Occidente.

As viagens dos dois franciscanos e dos tres Polos, Nicolau, Maffeu, e Marco, filho d'aquelle e sobrinho deste, que tinham uma grande casa commercial em Constantinopola, d'onde partiram para as suas grandes e fecundas viagens,—concluiram brilhantemente o trabalho iniciado pelos phenicios no seculo XXIV A de C, de conquistar passo a passo esse encantado Oriente, a principio tão mysterioso e sempre ambicionado, hoje, graças á actividade humana estimulada pelo interesse,—descoberto e conhecido em todas as suas mais importantes particularidades. Estava já traçado o caminho da *occidental praia luzitana* á costa da China.

O livro de Marco Polo (18) escripto em francez pelo seu companheiro de captiveiro de Genova—Rusticiano, filho de Pisa, encerrou com chave de ouro a serie de pesquisas e explorações a tantos seculos emprehendidas para o completo descobrimento da parte oriental da Asia. Mais que nenhum dos seus predeccessores, o insigne fidalgo venesiano apresentou ao mundo culto da sua epocha um consideravel numero de esclarecimentos para o conhecimento da superficie da terra. Foi o primeiro a traçar um roteiro em toda a extensão da Asia, em descrever a China em toda a sua vastidão, dando minuciosas informações sobre as suas colossaes cidades, manufacturas e riqueza commercial e industrial, e em falar do Thibet de Burmah, de Sião, da Cochinchina, do do archipelago indico com as suas especiarias e dos selvagens de Andaman. Descreveu tambem Java e Sumatra e o Japão

---

(17) Segundo Erathostenes era de 240ºa distancia entre a Iberia e as costas da China, opinião acceita por Strabão. Marino de Tyro calculou-a em 135º e Ptolomeu em 269º. Seneca, Plinio, Aristoteles e Alfergan acreditavam que bastavam alguns dias de viagem para se ir da Hespanha á India.

(18) Constitue um dos maiores movimentos litterarios da edade media. E' a base da geographia moderna e foi um dos mais importantes factores physicos da idéa de Colombo, que soube por elle que a costa oriental da China estende-se muito para o oriente, vindo a ficar bem perto das costas da Iberia e da Africa.

(Cipango ou Xipangu) que soube heroicamente repellir a invasão mongolica, inflingindo aos mongoes em 1281 uma terrivel derrota. Melhor do que ninguem descreveu o Indostão, e transmitte importantes noticias, colhidas de navegantes arabes praticos no oceano indico, sobre o Zanzibar, Madagascar e o reino semi-christão da Abyssinia. Dá tambem importantes noticias sobre o paiz da Horda de Ouro, situado ao norte da Persia, cujos Rhaus dominavam em toda a Russia, e refere de outiva os costumes da Siberia até o paiz dos Samoyedas com seus ursos polares e trenós puchados por cães. Identificou o lendario Preste-Johan (João, o Presbytero) (19) com um Tegral Wang, que foi um dos vencidos e mortos pelo valoroso Genghis. Em um mappa catalão que se encontra na bibliotheca nacional de Paris, foram encorporadas todas as viagens do Marco Polo.

Tal era o estado da geographia ao encerrar-se o seculo XIII, celebre, não só pelo desvendamento das ultimas paragens do Oriente, como tambem pelo apogeu e decadencia por que passou o papado, que então instituiu o jubileu; pela interferencia do povo nos negocios publicos e pelas descobertas dos espelhos de vidro e dos diques.

Já no seculo XIV frei Odorico de Pordenone (1316 a 1330), Francesco Pegolotti (1340) e Giovanni Marignolli (1338 a 1353) percorreram algumas nações do Oriente, sem, porém, terem dado avanço algum á sciencia geographica. Frei Odorico visitou o Indostão, Sumatra, Java, Cochinchina, o imperio chinez e o Thibet. Foi a este celebre monge que Sir John Mandoville plagiou, publicando como suas as descripções de viagens de frei Odorico, as quaes enxertou com opiniões de Plinio e Ctesias. Pegolotti escreveu um utilissimo manual para os viajantes que por terra se dirigiam á India e a Rathay.

Marignolli foi embaixador em Pekin do papa Benedicto XI, tendo visitado o Indostão e Ceylão.

Todas estas viagens, de Carpini e Rubruquis para cá cujo resultado principal foi o desenvolvimento das relações entre a Europa e a Asia oriental, foram devidas á liberalidade da dynastia mongolica que franqueou a todos os povos occidentaes os seus vastos dominios. Com a queda dos mon-

---

(19) Este lendario principe foi tambem um poderoso factor das descobertas realisadas pelos portuguezes no caminnho da India.

góes em 1360, estando no throno chinez *Chouriti*, e a subida dos *Mings*, cuja dymnastia foi iniciada por *Tai-tsou*, foram de novo levantadas as barreiras que separavam o *reino das flôres* do resto do mundo. A archaica Rathay continuou como dantes no seu isolamento secular. O commercio com o Levante, que no tempo do dominio mongolico avolumara-se consideravelmente, foi subitamente estorvado pelos retrogados *Mings* que encerraram a China nas grossas muralhas dessa concentração rotineira e quasi religiosa, que já se achava, como um vicio inveterado, inoculada na sua alma enervada pelo abuso do chá e do opio.

Por outro lado a invasão ottomana, cuja maior explosão foi a tomada de Constantinopla por Mahomet II em 1453, levantou outro obstaculo ao commercio com o Oriente. As naves das turcos, quasi todas empregadas na pirataria e que constantemente sulcavam as aguas do Mediterraneo, tornavam perigosa a navegação das naves christãs. Por terra, maior era ainda o perigo, porque para passarem ás Indias, era necessario ás caravanas atravessar os dominios ottamanos.

Foi diante d'estas difficuldades e da necessidade latente e sempre crescente de continuar o lucrativo commercio com o Levante, que se pensou em procurar um outro meio de chegar ás Indias sem correr os perigos a que se expunham as viagens pelo Mediterraneo e por terra. Esse meio era o Atlantico, e cabe a Raymundo Lullio (ou Lull),—o sabio mais encyclopedico da edade media, segundo a auctorisada opinião do Visconde de Porto Seguro (20) e que ratificamos plenamente —a gloria de ter sido o orientador d'esse caminho para as ambicionadas Indias e dos meios de tirar o commercio oriental das mãos dos musulmanos.

Eis-nos chegados ao momento historico em que se acham expostas as causas que determinaram as grandes e arrojadas descobertas maritimas do ultimo quartel do seculo XV, das quaes foi consequencia o descobrimento do Brazil.

Colhidos estes dados através das camadas seculares que temos estudado, recorrendo ás melhores fontes, tenhamol-os sempre em mente, para podermos comprehender historicamente o descobrimento do nosso paiz.

Dr. Raymundo Alvares da Costa.

---

(20) *Historia Geral do Brazil.*

# MONOGRAPHIAS PARAENSES

## Os exploradores da Amazonia

*(Continuação)*

X

*EXPLORAÇÕES INGLEZAS E HOLLANDEZAS NO SECULO XVI*

Na conquista da rica e immensa possessão, que a viagem de Cabral desvendara aos olhos avidos das nações maritimas da Europa, encontrou Portugal porfiada resistencia de hollandezes, inglezes e francezes, empenhados em partilharem com elle as riquezas da terra descoberta.

As primeiras tentativas tomaram o rumo do sul; as naus francezas, carregadas de pau brazil, mostram-se deante da esquadra de Martim Affonso de Souza quando o norte do Brazil era apenas conhecido pelas viagens de Pinson e Lepe; Villegaignon apparece no Rio de Janeiro, Thomaz Cavendish em Santos e São Vicente, James Lancaster em Pernambuco, Olivier van Noord na Bahia, antes que para o Amazonas partisse uma regular tentativa de colonisação.

Sir Walter Ralegh (1) refere que os francezes, já em 1583, traficavam no Amazonas, mas quaes fôram os traficantes e quaes as suas proezas é ponto inteiramente ignorado; os hollandezes, diz Laet, mostram-se no Amazonas antes de 1598.

Comtudo d'estas referencias não é possivel tirar uma narrativa detalhada das explorações porventura levadas a effeito.

Em 1594, Jacques Riffault visitou as costas do Maranhão, e na ilha da Trindade (de São

---

(1) *The discouvérie of the large, rich and beautiful empyre of Guyana*—Londres—1596.

Luiz depois) deixou entre indigenas amigos o celebre Charles des Veaux, gentil-homme da Touraine ; n'esse mesmo anno e no seguinte, Sir Robert Dudley e Sir Walter Ralegh exploraram a ilha Trindade (nas Antilhas) e o Orenoco, sem tocarem em ponto algum do littoral do Pará. (2).

*EXPLORAÇÕES INGLEZAS E HOLLANDEZAS NO SECULO XVI*

A estas expedições seguiram-se duas outras, d'esta vez pelo costa do Pará : Laurence Keymis, em 1596, enviado da Europa por Walter Ralegh, percorreu o estuario do Amazonas, desde o Araguary ao Cabo do Norte, e as costas da Guyana até ao Orenoco, e, logo no anno seguinte e ainda a mandado d'aquelle inglez, renovou Leonard Berrie a exploração, do Cabo do Norte ao Orenoco. (3).

## XI

*OS FRANCEZES NA AMAZONIA 1604—1613*

A primeira tentativa de exploração dos francezes nas costas do Pará, data de 1604.

Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, chefiou uma expedição que partiu de Cancalé, em 12 de Janeiro d'aquelle anno, aportando um mez depois no rio do Oiro, na costa d'Africa.

Ahi gastou a expedição outro mez, no appresto de um lanchão, depois do que fez-se resolutamente ao mar.

Pela tarde de 8 de abril, como fôssem visiveis os signaes de terra proxima mandou o piloto lançar a sonda que accusou vinte e cinco braças de profundidade.

D'ahi tirou o astuto piloto a conclusão de que singravam aguas do Amazonas !

Da confusa narração d'esta viagem, feita por Mocquet (4), deduz-se que os expedicionarios não entraram n'este rio, e que dos baixios do Cassiporé (*Caypour* diz aquelle auctor) seguiram, costeando, para o norte, e exploraram o Oyapoc e as terras de Guyana. (5).

---

(2) Visconde do Rio Branco—*Mémoire*—Paris—1898.

(3) Visconde do Rio Branco—Obr. cit.

(4) Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales & Occidentales faits par Iean Moquet.—Paris—1830.

(5) *Estudos Paráenses.* João Lucio de Azevedo—Pará—1893.

*OS FRANCEZES NA AMAZONIA 1604—1613*

A 15 de agosto de 1605, chegou Ravardière ao porto de sua partida de volta da viagem, e Henrique IV, então rei de França, deu-lhe o cargo de «*lieutenant-général du Roi ès contrées de l'Amérique, depuis la rivière des Amazones jusques à l'Isle de la Trinité.* (6).

Entretanto, Charles de Vaux embalde esperava Jacques Riffault, que lhe promettera voltar com grandes auxilios, afim de estabelecer o dominio francez na ilha do Maranhão, e assim resolveu voltar á França.

Como logrou elle transportar-se á Europa é ignorado ; sabe-se que elle lá appareceu com as curiosas narrações da terra onde estivera, crivando-as de exaggeros, adrede preparados para emocionarem os seus compatriotas.

Arrebatado pelas narrativas de Vaux, La Ravardière, diz-se (7), veiu verificar pessoalmente o grau de verdade de tantas riquezas apregoadas ; d'esta sua viagem não se conhece os detalhes,mas é facil concluir que a sua impressão foi excellente, pois, de volta á França, pediu e obteve do rei demissão do seu cargo de logartenente, e a permissão para fundar uma colonia ao sul do Equador.

Assignada esta concessão em 10 de outubro de 1610 (8), formou-se uma pequena companhia em que entraram o almirante Francisco Razilli e o abastado capitalista Nicolas de Harlay, senhor de Sancy.

Os associados fizeram construir tres navios, e equiparam-nos com quinhentos homens, de modo que La Ravardière partiu com a pequena flotilha em março de 1612, de Cancale, trazendo em sua companhia quatro capuchos : Yves d'Evreux, Claudio d'Abbeville, Arcène de Paris e Ambroise d'Amiens.

Uma terrivel viagem atormentou os expedicionarios, e pôz em experiencia o seu valor,

---

(6) Rio Branco—Obr. cit.

(7) Hist. de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan, Paris. 1614—Claudio do Abbeville.

(8) A concessão prescrevia que a occupação seria de 50 leguas para cada lado do forte que constituissem.

durante perto de cinco mezes, que tantos durou essa tormentosa travessia.

Na ilha do Maranhão, que os portuguezes haviam precedentemente chamado da Trindade, lançou La Touche os fundamentos de uma cidade que recebeu a denominação de São Luiz, em honra do rei de França (9).

O progredimento da nascente colonia foi rapido, graças á paz feita com os indios que, em aldeias chefiadas por francezes e missionadas pelos capuchos da expedição, excepto Ambroise d'Amiens, que á uma violenta enfermidade havia succumbido, pouco depois da chegada á ilha.

O esforçado chefe francez, depois de haver construido o forte de São Luiz, e fortificado os pontos mais importantes para a defesa da cidade, providenciando tambem largamente sobre as necessidades da sua colonia, teve a feliz ideia de alargar a sua posse de terras e, d'esta vez, felizmente, as explorações tomaram rumo do norte, isto é, o Pará entrou a figurar nos emprehendimentos coloniaes.

Em 8 de julho de 1613, com uma escolta de quarenta soldados, dez marinheiros e vinte dos principaes indios, partiu elle de São Luiz, saudado festivamente pelos canhões do forte.

Sem detença em ponto algum, foi aportar a Cumã, onde o aguardavam varias canôas preparadas para a viagem.

D'ahi, beirando a costa, passou além do Gurupi e chegou ao importante aldeiamento tupinambá do rio Caité: entre os indios amigos passou elle um mez, retomando em 17 de agosto, a viagem para o norte.

Depois de alguns dias, entrou a expedição pelo estuario do rio do Pará, então densamente povoado de tupinambás, que se mostraram amigos dos francezes e lhes facultaram mantimentos em abundancia.

Viviam os tupinambás sobresaltados com correrias dos camarapins, seus figadaes inimigos,

---

(9) Luiz XIII.

*OS FRANCEZES NA AMAZONIA 1604—1613*

que, havia pouco tempo, tinham morto tres filhos de um dos seus principaes; rogaram, pois, todos a Ravardière que lhes prestasse o auxilio valioso dos seus arcabruzes contra aquelles selvagens.

Mais de dois mil homens, francezes e indios, partiram pelo Tocantins acima, em busca dos bellicosos camarapins, e, em caminho, entraram nos rios Pacajás (10) e Parissó.

Bem cêdo, descobertos nas suas casas, viram-se os inimigos dos tupinambás rudemente atacados por estes e pelos seus alliados que, em menos de tres horas, dispararam mil e duzentos tiros.

Entretanto, apezar da surpreza do ataque por armas de fogo, os camarapins bateram-se com indomito valor, recusando sempre renderer-se aos seus atacantes.

La Ravardière preparava-se para continuar a sua exploração, tão bem succedida até ali, quando recebeu um aviso urgente de mr. Pisieux, que ficára governando na sua ausencia a colonia de São Luiz, prevenindo-o de que esperava-se a cada momento um ataque á cidade.

E' que os portuguezes despertavam por fim do lethargo, durante o qual os cubiçosos armadores trataram de occupar as suas terras do norte do Brazil.

La Touche abandonou todas as vantagens adqueridas e, sem demora e com a maior rapidez possivel, retomou o caminho do Maranhão, onde o aguardavam successos de summa importancia.

## Pacaiares e Parisop

O padre Yves d'Evreux nos refere que o grande exercito de Ravardière entrou nos rios dos *Pacaiares* e dos *Parisop*.

Na carta do Estado do Pará existe um rio denominado Pacajá, entre os rios Anapú e Ca-

---

(10) « . . . et entra en la rivière des Pacaiares et de lá en la rivière de Parisop» . . Voyage dans le nord du Brésil». Père Yves d'Evreux—Paris—1864.

maraipy; na emboccadura do mencionado rio fica a ilha Grande do Pacajahy.

*OS FRANCEZES NA AMAZONIA 1604—1613*

Teriam os francezes e os tupinambás entrado por este rio?

Não resta a menor duvida de que *Pacaiares* é uma deturpação de Pacajás, pois Ravardière, divergindo da orthographia de Yves d'Evreux, escreveu *Pacajazes.* (11)

Que tambem existiu no Pará uma tribu de indios Pacajás é bem sabido e abundum as citações dos autores sobre ella.

Entretanto, o rio a que se referiu Yves d'Evreux não póde ter sido o Pacajá que banha a cidade de Portel, porque torna-se pouco accaitavel julgar que Ravardière, abandonando as volumosas aguas do Tocantins, se internasse tantas leguas pelos furos e paranámiris da região de Breves e Melgaço.

Além d'isso o *Pacaiares* distava pouco do *Parisop*, o que nos mostra que, ficando *Parisop* no Tocantins, ahi devia estar também o rio dos Pacajás.

O que nos parece mais claro, mais consentaneo com a narrativa do religioso francez, mais admissivel e logico, é procurar-se no Tocantins aquelles nomes.

Entre a cidade de Cametá actual e a antiga posição d'esta, hoje Cametá-tapéra (12), existem duas aldeias, assaz conhecidas, na margem esquerda do Tocantins: *Pacajás* e *Parissó*, perto uma da outra.

Ahi, pois, esteve Ravardière antes de avançar contra os camarapins.

Mas talvez pareça que semelhante asserção vae de encontro a narrativa d'Evreux, que nos fala em dois rios d'aquelle nome, quando nos referimos sómente a duas aldeias.

O nosso douto e provecto compatriota dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins remove esta objecção de modo claro e preciso; os indios não podiam ter a comprehensão perfeita do que

(11) No *Summario* do que fez no Brazil.

(12) *Tapêra*, palavra indigena: de *taba*, aldeia, e *poêra goêra, êra*, fórma do preterito. *Tapêra*, taba que foi.

*OS FRANCEZES NA AMAZONIA 1604—1613*

é um rio na accepção geographica da palavra ; no seu vocabulario (dos tupis), o *y* (com o som proprio do *u* no francez) significava—*agua*,genericamente. Francezes e portuguezes traduziam tal vocabulo como *rio ; acaráy*, rio dos acarás ; *araray*, rio das aráras; *ypanema*, rio panema, isto é, que não presta.

Assim, pois, é natural que os tupinambás dissessem : *pacajay*, *parissóy*, a agua, o trecho do rio onde vivem, onde pescam os *pacajás*, os os *parissós;* provindo d'ahi, isto é, do *y*, a traducção de rio feita por d'Evreux.

Para corroborar esta sensata opinião, accrescentaremos que Ravardière não falou dos *rios* Pacajá e Parissó no seu *Summario*,pelo contrario e em abono do que diz o dr. Gonçalves Tocantins, escreveu : «Demais d'isto tenho mandado vinte e cinco francezes com um dos meus escravos, Principal de nação,a buscar uma canôa de tapuias 250 leguas dentro do rio Pará, que são em tanta quantidade que me offerecem cem canôas grandes, como os principaes me têm promettido, aos quaes eu falei em *Parijop sobre a terra dos Pacajazes*, *quando fui ás Almazonas*».

Um soldado da sua expedição, chamado Bault (talvez o proprio des Vaux) referiu que estivera *na terra dos Pacajazes da banda do Pará* (13).

Tudo, pois, nos leva a concluir que Ravardière seguiu pelo Tocantins acima e demorou algum tempo nos importantes aldeiamentos dos Pacajás e Parissós, hoje transformados nas pittorescas aldeias que bordam o Tocantins, entre Cametá e Cametá-tapéra.

## XII

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

O estabelecimento dos francezes no Maranhão era já conhecido do governo portuguez que recommendára ao governador geral do Brazil a necessidade urgente de expulsal-os d'ali.

Jeronymo de Albuquerque, tendo por adjuncto Diogo de Campos, foi o chefe da expedi-

(13) Mem. para a Historia da capitania do Maranhão.

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

ção enviada contra os francezes, e tanto valor pôz nos ataques, que, ao chegarem, em outubro de 1615, soccorros ao mando de Alexandre de Moura, os francezes tinham pedido a suspensão das hostilidades por um anno.

Desrespeitado o armisticio pelo novo chefe das forças portuguezas, obrigou-se La Touche a abandonar o Brazil, com a condição, porém, de lhe ser pago o que tinha na ilha.

Ainda a chegada de novos reforços, chefiados por Diogo de Campos e Martin Soares, levou Alexandre de Moura a exigir immediata entrega de tudo, dando aos vencidos apenas passagem para a Europa.

Daniel de La Touche pagou o seu *crime* com tres annos de prisão na torre de Belém, em Lisbôa.

Conquistado o Maranhão aos francezes, organizou Alexandre de Moura a expedição destinada á conquista e colonização do Pará, e deu-lhe para chefe o capitão Francisco Caldeira Castello Branco.

O contingente contava duzentos homens pouco mais ou menos, dos quaes cento e cincoenta eram soldados affeitos ás guerras com os indios, e os restantes officiaes, interpretes indigenas, etc.

Embarcou-se a tropa expedicionaria no dia 25 de dezembro de 1615, (14) em uma caravela, um patacho e um lanchão ; trazia como guia o

---

(14) Berredo, nos *Annaes Historicos*, e outros historiadores dizem que a expedição partiu de S. Luiz do Maranhão, estando adeantado o mez de novembro ; porém o capitão André Pereira, que fez parte dos expedicionarios e foi depois enviado por Castello Branco a Madrid, a dar conta do successo da empresa, affirma que a sahida verificou se no dia de natal de 1615. O texto do que escreveu André Pereira encontra se na obra *Viage del Capitan Pedro Tejera*, de M. Jimenez de la Espada, publicada em Madrid, em 1889, sob o titulo de *Relação do que ha no grande rio das Amazonas*, tendo sido extrahido do Ms. da Bibl. Real de Madrid.

O jesuita Jacintho de Carvalho, em uma chronica manuscripta da Companhia de Jesus, existente na Bibl. Eborense, confirma a asserção de André Pereira. Para esclarecimento do assumpto, vej. *Nota sobre a verdadeira data da fundação do Pará*, de João Lucio de Azevedo, Revista da Soc. de Est. Paraenses, tomo II, fasciculos I e II.

conhecido piloto Antonio Vicente Cochado, e eram commandantes d'aquellas embarcações os capitães Antonio da Fonseca, Alvaro Netto e Pedro de Freitas, coadjuvados por distinctos officiaes inferiores, entre os quaes contavam-se Gaspar de Macedo, Pedro Favella e Pedro Teixeira, que pouco adeante veremos illustrarem-se em esforçadas façanhas.

Seguindo sempre a costa e evitando com felicidade os baixos, attingiu a expedição, a foz do Tocantins, que Caldeira Castello Branco mandou navegar rio acima, pois todos os sitios, que até então vira, não satisfaziam a sua espectativa na escolha de local para a colonia que vinha fundar.

Os navios, seguindo a margem direita d'aquelle rio, passaram pela enseada da Barreta (15), percorreram o canal que separa a ilha de Collares do continente, atravessaram a bahia do Sol, costearam a ilha do Mosqueiro e, depois de transporta a bahia de Santo Antonio, entraram na bahia do Guajará (16).

Mostraram-se os tupinambás pacificos e decididos a auxiliar os portuguezes, pois ás salvas de artilharia, com que Castello Branco annunciára a sua chegada e seu poder nas armas, tinham respondido com uma linguagem cambalistica e amigavel, convidando os viajantes a desembarcarem.

Effectuado sem contratempo o desembarque, em fins de janeiro ou principios de fevereiro de 1616 (17), agradou-se Castello Branco de

---

(15) Na altura da cidade da Vigia.

(16) A estas duas bahias reunidas davam os tupinambás o nome de Saparará.

(17) Em face dos documentos, que conhecemos, baldou se-nos a bôa vontade em procurar o dia certo da fundação de Belém.

Berredo, Baena, José de Moraes, Accioly e outros registraram a data de 3 de dezembro, o que vae de encontro á relação de André Pereira e á chronica do jesuita Jacintho de Carvalho, que dão a sahida do Maranhão a 25 d'aquelle mez. Admittindo mesmo que a expedição tivesse sahido de S. Luiz *«estando adeantado o mez de novembro»* (Berredo), não podia ella chegar ao seu destino a 3 de dezembro, com uma viagem de dez dias apenas ou pouco mais, quando, em viagens posteriores, já

uma ponta elevada (18), inacessivel pela parte do mar e defendida pela de terra pôr um extenso igarapé, que, nascendo no alagadiço do Piry (19), ia desembocar a pouca distancia da ponta (20), e deliberou aproveitar as disposições favoraveis do terreno, construindo um forte, que devia servir de abrigo aos colonos, em caso de ataque.

Sem recursos para levantar uma bôa fortificação, limitou se a fazer de madeira o forte, que recebeu o nome de Presepio, em recordação do dia da sahida dos expedicionarios para a sua honrosa empresa (21).

Francisco Caldeira tratou então de erguer abarracamento para a sua gente, lançando d'este modo as humildes bases da povoação de Nossa Senhora de Belém, que collocou sob o patronato de Nossa Senhora da Graça, venerada em uma pequena capella, erguida dentro do forte.

A denominação de Belém, segundo affirma o jesuita Jacintho de Carvalho, proveiu da circumstancia de ter sahido Castello Branco do Maranhão, no dia de natal.

A's terras descobertas chamou Caldeira do *Grão Pará*, hybridismo este filho do equivoco em que laborava a expedição, julgando-se ás margens do Amazonas, que os naturaes chamavam *Paraná-assú*, de *Paraná* rio, e *assú*, grande, o maior de todos ; o augmentativo *Grão* portuguez, substituiu o *assú*, indigena.

Demarcadas algumas ruas e travessas, e ao começar a edificação das casas, ficou bem pa-

---

com os rumos e accidentes physicos conhecidos, gastavavam-se quinze, vinte e mais dias.

Se os portuguezes partiram do Maranhão a 25 de dezembro, levando em conta as sondagens, as paradas nocturnas, as cautellas de uma primeira viagem, deviam elles ter desembarcado no Pará em fins de janeiro on principios de fevereiro.

(18) Onde hoje está o Castello.

(19) Perto do arsenal de marinha.

(20) Onde hoje está a doca do Ver-o-peso.

(21) Mais tarde este pequeno forte foi substituido por uma fortaleza de taipa, que teve a denominação de Santo-Christo ; o castello, que ainda hoje vemos no logar das primitivas fortificações, é de construcção mais recente.

tente a pobreza de elementos dos conquistadores, a quem faltavam utensilios indispensaveis ao fabrico de suas habitações, mas este tropeço foi logo destruido, pois a habilidade indigena entrou a supprir vantajosamente a deficiencia de recursos.

A cooperação dos tupinambás tornou-se então de uma efficacia a toda a prova ; não faltaram mantimentos para se nutrirem, nem forquilhas, palhas e barro para fabricarem as habitações, nem noticias circumstanciadas do territorio que pisavam.

Cêdo, a 1º, 27º, 2º, de latitude sul e 5º, 20, 15º, de longitude oeste do Rio de Janeiro, erguia-se a humilde *Mairy* (22) dos selvagens, reclinada á margem oriental da graciosa bahia do Guajará.

Castello Branco, satisfeitissimo com o resultado ultraexpectativo da sua empresa, tratou de communicar a bôa nova do seu triumpho ao governador do Maranhão e ao governo da metropole, e pedir-lhes soccorros urgentes, para o que fez seguir na caravella da expedição, com destino a Lisbôa, os capitães André Pereira e Antonio da Fonseca, levando o afamado piloto Cochado.

Estes mensageiros tocaram nas ilhas de S. Domingos e Terceira, ficando n'esta ultima o capitão Fonseca, que na viagem se desaviéra com o piloto, e seguindo até Lisbôa o seu companheiro, que narrou pessoalmente ao vice-rei, marquez de Alemquer, todas as peripecias da empresa (23).

O aviso ao Maranhão assumiu proporções de temeroso commettimento, pois resolveu-se que a viagem fosse feita por terra, e deu-se ao alferes Pedro Teixéira e Antonio da Costa a missão de executal-a.

A expedição, composta de dois soldados e trinta indios amigos, partiu de Belém, em 7 de março de 1616, ao mando d'aquelles officiaes.

---

(22) Nome que os tupinambás davam á cidade.

(23) E' elle auctor da *Relação do que ha no rio das Amazonas*.

Conduzido pelos habeis guias que levava, o pequeno destacamento chegaria sem maior perigo ao seu destino, se, ao attingir o Caité, não fôsse victima de uma cilada dos selvagens d'aquelle rio, felizmente mallograda pela energia dos commandantes e briosa resistencia dos indios mansos.

Este ataque, comtudo, não teve importancia, pois bastou para rebatel-o a força de trinta homens, baldos de recursos e extenuados por uma longa viagem.

Em 7 de maio, a chegada de Pedro Teixeira a São Luiz foi causa de verdadeira e justa admiração de todos, maravilhados pelo feliz resultado de tão arriscada empresa.

Castello-Branco, nas cartas que confiara áquelle alferes, contava a Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que Alexandre de Moura deixara governando a colonia de São Luiz, o modo por que desempenhara a sua missão, e pedia-lhe immediato soccorro, pois estava informado, por testemunhas insuspeitas, de que os hollandezes tinham varios estabelecimentos nas terras do Grão-Pará, sendo, portanto, urgente desalojal-os.

Egual informação e egual pedido deu e fez em carta confiada aos cuidados do governador do Maranhão, a Gaspar de Souza, governador geral do Brazil, então em Pernambuco. D'este triplice pedido, o mais promptamente satisfeito foi o do Maranhão: Jeronymo de Albuquerque ordenou logo ao capitão Custodio Valente que, com trinta arcabruzeiros, grande numero de indios e dois mil cruzados em objectos proprios a facilitarem as permutas entre colonos e os selvagens, embarcados em varias canôas, seguisse para Belém.

Esta foi a segunda expedição portugueza que penetrou nas aguas paraenses.

Um facto providencial devia forçar as explorações no territorio do Pará, devia obrigar as pequenas forças da colonia a arrojarem-se leguas e leguas pelos rios a dentro: a invasão extrangeira.

E' ponto, fartamente comprovado, que os hollandezes e os inglezes antecederam os portuguezes na conquista da Amazonia.

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

Quando Ravardière ainda não recebera a carta patente, que lhe deu permissão para fundar uma colonia ao sul do Equador, já Charles Leigh occupava a margem esquerda do Oyapoc, em nome do rei da Inglaterra, e fundava a colonia *Principium*; já Robert Harcourt e Edward Harvey estabeleciam colonias na Guyana e exploravam o Araguary. (24)

D'ahi as frequentes viagens de inglezes e hollandezes á Guyana e ao Amazonas; em 1616, os segundos possuiam largas plantações nas costas de Macapá e até no Xingù, pois que havia uma companhia organizada para explorar as terras do Amazonas, e á frente d'ella acha-se a importante figura do burgomestre do porto de Flessingue, Jean de Moor.

Além d'isto o rei da Inglaterra, Jacques I, concedera, em 28 de agosto de 1613, cartas patentes a Roberto Harcourt, sir Thomaz Challonier e John Rovenson, o territorio comprehendido entre o Amazonas e o Essequibo, (25) e os beneficiados não haviam ficado inactivos.

E' claro perceber que heroicos sacrificios, que esforços tremendos, teria de empregar a diminuta tropa portugueza, para expulsar os intruzos, já bem estabelecidos, fortificados e de alliança feita com os indios.

De facto, era confiar sem limites na sua coragem indomavel a tentativa de semelhante empresa.

Em agosto de 1616, circulou a noticia de que um navio hollandez estava fundeado a umas quarentas leguas de Belém, e tanto bastou para que Pedro Teixeira, á frente de 20 homens, o tomasse de abordagem, fazendo-o pasto das chammas.

A terceira expedição portugueza chegou ao Pará em 22 de julho de 1617, chefiada pelo primeiro provedor-mór da capitania, Manoel de Souza Eça, que trouxe em sua companhia os capuchos da provincia de Santo Antonio, frei

---

(24) Visconde do Rio Branco—Mem sobre os limites.
(25) Visconde do Rio Branco—Obr. cit.

Felippe de São Boaventura, frei Sebastião do Rosario, frei Christovão de São José e frei Antonio da Marciana, na qualidade de commissario dos tres.

Estes missionarios constituiram no sitio denominado Una (26) um pequeno hospicio, que deu começo ao povoado, mais tarde grupado naquelle logar.

Os indios, primeiro que os hollandezes e os inglezes, provocaram as expedições guerreiras e com ellas o devassamento do territorio; a bella hospitalidade com que receberam os colonos, a paz e a amizade com que os colonos, desappareceram logo; os principios amistosos converteram-se em principios de acerado odio, cujas consequencias não se fizeram esperar.

Que factos annullaram a sympathia, a lhaneza de trato, com que os tupinambás receberam os colonizadores, não os registrou a tradição, mas é claro ver agindo n'isso a lei geral das conquistas.

O conquistador e o conquistado repellem-se necessariamente, quaesquer que sejam as suas primeiras demonstrações de agrado.

Conhecida a causa, analysemos os effeitos que levaram os portuguezes á destruição de dois importantes aldeiamentos indigenas.

Amaro, indio natural da aldeia de Cumã, affeiçoado dos francezes, de cujos missionarios recebera uma pequena instrucção, fôra commissionado por Castello-Branco, para levar umas cartas a Mathias de Albuquerque, no Maranhão.

Ao chegar á sua aldeia natal, concitou elle os tupinambás á revolta, dizendo-lhes que n'aquelles papeis estava decretado o exterminio de todos os indios.

Conseguido este infame intento, fôram durante a noite, traiçoeiramente assassinados 30 soldados, que guarneciam o forte ahi existente,

———

(26) Quando, em 1782, o governador José de Napoles Tello de Menezes tentou reerguer o Una á sua antiga prosperiedade, deu-lhe o nome de *Penacóva*, em recordação da villa d'este nome, uma das mais antigas de Portugal.

e todos os demais portuguezes, incautamente entregues ao somno nas barracas de Cumã.

Esta carnificina foi o grito geral da guerra.

Animados pelo exito feliz da sua nefanda proesa, seguiram os assassinos no intuito de surprehenderem Tapuya–Tapéra (27), mas encontraram ahi Mathias de Albuquerque, que os derrotou em varios encontros, obrigando-os á precipitada fuga.

A noticia d'estes acontecimentos, levada com extrema rapidez a todas as tabas, chegava dentro em pouco ao Pará.

O triumpho cobarde de Cumã e as derrotas de Tapuya-Tapéra inflammaram o animo guerreiro dos selvagens; o levantamento foi geral e tremendo, especialmente em *Cujú*, *Mortigura* e *Iguapé*.

Organizada uma força para bater os amotinados, fôram investidos do commando o sargento Botelho de Vide e os capitães Alvaro Netto e Gaspar Freitas de Macedo.

O primeiro ataque effectuou-se na aldeia do Cujú, onde os tupinambás deixaram no campo grande numero de mortos e feridos, e fugiram rapidamente para o recesso das florestas.

De Cujú passou-se a Mortigura, que os selvagens, sabedores d'aquelle desastre, tinham abandonado, refugiando-se nos sertões do Iguapé; ahi Botelho de Vide destacou um contingente de dezesete homens e alguns indios, commandado pelo capitão Gaspar, para seguir no encalço do inimigo, e regressou com o resto da força a Belém.

Baldo da precisa experiencia da guerra com os selvagens, o pequeno destacamento internou-se imprudentemente na matta, onde teria succumbido ás terriveis guerrilhas do inimigo, se uma prompta retirada, na qual foram, em todo o percurso batidos os atacantes, não o houvesse posto a salvamento do exterminio. (28)

---

(27) Hoje cidade de Alcantara, no Maranhão.

(28) Na carta actual do Pará não encontram-se as denominações *Cujú*, *Mortigura* e *Iguapé*.

Procurando nas cartas antigas a villa ou aldeia do *Cujú*, em

Os tupinambás, raça valente e audáz, não abateram-se deante das sanguinolentas mortandades de Cujú e Iguapé; a cerviz do sangue americano não dobrava-se pela morte de centos de homens; cêdo o alferes Francisco de Medina, com um piquete de vinte soldados, foi enviado a bater os selvagens do rio Guamá.

Apenas avistada pelos tupinambás a escolta portugueza, vogaram contra ella duas grandes canôas, chusmadas de indios, e o combate travou-se nas aguas do rio, com denodo e pericia mutuos, mas abordadas as embarcações, a vi-

---

vão se o faz; Berredo, nos Annaes Historicos diz-nos que Diogo Botelho «descarregou os primeiros golpes na aldea do Cujú (que além de fer huma das mais populofas dos mefmos Indios, eftava fornecida de todas as outras, como efcolhida Praça de Armas para a oppofição dos nossos progreffos)».

Monteiro Baena, nas «Eras», referindo-se ás aldeias do Cujú e Mortigura, apenas accrescenta o detalhe de que eram ellas «visinhas da cidade».

Nas terras do Paranámiri do Guarápiranga, districto do Guajará-miri, corre o igarapé *Cujú*, em cujas margens esteve a aldeia indigena desse nome.

Quanto aos «*sertões do Iguapé*», achamos apenas um elucidamento na «*Descripção de todo o maritimo da Terra de Santa Cruz, chamada vulgarmente Brazil*», do citado João Teixeira, cosmographo da corôa de Portugal.

Na carta manuscripta da costa do Pará e da Guyana portugueza, que faz parte do referido trabalho, acha-se figurada a emboccadura do Amazonas assás incorrectamente; as ilhas do vasto estuario d'este rio tomam toda a largura das costas de Macapá á margem direita do Tocantins; a ilha dos Aruans, que deve ser a de Marajó, vem figurada muito menor do que outras.

Em uma ilha acima de Belém assignalou Teixeira duas tribus de indios com os nomes: Provincia dos Pirapes, Provincia dos Andurcs, e na parte do Norte menciona um rio com a denominação de *Iguapé*.

Referindo a posição d'esta ilha ao mappa actual deve ser ella uma das que se estendem desde Beja até Igarapé-miry.

Segundo Baena, a *aldeia de Mortigura* era a actual villa de Conde, á margem da bahia de Marajó, que também teve aquelle nome, porém o padre Samuel Fritz, na sua importante carta manuscripta de 1707, do «*gran rio Marañon e Amazonas Con la Mission de la Compañia de Jesus Geograficamente delineada*», marca *Mortigura* em uma ilha fronteira á cidade de Belém, na posição da ilha hoje chamada das Onças.

Nos quer parecer que o engano está do lado de Fritz, pois no anno em que o mappa foi organisado já os jesuitas missionavam a aldeia de *Mortigura*, mais tarde, em 1757, elevada á villa de Conde pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, aldeia esta que ficava á margem da bahia de Marajó e não em ilha fronteira á cidade.

ctoria coube aos portuguezes. Ainda os indios pouco depois, chamaram os invasores a novos commettimentos; Jeronymo Fragoso d'Albuquerque, por ordem do governador geral do Brazil, exercia, em 1619, o cargo de capitão-mór, investiu contra os tupinambás e os derrotou em Igarapé-miry, Guanapú (29) e Carepi.

Ao passo que os indigenas attrahiam os portuguezes para os furos, rios e paranás da região cortada pelo Guamá, Capim, Acará e Mojú, do outro lado do Amazonas reclamavam-nos os extrangeiros, já então solidamente estabelecidos.

Gurupá figura em primeiro logar; em 1623 os hollandezes tinham ahi o grande estabelecimento fortificado de Mariocay, do qual foram desalojados n'esse mesmo anno por Bento Maciel Parente, capitão-mór do Pará.

Maciel Parente, sobre os destroços das fortificações inimigas ergueu um forte, muito importante relativamente aos recursos de que dispunha, e ao qual chamou *Santo Antonio de Gurupá*. D'ahi originou-se a actual cidade d'este nome.

Os chronistas que narram as luctas entre portuguezes, hollandezes e inglezes, referem-se a uma ilha dos *Túcujús*, onde Maciel Parente descançou a sua tropa, depois do combate de Mariocay, e que figura em varias outras empresas.

Candido Mendes pensa que tal ilha devia ser a de Gurupá o general Berredo, nos «Annaes Historicos», fala, não poucas vezes, n'essa ilha, que diz ser uma das jacentes no estuario do Amazonas.

Monteiro Baena, escrevendo as «Eras», viu-se embaraçado neste ponto e conservou a ilha dos Tucujús, se bem que fosse de opinião que as luctas com os extrangeiros se passaram nas costas de Macapá, e que Berredo laborara em erro, falando de tal ilha.

---

(29) Furo hoje conhecido com a denominação de rio *Anapú*, e marcado em cartas antigas como rio *Guanapú*.

O illustre sr. Ferreira Penna, tratando d'esse assumpto, não acceita a affirmativa de Candido Mendes, e conclúe que ou a ilha de Sant'Anna é a dos Tucujús, ou Berredo, illudido por um erro dos seus predecessores, considerou as costas de Macapá como fazendo parte de uma ilha.

A consulta ás cartas antigas nos dá a convicção de que a ilha dos Tucujús não existiu, pois os cartographos são concordes em assignallar as costas de Macapá com a designação de *Provincia do Tucujús*; assim acceitamos que Berredo se illudisse n'este ponto.

Em 1625, o Xingú entrou a figurar nas empresas portuguezas; o valente Pedro Teixeira, em 23 de maio, tomou o forte hollandez de *Mandiutuba* (30), construido e commandado por Nikolaas Oudaen.

Escapando habilmente aos golpes portuguezes, o commandante hollandez, com parte da guarnição, buscou abrigo entre os inglezes que, desde 1623, possuiam dois estabelecimentos no rio Cajary (31) *Tilletille*, seis leguas acima da confluencia d'este rio, e *Uarimiuaca*, cinco leguas distante do primeiro.

Teixeira, porém, foi-lhe ao encalço e o aprisionou, bem como ao irlandez James Purcell, depois de se haver apossado de um pequeno forte, que este commandava, na foz do rio Felippe (provavelmente o Cajary).

Este mesmo Teixeira, que tão relevantes serviços havia já prestado e que tantos prestaria ainda, de modo a fazer jús ao posto de heróe mais saliente na conquista do Pará, teve a gloria de ser o primeiro a penetrar no bello Tapajós.

Em 6 de outubro de 1626, recebera o capitão-mór Manoel de Souza Eça as redeas do governo das mãos de Bento Maciel Parente.

Bem arduo tornava-se o cargo de admistrador da colonia, pois a falta manifesta de recursos

---

(30) Mais ou menos na altura da villa de Veiros.

(31) Affluente do Amazonas pela margem esquerda. Rio Branco. Memoria sobre os limites.

trazia de continuo queixosos os colonos, mórmente no ponto relativo á carencia de braços.

No intuito de melhorar a situação, organisou o capitão-mór uma expedição de vinte e seis soldados e muitos indios, que, ao mando de Pedro Teixeira e acompanhada por um missionario capucho, frei Christovão de Lisbôa, enviou ao resgate de indios.

Esta medida não produziu o effeito desejado, porque, chegando a comittiva á aldeia dos Tapuiassús (32) e sabendo ahi da existencia de uma cabilda de indios *tapajós*, doze leguas acima da foz do rio d'esse nome, para lá se dirigiu, mas os selvagens a receberam com hospitalidade e lhaneza taes, que impediram a violencia, e, conseguintemente, os resgates.

Eram os *tapajós* altivos e zelosissimos da sua liberdade; não toleravam o captiveiro e tinham um vislumbre de civilização, que Pedro Teixeira ajuizou serem adquiridos nas possessões castelhanas, onde suppôz terem elles estado.

Se o resultado da expedição enchera de prazer o chefe da empresa, pelo ensejo de subir o Tapajós, de que se considerou o primeiro descobridor, desgostou a população, ávida de escravos, e que não comprehendia essa tolerancia de não operar resgates por que se fôsse bem recebido.

A persistencia dos extrangeiros, em estabelecerem-se nas terras da margem esquerda do estuario do Amazonas, continuou nos annos seseguintes a reclamar as expedições portuguezas; para este lado encaminharam-se todas as attenções e elementos do governo.

O capitão Pedro Teixeira, auxiliado pelos valentes capitães Pedro da Costa Favella e Ayres Chichorro, poz, em 28 de setembro de 1629, apertado cêrco ao forte hollandez denominado do *Taurege* (33), que resistiu tenazmente até 24

---

(32) Os mappas antigos designam a região do Parù, á margem esquerda do Amazonas, *Provincia dos Tapuiassús.*

(33) Nome dado pelos inglezes e hollandezes ao rio *Maracápucú*, affluente do Amazanas pela margem esquerda.

de outubro, data em que rendeu-se, com todas as honras da guerra, James Purcell (34) o mesmo que commandara, em 1627, o forte do rio Felippe. (35)

Roger North, (36) procurou vingar o desastre do Taurege, acommettendo as forças de Pedro Teixeira, em Gurupá, mas encontrou tal resistencia, que se deu pressa em fugir nos seus navios rudemente tocados pela artilharia do forte.

Então, nas terras da margem esquerda do Amazonas, entre o Matapy e o Ananirapucú, mandou elle construir um forte, a que, mais tarde, em 1631, os portuguezes chamaram Felippe.

Este forte cahiu em poder de Jacome Raymundo Noronha, depois de grande resistencia, sendo o seu commandante, um velho soldado das guerras das Flandres, chamado Thomaz e a guarnição aprisionados, pelo capitão Ayres de Souza Chichorro, quando fugiam pela calada da noite.

Possuiam ainda os inglezes um outro forte, melhor que qualquer dos precedentes, duas leguas acima da actual fortaleza de Macapá, e conhecido por *Camaú*.

Feliciano Coelho de Carvalho, vice-gerente da capitania do Pará, reuniu duzentos e quarenta soldados e cinco mil indios, e com elles partiu contra os inglezes, em 19 de junho de 1632.

Como lhe parecesse que o forte estava bem guarnecido, ordenou ao capitão Ayres Chichorro que, em companhia do capitão Pedro Baião de Abreu, com trinta soldados e cincoenta indios, fizesse um reconhecimento e escolhesse logar para as trincheiras de ataque.

---

(34) Bento Maciel Parente enviára-o preso para Hespanha, d'onde, uma vez livre, passara-se a Hollanda e sem demora partira novamente para o Pará.

(35) Alguns auctores dizem que o nome *Torrego* proveiu de uma pequena torre, na platafórma do forte, mas isso não é exacto, *Torrego* é *Taurege* aportuguezado, denominação que os hollandezes e inglezes davam ao rio *Maracápucú*.

(36) Representava o duque de Buckingham, a quem Jacques I, da Inglaterra, em 19 de maio de 1637, doára o territorio do Amazonas ao Essequibo.

Desempenhada com felicidade esta missão, deixou Ayres Chichorro a Baião de Abreu acampado com todos os indios e vinte soldados, á pequena distancia do forte, e voltou com os dez soldados restantes, a participar o resultado da sua empresa ao chefe das forças.

Em a noite de 9 de julho, o genio impetuoso de Baião de Abreu revoltou-se contra a inercia das forças, em frente do inimigo, e gerou um d'esses excessos de bravura que, se muitas vezes impulsionam proezas salvadoras, em outras, com resultados negativos, não passam de méras imprudencias.

Arrastando á sua audaz idéa os seus companheiros de armas, atacou viva e rapidamente o forte, e de tal sorte o fez que, dentro em pouco, ficava senhor d'elle.

Este acto heroico de Pedro Baião de Abreu, se bem que traduza o ardor e a coragem dos atacantes, não foi, entretanto, exigido pelas circumstancias da guerra, pois, dispondo Feliciano Coelho de um grande contingente de tropa, era imprudencia arriscar a vida de um punhado de combatentes.

O commandante do *Camaú*, Rogero Fray, não assistiu á invertida de Pedro Baião, porque fôra á foz do Amazonas esperar um navio, que, da Europa, devia trazer-lhe quinhentos homens e outros recursos importantes. Sabedor d'este successo e mais de que Fray voltava ao *Camaú*, sem trazer o auxilio esperado, ordenou o commandante em chefe que Ayres Chichorro fôsse em algumas canôas artilhadas, ao encontro do inimigo.

Atacado o navio em que este transportava-se (14 de julho de 1632), a resistencia tenaz da guarnição ingleza não obstou a que fôsse cumprida aquella ordem e tomado o transporte; em combate corpo a corpo, matou Ayres Chichorro a Rogero Fray.

Depois d'estes terriveis desastres a companhia ingleza, que, sob a chefia do duque de Buckingham e do conde de Penbroke, tentava a conquista do Amazonas, abandonou os seus pro-

jectos. A companhia hollandeza das Indias Occidentaes foi um pouco além; a sua ultima expedição sulcou as aguas do Amazonas em 1639, mas a esperava um tal revez que devia para sempre desanimar os armadores.

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

O capitão João Pereira de Caceres, commandante do forte de Gurupá, á frente da resoluta guarnição, abordou o navio de vinte canhões, que transportava a tropa inimiga, com esplendida e completa victoria.

Ahi ficam narrados os factos que influenciaram as explorações no estuario do Amazonas; que chamaram á margem esquerda d'este rio, do Parú ao Atlantico, a onda de extrangeiros poderosos.

Somos chegados ao ponto da successão chronologica em que figura a grande expedição de Pedro Teixeira, em que o Amazonas passa a figurar inteiro nos commettimentos da conquista, como arteria immensa de communicação.

Entretanto, é necessario dizer ainda algumas palavras sobre os nucleos de população já existentes n'essa epocha, em diversos pontos do Pará.

Para isso temos de referirmo-nos ás doações feitas das terras do Estado, e aos trabalhos dos donatarios, evidentemente incluidos no numero dos exploradores pelo desbravamento das suas capitanias, pelo povoamento das suas aldeias, pelas expedições que armaram e dirigiram.

Em 1640, o territorio propriamente tido como pertencente ao Pará, extendia-se do Turyassú ao Oyapoc ou Vicente Pinson; para o interior não havia limites estabelecidos; os terrenos permaneciam inexplorados e desconhecidos.

Curtos fôram os limites assignalados pelo rei para a capitania do Pará, isto é, para as terras que ficavam pertencendo directamente á corôa.

Pela carta régia de 13 de abril de 1633, dom Felippe III resolveu encorporar aos bens da corôa as capitanias do Maranhão e do Pará, e fixou-lhes então os limites.

O territorio da capitania do Pará extendia-

se desde a foz do rio Maracanan até ao primeiro salto do rio Tocantins, que se dizia distar do mar cento e cincoenta leguas, contornando a costa e a margem direita dos rios Pará e Tocantins.

O governo da metropole,escolhendo para si o pequeno quinhão das terras da capitania do Pará, foi prodigo em doar extensos e fertilissimos trechos do territorio jacente entre o Gurupy e o Oyapoc.

Foram duas as capitanias doadas: *a do Gurupy e a do Cabo do Norte.*

A primeira, concedida a Alvaro de Souza, filho de Gaspar de Souza, governador geral do do Brazil, extendia-se desde o rio Tury-assú, no Maranhão, até ao rio Caeté, no Pará, comprehendendo, portanto, o rio cujo nome tomou.

O rei, (37) na carta de doação, baixada em 13 de abril de 1633, declarou que a capitania podia ter de quarenta e cinco a cincoenta leguas de costa.

O donatario cuidou de desbravar e povoar as suas terras, começando por lançar, na margem esquerda do Caeté, uma povoação que, graças a algumas familias de emigrantes, prosperou consideravelmente; por largos annos foi este nucleo colonial chamado *Souza do Caeté.* (38)

Além d'esta povoação tinha a capitania uma outra, a *Vera-Cruz do Gurupy*, no rio d'este nome; fundara-a o primeiro governador do Estado do Maranhão e Gram-Pará, Francisco Coelho da Carvalho, em 1627, para servir de cabeça de uma capitania denominada do Gurupy, que mandou demarcar e doou a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho.

O rei não approvou a doação e o filho do governador, que se achava de posse das terras, foi compellido a entregal-a a Alvaro de Souza.

Esta decisão régia não molestou o pae, nem prejudicou o filho, pois o primeiro deu-se pres-

---

(37) Felippe III.

(38) Em 1753, o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, deu-lhe o predicamento de villa, com o nome de Bragança, e a fez repovoar por ilheus portuguezes.

sa em doar ao segundo as bellas terras de Cametá, que dom Felippe III constituiu em capitania, no anno de 1635.

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

Em dezembro d'este anno, lançou o donatario, no logar hoje conhecido por *Cametá-tapéra* (39) a *Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá*, que logo prosperou largamente.

Bento Maciel Parente, por intermedio do Conde de Bastos, fez valer perante Fellippe os seus serviços, entre os quaes talvez avultasse como mais importante a desabrida perseguição aos indios, e obteve a carta de doação da capitania do Cabo do Norte.

N'este documento official, assignado em 14 de Junho de 1637, ficaram assim estabelecidos os terminios do territorio doado: «..... se lhe nomeou ao dito Bento Maciel a capitania do cabo do norte que tem pela costa do mar trinta té quarenta legoas de districto que se contão do dito cabo ate o Rio de vicente picon onde entra a repartição das indias do Reino de Castella e pella terra dentro Rio das amazonas ariba da parte do canal que vai sair ao mar oitenta pera cem legoas ate o Rio dosta pujusus».

Recebeu evidentemente Bento Maciel Parente maior quinhão; toda a costa comprehendida entre o cabo do Norte (40) e o Oyapoc, e oitenta a cem leguas contadas para o sul, entrando pela margem esquerda do Amazonas, lhe pertenceram por tão valiosa concessão.

---

(39) *Tapéra*, nome indigena tupy, que significa—*logar abandonado*; de *taba*, aldeia, *vera*, que foi.

(40) E' preciso notar que os geographos e exploradores situaram diversamente o Cabo do Norte estabelecendo duvidas sobre a sua verdadeira posição geographica.

La Condamine deu-lhe a latitude norte de 1° 15', e collocou-o no continente; Bellin assignalou-o na ponta norte da ilha de Maracá; d'Andiffredy pol-o na ilha de Marajó; Le Serrec e Buache affirmam que o verdadeiro cabo do Norte é o cabo de Maguary!

Entretanto, longe disto está a verdade; a investigação conscienciosa e justa demonstra que o Cabo do Norte dos hespanhóes e portuguezes não foi outro senão o Cabo de Orange ou do Oyapoc.

J. Caetano da Silva consagrou alguns paragraphos na sua obra L'Oyapoc et l'Amazone á demonstração d'este juizo, e fel-o magistralmente.

*COLONISAÇÃO DO PARÁ*

Terminava a capitania do Cabo do Norte no rio *«dosta pujusus»* (dos tapuiassus), hoje chamado Parú, affluente do Amazonas pela margem esquerda.

Gosando de grandes poderes e regalias, os donatarios das terras do Pará foram felizes nos seus tentamens.

Alvaro de Souza, no Gurupy e no Caeté, Maciel Parente nas suas terras do Cabo do Norte, Feliciano Coelho em Cametá, não viram, como João de Barros e Fernando Alvares, perdida avultada somma de cabedaes; não encontraram, como o infeliz Ayres da Cunha, a morte como recompensa de grandes trabalhos.

E' certo também, que não auferiram resultados de monta; todos tres, por falta de meios ou com receio de arriscarem capitaes, não encaminharam para as suas terras expedições importantes.

omtudo, as capitanias prosperaram, bafejadas pelos governos do Estado, ou pelos capitães-móres do Pará; em 1640, com seis annos apenas de fundada, Cametá era então um dos pontos mais importantes e prosperos do Pará; a villa de Souza no Caeté devia resistir a todos os contratempos.

(*Continúa*)

ARTHUR VIANNA

# Planta

dos terrenos de Marajó comprehendidos entre os rios Arapixy e Tartarugas
com o traçado do canal de exgotto e navegação que deve ligar o lago Arary
com a costa norte da ilha
levantada pelo engenheiro civil Joaquim Gomes de Oliveira
para execução da lei provincial n. 319 de 22 de abril de 1876.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 032691468